

ORÍGENES DE ALEXANDRIA



CONTRA CELSO

LIVROS I a IV

FONTE DO TEXTO

academia.edu

Imagem da Capa

Maltar

Texto extraído do Vol. 20, «ORÍGENES - Contra Celso», da
coleção "Patrística", editada por "PAULOS"

O silêncio de Jesus

1. Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, vítima de falso testemunho, “ficou calado”(Mt 26,59-63; Mc 14,55-61); acusado, “não respondeu sequer uma palavra” (27,12-14; Mc 15,3-5; Lc 23,9), tão convencido estava de que toda a sua vida e suas ações entre os judeus sobrepujavam qualquer voz que se levantasse para refutar o falso testemunho e qualquer palavra que respondesse às acusações. Mas tu, piedoso Ambrósio, quiseste, não sei por quê, que aos falsos testemunhos de Celso contra os cristãos em seu tratado e às acusações contra a fé das igrejas em seu livro eu opusesse uma defesa: como se nos fatos não houvesse uma refutação evidente e um discurso mais forte do que todos os escritos capazes de confundir os falsos testemunhos e deixar as acusações sem ensejo e sem efeito! Mas Jesus, vítima de falso testemunho, permanecia calado: basta citar aqui as palavras de Mateus, pois as de Marcos são equivalentes. Eis o texto de Mateus: “Os chefes dos sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam um falso testemunho contra Jesus, a fim de matá-lo, mas nada encontraram, embora se apresentassem muitas falsas testemunhas. Por fim, apresentaram-se duas que afirmaram: ‘Ele disse: posso destruir o templo de Deus e edificá-lo depois de três dias.’ Levantando-se então o sumo sacerdote, disse-lhe: ‘Nada respondes? O que testemunham estes contra ti?’ Jesus, porém, ficou calado” (Mt 26,59-63). Além disso, acusado, ele não respondia, pois está escrito: “Jesus foi posto perante o governador. E o governador interrogou-o: ‘És tu o rei dos judeus?’ Jesus declarou: ‘Tu o dizes’. E ao ser acusado pelos chefes dos sacerdotes e anciãos, nada respondeu. Então lhe disse Pilatos: ‘Não estás ouvindo de quanta coisa te acusam?’ Mas ele não lhe respondeu sequer uma palavra, de tal sorte que o governador ficou muito impressionado” (Mt 27,11-14).

2. Que exemplo realmente digno de admiração, até mesmo para pessoas medianamente dotadas! O acusado, vítima do falso testemunho, podia se defender, provar que nenhuma acusação o atingia, fazer longo panegírico de sua própria vida e de seus milagres, manifestamente vindos de Deus, para abrir ao juiz o caminho de sentença favorável; longe, porém, de fazer isso, mostrou apenas desprezo e nobre desdém aos seus adversários. O juiz imediatamente teria libertado Jesus ao menor sinal de defesa, como provam tanto as palavras que a seu respeito são referidas: “Quem quereis que vos solte: Barrabás ou Jesus, chamado Cristo?”, quanto o que a Escritura acrescenta: “Pois sabia que era por inveja que o haviam entregue” (Mt 27,17-18). Jesus, porém, estava sempre exposto aos falsos testemunhos, e não há momento algum em que ele não seja acusado, por causa da malícia que impera entre os homens. E ele, ainda hoje, continua calado diante desses ataques e nada responde com sua própria voz; mas encontra sua defesa na vida de seus verdadeiros discípulos, testemunho admirável dos fatos reais, que vence toda espécie de calúnia, refuta e derruba os falsos testemunhos e as acusações.

Fraqueza dos discursos

3. Ouso mesmo dizer que a defesa que me pedes para elaborar pode enfraquecer a que existe nos fatos e no poder de Jesus, evidente para quem não é estúpido. Entretanto, para não parecer hesitante diante da tarefa que me ordenaste, faço o que posso para a cada uma das afrontas escritas por Celso replicar alegando o que me pareceu próprio devolver a tais discursos, embora sejam incapazes de abalar qualquer fiel. Oxalá, pelo menos, não haja ninguém que, depois de ter recebido este amor infinito de Deus “em Cristo Jesus”, seja abalado em sua determinação pelas acusações de Celso ou de algum de

seus adeptos! Paulo, ao listar provas inúmeras que geralmente separam o homem do “amor de Cristo” e do “amor de Deus em Cristo Jesus”, todas elas dominadas pelo amor de Deus que nele se encontra, não incluiu o discurso entre as causas de separação. Observe como ele começa dizendo: “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? Realmente está escrito: Por tua causa somos entregues à morte todo dia, fomos tidos em conta de ovelhas destinadas ao matadouro. — Mas, em tudo isso vencemos por aquele que nos amou”. Em seguida, dando outra série de causas que por sua própria natureza servem para separar (deste amor) as pessoas de piedade instável, diz: “Pois estou persuadido de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as virtudes, nem a altura, nem a profundidade, nenhuma outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo nosso Senhor” (Rm 8,35-39).

4. Para nós é motivo justo de glória que nem a “tribulação” nem tudo o que a seguir vem enumerado possa nos separar; mas não é por causa de Paulo ou dos apóstolos ou por quem quer que se lhes assemelhe: o Apóstolo está tão acima dos obstáculos que diz: “Mas, em tudo isso vencemos por aquele que nos amou”, o que indica algo mais do que simples vitória. E ainda que os apóstolos devam se gloriar de não serem separados “do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo nosso Senhor”, podem se gloriar com o fato de que “nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados”, nem qualquer outra coisa mais poderá “separá-los do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo nosso Senhor”. Por isso devo lamentar que alguém possa acreditar em Cristo com uma fé capaz de ser abalada por Celso, que sequer vive a vida comum entre os homens, mas morreu há muito tempo, ou por alguma força persuasiva dos discursos. Nem sei em que categoria devemos classificar aquele que precisa de discursos escritos em livros em resposta às acusações de Celso contra os cristãos, para recuperar e pôr novamente em pé firme uma fé vacilante. Contudo, como talvez existam, na multidão daqueles que são tidos como fiéis, pessoas a quem a obra de Celso poderia abalar e derrubar, mas a quem a resposta por motivos capazes de desfazer os objetivos de Celso e de estabelecer a verdade poderia curar, decidi obedecer à tua ordem e responder ao tratado que me enviaste: embora, a meu ver, ninguém dos que fizeram o menor progresso em filosofia reconheça nesta obra um *verdadeiro discurso*, como Celso a intitulou.

5. Paulo viu que a filosofia grega contém razões não desprezíveis, plausíveis aos olhos do grande público, as quais apresentam a mentira como se fosse verdade. Diz ele a respeito delas: “Cuidai de que ninguém vos leve novamente à escravidão com filosofias falazes e vãs, fundadas em tradições humanas e não em Cristo”(Cl 2,8). E como ele via se manifestar nos discursos da sabedoria do mundo certa grandeza, disse que os discursos dos filósofos eram “conforme os elementos do mundo”. Mas todo homem sensato negaria que os escritos de Celso sejam igualmente “conforme os elementos do mundo”. Aqueles têm algo de sedutor, e Paulo falou de uma vã sedução talvez para a distinguir da sedução que não é vã, a que tinha em vista *Jeremias* quando teve a audácia de dizer a Deus: “Tu me seduziste, Senhor, e eu me deixei seduzir, agarraste-me e me dominaste” (Jr 20,7). Mas os de Celso parecem não ter qualquer sedução, nem mesmo a vã sedução que oferecem os fundadores de escolas filosóficas dotados nestas matérias de inteligência pouco comum. E assim como nas especulações geométricas um erro banal não pode ser chamado “um dado falsificado”, ou ainda ser proposto para um exercício a partir de tais dados, da mesma forma impõe-se que se pareçam com os pensamentos dos fundadores de escolas filosóficas as que poderíamos qualificar como suas especulações de vã sedução “conforme a tradição dos homens, conforme os elementos do mundo”.

Por que este prefácio?

6. É este o prefácio que decidi colocar na abertura desta obra, tendo chegado em minha refutação de Celso à hora de pôr em cena o judeu que ataca Jesus. E isto para que o leitor de minhas réplicas a Celso veja neste prefácio que este livro de modo algum foi escrito para fiéis crentes, mas para os que não têm qualquer experiência da fé em Cristo, como também para os que, nas palavras do Apóstolo, são fracos na fé; pois diz ele: “Acolhei o fraco na fé com bondade” (Rm 14,1). Que este prefácio me sirva de escusa por ter seguido um plano no início de minhas respostas a Celso e outro depois deste começo. Minha intenção era de início anotar os pontos de acusação e, resumidamente, o que se pode responder a eles, e em seguida compor o discurso num conjunto orgânico. Mais tarde, a própria matéria me sugeriu, a fim de ganhar tempo, contentar-me com essas respostas do começo e, a seguir, discutir com todo rigor possível as acusações de Celso contra nós. Peço, pois, indulgência pelo que vem imediatamente depois do prefácio. E se as respostas ulteriores não conseguirem te convencer, também por elas te peço indulgência e te remeto, se quiseres ainda ter as refutações por escrito dos discursos de Celso, àqueles que têm mais inteligência do que eu e são capazes de refutar pela palavra e pela pena as acusações de Celso contra nós. Mais feliz, porém, será o homem que não tiver necessidade, ainda que leia o tratado de Celso, de defesa contra ele, mas desprezar todo o conteúdo de seu livro, pois qualquer dos fiéis de Cristo, pelo Espírito que nele está, com razão o desprezará.

LIVRO PRIMEIRO

Os cristãos: situação ilegal

1. Eis a primeira afronta formulada por Celso em seu desejo de difamar o cristianismo: *Desprezando as leis estabelecidas, os cristãos formam entre si convenções secretas. Entre as convenções, algumas são públicas, e todas estão de acordo com as leis; outras são ocultas, e são todas aquelas cuja realização viola as leis instituídas.* Pretende ele incriminar a *caridade mútua dos cristãos como nascida de um perigo comum e mais forte do que qualquer juramento.* Como ele invoca a *lei comum* e diz que ela foi *infringida pelas convenções dos cristãos*, devemos responder: se um estrangeiro se encontrasse no meio dos citas, que seguem leis ímpias, e não podendo se afastar desse povo por ser obrigado a viver entre eles, teria razão, em nome da lei da verdade, que para os citas é uma violação da lei, em formar com aqueles que comungam dos mesmos sentimentos convenções que desprezam as leis instituídas daqueles. Dessa forma, no tribunal da verdade, as leis dos pagãos relativas às estátuas e ao politeísmo ateu são leis de citas ou são mais ímpias que as dos cristãos, se estas de fato o forem. Portanto, é razoável formar convenções contra as leis estabelecidas para a defesa da verdade. De fato, se para expulsar o tirano usurpador do poder da cidade, as pessoas formassem convenções secretas, o ato que praticariam seria honesto. O mesmo sucede aos cristãos: sob a tirania daquele que é denominado diabo, e da mentira, formam convenções desprezando as leis estabelecidas pelo diabo, contra o diabo, e para a salvação das outras pessoas que eles podem convencer a se livrarem daquilo que é como uma lei de citas e de tirano.

Doutrina e demonstração

2. *A doutrina tem uma origem bárbara*, diz ele em seguida — referindo-se evidentemente ao judaísmo de que depende o cristianismo. E muito criteriosamente, não censura ao Evangelho sua origem bárbara, pois faz este elogio: *Os bárbaros são capazes de descobrir doutrinas.* Mas acrescenta: *Para julgar, dar fundamento, adaptar à prática da virtude as descobertas dos bárbaros, os gregos são mais hábeis.* Mas, eis o que posso dizer, partindo de sua observação, para defender a verdade das teses do cristianismo: todo aquele que vem dos dogmas e das disciplinas gregas ao Evangelho pode não só julgar que elas são verdadeiras, mas ainda provar, pondo-as em prática, que elas satisfazem a condição que parecia faltar com relação a uma demonstração grega, provando desta forma a verdade do cristianismo. Devemos, porém, acrescentar: a palavra (divina) tem sua demonstração própria, mais divina do que a dos gregos pela dialética. E esta demonstração divina é chamada pelo Apóstolo de “demonstração de Espírito e poder” (1Cor 2,4): de “Espírito”, pelas profecias capazes de gerar a fé no leitor, sobretudo no que se refere a Cristo; “de poder”, pelos prodigiosos milagres cuja existência podemos provar por esta razão, entre muitas outras, que ainda subsistem vestígios desta existência, entre aqueles que regem a sua vida pelos preceitos desta palavra.

Clandestinidade

3. Em seguida diz ele: *Às escondidas os cristãos praticam e ensinam o que lhes convém. Têm uma boa razão de assim agir: afastam a pena de morte que paira sobre suas cabeças.* E compara esse risco *aos riscos que um Sócrates corre pela filosofia.* E poderia ter acrescentado: um Pitágoras e outros filósofos. Ao que podemos responder: no caso de Sócrates, os atenienses logo se arrependeram e não guardaram ressentimento contra ele, e tampouco (outros) com relação a Pitágoras: pelo menos, os

discípulos de Pitágoras fundaram durante muito tempo suas escolas na parte da Itália chamada Magna Grécia. Mas, no caso dos cristãos, o Senado romano em suas sessões, os imperadores contemporâneos, o exército, o povo, os parentes dos fiéis, em guerra contra o cristianismo, teriam barrado e vencido a este pela conspiração de tantas forças, se ele, pelo poder divino, não houvesse ultrapassado e superado a oposição, até vencer o mundo inteiro conjurado contra ele.

Moral comum

4. Vejamos como ele pretende denegrir a moral com esta acusação: *ela é banal e, com referência aos outros filósofos, nada ensina de venerável nem de novo*. Ao que devemos responder: os que admitem um justo juízo de Deus teriam repellido o castigo que ameaça os pecadores, se todos os homens não tivessem, por força das noções comuns, uma noção elementar saudável no campo da moral. Em vista disso, não admira que o próprio Deus tenha semeado nas almas de todos os homens o que ele ensinou pelos profetas e pelo Salvador; para que ninguém encontre desculpa no juízo divino, pois todo ser humano tem a exigência da lei inscrita no seu coração. A Bíblia insinuou esta verdade numa passagem que os gregos consideram um mito, imaginando que Deus tivesse escrito de próprio punho os mandamentos e a seguir os entregasse a Moisés. A malícia dos que fabricaram o bezerro de ouro os arrasou: o que significa que o aluvião do pecado os fez submergir. Mas Deus os escreveu uma segunda vez e os entregou depois de Moisés ter lavrado as tábuas de pedra: como se a pregação profética preparasse a alma, depois da primeira falta, para uma segunda escritura de Deus.

Rejeição dos ídolos

5. Cita ele como característica dos discípulos do Evangelho a atitude para com o culto dos ídolos e parece ser-lhe favorável: *Se eles não reconhecem divindades fabricadas com mãos humanas, é porque não condiz com a razão que sejam deuses os objetos construídos por artífices totalmente vis e de caráter miserável, muitas vezes mesmo fabricados por pessoas injustas*. Desta forma, mais tarde, entendendo que se trata nesta matéria de concepção comum e não de descoberta cristã original, cita a passagem de Heráclito: *Aproximar-se de objetos inanimados como se eles fossem deuses é agir como pessoas que conversam com as casas*. Pois bem! Também aí devemos responder: como no que se refere ao outro ponto da moral, foram semeadas noções entre os homens segundo as quais Heráclito e qualquer outro grego ou bárbaro tiveram a ideia de estabelecer esse ponto. De fato, ele cita *os persas que também tiveram esse pensamento*, segundo atesta *Heródoto, que o refere*. De minha parte acrescentarei o que Zenão de Citio declara, em sua *República*: “Não existe mais necessidade de construir templos: é preciso admitir que nada de sagrado, nem de precioso ou de santo é obra de empreiteiros ou artesãos.” É pois evidente que com relação a esta doutrina também o dever está inscrito “nos corações” dos homens com caracteres divinos.

Exorcismos

6. Celso declara a seguir, levado não sei por que impulso: *os cristãos parecem exercer um poder pelas invocações dos nomes de certos demônios*, aludindo, penso eu, aos exorcistas que expulsam demônios. Mas parece caluniar evidentemente o Evangelho. Não é por meio de invocações que eles parecem exercer um poder, mas pelo nome de Jesus associado à leitura pública das histórias de sua vida. Esta leitura realmente consegue muitas vezes expulsar os demônios dos homens, sobretudo quando os leitores leem com uma disposição sadia de verdadeira fé. Mas o poder de Jesus é tão grande contra os

demônios que às vezes, ainda que pronunciado por pessoas más, produz seu efeito. É o que ensinava Jesus quando dizia: “Muitos me dirão naquele dia: em teu nome expulsamos demônios e operamos milagres” (Mt 7,22). Celso não faz menção desta passagem: voluntariamente e por malícia, ou por ignorância, não sei dizer. Em seguida, acusa o próprio Salvador: *Foi por magia que ele pôde operar os milagres que pareceu realizar; e prevendo que outros, sabedores dos mesmos segredos, fariam a mesma coisa gloriando-se de realizar isso pelo poder de Deus, Jesus os expulsou de sua sociedade. E levanta esta acusação: Se ele tem o direito de expulsá-los, então, culpado das mesmas faltas, ele mesmo é personagem infame; ou se ele mes-mo não é infame por tê-las cometido, aqueles que agem como ele também não o são.* Muito ao contrário: ainda que parecesse impossível responder à pergunta “como Jesus Cristo fez isso?”, é claro que os cristãos não utilizam nenhuma prática de encantamento, mas invocam o nome de Jesus juntamente com outras palavras nas quais eles têm fé, conforme a divina Escritura.

Segredo

7. Em seguida, como ele chama muitas vezes *secreta a nossa doutrina*, é preciso igualmente refutá-lo a esse respeito. Quase todos conhecem a pregação dos cristãos melhor do que as teses favoritas dos filósofos. Quem ignora que Jesus nasceu de uma virgem, sua crucifixão, sua ressurreição que é objeto de fé para muitos, e a ameaça de julgamento de Deus que, segundo seus méritos, punirá os pecadores e recompensará os justos? Muito mais ainda, o mistério da ressurreição, por não ser compreendido devidamente, é motivo de escárnio constante dos descrentes. Dizer que nesses pontos nossa doutrina é secreta é o cúmulo do absurdo! E o fato de existirem, além das matérias de ensino público, certos pontos inacessíveis às massas não é coisa exclusiva da doutrina dos cristãos; é também o caso dos filósofos que em certas doutrinas eram exotéricos, e em outras, esotéricos. Alguns ouvintes de Pitágoras se aferravam ao “Ele disse!” outros, porém, eram instruídos em segredo sobre verdades inacessíveis aos ouvidos profanos e ainda não purificados. Além disso, todos os mistérios celebrados em todos os lugares da Grécia ou da barbárie não foram caluniados por serem secretos. Portanto, ele o calunia sem fundamento nem inteligência exata do cristianismo.

Martírio

8. Ele parece tomar com grande habilidade o partido dos que chegam ao extremo de morrer para dar testemunho do cristianismo: *E não quero dizer que aquele que abraçou uma boa doutrina, se vier a correr um perigo da parte dos homens, deva renunciar a ela, que finja abandoná-la ou a renegue.* Ele condena sem dúvida os que, embora tenham sentimentos cristãos, fingem não tê-los ou os negam, quando afirma: não é preciso que aquele que adere à doutrina finja que a abandona ou a renegue. Em vista disso, é possível convencer Celso de contradição. Reconhecemos aqui o epicureu de seus outros escritos; aqui, como sua acusação contra o cristianismo há de parecer mais plausível não professando as teses de Epicuro, finge admitir que *existe no homem uma parte superior ao que é terrestre, parte aparentada com Deus*, e diz: *Aqueles em que ela está em bom estado — a alma — tendem com todas as suas forças ao que lhe está aparentado — Deus — ardem de desejo de sempre ouvir falar dele e dele se lembrar.* Vê, pois, a duplicidade de sua alma! Ele acaba de dizer: “Aquele que abraçou uma boa doutrina, se vier a correr o perigo da parte dos homens por causa dela, não deve renunciar a esta doutrina, fingir que a abandona ou renegá-la”, e ele mesmo cai em atitude contraditória! Sabia bem que, declarando-se epicureu, não teria crédito nenhum em sua acusação contra aqueles que de algum

modo admitem uma providência e imaginam um deus acima do universo. Mas ouvi dizer que existiram dois Celsos epicureus, um no império de Nero, e este, no império de Adriano e mais tarde.

Fé simples, fé refletida

9. Depois disso ele exorta que *só se aceitem doutrinas sob a orientação da razão e de guia racional, pois o erro é inevitável quando, sem esta precaução, se dá adesão a certas pessoas*. E os compara aos que acreditam sem razão nos sacerdotes mendigos de Cibele e nos adivinhos, nos devotos de Mitra e de Sabázio, em tudo que se pode encontrar, nas aparições de Hécate, de outro ou de outros demônios. Pois, assim como muitas vezes entre eles alguns homens perversos conseguem vantagem da ignorância de pessoas fáceis de enganar e as conduzem a seu modo, o mesmo sucede aos cristãos. Acrescenta que alguns, sem querer apresentar ou ouvir alguma razão sobre aquilo em que acreditam, utilizam fórmulas como esta: “Não examines, mas crê; a fé te salvará”. A isso devemos responder: se fosse possível que todos os homens abandonassem suas ocupações da vida para dedicar seu tempo restante à filosofia, ninguém deveria buscar outro caminho a não ser esse. Pois no cristianismo — à parte qualquer falso orgulho — não encontramos menos exames aprofundados dos assuntos da fé, nem explicação dos enigmas proféticos, das parábolas evangélicas e de mil outros fatos ou preceitos que tenham um significado simbólico. Mas não sendo possível, em vista do número ínfimo de pessoas que, por causa das necessidades da vida ou da fraqueza humana, se entregam à razão, que outro método mais eficaz para ajudar as massas encontraríamos a não ser aquele que foi transmitido às nações por Jesus?

Além disso, a respeito do grande número de fiéis que escaparam da imensa onda de vícios em que chafurdavam antes, pergunto: o que seria preferível para eles: numa fé não refletida, o terem reformado um pouco seus costumes e encontrado socorro na crença nos castigos das faltas e nas recompensas das boas obras, ou então o adiarem sua conversão por simples fé até que eles possam se entregar ao exame das doutrinas? É claro que nem todos os homens, salvo bem raras exceções, poderiam desta forma obter a vantagem tirada da simples fé, mas ficariam numa vida corrompida. Às outras provas que confirmam que o amor do Logos pelos homens não chegou à vida dos homens sem a ação de Deus, devemos acrescentar esta: o homem piedoso não acreditará que um simples médico dos corpos, que devolveu a saúde a inúmeros doentes, venha residir nas cidades e nas nações sem a ação de Deus: pois nenhum proveito chega até os homens sem a ação de Deus. Mas se aquele que cuidou dos corpos de uma multidão e os devolveu à saúde não cura sem a ação de Deus, com quanto maior razão se pode dizer o mesmo daquele que cuidou, converteu, melhorou as almas de uma multidão, submetem-as ao Deus supremo, ensinou-lhes a conformar toda ação a seu arbítrio e a evitar tudo o que possa desagradar a Deus, até a menor das palavras, das ações, ou até dos pensamentos!

10. Enfim, devemos responder às suas repisadas objeções contra a fé: nós a aceitamos como útil à multidão, e confessamos que ensinamos a crer até sem reflexão aos que não podem deixar tudo e se entregar ao exame de uma doutrina; mas eles mesmos, sem confessar este fato, na prática fazem a mesma coisa. Pois qual a pessoa que tendo-se orientado para a filosofia e se lançado numa escola de filósofos, por aventura ou por ter conseguido acesso fácil junto a algum mestre, chega a essa decisão apenas porque acredita ser superior a escola em questão? Porque não é depois de ter seguido a exposição das doutrinas de todos os filósofos e das diversas escolas, nem a refutação de umas e a prova de outras, que esta pessoa escolhe ser estoica, platônica, peripatética, epicureia, ou discípula da escola filosófica que se queira. É por uma inclinação não racional, ainda que não se queira reconhecer este fato, que uma pessoa chega a praticar, por exemplo, o estoicismo, depois de ter excluído as outras

escolas; ou o platonismo, por desprezo à menor elevação dos outros; ou o peripatetismo, por sua altíssima bondade e generosidade maior que a das outras escolas em reconhecer os bens humanos. E alguns, no que se refere à doutrina da providência, perturbados com o primeiro ataque desferido desde o destino terrestre das pessoas sem virtude e das virtuosas, oferecem uma adesão precipitada à negação radical da providência e escolhem a doutrina de Epicuro e de Celso. Portanto, se é necessário acreditar, como mostra o argumento, em qualquer dos fundadores de escola entre os gregos ou entre os bárbaros, por que não no Deus supremo e naquele que ensina que devemos adorar somente a ele, e desprezar o resto que ou não existe, ou se existe é digno de estima, mas não de adoração nem de respeito?

11. Quanto a isso, quem, não contente com ter fé, considera essas questões com a razão, mostrará as provas que lhe vieram ao espírito e que descobriu por uma pesquisa rigorosa. E uma vez que todos os assuntos humanos dependem de uma fé, não é verdade que ele tem mais razão em crer em Deus do que nelas? Pois quem navega, se casa, procria filhos, lança sementes na terra, se não acreditar em resultados bem-sucedidos, ainda que também possa ocorrer o contrário, como de fato acontece às vezes? Todavia a fé em resultados bem-sucedidos e conformes aos desejos dá a todos os homens a audácia de empreendimentos incertos e arriscados em seu início. Mas se a esperança e a fé num futuro feliz sustenta a vida em cada empreendimento incerto em seu início, como esta fé não há de ser aceita mais racionalmente por aquele que, acima das ondas do mar em que navega, da terra em que ele semeia, da mulher com quem se casa, e dos outros negócios humanos, em Deus que criou tudo isso, e naquele que, com sublime elevação de espírito e grandeza de alma divina, ousou apresentar essa doutrina aos habitantes de toda a terra, à custa de graves perigos e de morte considerada infame que ele arrostou pela salvação dos homens; e ensinou àqueles que desde o início se deixaram persuadir e se lançaram a serviço da doutrina, e, apesar de todos os perigos e da contínua ameaça da morte, ousaram percorrer a terra inteira pela salvação dos homens.

O que é o cristianismo?

12. *A seguir, Celso declara com suas próprias palavras: Se eles quiserem responder às minhas perguntas, não que eu procure saber — pois sei tudo — mas tenho com todos uma solicitude igual, ainda bem! Mas se não quiserem, com seu habitual objetivo de não receber: Não examines... etc., então será necessário ensinar-lhes a verdadeira natureza das doutrinas que eles professam e a origem delas... etc.* À sua afirmação “pois sei tudo”, o cúmulo da gabarolice, devemos replicar: se alguma vez tivesse lido principalmente os profetas, que estão repletos daquilo que se reconhece como enigmas e palavras obscuras à grande massa, se tivesse examinado as parábolas evangélicas, o restante da Escritura, a lei, a história judaica, as palavras dos apóstolos, e se tivesse querido, por leitura criteriosa, penetrar no sentido das expressões, não tivera a audácia de dizer “pois sei tudo”. Eu mesmo, que lhes consagrei meu tempo, jamais diria “pois sei tudo”, porque sou amante da verdade. Ninguém de nós diria “pois sei tudo” do sistema de Epicuro, nem terá a temeridade de crer que sabe tudo do platonismo, tantas são as inúmeras divergências entre os que explicam o platonismo. Quem, portanto, será tão temerário que ouse dizer “pois sei tudo” do estoicismo, tudo do peripatetismo? A não ser que por acaso conheça este “pois sei tudo” de pessoas do povo inconscientes de sua própria ignorância, e acredite conhecer tudo por ter tido tais mestres! Sua atitude evoca a de homem que tivesse passado um tempo no Egito; neste país os sábios dão, conforme os livros sagrados do país, grande número de interpretações filosóficas de costumes que consideram divinos, ao passo que o povo comum, conhecendo de ouvido alguns mitos cujo alcance doutrinal desconhece, tem por eles grande orgulho; e

este homem julga saber toda a doutrina dos egípcios, por se ter tornado discípulo dos profanos de lá, sem haver jamais consultado nenhum dos sacerdotes, nem recebido de algum deles os ensinamentos secretos dos egípcios. E o que digo dos sábios e profanos do Egito, podemos igualmente ver entre os persas: também aí há iniciações interpretadas racionalmente pela elite do país, mas realizadas em suas figuras exteriores pela massa mais superficial. E devemos dizer o mesmo tanto dos sírios, dos hindus, de todos os que têm mitos e livros sagrados.

A verdadeira sabedoria

13. Celso citou como expressão corrente entre os cristãos: a sabedoria nesta vida é mal, e a loucura é bem. Devemos responder que ele calunia a doutrina, porque não citou realmente o texto que encontramos em Paulo, que diz é o seguinte: “Se alguém dentre vós julga ser sábio aos olhos deste mundo, torne-se louco para ser sábio neste; pois a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus” (1Cor 3,18-19). O Apóstolo, portanto, não afirma simplesmente: “a sabedoria é loucura diante de Deus”, mas “a sabedoria deste mundo...”; tampouco: “se alguém dentre vós julga ser sábio, torne-se louco” em geral, mas: “torne-se louco neste mundo para ser sábio”. Portanto, chamamos “sabedoria deste mundo”(1Cor 2,6) qualquer filosofia cheia de opiniões falsas, que caducou conforme as Escrituras; e dizemos: “a loucura é bem”, não absolutamente, mas quando nos tornamos loucos para este mundo. Bem se pode dizer do platônico, porque acredita na imortalidade da alma e naquilo que se diz de sua metempsychose, que ele está cheio de loucura aos olhos dos estoicos que ridicularizam a adesão a tais doutrinas, dos peripatéticos que alardeiam “fanfarronadas” de Platão, dos epicureus que se insurgem contra a superstição daqueles que admitem uma providência e colocam um deus acima do universo! É preciso dizer ainda que, de acordo com o sentimento da Sagrada Escritura, é melhor dar sua adesão às doutrinas com reflexão e sabedoria do que com a fé simples; e que em, certas circunstâncias, o Logos quer também esta última para não deixar os homens inteiramente desamparados. É o que mostra Paulo, o verdadeiro discípulo de Jesus, quando diz: “Com efeito, visto que o mundo por meio da sabedoria não reconheceu a Deus na sabedoria de Deus, aprovou a Deus pela loucura da pregação salvar aqueles que creem” (1Cor 1,21). Decorre, pois, desse fato, que é na sabedoria de Deus que Deus deveria ser conhecido. E como ele de modo algum foi conhecido, Deus julgou acertado salvar em seguida os que creem, não apenas pela loucura, mas pela loucura relativa à pregação. Por isso se deduz que a proclamação de Jesus Cristo crucificado é a loucura da pregação, como diz ainda Paulo que tinha consciência disso ao declarar: “Nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus”(1Cor 1,23-24).

Tradição pagã, tradição judaica

14. Celso acredita que exista entre os povos um parentesco na mesma doutrina. Enumera todos aqueles que teriam sustentado esta doutrina na origem. Mas não sei por que calunia unicamente os judeus e não acrescenta o povo deles à lista dos outros, pois partilhou com eles as mesmas tarefas, sentimentos idênticos, doutrinas semelhantes em não poucos pontos. Por isso é conveniente perguntar-lhe por que então ele acreditou nas histórias dos bárbaros e dos gregos sobre a antiguidade dos povos que ele menciona, ao passo que acusa de mentira as histórias deste único povo. Pois se cada um contou sinceramente o passado de seu povo, por que recusar-se a acreditar unicamente nos profetas dos judeus? E se foi por simpatia pela doutrina deles que Moisés e os profetas escreveram a respeito de

muitos tópicos de sua história, por que não dizer o mesmo dos historiadores de outros povos? Os egípcios que rebaixam os judeus em sua história seriam acaso dignos de fé, e os judeus que acusam da mesma maneira os egípcios quando lembram as inúmeras humilhações por que passaram e nelas veem a razão de sua punição por Deus, seriam acaso culpados de mentira? E não é apenas dos judeus que podemos afirmar isto: encontraremos um conflito dos assírios com os judeus e, aliás, relatado nos arquivos assírios. E da mesma forma os historiadores judeus — para não parecerem ter preconceito dizendo: os profetas — chamaram os assírios de seus inimigos. Aí está bem visível o lado arbitrário deste homem: ele julga esses povos sábios e condena os judeus como totalmente insensatos! Ouve tu, Celso, dizer-nos de fato: *Existe uma doutrina de grande antiguidade, sempre sustentada pelos povos mais sábios, pelas cidades, pelos sábios*. E ele não quis qualificar os judeus de *povo muito sábio* no mesmo grau que os *egípcios, assírios, indianos, persas, odrisas e habitantes da Samotrácia e de Elêusis*.

15. Como se mostrou superior a Celso o pitagórico Numênio! Ele deu muitas provas de sua alta competência, levou a fundo o exame de numerosas doutrinas e fez, a partir de múltiplas fontes, a síntese dos que lhe parecem verdadeiras. Em seu primeiro livro *Sobre o bem*, em que fala dos povos que definiram a Deus como incorpóreo, incluiu os judeus entre eles e não hesitou em citar em sua obra até palavras proféticas mostrando seu sentido figurado. Dizem que também Hermipos, em seu primeiro livro *Sobre os legisladores*, conta que Pitágoras tirou sua filosofia dos judeus para a introduzir na Grécia. Além disso, dizem que existe um livro do historiador Hecateu sobre os judeus, em que ele elogia mais declaradamente a nação por sua sabedoria, a tal ponto que Herênio Fílon, em seu tratado *Sobre os judeus*, começa duvidando se a obra é do historiador, em seguida declara que, se ela é autêntica, é porque o autor provavelmente foi seduzido pela força persuasiva dos judeus e deu sua adesão à doutrina deles.

16. Admira-me, porém, que Celso tenha incluído *os odrisas, os habitantes da Samotrácia e de Elêusis e os hiperboreanos entre os povos mais antigos e mais sábios*, e não se tenha dignado admitir os judeus nem entre os sábios nem entre os antigos. Muitas obras circulam no Egito, na Fenícia, na Grécia que atestam sua antiguidade, mas achei supérfluo citá-los. Todos podem ler os dois livros de Flávio Josefo sobre a *Antiguidade judaica*, em que menciona um importante grupo de escritores que dão testemunho da antiguidade judaica. Cita-se ainda o *Discurso aos gregos* de Taciano, o Moço, um compilador muito erudito dos historiadores da antiguidade dos judeus e de Moisés. Celso parece ter escrito isso sem se preocupar muito com a verdade, mas por maldade, para atacar a origem do cristianismo, que depende do judaísmo. Diz também: *Os galactófagos de Homero, os druidas da Gália e os getas são povos antigos e de elevada sabedoria que professam doutrinas aparentadas com a dos judeus*. Ignoro se existem escritos deles. Mas não reconhece de modo algum a antiguidade e a sabedoria dos judeus.

Apresentando de novo a lista *dos sábios antigos que se tornaram ilustres por haverem servido a seus contemporâneos, como também por seus escritos*, exclui Moisés desta lista. Todavia, de Linos, que ele cita entre os primeiros, nenhuma lei, nenhuma doutrina existe que tenha convertido e melhorado as nações; ao passo que as leis de Moisés são transmitidas por um povo inteiro, espalhado por toda a terra. Vê pois se não é pura maldade ter excluído até Moisés de sua lista de sábios! Mas *Linos, Museu, Orfeu, Ferecides, o persa Zoroastro e Pitágoras trataram essas questões, e suas doutrinas estão consignadas em livros e foram conservadas até nossos dias*.

17. Deliberadamente omite a lenda dos falsos deuses, cheios de paixões humanas, lenda esta que se deve sobretudo aos poemas de Orfeu. Mas em seguida, em sua crítica da história de Moisés, acusa os

que dão uma interpretação figurada e alegórica desta lenda. Poderíamos replicar a esse autor ilustre que intitulou seu livro de *Discurso verdadeiro*: ora pois, meu amigo, tantos deuses se metem em aventuras descritas por teus sábios poetas e filósofos, entregam-se a uniões malditas, entram em guerra contra seus pais, cortam-lhes os órgãos viris, e tu levas a sério a história que relata sua audácia em cometer e sofrer esses crimes! Mas quando Moisés nada disso refere sobre Deus, nem mesmo sobre os santos anjos, e quando atribui aos homens delitos bem menores — nos livros de Moisés ninguém tem as audácias de Cronos contra Urano, nem as de Zeus contra seu pai, para não falar do “pai dos deuses e dos homens” que se uniu à própria filha! — julga-se que ele desencaminha os que ele enganou ao lhes entregar sua lei. Celso me parece agir mais ou menos como Trasímaco em Platão, que não permite a Sócrates responder a seu modo sobre a justiça, mas declara: “Cuidado, não digas que justo é aquilo que é útil, obrigatório ou o que quer que seja de semelhante.” Também ele, quando critica as histórias de Moisés — assim crê — e quando censura aqueles que as interpretam como alegorias, embora louvando-as por serem as mais razoáveis, gostaria, depois de sua acusação fantasiosa, de impedir que respondam os que podem, como exige a natureza das coisas.

18. Eu poderia convidá-lo a comparar nossos respectivos livros e dizer: vamos, meu amigo, traz os poemas de Linos, de Museu, de Orfeu, os escritos de Ferecides, e compara-os com a lei de Moisés! Põe em paralelo as histórias com as histórias, os preceitos de moral com as leis e os mandamentos! E vê tu quais deles são mais capazes de converter definitivamente os que os ouvem, e quais dentre eles conseguirão fazer perecer o ouvinte. E observa como a coorte de teus autores pouco se incomodou com os que haveriam de ler sem preparação; foi exclusivamente para as pessoas capazes de interpretação figurada e alegórica que ela escreveu, como dizes, *sua própria filosofia*. Moisés, ao contrário, agiu em seus cinco livros como um rétor de raça que trabalha seu estilo e cuida de apresentar em toda parte o duplo sentido das palavras: à multidão dos judeus submetidos às suas leis ele não dá espaço para qualquer dano moral; à elite capaz de uma leitura penetrante, não apresenta nenhum texto que não esteja cheio de especulação para quem pode procurar sua intenção profunda. E os livros de teus sábios poetas, pelo que parece, tampouco são mais conservados: eles teriam sido conservados se o leitor deles tivesse tirado algum proveito. Mas os escritos de Moisés estimularam um grande número de pessoas, até estranhas à cultura judaica, a crerem, como proclamam os escritos, que o primeiro autor das leis entregues a Moisés é Deus Criador do mundo. Convinha efetivamente que o artífice de todo o universo impusesse suas leis a todo o universo e desse às suas palavras um poder capaz de lhe submeter todos os habitantes. Digo isso sem tratar ainda de Jesus, mas sempre de Moisés, que é bem inferior ao Senhor, e mostro como o argumento há de provar que Moisés é bem superior a teus sábios poetas e filósofos.

A criação

19. Em seguida, com o objetivo secreto de caluniar a história da criação segundo Moisés, que revela que o mundo ainda não tem dez mil anos, ou pouco há de faltar, Celso, escondendo sua intenção, defende os que dizem que o mundo é incriado. Pois dizendo: *Desde todos os tempos sempre houve muitos incêndios, muitos dilúvios, e o mais recente foi a inundação que ocorreu na época de Deucalião há muito tempo*, ele sugere claramente àqueles que são capazes de compreender isso que, segundo ele, o mundo é incriado. Mas, que ele nos diga, este acusador da fé cristã, com que argumentos demonstrativos foi ele obrigado a admitir que houve muitos incêndios, muitos dilúvios, e que os mais recentes de todos foram a inundação no tempo de Deucalião e o *incêndio do tempo de Faetonte*! Se a respeito deles apresenta os diálogos de Platão, devemos responder-lhe: também a nós é

permitido dizer que na alma pura e piedosa de Moisés, elevado acima de tudo o que foi criado e unido ao Criador do universo, residia um espírito divino que revelou a verdade sobre Deus com muito maior clareza do que Platão e os sábios gregos ou bárbaros. E se ele nos pede razões desta fé, que seja o primeiro a nos dar provas daquilo que afirma sem provar; em seguida, provaremos que nossas afirmações têm fundamento.

20. Todavia, apesar do que diz, Celso acaba confirmando que o mundo é mais recente e ainda não tem dez mil anos, quando diz: *Os gregos consideram esses acontecimentos como antigos, pois dos eventos mais antigos — dilúvios e incêndios — não observaram nem guardaram qualquer lembrança.* Para se informar sobre o mito dos incêndios e das inundações, Celso tem a liberdade de se valer dos *egípcios*, povo, em seu modo de ver, *de uma alta sabedoria!* Sabedoria cujos vestígios são animais sem razão que eles adoram e argumentos que provam que o culto assim prestado à divindade é razoável e nasce do segredo e dos mistérios! Desta forma, quando os egípcios, para se gabarem de sua doutrina sobre os animais, alegam razões teológicas, transformam-se em sábios. Mas se admitimos a lei e o legislador dos judeus, se referimos tudo ao Deus único, criador do universo, somos menos considerados, aos olhos de Celso e de seus adeptos, do que se rebaixarmos a divindade não apenas aos seres vivos racionais e mortais, mas ainda aos seres privados de razão, o que transcende o mito da metempsychose referente à alma que cai da abóbada do céu e desce ao nível dos animais irracionais, não só os domésticos mas também os mais ferozes. E se os egípcios cultivam mitos, é filosofia por enigmas e mistérios, como se julga; mas se Moisés, que escreve histórias para toda a sua nação, lhe entrega relatos e leis, suas palavras, como se pensa, são fábulas vãs que não admitem alegorias! Esta é a opinião de Celso e dos epicureus.

21. *Portanto, diz ele, foi esta doutrina vigente entre as nações sábias e homens ilustres que Moisés conheceu por ter ouvido falar e lhe valeu um nome divino.* Supondo-se que Moisés tenha conhecido uma doutrina mais antiga e a tenha transmitido aos hebreus, devemos responder: se, ao conhecer uma doutrina mentirosa, sem sabedoria nem santidade, ele a aceitou e transmitiu a seus súditos, é digno de censura. Mas se, como dizes, ele deu sua adesão a doutrinas sábias e verdadeiras, e educou seu povo por intermédio delas, acaso é isto ato que mereça acusação? Oxalá Epicuro, Aristóteles, um pouco menos ímpio com relação à providência, os estoicos, que transformam Deus num ser corporal, tivessem aprendido esta doutrina! O mundo não estaria cheio de uma doutrina que rejeita ou corta em duas partes a providência; ou que introduz um princípio primeiro corruptível, corporal, em virtude do qual o próprio Deus é um corpo para os estoicos: eles não se envergonham de dizer que ele é passível de castigo, de alteração integral, de transformação, em suma, passível de corrupção se tivesse um agente corruptor, mas com a sorte de não ser corrompido porque nada existe que possa corrompê-lo. Mas a doutrina dos judeus e dos cristãos, que conserva a invariabilidade e a imutabilidade de Deus, é considerada ímpia, porque não é cúmplice daqueles que sobre Deus têm pensamentos ímpios: ela diz em suas preces à divindade: “Mas tu és sempre o mesmo”, e acredita que Deus disse: “Sim, eu, o Senhor, não mudei” (Ml 3,6).

A circuncisão

22. Depois disso, sem criticar a circuncisão, praticada pelos judeus, ele declara que *ela veio dos egípcios.* Ele deu mais crédito aos egípcios do que a Moisés, segundo o qual o primeiro dos homens a ser circuncidado foi Abraão. Moisés, porém, não é o único a relatar o nome de Abraão e sua familiaridade com Deus. Não poucos encantadores de demônios usam em suas fórmulas a expressão

“o Deus de Abraão”; conseguem o que querem pela virtude do nome e da familiaridade entre Deus e seu justo. Por isso adotam a expressão “o Deus de Abraão”, sem saberem quem é Abraão. O mesmo se diga de Isaac, Jacó e Israel: embora esses nomes, segundo a opinião de todos, sejam hebreus, os egípcios, que se vangloriam de um poder mágico, espalham frequentemente suas fórmulas que incluem tais nomes. Mas o sentido da circuncisão, prática iniciada por Abraão, abolida por Jesus, que não queria que seus discípulos a observassem, não cabe expô-la aqui no momento. O que importa não é instruir o leitor a esse respeito, mas lutar para desfazer as afrontas lançadas por Celso contra a doutrina dos judeus; pois ele pensa mostrar mais rapidamente que o cristianismo é falso se confirmar sua falsidade pelo ataque à sua origem no judaísmo.

O Deus único

23. Em seguida, Celso pretende que *sob a direção de Moisés seu chefe, alguns guardadores de cabras e ovelhas, com o espírito iludido por ilusões grosseiras, acreditaram que existe apenas um Deus.* Então que ele nos mostre como ele mesmo pode justificar a multidão de deuses honrados entre os gregos e outros povos bárbaros, se alguns guardadores de cabras e ovelhas, *sem motivo razoável,* segundo ele, *se desviaram do culto dos deuses.* Que mostre então a existência e a realidade de Mnemósina transformada pela ação de Zeus em mãe das Musas, e a de Têmis, mãe das Horas. Que confirme que as Graças podem realmente ter existido sempre nuas. Mas não poderá mostrar pelos fatos que as ficções dos gregos, que parecem personificações, são de fato deuses. Em que a mitologia religiosa dos gregos é mais verdadeira, por exemplo, que a dos egípcios que não conhecem em sua língua nem Mnemósina, mãe das nove Musas, nem Têmis, mãe das Horas, nem Eurínome, mãe das Graças, nem o nome das outras. Quanto mais eficaz e superior a todas essas fantasias é a persuasão, pelo que é visível, da boa ordem do mundo e a adoração do artífice único de um mundo que é uno, em harmonia com a realidade total; que, portanto, não pode ser obra de diversos demiurgos, nem ser mantido por diversas almas que movem a totalidade do céu. Basta apenas uma de fato que traga em si todo o firmamento do nascer ao pôr do sol, que contenha em si tudo o que é necessário ao mundo mas não tem o fim em si. Todas as coisas são partes do mundo, mas Deus não é parte do todo; pois Deus não deve ser imperfeito como a parte é imperfeita. Mas, sem dúvida raciocínio mais profundo haveria de mostrar que, no rigor dos termos, Deus não é mais todo, nem é mais parte, porque o todo é feito de partes. E repugna à razão admitir que o Deus supremo seja feito de partes em que cada uma não pode fazer o que as outras podem.

Os nomes divinos

24. Em seguida, diz ele: *Esses guardadores de cabras e ovelhas acreditaram num só Deus Altíssimo, Adonai, Urano, Sabaoth, ou qualquer outro nome que eles gostam de dar a este mundo, e só sabem fazer isso.* Em seguida, acrescenta: *Não importa absolutamente que o Deus supremo seja chamado “Zeus” como acontece entre os gregos, ou tenha qualquer outro nome, como entre os indianos ou os egípcios.* Devemos responder que este assunto diz respeito à questão profunda e misteriosa da natureza dos nomes. Serão acaso convencionais, como acredita Aristóteles? Ou, conforme a opinião dos estoicos, são tirados da natureza, em que os primeiros vocábulos imitam os objetos que estão na origem dos nomes — visão segundo a qual eles propõem certos princípios de etimologia? Ou então, conforme a doutrina de Epicuro, divergindo da opinião de Pórtico, os nomes existem naturalmente, e os primeiros homens emitem vocábulos adequados às coisas? Se pudéssemos, na presente questão,

estabelecer a natureza dos nomes “eficazes”, alguns dos quais são usados pelos sábios do Egito, pelos doutos entre os magos da Pérsia, pelos brâmanes ou samaneus entre os filósofos da Índia, e assim adiante em cada povo; se fôssemos capazes de provar que aquilo que chamamos magia não é, como pensam os discípulos de Epicuro e de Aristóteles, uma prática de todo incoerente, mas, como demonstram os peritos nesta arte, um sistema coerente, cujos princípios são conhecidos de poucos: diríamos que os nomes Sabaoth, Adonai e todos os outros transmitidos entre os hebreus com grande veneração não são dados segundo realidades comuns ou criadas, mas conforme uma misteriosa ciência divina que é atribuída ao Criador do universo. Por essa razão, esses nomes têm efeito quando os expressamos numa conexão particular que os entrelaça, como igualmente outros nomes pronunciados em língua egípcia com relação a certos demônios que têm efeito em determinada esfera, ou outros em dialeto persa com relação a outros poderes, e em cada povo. E descobriríamos, da mesma forma, que os nomes dos demônios terrestres que compartilham regiões diferentes são pronunciados do modo que convém ao dialeto do lugar e do povo. Portanto, aquele que possui de tudo isso uma compreensão nobre, ainda que restrita, terá o cuidado de adaptar exatamente cada nome a cada realidade, a fim de evitar sempre a infelicidade daqueles que aplicam erradamente o nome de Deus à natureza inanimada, ou que rebaixam a designação de Bem, Causa Primeira, virtude ou bondade à riqueza cega, ao equilíbrio da carne, do sangue e dos ossos que proporcionam saúde e bem-estar, ou àquilo que vemos como a nobreza de nascimento.

25. Talvez nem haja menos perigo em rebaixar o nome de Deus e o nome do Bem àquilo que não devemos do que em mudar os nomes dispostos segundo um princípio misterioso e aplicar os nomes daquilo que é mal àquilo que é bem e daquilo que é bem àquilo que é mal. Não quero mencionar o fato de que o nome de Zeus evoca imediatamente o filho de Cronos e de Reia, esposo de Hera, irmão de Poseidon, pai de Atena e de Ártemis, sedutor de sua filha Perséfone, ou que o de Apolo evoca o filho de Leto e Zeus, irmão de Ártemis e meio-irmão de Hermes; e todas as outras ficções dos sábios de Celso, autores dessas doutrinas e antigos teólogos da Grécia. Que distinção arbitrária dar-lhe como nome próprio o de Zeus, mas não o de Crono ao pai, e o de Reia à mãe! E as mesmas observações podem ser aplicadas aos outros pretensos deuses. Mas esta crítica não atinge absolutamente os que, por uma misteriosa razão, dão a Deus o nome de Sabaoth, Adonai, ou algum dos outros nomes.

Se formos capazes de reflexão filosófica sobre o significado misterioso dos nomes, poderemos encontrar muita coisa a ser dita ainda acerca da designação dos anjos de Deus: um deles se chama Miguel, outro Gabriel, outro Rafael, conforme as funções que têm a cumprir no mundo inteiro pela vontade do Deus do universo. Nosso Jesus vem de uma filosofia semelhante dos nomes: já vimos seu nome expulsar incontáveis demônios das almas e dos corpos e exercer sua força sobre aqueles de que foram expelidos.

Devemos acrescentar à teoria dos nomes o que os peritos relatam na prática dos encantamentos: pronunciar o encantamento em seu próprio dialeto é realizar o que o encantamento promete; traduzir o mesmo encantamento em qualquer outra língua é vê-la sem vigor e sem efeito. Desta forma, não são os significados das coisas que o nome designa, e sim as qualidades e as propriedades dos sons que têm certo poder de fazer isso ou aquilo. Assim justificaremos por considerações desse gênero o fato de os cristãos lutarem até à morte para evitarem dar a Deus o nome de Zeus ou o nome de outro dialeto. Pois confessam o nome de Deus que comumente se usa ou sem qualificação, ou sem acréscimo: “o Criador do universo, que fez o céu e a terra, que enviou ao gênero humano estes e aqueles sábios”; e quando o nome de Deus vem associado ao nome desses sábios, tem efeito milagroso entre os homens.

Haveria muitas outras coisas a dizer a respeito dos nomes contra os que pensam que devemos ser

indiferentes a seu emprego. E se é verdade que admiramos Platão por ter dito em *Filebo*: “Minha reverência, Protarco, pelos nomes dos deuses é profunda”, quando Filebo, interlocutor de Sócrates, chamara deus o prazer, quanto mais haveremos de aprovar a piedade dos cristãos que não aplicam ao Criador do universo nenhum dos nomes em uso nas mitologias! Mas por ora basta.

De Moisés a Jesus

26. Vejamos como Celso, que se vangloria de saber tudo, acusa caluniosamente os judeus, quando diz: *Eles honram os anjos e se entregam à magia em que Moisés os iniciou*. Mas onde teria ele encontrado nos relatos de Moisés que o legislador prescreveu honrar os anjos, que o diga, ele que proclama as doutrinas dos cristãos e dos judeus! Além disso, como a magia pode existir entre aqueles que receberam a lei de Moisés e que leem: “Não vos voltareis para os necromantes nem consultareis os adivinhos, pois eles vos contaminariam” (Lv 19,31)? Ele promete a seguir *que ensinará como os judeus igualmente, iludidos pela ignorância, caíram no erro*. Se reconhecesse que a ignorância dos judeus no tocante a Jesus Cristo procedia de sua recusa em ouvir as profecias a seu respeito, teria realmente mostrado como os judeus caíram no erro; mas de fato, por não ter querido sequer imaginar tal coisa, toma como erro dos judeus o que não é erro.

E depois de ter prometido *continuar seu ensino sobre o judaísmo*, Celso entra no debate concernente ao nosso Salvador *que se tornou nosso guia em nosso nascimento como cristãos*, e afirma: *Este homem, há bem poucos anos, começou este ensinamento, e os cristãos acreditaram que ele era o Filho de Deus*. Sobre sua existência, há poucos anos, eis a resposta: podia ele alcançar seus objetivos sem a ajuda de Deus de modo que em tão poucos anos, tendo construído o projeto de expandir sua doutrina e ensinamento, Jesus tivesse podido realizá-lo a ponto de converter à sua doutrina em muitos lugares de nossa terra grande número de gregos e bárbaros, de sábios e ignorantes, que preferem morrer lutando pelo cristianismo a abjurá-lo, coisa inaudita na história de qualquer outra doutrina? Quanto a mim, sem bajular a doutrina, mas tentando examinar a fundo a história, posso dizer: até os médicos que tratam de numerosos corpos doentes não atingem seu objetivo de restituir a saúde do corpo. Mas que um homem possa libertar as almas da onda de vício, da desordem, da injustiça e do desprezo à divindade, e em prova de tal ato fazer uma centena de convertidos, para empregar algum número, não teremos razão em dizer que ele não conseguiu implantar, sem a ajuda de Deus, numa centena de homens, uma doutrina que liberta de todos esses males? Exame criterioso há de convencer de que os homens não melhoram sem a ajuda de Deus; com quanto mais ousadia se dirá isso de Jesus comparando-se a antiga conduta de numerosos convertidos à sua doutrina com a que eles tiveram a seguir, refletindo-se no abismo de licenciosidade, de injustiça e de cobiça em que cada um deles estava mergulhado anteriormente, para empregar a expressão de Celso e de seus sequazes, *por estarem perdidos e por abraçarem, como dizem, uma doutrina nociva à vida humana*. Mas de que maneira, ao contrário, desde que receberam esta história, alcançaram mais razão, mais seriedade e firmeza, de modo que alguns dentre eles, desejando uma eminente pureza e honrar com um culto mais puro à divindade, recusam até fruir dos prazeres do amor permitido pela lei!

27. Uma análise dos fatos mostra que Jesus teve a coragem de assumir um empreendimento que vai além da natureza humana e o que ele ousou também realizou. Desde a origem, tudo se opunha à difusão de sua doutrina por toda a terra: os sucessivos imperadores, os generais e comandantes de exércitos, em suma, todos os que detinham uma autoridade qualquer, e além disso os governadores em cada cidade, os soldados e o povo. Ele foi vencedor porque, por natureza, enquanto Logos de Deus, era impossível detê-lo, e, mais forte que seus adversários, conquistou toda a Grécia, e, mais ainda, os

povos bárbaros, e converteu inúmeras almas à religião que ele ensinava. Mas era inevitável, na massa daqueles que eram conquistados pela doutrina, *na qual as pessoas simples e iletradas são mais numerosas do que as pessoas formadas pela cultura, que as pessoas simples e iletradas fossem mais numerosas do que as inteligentes*. Celso, porém, não quer compreender isso. Pensa que o amor do Logos pela humanidade, que se estende a cada alma desde o nascer ao *pôr do sol, é simples e, por causa de sua simplicidade e de sua falta absoluta de cultura, conquistou apenas os simples*. Todavia, nem mesmo Celso diz que só as pessoas simples foram conduzidas por esta doutrina à religião segundo Jesus, pois confessa: *Existem também entre eles pessoas moderadas, razoáveis, inteligentes e preparadas para compreender a alegoria*.

Nascimento obscuro, glória universal

28. Emprega então a prosopopeia, à maneira de uma criança que introduz uma figura de retórica, e coloca em cena um judeu que dirige a Jesus palavras pueris indignas de um filósofo já grisalho. Vamos pois examiná-las da melhor forma possível e provar que ele não propôs o perfil que conviria a um judeu. Apresenta então um judeu em diálogo com o próprio Jesus, com a pretensão de convencê-lo de várias coisas, e a primeira, *de ter inventado seu nascimento de uma virgem*. A seguir, censura-o *por ter nascido numa cidadezinha da Judeia, e nascido de uma mulher do interior, pobre fiandeira*. Ele afirma: *Convencida de adultério, foi expulsada por seu marido, carpinteiro de sua categoria social*. Ele diz em seguida que, *rejeitada por seu marido, vergonhosamente vagabunda, deu à luz Jesus ocultamente; que este foi obrigado, por pobreza, a prestar seus serviços no Egito; neste país adquiriu experiência de certos poderes mágicos de que se gabam os egípcios; voltou daí muito orgulhoso desses poderes, e graças a eles, proclamou-se Deus*. Examinando tudo o que os homens sem fé afirmam e analisando a fundo a base de todas as questões, encontro aí uma série de elementos que me parecem estar em harmonia com o fato de que Jesus foi um ser divino e digno de ser proclamado Filho de Deus.

29. Entre os homens, o que contribui para tornar algum deles notável, ilustre e famoso é o nascimento de pais de uma categoria superior e influente, a riqueza daqueles que o educaram e puderam gastar um bom dinheiro na educação de seu filho, uma pátria poderosa e ilustre. Mas, quando um homem, numa situação completamente inversa, se mostra capaz, superando todos os obstáculos, de se tornar conhecido, de abalar os que ouvem pronunciar seu nome, de encher com sua fama o mundo inteiro que repete seus feitos incomparáveis, como recusar admiração imediata a tal natureza pela sua nobreza de alma, sua audácia nos grandes empreendimentos, sua notável franqueza no falar!

Mas num exame mais aprofundado das circunstâncias de sua vida, como não investigar de que maneira, educado na economia e na pobreza, sem ter recebido a menor educação geral nem aprendido as belas-letas e as doutrinas, de que nasce seu talento de persuasão para enfrentar as multidões, tornar-se popular e atrair inúmeros ouvintes, de que maneira, repito, tal homem se dedica ao ensino de novas doutrinas, introduz na humanidade uma doutrina que abole os costumes dos judeus, embora respeitando seus profetas, e destrói as leis dos gregos sobretudo no que se refere à divindade? Como pois tal homem, educado em tais condições, sem ter recebido dos homens, como convém até aos detratores, a menor educação séria, pôde oferecer ensinamentos notáveis sobre o juízo de Deus, os castigos contra o vício, as recompensas pela virtude: de modo que não só as pessoas analfabetas e simples são atraídas pelas suas palavras, mas grande número de espíritos penetrantes, capazes de apreciar, sob o véu de expressões aparentemente banais que as envolve, por assim dizer, uma significação interior secreta?

O aborígene de Serifos, em Platão, censurava Temístocles, que se tornara célebre por seu valor militar, porque não devia sua glória a seu mérito pessoal, mas à sorte de ter a pátria mais famosa de toda a Grécia; e isto lhe valeu esta resposta do sensato Temístocles, que via que sua pátria também tinha contribuído para torná-lo célebre: “Se eu tivesse nascido em Serifos, não seria tão célebre; mas se tivesses tu a sorte de nascer em Atenas, não serias Temístocles!” Mas nosso Jesus, a quem se censura por ter nascido numa cidadezinha que não fazia parte nem da Grécia nem de nação universalmente famosa, a quem se pretende difamar como sendo filho de pobre fiandeira, obrigado pela pobreza a abandonar sua pátria e alugar seus serviços no Egito, como se ele fosse, para usar o exemplo citado, não somente de Serifos, oriundo da ilha menor e menos conhecida, mas até, se posso dizer, o menos nobre de seus habitantes, este Jesus teve o poder de abalar toda a terra habitada pelos homens, não somente mais do que Temístocles de Atenas, mas também mais que Pitágoras, mais que Platão e todos os outros entre os sábios, imperadores, generais de qualquer região da terra.

30. Portanto, olhando com olhos que esquadrinham a fundo, quem não se admiraria diante deste homem que venceu e conseguiu, por sua glória, superar todas as causas de obscuridade e todos os homens gloriosos de todos os tempos? Na verdade, os homens gloriosos raramente foram capazes de conquistar a glória motivados por vários objetivos ao mesmo tempo. Quer dizer, alguns despertaram a admiração e ganharam fama: um por sua sabedoria, outro por seu valor militar, certos bárbaros por seu maravilhoso poder de encantamento, outros por outros motivos sempre em número reduzido. Mas ele, além de seus outros motivos, é admirado ao mesmo tempo por sua sabedoria, por seus milagres e por sua autoridade. Não persuadiu, como tirano, alguns homens para que se juntassem a ele passando por cima das leis, nem como bandido que excita os homens de seu bando contra as pessoas, nem como rico que dá provisões aos que se lhes associam, nem como algum daqueles que são objeto de censura unânime; mas ele agiu como mestre da doutrina do Deus do universo, do culto a lhe ser prestado e de toda a lei moral, doutrina capaz de unir familiarmente ao Deus supremo todo aquele que por ela pauta sua vida. E Temístocles e os outros homens gloriosos nada encontraram que ofuscasse sua glória; quanto a ele, porém, transcendendo as circunstâncias indicadas, bem capazes de fazer naufragar na ignomínia o caráter mais nobre, sua morte aparentemente infamante de crucificado era suficiente até para desfazer sua glória anteriormente adquirida; e, no pensamento dos que não aderem à sua doutrina, ela devia levar os iludidos por ele a se livrarem da ilusão e a condenar aquele que os havia iludido.

31. Temos, no entanto, mais um motivo de espanto: como explicar que os discípulos de Jesus, que, na opinião de seus detratores, não o teriam visto ressuscitado dos mortos e não se teriam convencido de que ele era um ser divino, não receberam suportar os mesmos sofrimentos que seu mestre, arrostar o perigo, abandonar a pátria para ensinar, pela vontade de Jesus, a doutrina que lhes fora transmitida por ele? Pois não penso que um exame criterioso dos fatos permita dizer que esses homens ter-se-iam entregue a uma existência precária por esta doutrina de Jesus, se ele não tivesse criado neles convicção profunda, ensinando-lhes não só a viver em conformidade com seus preceitos, mas também a preparar os outros para esta vida, e isto quando a ruína, com respeito à vida humana, aguarda os que têm a audácia de apresentar em toda parte e a todos opiniões novas e não manter amizade com quem se apega às doutrinas e aos costumes de outrora. Será então que os discípulos de Jesus não repararam no perigo, em sua audácia de provar não apenas aos judeus, segundo as palavras dos profetas, que ele era Aquele que elas prediziam, mas também aos outros povos que Aquele que há tão pouco tempo fora crucificado aceitara de livre vontade esta morte pela salvação do gênero humano, como os que morrem pela pátria visando a fazer sustar epidemias de peste, esterilidades do solo, riscos do mar? Pois, sem dúvida alguma, existe na natureza, por causas misteriosas e inacessíveis às massas, esta

disposição natural: que um só justo que morre voluntariamente pela salvação da comunidade desvia por seu sacrifício os maus demônios que causam pestes, esterilidades, riscos e outros flagelos semelhantes.

Respondam então os que se negam a crer que Jesus morreu na cruz pelos homens! Será que eles rejeitarão igualmente as múltiplas histórias, gregas e bárbaras, de pessoas mortas pelo bem público, a fim de destruir os maus que se apossaram das cidades e dos povos? Ou será que confirmarão esses fatos reais, mas dirão ser absolutamente inverossímil a morte deste homem — como lhes parece — pela destruição do grande demônio, príncipe dos demônios, que tinha subjugado todas as almas humanas que vieram à terra? Mas os discípulos de Jesus são testemunhas disso, bem como de outras coisas em bem maior número do que provavelmente aprenderam de Jesus ocultamente; além disso, foram providos de certo poder, quando lhes deu “entusiasmo e coragem” não a virgem de que fala o poeta, e sim a verdadeira prudência e sabedoria de Deus, “para que se distinguissem” acima de todos não só “os argianos”, mas também todos os gregos juntamente com os bárbaros, e “alcançassem nobre vitória”.

A mãe de Jesus

32. Voltemos às palavras atribuídas ao judeu: *a mãe de Jesus foi expulsa pelo carpinteiro que a tinha pedido em casamento, por ser culpada de adultério e ter engravidado de um soldado chamado Pantera*, e vejamos se os autores desta fábula de adultério da Virgem com Pantera e repudiada pelo carpinteiro não a forjaram cegamente para poderem negar a conceição milagrosa pelo Espírito Santo. Efetivamente, por causa de seu caráter inteiramente miraculoso, eles poderiam ter falsificado a história de outra maneira, mesmo sem admitir involuntariamente, por assim dizer, que Jesus não tinha nascido de matrimônio comum. Era muito natural que aqueles que não admitem o nascimento milagroso de Jesus forjassem alguma mentira. Mas fazer isso sem nenhuma base e mantendo que a Virgem não tinha concebido Jesus de José fazia escancarar a mentira a toda pessoa capaz de discernir e refutar as ficções. Seria uma coisa razoável, com efeito: o homem que tanto fez pela salvação do gênero humano para que todos, gregos e bárbaros, enquanto dependesse dele, na espera do juízo de Deus, se abstivessem do vício e fizessem tudo para agradar ao Criador do universo, este homem não tivesse nascimento miraculoso, mas o mais ilegítimo e vergonhoso de todos os nascimentos? Pergunto aos gregos e mais particularmente a Celso, o qual, compartilhando ou não de suas ideias, em todo caso cita Platão: aquele que faz as almas descerem aos corpos dos seres humanos acaso levará ao nascimento mais vergonhoso do que qualquer outro, sem mesmo o introduzir na vida humana por um matrimônio legítimo, o ser que arrostaria tantos perigos, instruiria tantos discípulos, afastaria para longe a onda de vício da massa humana? Não será mais de acordo com a razão que cada alma, introduzida num corpo por razões misteriosas — falo aqui nos termos da doutrina de Pitágoras, Platão, Empédocles, citados por Celso — seja assim introduzida por seu mérito e seu caráter anteriores? Portanto, é provável que esta alma, mais útil por sua incorporação à vida humana do que a de grande número de pessoas, para não parecer preconceituoso dizendo de todas, tenha tido necessidade de um corpo que, não só se distingue dos corpos humanos, mas também é superior a todos.

33. Admitamos que essa alma, por motivos misteriosos, merecendo habitar o corpo não de um ser totalmente desprovido de razão, e tampouco de um ser simplesmente racional, revista um corpo monstruoso em que a razão não pode se expandir no ser assim conformado, com cabeça desproporcionada com o restante do corpo e bem menor; admitamos que outra qualquer receba um corpo que lhe permita ser um pouco mais racional do que a anterior; e outra ainda melhor, em que a

natureza do corpo constitua maior ou menor obstáculo ao esforço da razão: por que não haveria igualmente uma alma que recebesse um corpo milagroso, com algo de comum aos homens para poder viver entre eles, mas igualmente algo de excepcional para poder ficar isenta de pecado? Admitamos que haja algo de verdadeiro na doutrina dos fisiog-nomonistas Zopyros, Loxos, Pólemon, e de todos os que escreveram a esse respeito, vangloriando-se de um saber espantoso sobre o parentesco de cada corpo com o caráter de sua alma: desde então esta alma, destinada a viver milagrosamente e a realizar grandes ações, precisava de um corpo, não como acredita Celso, nascido de adultério entre Pantera e a Virgem, pois de união tão impura talvez pudesse se originar antes um louco nocivo aos homens, mestre de intemperança, de injustiça e de outros vícios, e não de domínio de si, de justiça e de outras virtudes. Mas, como também predisseram os profetas, era preciso um corpo nascido de Virgem, que desse à luz, de acordo com o anúncio do sinal, uma criança cujo nome qualificaria a obra, mostrando que em seu nascimento Deus estaria com os homens.

34. Este me parece o momento próprio de contrapor às palavras fictícias do judeu a profecia de Isaías: que o Emanuel nasceria de uma virgem. Celso não a citou, ou porque a ignorasse, ele que alardeia saber tudo, ou porque a leu, mas voluntariamente a omitiu para não parecer estabelecer, não obstante suas palavras, a doutrina contrária a seu intento. Esta é a passagem: “O Senhor tornou a falar a Acaz, dizendo-lhe: ‘Pede um sinal ao Senhor, o teu Deus, ou nas profundezas do Xeol, ou nas alturas’. Acaz, porém, respondeu: ‘Não pedirei nada, não tentarei ao Senhor’. Então disse ele: ‘Ouvi, vós, da casa de Davi! Parece-vos pouco o fatigardes os homens, e quereis fatigar também a meu Deus? Pois sabei que o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que a virgem concebeu e dará à luz um filho e por-lhe-á o nome *Emanuel*, que significa *Deus conosco*” (Is 7,10-14). Mas foi por deslealdade que Celso não citou a profecia: a prova é que ele mencionou diversas passagens do Evangelho de Mateus, como o *astro que surgiu no nascimento de Jesus* e outros milagres, mas não fez a menor alusão àquela passagem. E se um judeu pretende debater a respeito da expressão e julga que a leitura não é: “Eis que a Virgem...”, mas “eis que a jovem mulher...”, eu lhe responderei: o termo *almah* que os Setenta traduziram por “a virgem”, e outros por “a jovem mulher”, encontra-se também no Deuteronômio, e a propósito de uma virgem. É o seguinte: “Se houver uma jovem virgem prometida a um homem, e um homem a encontra na cidade e se deita com ela, trareis ambos à porta da cidade e os apedrejareis até que morram: a jovem por não ter gritado por socorro na cidade, e o homem por ter abusado da mulher de seu próximo.” E a seguir: “Contudo, se o homem encontrou a jovem prometida no campo, violentou-a e deitou-se com ela, morrerá somente o homem que se deitou com ela; nada farás à jovem, porque ela não tem pecado que mereça a morte” (Dt 22,23-26).

35. Mas, não vamos dar a impressão de depender de uma palavra hebraica para persuadir aqueles que não sabem se é preciso ou não admiti-la de que o profeta disse acertadamente: de uma virgem será gerado aquele de cujo nascimento foi dito: “Deus conosco”. Procuremos fundamentar nossa convicção sobre o próprio sentido da frase. O Senhor, está escrito, disse a Acaz: “Pede um sinal ao Senhor, o teu Deus, ou nas profundezas do Xeol, ou nas alturas.” E em seguida lhe é dado o sinal: “Eis que a virgem concebeu e dará à luz um filho e pôr-lhe-á o nome Emanuel.” Mas que sinal haveria se era uma jovem mulher não virgem a dar à luz? E a quem melhor convém dar à luz o Emanuel, o Deus conosco: à mulher que teve relações sexuais e que concebeu por paixão feminina, ou àquela que ainda é pura, santa e virgem? Naturalmente é a esta que convém dar à luz um filho de cujo nascimento seja dito: “Deus conosco”. E, mesmo neste caso, se a disputa continua afirmando que eram dirigidas a Acaz as palavras: “Pede um sinal ao Senhor, o teu Deus”, eu replicarei: Mas quem nasceu no tempo de Acaz, de cujo nascimento seja dito “Emanuel”, “Deus conosco”? Se não encontramos ninguém, é evidente

que a palavra dita a Acáz se dirige à casa de Davi, pois o Senhor, segundo a Escritura, nasceu “da estirpe de Davi segundo a carne” (Rm 1,3). Além disso, este sinal, conforme se diz, está “ou nas profundezas do Xeol, ou nas alturas”, porque “o que desceu é também o que subiu acima de todos os céus, a fim de plenificar todas as coisas” (Ef 4,10). É o que tenho a dizer ao judeu que dá sua adesão à profecia. Cabe a Celso ou a algum de seus sequazes dizer em que estado de espírito o profeta faz do futuro esta predição ou outras que estão escritas nas profecias: será mesmo prevendo o futuro, sim ou não? Se é prevendo o futuro, os profetas tinham espírito divino; se não é prevendo o futuro, que ele explique o estado de espírito daquele que ousa falar do porvir e que os judeus admiram por sua profecia!

Necessidade dos profetas

36. Como acabamos de tratar da questão dos profetas, o que segue não é inútil, não só para os judeus que creem que os profetas falaram pelo espírito divino, mas até para os gregos de boa fé. Direi que é necessário admitir que os judeus também tiveram profetas, porque deviam ser conservados reunidos sob a legislação que lhes foi dada, crer no Criador conforme as tradições que eles receberam e não ter, em virtude da lei, pretexto algum de passar por apostasia ao politeísmo dos pagãos. E estabelecerei esta necessidade assim: “As nações que vais conquistar”, como está escrito na própria lei dos judeus, “ouvem oráculos e adivinhos”, ao passo que se diz a este povo: “Quanto a ti, isso não te é permitido pelo Senhor teu Deus”; e prossegue: “O senhor teu Deus suscitará um profeta como eu no meio de ti” (Dt 18,14-15). Os pagãos usavam adivinhações por meio de augúrios, presságios, auspícios, ventríloquos, arúspices, caldeus que liam horóscopos, coisas estas proibidas todas aos judeus; por isso os judeus, se não tivessem tido nenhuma consolação de conhecer o futuro, sob o impulso deste insaciável apetite humano de conhecer o futuro, teriam desprezado seus próprios profetas como se neles nada houvesse de divino, e não teriam recebido profetas depois de Moisés, nem teriam inscrito suas palavras nas Escrituras, mas teriam procurado espontaneamente a adivinhação e os oráculos dos pagãos ou teriam tentado estabelecer entre eles algo de semelhante. Por essa razão, nada há de estranho se seus profetas fizeram predições até de acontecimentos diários para a consolação dos que desejassem tais oráculos: assim a profecia de Samuel a respeito das jumentas perdidas (cf. 1Sm 9,20), e a que é mencionada no terceiro livro dos Reis, concernente a doença do filho do rei (cf. 1Rs 14,1-18). Do contrário, como aqueles que cuidavam da observância dos mandamentos da lei teriam condenado o desejo de obter oráculo dos ídolos? É desta forma que vemos Elias censurando a Ocosias: “Porventura não há um Deus em Israel, para irdes consultar a Baal-Zebub, deus de Acaron?” (2Rs 1,3).

37. Aí está pois demonstrado exatamente, assim me parece, não só que nosso Salvador nasceria de virgem, mas ainda que havia profetas entre os judeus: eles não prediziam exclusivamente os acontecimentos futuros de interesse geral, como o destino de Cristo e o dos reinos deste mundo, as desgraças futuras de Israel, a fé dos gentios no Salvador e muitas outras coisas ditas a seu respeito, mas igualmente os acontecimentos particulares, como a maneira de encontrar as jumentas perdidas de Cis, a doença de que sofria o filho do rei de Israel e todas as outras histórias deste tipo.

Mas, com referência aos gregos que não creem que Jesus nasceu de virgem, devemos acrescentar: o Criador mostrou no nascimento de animais diversos que aquilo que ele faz por um animal pode também fazer por outros e pelos próprios seres humanos, se quiser. Encontramos certas fêmeas de animais que não têm cópula carnal com macho, como dizem os naturalistas a respeito do abutre, e este animal salva a continuidade de sua espécie sem união sexual. Então, que haverá de extraordinário se

Deus, querendo enviar um mestre divino à raça humana, em vez de criar um princípio seminal resultante da união dos machos com as fêmeas, decidiu que o princípio daquele que haveria de nascer fosse de outra ordem? Além disso, segundo os próprios gregos, nem todos os homens nasceram de um homem e de uma mulher. Se de fato o mundo foi criado, como o admitem muitos gregos, os primeiros homens necessariamente não nasceram de uma união sexual, mas da terra que continha em si as razões seminais: isso me parece mais extraordinário do que o nascimento de Jesus quase semelhante ao do restante dos seres humanos. E com referência aos gregos, cabe aqui certamente citar ainda histórias gregas, para que não pareça que são os únicos a usarem esta história extraordinária. Alguns julgaram bom, a propósito não mais de antigas lendas heroicas, mas de acontecimentos de ontem ou de anteontem, escrever como coisa possível que o próprio Platão nasceu de Anfictíone, ao passo que Ariston fora impedido de se aproximar dela antes de ter dado à luz este filho concebido de Apolo. Trata-se neste caso de mitos que fizeram as pessoas imaginarem um prodígio desta espécie a respeito de um homem, porque, assim se pensava, ele tinha sabedoria e poder superiores aos da maior parte e tinha recebido de sementes superiores e divinas o princípio de sua constituição corporal, como convém aos que têm grandeza acima da humana. Mas quando Celso, depois de ter apresentado o judeu a conversar com Jesus, criva de sarcasmos o que ele considera como a ficção de seu nascimento de uma virgem, e depois de citar os mitos gregos de *Dânae*, *Melanipe*, *Auge* e *Antíope*, devemos dizer que tais assuntos convinham a um bobo da corte, não a um escritor que leva a sério sua mensagem.

Jesus no Egito

38. Acresce que ele aceita sem dificuldade a fuga de Jesus para o Egito, narrada no Evangelho de Mateus; mas se nega a crer nos prodígios que causaram esta história, na ordem transmitida pelo anjo, em todo o sentido misterioso possível da partida de Jesus da Judeia e de sua estada no Egito. Inventa ainda outra coisa: de um lado, dá certa adesão aos milagres extraordinários realizados por Jesus, graças aos quais este persuadiu a multidão a que o seguisse como Cristo, e por outro lado, pretende desqualificá-los como artes de magia e não ações do poder divino. Pois afirma: ele foi educado ocultamente, dirigiu-se ao Egito para alugar seus serviços e, depois de adquirir neste país a experiência de certos poderes, voltou proclamando que era Deus, graças a tais poderes. Mas eu mesmo não compreendo como um mago pôde se dar ao trabalho de ensinar uma doutrina segundo a qual se deve fazer tudo tendo em mente que Deus julga cada um segundo seus atos, e se deve passar esta disposição a seus discípulos a quem ele faria ministros de seu ensinamento. Porventura estes conquistavam seus ouvintes por meio dos milagres aprendidos desta forma, ou sem operar qualquer milagre? Mas é o cúmulo do absurdo dizer que eles não operavam qualquer milagre, e que depois de terem crido, sem nenhum poder de persuasão que se parecesse com a sabedoria dialética dos gregos, dedicaram-se ao ensino de uma doutrina nova por aqueles com quem conviviam: de onde lhes veio a audácia de ensinar a doutrina e as inovações? E se eles realizavam milagres, que probabilidade haverá de magos se exporem a perigos tão graves por uma doutrina que proíbe a magia?

39. Parece-me indigno combater tais asserções feitas sem seriedade e por zombaria: *Seria porque a mãe de Jesus era bela, e que por causa de sua beleza Deus se uniu a ela, ele que por natureza não pode se enamorar de um corpo perecível? Não era conveniente que Deus se enamorasse dela, pois carecia de fortuna, de nascimento real, e ninguém a conhecia, sequer seus vizinhos.* E ele ainda graceja ao acrescentar: *Quando o carpinteiro se encheu de aversão por ela e a expulsou, nenhum poder divino, nenhum dom de persuasão a salvou. Afinal, nada existe nisso tudo que tenha a ver com o Reino de Deus.* Haverá nestas palavras algo diferente dos insultos que costumamos ouvir das pessoas

da rua, sem uma palavra que mereça alguma atenção?

O batismo de Jesus

40. A seguir, ele tira do Evangelho de Mateus, e talvez igualmente dos outros evangelhos, a história da pomba que pairou sobre o Salvador por ocasião de seu batismo por João, e pretende desqualificá-la como ficção. Mas julgando ter reduzido a frangalhos a história de que nosso Salvador nasceu de uma virgem, não cita na ordem os acontecimentos que seguem: pois a paixão e o ódio nada têm de ordenado, mas as pessoas dominadas pela cólera e o ódio lançam contra os que elas odeiam as injúrias que lhes passam pela cabeça, impedidas pela paixão de formular suas acusações de maneira refletida e ordenada. Se ele tivesse observado a ordem, de fato, teria usado o evangelho e, decidido a acusá-lo, teria criticado o primeiro relato, depois teria passado ao segundo, e assim adiante. Mas não! Depois do nascimento de uma virgem, Celso que apregoa saber tudo de nossas doutrinas, incrimina a aparição do Espírito Santo por ocasião do batismo sob a forma de uma pomba, depois calunia a profecia da vinda de nosso Salvador, e depois disso ele volta aos acontecimentos narrados depois do nascimento de Jesus, à história da estrela e dos magos que vieram do Oriente “adorar” o menino. Quantas passagens confusas de Celso através de todo o livro revelaria uma observação atenta! Novo meio, para as que sabem procurar e observar a ordem, de convencê-lo de impudência e gabarolice quando intitula seu livro *Discurso verdadeiro*, coisa que nenhum filósofo de valor fez! Pois Platão diz que não é dar prova de espírito sensato dizer com firmeza a última palavra a respeito de assuntos desta ordem e mais obscuros ainda. E muitas vezes, Crisipo, depois de ter citado as razões que o persuadiram, nos remete aos que poderiam dar melhor explicação do que a sua. Este é pois um homem que, mais inteligente mesmo que esses dois autores e do que todos os outros gregos, na lógica de sua afirmação de saber tudo, intitulou seu livro de *Discurso verdadeiro*!

41. Mas, para não parecer omitir essas acusações voluntariamente por falta de resposta, decidi refutar da melhor maneira possível cada uma dessas objeções, preocupando-me não com o encadeamento natural e com a sequência lógica dos assuntos, mas com a ordem das objeções observadas em seu livro. Vejamos então o que ele diz ao atacar a aparição corporal, por assim dizer, do Espírito Santo ao Salvador sob a forma de pomba. É sempre o judeu que se dirige nestes termos àquele que reconhecemos como nosso Senhor Jesus: *Afirmas que, por ocasião de teu batismo realizado por João, apareceu uma ave vinda do céu, a qual pairou sobre ti*, diz ele; a seguir pergunta: *Que testemunha digna de fé viu essa aparição? Quem ouviu uma voz do céu adotando-te como Filho de Deus? Quem senão tu e um dos companheiros de suplício que podes apresentar como testemunha.*

42. Antes de abordar a resposta, é preciso dizer que, a respeito de quase toda história, quando verdadeira, que pretender afirmar que ela ocorreu de fato e dar uma representação compreensiva é coisa das mais difíceis e, em certos casos, impossível. Suponhamos, por exemplo, que alguém diga que a guerra de Tróia não ocorreu pela importante razão de que nessa história se introduz um relato inacreditável, em que certo Aquiles é filho de deusa do mar e de um homem chamado Peleu, um Sarpédon é filho de Zeus, um Ascálfos e Jálmenos de Ares, um Eneias de Afrodite. Como estabelecer a realidade de tudo isso, em vista do embaraço em que nos põe a ficção que se entrelaça não sei de que modo com a opinião que prevalece entre todos de que a guerra de Tróia entre gregos e troianos realmente aconteceu? Suponhamos ainda que não se acredite nas aventuras de Édipo, de Jocasta e de seus filhos Etéocles e Polinice, porque se introduziu na história o relato da Esfinge, espécie de meio-mulher moça: como estabelecer a prova? O mesmo se diga dos Epígonos, ainda que nada de

semelhante se haja introduzido na trama do relato, ou da volta dos Heráclidas, ou de infinidade de outros. Qualquer leitor criterioso que leia tais histórias e pretenda fugir de erro a respeito delas há de distinguir, por um lado, o que merece sua adesão e o que ele há de interpretar alegoricamente, procurando a intenção dos que forjaram tais ficções, e, por outro lado, o que ele recusará crer, como escrito para agradar a alguns. Essas observações preliminares a toda a história de Jesus narrada no evangelho são feitas não para convidar as pessoas vivas de espírito a uma fé simples e não refletida, mas no intuito de estabelecer que os leitores têm necessidade de juízo sadio e de exame aprofundado, e de certa maneira de entrar na intenção dos escritores, para descobrir em que espírito cada acontecimento é descrito.

43. Portanto, direi em primeiro lugar: se quem recusa crer na aparição do Espírito Santo na forma de pomba fosse apresentado como epicureu, ou partidário de Demócrito, ou peripatético, a matéria conviria à personagem. Mas na realidade o doutíssimo Celso sequer reparou que atribuía tal palavra a um judeu, que crê em muitos relatos dos escritos proféticos mais extraordinários do que a história da forma da pomba. Poderíamos dizer ao judeu que não acredita na aparição: mas tu, meu caro, como poderias provar que o Senhor Deus disse a Adão, Eva, Caim, Noé, Abraão, Isaac e Jacó aquilo que a Bíblia confirma que ele disse a estes seres humanos? E para comparar esta história com outra, direi ao judeu: teu Ezequiel também escreveu estas palavras: “Os céus se abriram e tive visões divinas”; e depois de tê-la narrado, acrescenta: “Era algo semelhante à Glória do Senhor. Ao vê-la, caí com o rosto em terra e ouvi a voz de alguém que falava comigo” (Ez 1,1.28; 2,1). Se aquilo que é relatado de Jesus é falso, uma vez que a teu ver não podemos provar com evidência a verdade do que só ele viu e ouviu, como também, como parece sustentar, “um dos condenados”, por que não dizemos nós com maior razão que também o próprio Ezequiel é vítima de ilusão quando diz: “Os céus se abriram...” etc.? Além disso, quando Isaías afirma: “Vi o Senhor sentado sobre um trono alto e elevado. A cauda de sua veste enchia o santuário. Acima dele, em pé, estavam serafins, cada um com seis asas...” (Is 6,1-2) etc., donde tiras a prova de que ele realmente viu? Pois tu, judeu, acreditaste que estas visões são verídicas e que o profeta, sob a influência do Espírito de Deus, não só as viu, mas também as contou e escreveu. Mas quem será mais digno de fé quando afirma que o céu lhe foi aberto e ele ouviu uma voz ou que ele viu “o Senhor sentado sobre um trono alto e elevado”? Isaías, Ezequiel ou Jesus? Dos primeiros não encontramos prova alguma tão sublime, ao passo que a bondade de Jesus pelos homens não se restringiu unicamente ao período de sua encarnação; e até esse dia seu poder realiza a conversão e a purificação dos costumes dos que creem em Deus por meio dele. E a prova evidente de que a conversão e a purificação se devem ao seu poder, como ele mesmo diz e a experiência confirma, é a escassez de operários que trabalhem em sua messe das almas, a messe tão abundante dos que são colhidos e introduzidos nas eiras de Deus espalhadas por toda parte, que são as igrejas.

44. Digo isto ao judeu, não porque eu, cristão que sou, me negue a crer em Ezequiel e em Isaías, mas para lhe inspirar vergonha graças a esses profetas nos quais acreditamos como ele: pois Jesus é muito mais digno de fé quando disse ter tido esta visão e contou a seus discípulos, como é provável, a visão que teve e a voz que ouviu. Outra objeção poderia ser esta: entre os que mencionaram por escrito a forma da pomba e a voz celeste, nem todos ouviram Jesus contar-lhes esta história. Mas o Espírito que ensinou a Moisés a história mais antiga do que ele, a que começa na criação e vai até a história de Abraão, seu antepassado, ensinou da mesma forma aos evangelistas o milagre que aconteceu no momento do batismo de Jesus. Aquele que foi ornado com o carisma que chamamos “palavra da sabedoria” há de explicar ainda a razão da abertura do céu e da forma da pomba, e por que o Espírito Santo não apareceu a Jesus sob a forma de outro ser vivo que não este. Mas a razão não exige que eu

me explique aqui: meu intuito é provar que Celso não foi criterioso ao atribuir a um judeu, com tais palavras, falta de fé num fato mais provável do que aqueles nos quais ele acredita.

45. Lembro-me de um dia ter usado um argumento como esse numa discussão com judeus cuja ciência todos gabavam, diante de numerosos juízes para dirimir uma questão: “Meus amigos, digam-me o que pensam: duas pessoas vieram ao gênero humano, das quais se narravam prodígios muito acima da natureza humana; quero dizer, Moisés vosso legislador, que escreveu sua própria história, e Jesus nosso mestre, que não deixou livro algum sobre ele, mas de quem seus discípulos dão testemunho nos evangelhos. Como é arbitrário acreditar que Moisés disse a verdade, embora os egípcios o tenham acusado de ser feiticeiro que parece ter feito seus milagres por bruxaria, e todavia não crer em Jesus, pois vós o acusais! De ambos dão testemunho diversos povos: os judeus, de Moisés; e os cristãos, longe de negarem a missão profética de Moisés, dele partem para provarem a verdade a respeito de Jesus e aceitam como verdadeiras as histórias milagrosas que seus discípulos dele contam. Portanto, se nos pedis a razão de nossa fé em Jesus, dai em primeiro lugar a de vossa fé em Moisés, porque ele viveu antes de Jesus, em seguida nós vos daremos a de nossa fé nele; se vos esquivais e recusais as provas a respeito de Moisés, então por ora fazemos como vós e não apresentamos provas. Reconheci, entretanto, que não tendes prova para apresentar a favor de Moisés e ouvi as provas tiradas da Lei e dos Profetas a favor de Jesus. Eis o paradoxo: que as provas que valem para Jesus na Lei e nos Profetas provem igualmente que Moisés e os profetas eram profetas de Deus.”

46. Mas a fé e os profetas estão cheios de elementos tão maravilhosos quanto o que se conta a respeito da pomba e da voz celeste no batismo de Jesus. E a prova, a meu ver, de que o Espírito Santo apareceu então na forma de pomba são os milagres realizados por Jesus, apesar das afirmações mentirosas de Celso, de que Jesus tenha aprendido no Egito a arte de operá-los. Mas não tirarei vantagem apenas daqueles, mas também, como convém, dos milagres que os apóstolos de Jesus operaram. Pois sem milagres e prodígios, eles não teriam levado os que ouviam doutrinas novas e ensinamentos novos a abandonar suas crenças ancestrais e aceitar, com o perigo de suas vidas, os ensinamentos que transmitiam. E do Espírito Santo que então apareceu sob a forma de pomba ainda subsistem sinais entre os cristãos: eles expulsam demônios, curam diversas enfermidades, e, sob a moção do Logos, têm certas visões do futuro. Ainda que eu provoque zombarias de Celso ou do judeu, seu porta-voz, por causa do que direi, assim mesmo direi: muitos chegaram ao cristianismo mais ou menos constrangidos, depois que certo espírito lhes transformou subitamente o coração, que passou do ódio à doutrina à resolução de morrer por ela, apresentando-lhes uma visão ou um sonho. Conheci muitos exemplos deste comportamento. Se eu os citasse por escrito, como testemunha ocular que deles fui, ofereceria um prato cheio à zombaria dos descrentes que haveriam de pensar que também eu estou a lhes contar disparates, assim como aqueles que forjaram tais ficções. Mas Deus é testemunha de minha consciência e de seu desejo de confirmar não por meio de histórias mentirosas, mas numa evidência rica de aspectos, o ensinamento divino de Jesus.

Mas como é um judeu que propõe dúvidas a respeito da história da descida do Espírito Santo sobre Jesus sob a forma de pomba, poderíamos replicar-lhe: dize-me, meu caro, quem é que fala nesta passagem de Isaías: “E agora o Senhor Iahweh me enviou com o seu espírito” (Is 48,16)? No texto a expressão é ambígua: será que o Pai e o Espírito Santo enviaram Jesus, ou será que o Pai enviou o Cristo e o Espírito Santo? A segunda interpretação é a verdadeira. E depois da missão do Salvador ocorreu a do Espírito Santo, para que se realizasse a palavra do profeta; mas era preciso que a realização da profecia fosse conhecida igualmente da posteridade; por isso os discípulos de Jesus escreveram o que havia acontecido.

47. Quereria dizer a Celso, quando põe em cena um judeu que admite de certa forma que João se apresente como batista a batizar Jesus: a existência de João Batista que batizava para a remissão dos pecados é relatada por um dos que viveram pouco depois de João e Jesus. De fato, no livro 18 de *Antiguidades judaicas*, Flávio Josefo registra que João batizava prometendo a purificação aos batizados. E o mesmo autor, embora não acreditasse que Jesus era o Cristo, procura a causa da queda de Jerusalém e da ruína do templo. Segundo ele, o atentado contra Jesus fora a causa destas desgraças para o povo, porque tinham condenado à morte o Cristo anunciado pelos profetas. Mas, apesar de tudo, ele não está longe da verdade ao afirmar que estas catástrofes aconteceram aos judeus para vingar Tiago, o Justo, irmão de Jesus chamado Cristo, porque o tinham matado, apesar de sua evidente inocência. A esse Tiago, Paulo, o verdadeiro discípulo de Jesus, diz que o viu e o chama de “irmão do Senhor”, não por causa de seu parentesco de sangue ou por sua educação comum, mas por seus costumes e doutrina. Portanto, se Josefo diz que as desgraças da devastação de Jerusalém aconteceram aos judeus por causa de Tiago, com quanto maior razão poderá afirmar que tais desgraças ocorreram por causa de Jesus Cristo, cuja divindade é atestada por tantas igrejas, integradas por homens que fugiram da devassidão e dos vícios, e se conservam unidos ao Criador e tudo referem à sua santa vontade.

Os sentidos espirituais

48. O judeu certamente pode ficar sem resposta a respeito de Ezequiel e Isaías, quando associa à história do céu que se abre por cima de Jesus enquanto ele ouve, da voz do alto, histórias semelhantes encontradas em Ezequiel, Isaías e algum outro profeta; quanto a mim, farei o que puder para dar aos meus argumentos a melhor fundamentação possível. Existe uma crença geral de que no sonho muitos se representam certas realidades divinas e certos sinais que anunciam acontecimentos futuros desta vida, claramente ou por meio de enigmas, e tudo se torna evidente para todos os que admitem uma providência; sendo assim, por que seria absurdo admitir que aquilo que atinge o espírito num sonho possa também atingir numa visão, para a utilidade da pessoa atingida ou dos que a ouvirão de viva voz? E assim como no sonho recebemos a impressão de que ouvimos e de que sons atingem nosso ouvido físico ou vemos com nossos olhos, embora nada atinja nem os olhos do corpo, nem o ouvido, mas porque o espírito recebe tais impressões, da mesma forma não existe nenhum absurdo que tal tenha sido o caso dos profetas, quando a Escritura relata que eles tiveram visões maravilhosas, ouviram as palavras do Senhor, viram o céu se entreabrir. Pois não acho que o céu sensível se tenha aberto e que sua realidade física, ao se entreabrir, tenha sido comunicada para permitir que Ezequiel pudesse descrever tal visão. Talvez por isso seja preciso que no caso do Salvador também o leitor sensato dos evangelhos admita a mesma coisa, ainda que escandalize os simples, que na sua grande simplicidade removem o mundo e rompem a imensa massa unificada de todo o céu.

Um exame aprofundado da questão nos convencerá de que, conforme a Escritura, existe uma espécie de gênero, um sentido divino, que só o bem-aventurado encontra no presente, nas palavras de Salomão: “Encontrarás o conhecimento de Deus” (Pr 2,5). E este conhecimento tem várias espécies: a vista, que pode fixar as realidades superiores aos corpos, e dela fazem parte os Querubins e os Serafins; o ouvido, que percebe os sons cuja realidade não está no ar; o paladar, para saborear o pão vivo que desceu do céu e dá a vida pelo mundo; da mesma forma, o olfato, que percebe aqueles perfumes de que fala Paulo, que diz ser ele mesmo “para Deus o bom odor de Cristo”; o tato, por cujo intermédio João afirma ter apalpado com suas mãos “o Verbo da vida” (1Jo 1,1). Tendo encontrado o sentido divino, os bem-aventurados profetas enxergavam divinamente, ouviam divinamente,

saboreavam e sentiam o odor da mesma forma, por assim dizer com um sentido que não é sensível; e apalpavam o Verbo pela fé, de tal forma que uma emanção lhes chegava vindo dele para curá-los. Assim eles viam o que escrevem ter visto, ouviam o que dizem ter ouvido, experimentavam sensações da mesma espécie quando comiam “o rolo”, no seu modo de dizer, de um livro que lhes era oferecido. Da mesma forma igualmente Isaac “respirou o odor das roupas” divinas de seu filho e pôde acrescentar à sua bênção espiritual: “Sim, o odor de meu filho é como o odor de campo fértil que o Senhor abençoou” (Gn 27,27). Do mesmo modo que vemos nestes exemplos e de maneira mais inteligível do que sensível, Jesus “tocou” no leproso para o curar duplamente, em meu entender, libertando-o não só, como o entende a multidão, da lepra sensível por seu toque sensível, mas também da outra lepra por seu toque verdadeiramente divino. Foi deste modo que “João deu testemunho, dizendo: ‘Vi o Espírito descer como uma pomba vinda do céu e permanecer sobre ele. Eu não o conhecia, mas aquele que me enviou para batizar com água disse-me: aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é o que batiza com o Espírito Santo. E eu vi e dou testemunho de que ele é o Eleito de Deus’” (Jo 1,32-34). Além disso, foi mesmo para Jesus que o céu se abriu; e naquele momento, de ninguém mais está escrito que viu o céu aberto. Mas o Salvador predisse a seus discípulos que eles, mais tarde, seriam testemunhas desta abertura do céu, e disse: “Em verdade, em verdade, vos digo: vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem” (Jo 1,51). Assim igualmente Paulo foi arrebatado ao terceiro céu, depois de o ter visto aberto, pois era discípulo de Jesus. Mas não vem a propósito explicar agora por que Paulo diz: “Se em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe” (2Cor 12,2).

Acrescentarei ainda a meu argumento a observação de Celso, quando pensa que o próprio Jesus teria falado do céu aberto e do Espírito Santo que desceu sobre ele sob a forma de pomba às margens do Jordão: a Escritura não mostra que ele tenha dito ter ele mesmo visto. Mas este homem excelente não percebe que dizer a seus discípulos o que foi visto e ouvido por João às margens do Jordão não seria conveniente ao que falou a seus discípulos sobre sua visão no monte: “Não conteis a ninguém essa visão, até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos” (Mt 17,9). Podemos observar que era realmente hábito constante de Jesus evitar sempre falar favoravelmente de si mesmo. Por isso diz ele: “Se eu der testemunho de mim mesmo, meu testemunho não será verdadeiro” (Jo 5,31). E como evitava falar de si mesmo e preferia mostrar por suas obras e não tanto por suas palavras que era o Cristo, os judeus lhe disseram: “Se és o Cristo, dize-nos abertamente” (Jo 10,24). E como é um judeu que, no escrito de Celso, fala a Jesus a respeito da vinda do Espírito Santo sob a forma de pomba: “Quem senão tu e algum de teus companheiros de suplício podes apresentar como testemunha”, é necessário mostrar a ele que atribui ao judeu o que não convém a sua personagem. Pois os judeus não veem conexão entre João e Jesus, nem entre seu suplício e o dele. Aí está mais uma prova flagrante de que quem se gaba de saber tudo não sabe que palavras atribuir à personagem judaica que se dirige a Jesus!

As profecias

49. Depois disto, não sei de que modo, o ponto capital da demonstração de Jesus, a saber, que foi predito pelos profetas judeus, por Moisés e pelos que lhe sucederam, talvez até pelos que o precederam, é voluntariamente omitido por ele, incapaz como era, penso eu, de refutar o argumento: pois nem os judeus, nem qualquer de suas seitas negaram que Jesus tenha sido predito. Mas talvez ele mesmo não conhecesse as profecias; se tivesse compreendido o que os cristãos afirmam, que muitos profetas predisseram a vinda do Salvador, ele não teria atribuído à personagem do judeu palavras que

convêm mais a samaritano ou a saduceu. E não poderia ser judeu quem disse em discurso fictício: *Mas meu profeta um dia disse em Jerusalém que o Filho de Deus viria fazer justiça aos santos e castigar os pecadores*. Pois não foi apenas um profeta que profetizou a respeito do Cristo. E ainda que os samaritanos e os saduceus, que aceitam apenas os livros de Moisés, afirmem que Cristo neles é profetizado, não foi com certeza em Jerusalém, que não é citada ainda no tempo de Moisés, que a profecia foi dita. Praza aos céus, portanto, que todos os acusadores do evangelho tenham uma ignorância igual não só dos fatos, mas também dos próprios textos da Escritura, e que ataquem o cristianismo sem que suas palavras tenham a menor possibilidade de afastar, não digo de sua fé, mas de sua exígua fé, as pessoas instáveis que creem “apenas por um momento”. Um judeu, porém, não proclamaria que um profeta disse que o Filho de Deus viria, pois o que dizem é que virá o Cristo de Deus. E muito mais, frequentemente eles nos fazem perguntas diretamente sobre o título de Filho de Deus, dizendo que tal entidade não existe e não foi profetizada. E não quero dizer que o Filho de Deus não foi predito pelos profetas, mas que está em desacordo com a personagem de um judeu, incapaz de dizer coisa semelhante, afirmar que ele disse: “Meu profeta disse um dia em Jerusalém que o Filho de Deus viria.”

50. A seguir, como se não fosse o único de quem se profetizou que ele faz justiça aos santos e castiga os pecadores, como se não houvesse nenhuma predição sobre o lugar de seu nascimento, a paixão que ele suportou da parte dos judeus, sua ressurreição, os milagres prodigiosos que ele realizaria, disse: *Por que seria antes a ti e não a uma infinidade de outros nascidos depois da profecia que se aplicaria o que foi profetizado?* Não sei por que ele quer atribuir a outros a possibilidade de conjecturar que eles mesmos são o objeto desta profecia, e acrescenta: *Uns, fanáticos, outros, mendigos, se declaram vindos do alto na qualidade de Filhos de Deus*. Não me consta que seja um fato reconhecido entre os judeus. Devemos, pois, responder em primeiro lugar que muitos profetas fizeram predições de muitas maneiras entre os judeus acerca de Cristo: uns por meio de enigmas, outros por alegoria ou outras figuras, e alguns mesmo literalmente. Em seguida, declara nas palavras fictícias do judeu aos fiéis de seu povo: as profecias referentes aos acontecimentos de sua vida podem igualmente ser adaptadas a outras realidades, e diz isto com habilidade maldosa; exporei então algumas dentre muitas; e a respeito delas, queira o leitor dizer o que pode fazer que elas caiam por terra e desviar da fé os fiéis crentes de inteligência perspicaz.

Em Belém de Judá

51. A respeito do lugar de seu nascimento foi dito que “o chefe sairá de Belém”. E eis de que modo: “Mas, tu, Belém, cidade de Éfrata, embora o menor dos clãs de Judá, de ti sairá para mim aquele que será dominador em Israel. Suas origens são de tempos antigos, de dias imemoráveis” (Mq 5,2). Esta profecia não se pode aplicar a nenhum dos que, conforme as palavras do judeu de Celso, são fanáticos ou mendigos e se declaram vindos do alto, se não ficou claramente demonstrado que ele nasceu em Belém, ou, em outras palavras, que veio de Belém para governar o povo. Mas, para se convencer de que Jesus nasceu em Belém, se alguém, depois da profecia de Miqueias e depois da história registrada nos evangelhos pelos discípulos de Jesus, desejar mais provas, mostra-se, é bom saber, de acordo com a história evangélica de seu nascimento, em Belém, a gruta em que ele nasceu, e, na gruta, a manjedoura em que foi envolvido em panos. E o que se mostra aí é famoso em toda a região, mesmo entre os estranhos à fé, pois nesta gruta nasceu este Jesus que os cristãos adoram e admiram. De minha parte, penso que antes da vinda de Cristo, os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo ensinavam, por causa da clareza evidente da profecia, que Cristo nasceria em Belém; e a notícia se

havia espalhado mesmo entre a maior parte dos judeus. Por isso, Herodes, conforme a Escritura, havendo-se informado junto aos príncipes dos sacerdotes e dos escribas do povo, viera a saber deles que o Cristo nasceria “em Belém de Judá”, lugar de origem de Davi. Além disso, está consignado no Evangelho de João que os judeus tinham dito que Cristo nasceria em Belém, lugar de origem de Davi. Mas depois da vinda de Cristo, os que procuraram destruir a ideia de que seu nascimento tinha sido predito desde o começo esconderam este ensinamento do povo. Foi esforço semelhante ao que se tentou persuadindo os soldados da guarda junto ao túmulo que o tinham visto ressuscitar dos mortos e o anunciavam por esta palavra de ordem dada às testemunhas: “Dizei que seus discípulos vieram de noite, enquanto dormíeis, e o roubaram. Se isto chegar aos ouvidos do governador, nós o convenceremos e vos deixaremos sem complicação” (Mt 28,13-14).

52. O amor à disputa e à prevenção dificilmente permitem encarar objetivamente até mesmo as coisas evidentes, para não se ter que abandonar doutrinas que impregnaram aqueles para os quais elas se tornaram uma espécie de hábito e com as quais formaram a alma. É muito mais fácil, em outros campos, abandonar hábitos, também inveterados, do que em matéria de doutrinas. Além disso, os habituados dificilmente abandonam seus hábitos: dessa forma, abandonar casas, cidades, aldeias, companheiros habituais não é coisa fácil para quem vive prevenido em seu favor. Foi esta, pois, a razão por que muitos judeus da época não puderam encarar em toda sua evidência as profecias e os milagres, o que Jesus fez e sofreu conforme a Escritura. Fica patente que a natureza humana é afligida com este obstáculo, se pensarmos na dificuldade que sentimos em mudar de opinião uma vez que ficamos na prevenção, ainda mesmo em favor das mais vergonhosas e mais fúteis tradições dos antepassados e concidadãos. Não será nada fácil, por exemplo, inspirar a um egípcio o desprezo de uma de suas tradições ancestrais, deixar de crer na divindade de certo animal sem razão ou evitar até à morte provar de sua carne. Se examinei longamente este ponto e expus com pormenores o caso de Belém e a profecia que se refere a este lugar, é porque eu pensava ser necessário assim fazer para responder à objeção: se tal era a evidência das profecias judaicas concernentes a Jesus, por que, quando ele veio, as pessoas não aderiram a seu ensinamento e não se converteram às doutrinas superiores que ele revelava? Mas é preciso evitar esse tipo de crítica àqueles que dentre nós acreditam, em vista das razões sérias de acreditar em Jesus apresentadas pelos que aprenderam a valorizá-las.

53. Mas se a respeito de Jesus ainda é necessária segunda profecia evidente para nós, citaremos a que foi escrita por Moisés, muitos anos antes da vinda de Jesus.

Ele afirma aí que Jacó, no momento de deixar esta vida, pronunciou profecias a cada um de seus filhos e disse entre outras coisas a Judá: “O príncipe não se afastará de Judá, nem o chefe de sua raça, até que venha aquele a quem está reservado ser o príncipe” (Gn 49,10). Ao lermos esta profecia, na verdade bem mais antiga do que Moisés, mas que algum infiel suspeitaria ser Moisés seu autor, admira-nos a maneira como Moisés predisse que os reis dos judeus, quando entre eles havia doze tribos, sairiam da tribo de Judá e governariam o povo; é a razão por que todos os homens deste povo são chamados judeus, do nome da tribo reinante. O segundo motivo de admiração, a uma leitura criteriosa da profecia, é a maneira como, depois de ter dito que os chefes e os príncipes do povo seriam da tribo de Judá, a profecia fixou o limite do governo destes, dizendo que o príncipe não se afastaria de Judá, nem o chefe de sua raça, “até que venha aquele a quem está reservado ser o príncipe, e ele próprio é a esperança das nações”. E de fato veio aquele a quem está reservado ser o príncipe, o Cristo de Deus, “o príncipe” das promessas de Deus. Com exclusão de todos os que o precederam, diria eu sozinho referindo-me também aos que o seguirão: ele é “a esperança das nações”, pois os

homens de todas as nações vieram a acreditar em Deus por seu intermédio, e as nações esperaram em seu nome conforme as palavras de Isaías: “Em seu nome esperarão todas as nações.” E aos “que estão cativos”, porque “todo homem está preso nos laços de seus pecados” (Pr 5,22), ele diz: “Saí”, e aos que vivem na ignorância: “Aparecei na luz”, para cumprimento da profecia: “Eu te pus por aliança do povo a fim de restaurar a terra, a fim de redistribuir as propriedades devastadas, a fim de dizer aos cativos: ‘Saí’, aos que estão nas trevas: ‘Aparecei’.” E na sua vinda podemos ver realizado pelos que creem com simplicidade em todos os lugares da terra, o cumprimento desta palavra: “Eles apascentarão junto aos caminhos, sobre todos os montes escarpados encontrarão pastagem” (Is 49,8-9).

A paixão

54. Como este homem que pretende saber tudo da Escritura critica o Salvador porque em sua paixão *não foi socorrido por seu Pai, nem se socorreu a si mesmo*, devemos deixar bem claro que esta paixão fora profetizada com sua razão de ser: era bom para os homens que ele morresse por eles e sofresse os tormentos devidos à sua condenação. Fora predito que até os povos gentios, embora os profetas não tivessem vivido entre eles, o reconheceriam, e fora anunciado que todos o veriam numa aparência miserável. A passagem é a seguinte: “Eis que meu servo há de prosperar, ele elevar-se-á, será exaltado, será posto nas alturas. Exatamente como multidões ficaram pasmadas à vista dele — tão desfigurado estava o seu aspecto e a sua forma que não parecia a de um homem — assim agora nações numerosas ficarão estupefactas a seu respeito, reis permanecerão silenciosos, ao verem coisas que não lhes haviam sido contadas e ao tomarem consciência de coisas que não tinham ouvido. Quem creu naquilo que ouvimos, e a quem se revelou o braço de Iahweh? Ele cresceu diante dele como um renovo, como raiz que brota de uma terra seca; não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar. Era desprezado e abandonado pelos homens, um homem sujeito à dor, familiarizado com a enfermidade, como uma pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fazíamos caso nenhum dele. E no entanto, eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava. Mas nós o tínhamos como vítima do castigo, ferido por Deus e humilhado. Mas ele foi trespassado por causa de nossas transgressões, esmagado em virtude de nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz, caiu sobre ele, sim, por suas feridas fomos curados. Todos nós como ovelhas andávamos errantes, seguindo cada um o seu próprio caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca, como um cordeiro conduzido ao matadouro; como uma ovelha que permanece muda na presença de seus tosquiadores, ele não abriu a boca. Após detenção e julgamento, foi preso. Dentre os seus contemporâneos, quem se preocupou com o fato de ter ele sido cortado da terra dos vivos, de ter sido conduzido à morte pela iniquidade do seu povo?” (Is 52,13-53,8).

55. Durante um debate com homens tidos como sábios entre os judeus, lembro-me de ter citado estas profecias. Ao que o judeu replicou que essas predições tinham em vista, na figura de um indivíduo, o conjunto do povo, disperso e ferido para que muitos prosélitos fossem conquistados na ocasião da dispersão dos judeus entre os outros povos. Desta forma ele interpretava as palavras: “Era desprezado e abandonado pelos homens”, “os que nada sabiam sobre ele verão”, “homem sujeito à dor”. Eu então aduzia para o debate diversos argumentos para provar que não existe nenhuma razão para aplicar ao conjunto do povo estas profecias que têm em mira um só indivíduo. Eu perguntava a que personagem se deveriam atribuir as palavras: “Eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava”; “Ele foi trespassado por causa de nossas transgressões, esmagado em virtude

de nossas iniquidades”; e a que personagem devemos atribuir estas palavras: “Por suas feridas fomos curados”. São obviamente palavras dos que viveram em seus pecados e foram curados pela paixão do Salvador, quer pertençam a este povo, quer sejam gentios: o profeta as tinha previsto e as tinha atribuído a eles pela ação do Espírito Santo. Mas pareceu que eu levantava a maior dificuldade com este texto: “Pelas iniquidades de meu povo ele foi conduzido à morte.” Pois se o objeto da profecia, segundo eles, é o povo, como se diz que ele é conduzido à morte “pelas iniquidades do povo” de Deus, se esse objeto da profecia não é senão o povo de Deus? Quem senão Jesus Cristo, por cujas feridas nós fomos curados, nós que cremos nele, quando despojou os Principados e as Autoridades, tornando-as objeto de desprezo público na cruz? (cf. Cl 2,15). Mas desenvolver cada um dos pontos contidos na profecia e não deixar nenhum sem exame fica para outra ocasião. Aí estão algumas considerações bastante longas, exigidas, a meu ver, pela passagem que citei do judeu de Celso.

As duas vindas de Cristo

56. Mas Celso, o seu judeu e todos os que não acreditam em Jesus não perceberam que as profecias falam de duas vindas de Cristo: a primeira, cheia de sofrimentos humanos e de humildade que permitiam a Cristo, vivendo no meio dos homens, ensinar o caminho que leva a Deus, sem deixar ninguém, durante a vida, a desculpa de ignorar o juízo vindouro; a segunda, unicamente gloriosa e divina, sem qualquer mistura de fraqueza humana com sua divindade. Seria muito longo citar as profecias; por ora basta que citemos o Salmo 44, que, entre outras coisas, tem o título de “cântico do bem-amado”. Cristo aparece neste salmo claramente proclamado como Deus nestas palavras: “A graça escorre dos teus lábios, porque Deus te abençoa para sempre. Cinge a tua espada sobre a coxa, ó valente, com majestade e esplendor; vai, cavalga pela causa da verdade, da pobreza e da justiça, e tua direita abrirá um caminho prodigioso para ti. Tuas flechas são agudas, os povos submetem-se a ti, os inimigos do rei perdem a coragem.” Mas observe atentamente na sequência em que aparece o nome de Deus: “Teu trono é de Deus, para sempre e eternamente! O cetro do teu reino é cetro de re-tidão! Amas a justiça e odeias a impiedade. Eis por que Deus, o teu Deus, ungiu-te com o óleo da alegria, como a nenhum dos teus rivais” (Sl 44,3-8). Observe que o profeta dirige-se a um Deus cujo “trono é de Deus para sempre e eternamente” e “o cetro de seu reino é cetro de retidão”; e ele declara que este Deus recebeu a unção de um Deus que era seu Deus e lhe deu a unção porque, “como a nenhum de seus rivais”, “ele ama a justiça e odeia a impiedade”. E me lembro mesmo de ter, por esta palavra, posto em grande dificuldade o judeu considerado como sábio. Embaraçado para dar uma resposta em consonância com seu judaísmo, ele diz: é ao Deus do universo que se dirigem estas palavras: “Teu trono é de Deus para sempre e eternamente! O cetro de teu reino é um cetro de retidão”, mas a Cristo: “Amas a justiça e odeias a impiedade. Eis por que Deus, o teu Deus, te ungiu” etc.

Filiação divina

57. Seu judeu declara, ainda, dirigindo-se ao Salvador: *Se dizes quer todo homem nascido de acordo com a divina Providência é filho de Deus, em que és superior a outro?* Ao que responderei: todo homem que, segundo as palavras de Paulo, já não é levado pelo temor, mas abraça a virtude pela virtude, é filho de Deus. Mas Cristo é infinitamente superior a quem quer que receba por sua virtude o título de filho de Deus, uma vez que ele é sua origem e princípio. Eis a passagem de Paulo: “Com efeito, não recebestes um espírito de escravos, para recair no temor, mas recebestes um espírito de filhos adotivos, pelo qual clamamos: Abba! Pai!” (Rm 8,14-15). Mas, diz o judeu de Celso, *outros aos*

milhares refutarão a Jesus afirmando que a eles mesmos se aplica o que foi profetizado a respeito dele. Realmente, não sei se Celso conheceu pessoas que, depois de terem vindo a esta vida, quiseram rivalizar com Jesus e se proclamar a si mesmos filhos de Deus ou poder de Deus. Mas, como eu examino com lealdade as objeções como elas se apresentam, direi: certo Teudas nasceu na Judeia antes do nascimento de Jesus, e se declarou “um grande personagem”; por ocasião de sua morte, aqueles que ele iludira se dispersaram. Depois dele, “nos dias do recenseamento”, pela época, ao que parece, em que Jesus nasceu, certo Judas Galileu atraiu a si numerosos adeptos no meio do povo judeu, ao se apresentar como sábio e inovador. Depois de ele também ter sido castigado, seu ensinamento se extinguiu, encontrando alguma sobrevivência apenas em pequeno número de pessoas insignificantes. E depois do tempo de Jesus, Dosifeu da Samaria quis convencer os samaritanos que ele era o Cristo em pessoa predito por Moisés, e pareceu, por seu ensinamento, ter conquistado alguns adeptos. Mas a advertência de Gamaliel, relatada nos Atos dos Apóstolos, pode ser razoavelmente citada para mostrar que estes homens nada tinham a ver com a promessa, por não serem nem filhos nem poderes de Deus, ao passo que Cristo Jesus era verdadeiramente o Filho de Deus. E Gamaliel disse então: “Se seu intento ou sua obra provém dos homens, destruir-se-á por si mesma”, como se desfizeram as daqueles quando morreram, “se vem de Deus, porém, não podereis destruí-los. E não aconteça que vos encontreis movendo guerra a Deus” (At 5,38-39). Além disso, Simão, o mago da Samaria, quis pela magia atrair certos homens, e conseguiu seduzir alguns, mas hoje de todos os sequazes de Simão não encontraremos nem trinta, creio eu, etalvez eu esteja exagerando o número. São muito poucos na Palestina, e em nenhum ponto da terra seu nome tem esta glória que ele quis espalhar em volta de sua pessoa. Pois onde ele é citado, assim o é segundo os Atos dos Apóstolos; são cristãos os que o mencionam, e a evidência provou que Simão não era absolutamente divino.

Os magos e a estrela

58. Depois disso, o judeu de Celso, em vez de falar dos magos do evangelho, fala dos caldeus, e afirma: *Alguns caldeus, segundo Jesus, foram levados ao local de seu nascimento para o adorarem como Deus, embora ainda fosse criancinha. Revelaram ao tetrarca Herodes sua intenção; mas ele mandou matar as crianças nascidas no mesmo tempo, pensando assim eliminá-lo com elas, temendo que, se ele sobrevivesse muito tempo, não obteria a realeza.* Aí está, portanto, a confusão de um homem que não distingue magos de caldeus, não percebe a diferença das doutrinas que eles professam, e conseqüentemente falsifica o texto evangélico! E não sei por que não menciona o que moveu os magos, e não disse que era “uma estrela” vista por eles “no Oriente”, conforme as Escrituras. Vejamos então o que devemos responder. A estrela que eles viram no Oriente era nova, creio eu, e não era parecida com nenhuma das estrelas comuns, nem com as do firmamento, nem com as dos orbes inferiores, mas era do gênero daquelas que aparecem ocasionalmente: meteoros com aparência de cabeleira, pequena trave, barba, tonel; ou algum outro termo de comparação com que os gregos gostam de caracterizar suas formas diversas. Estabeleço este ponto da maneira seguinte.

59. Observou-se, por ocasião dos grandes acontecimentos e das mudanças mais consideráveis que ocorrem na terra, que surgem tais astros indicando mudanças de reinado, de guerras e de tudo o que pode ocorrer entre os seres humanos e provocar abalos no mundo terrestre. Li no tratado *Sobre os cometas*, de Cairemon, o Estoico, como acontece às vezes de cometas surgirem com a aproximação de acontecimentos felizes, e cita diversos exemplos. Portanto, se por ocasião de novos reinados ou de outros acontecimentos importantes na terra surge um “cometa” ou algum dos astros semelhantes, que há de espantoso que um astro tenha surgido no nascimento daquele que haveria de abrir novos

caminhos para a raça humana e introduzir sua doutrina, não só entre os judeus, mas ainda entre muitos gregos e entre os povos bárbaros? Quanto a mim, posso dizer: com relação aos cometas, nenhuma profecia é referida que sob tal reinado, em tal época, surgiria tal cometa; mas sobre o astro que surgiu no nascimento de Jesus, Balaão profetizou dizendo, como observou Moisés: “Um astro procedente de Jacó se torna chefe, um cetro se levanta, procedente de Israel” (Nm 24,17). E se ainda for necessário examinar o que a Escritura diz dos magos no nascimento de Jesus, e do aparecimento da estrela, aqui vão algumas observações que eu poderia apresentar, umas aos gregos e outras aos judeus.

60. Direi então aos gregos: os magos têm comércio com os demônios e os invocam segundo sua arte e seus planos. Eles têm tanto êxito enquanto não surge algo mais divino e mais poderoso do que os demônios e enquanto o encantamento que os evoca não é pronunciado. Mas quando aparece uma manifestação mais divina, os poderes dos demônios são destruídos, incapazes de resistir à luz da divindade. Portanto, é provável também que no nascimento de Jesus, quando “uma multidão do exército celeste”, como descreve Lucas e disso estou convencido, louvou a Deus e disse: “Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens que ele ama!” (Lc 2,13-14), por isso, os demônios perderam seu vigor e sua força; sua magia foi confundida e seu poder cessou; foram derrotados não só pela vinda dos anjos nos arredores daquela terra pelo nascimento de Jesus, mas também pela alma de Jesus e pela divindade nele presente. Assim sendo, os magos querendo realizar como antes seus habituais encantamentos e feitiçarias e não conseguindo nada, procuraram saber a causa cuja importância eles compreendiam. Ao notarem o sinal do céu, desejaram ver o que ele indicava. No meu entender, pois, de posse das profecias de Balaão relatadas por Moisés, também ele entendido nesta arte, eles encontraram aí a propósito da estrela estas palavras: “Eu o vejo — mas não agora, eu o contemplo — mas não de perto” (Nm 24,17). Eles conjecturaram que o homem previsto com a estrela tinha chegado à vida presente e, acolhendo-o como superior a todos os demônios e aos seres que habitualmente lhes apareciam e manifestavam seu poder, quiseram “adorá-lo”. Foram então à Judeia porque estavam convencidos de que tinha nascido um rei, mas sem saberem a natureza de sua realeza e porque conheciam a terra onde ele nasceria. Traziam “presentes” que ofereceram a alguém que ao mesmo tempo, por assim dizer, possui a condição de Deus e de homem mortal, e presentes simbólicos: o ouro de sua realeza, a mirra de sua mortalidade, o incenso de sua divindade; eles “ofereceram” estes presentes depois de se terem informado sobre o lugar de seu nascimento. Mas como ele era Deus, este Salvador do gênero humano elevado muito acima dos anjos que prestam socorro aos homens, um anjo recompensou a piedade dos magos em adorar a Jesus e os avisou que não fossem a Herodes, mas voltassem à sua terra por outro caminho.

61. Não é de admirar que Herodes tenha tramado uma conspiração contra o recém-nascido, ainda que o judeu de Celso se negue a acreditar: a maldade é cega e, pretendendo ser mais forte que o destino, gostaria de vencê-lo. Com este sentimento, Herodes acreditou no nascimento do rei dos judeus, mas tomou uma decisão em desacordo com esta crença, sem ter visto o dilema: ou de fato ele era rei e reinaria, ou ele não reinaria, e querer sua morte seria inútil. Desejou, pois, matá-lo, tendo por causa de sua maldade juízos discordantes, levado como era pelo diabo cego e mau que, desde a origem, conspirava contra o Salvador, e pressagiando que Aquele era e se tornaria grande personagem. Entretanto, embora Celso se recusasse a crer, um anjo que andava vigilante com os acontecimentos vindouros, avisou José dizendo-lhe que fugisse para o Egito com a criança e sua mãe; mas Herodes mandou matar todas as crianças de Belém e arredores, esperando assim eliminar o rei dos judeus que acabava de nascer. Não via o Poder sempre vigilante que protege os que merecem ser guardados com cuidado pela salvação da humanidade. Em primeiro lugar, superior a todos em honra e em excelência,

encontrava-se Jesus: ele seria rei, não no sentido como Herodes o entendia, mas no sentido que convinha que Deus lhe conferisse a realeza, para benefício dos que estariam sob a sua lei: a ele que não concederia a seus súditos um benefício ordinário e por assim dizer indiferente, mas formá-los e submetê-los a leis que são realmente as de Deus. Também isto Jesus sabia: ele negava ser rei no sentido em que o entende a multidão, e ensinou a excelência de sua realeza pessoal nestas palavras: “Se meu reino fosse deste mundo, meus súditos teriam combatido para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas meu reino não é daqui” (Jo 18,36). *Se Celso tivesse visto isto, não teria dito: Se fosse por temor de que, uma vez adulto, reinasses em seu lugar, por que, agora que és adulto, não reinas, tu que és o Filho de Deus, em vez de mendigar tão covardemente, curvando a espinha de medo, e consumindo-te por montes e vales?* Mas não existe nenhuma covardia quando alguém evita com prudência expor-se aos perigos, não por medo da morte, mas para socorrer utilmente os outros continuando a viver até que venha a hora oportuna para que Aquele que assumira uma natureza humana morra morte de homem, útil aos homens; é evidência para quem compreendeu que Jesus morreu pela salvação dos homens, como disse anteriormente da melhor maneira que pude.

Os apóstolos

62. Depois disso, ignorando até o número dos apóstolos, diz ele: *Depois de arregimentar dez ou onze homens desacreditados, publicanos e marinheiros muito miseráveis, Jesus fugiu com eles de um lado para outro, mendigando sua subsistência de maneira vergonhosa e sórdida.* Pois bem! Vamos discutir este assunto da melhor maneira possível. Pela leitura dos evangelhos, fica evidente que Celso parece não ter lido sequer que Jesus escolheu doze apóstolos. De publicano só havia Mateus. Entre os que ele chama de marinheiros, designa talvez Tiago e João, porque deixaram sua barca e seu pai Zebedeu e seguiram a Jesus. Pois Pedro e André que manejavam a rede para garantirem sua subsistência não devem ser incluídos entre os marinheiros, mas, conforme a expressão da Escritura, entre os pescadores. Admitamos também como publicano Levi, que seguiu a Jesus; mas ele não fazia parte dos apóstolos, embora alguns manuscritos do Evangelho de Marcos o considerem. Dos demais ignoramos as profissões com que ganhavam a vida antes de serem discípulos de Jesus.

Respondo: um exame sensato e criterioso da conduta dos apóstolos de Jesus mostra que, pelo poder divino, eles ensinavam o cristianismo e conseguiam submeter os homens à palavra de Deus. Não possuíam nem eloquência natural nem ordenação de sua mensagem conforme os procedimentos dialéticos e retóricos dos gregos, que seduzem seus ouvintes. Mas me parece que se Jesus tinha escolhido homens sábios diante da opinião pública, capazes de entender e expressar ideias apreciadas pelas multidões, para deles fazer os ministros de seu ensinamento, daria com razão ensejo à suspeita de ter pregado conforme método semelhante aos dos filósofos chefes de escola, e o caráter divino de sua doutrina não teria aparecido em toda a sua evidência. Sua doutrina e pregação teriam consistido em discursos persuasivos da sabedoria com o estilo e a composição literária. Nossa fé, semelhante à que damos às doutrinas dos filósofos deste mundo, teria por fundamento “a sabedoria dos homens” e não “o poder de Deus”. Mas ao ver pescadores e publicanos que não tinham sequer os primeiros rudimentos das letras — conforme a apresentação que deles faz o evangelho, e Celso acredita que sejam verazes sobre sua falta de cultura — tão ousados não só em tratar com os judeus a respeito da fé em Jesus Cristo, mas também em pregar ao resto do mundo e obter êxito, como não investigar a origem de seu poder de persuasão? Pois não era a que as multidões esperam. E quem não reconheceria que sua palavra: “Segui-me e eu farei de vós pescadores de homens” (Mt 4,19), Jesus a realizou por poder divino em seus apóstolos? Também Paulo, como eu disse acima, a propõe nestes termos:

“Minha palavra e minha pregação nada tinham de persuasiva linguagem da sabedoria, mas eram uma demonstração de Espírito e poder, a fim de que a vossa fé não se baseie sobre a sabedoria dos homens, mas sobre o poder de Deus” (1Cor 2,4-5). Pois de acordo com o que se diz nos profetas quando anunciam com seu conhecimento antecipado a pregação do evangelho, “o Senhor dará sua palavra aos mensageiros com grande poder, o rei dos exércitos do bem-amado” (Sl 67,12-13), para que seja realizada esta profecia: “para que sua palavra corra com rapidez” (Sl 147,4). E de fato vemos que “a voz” dos apóstolos de Jesus “aparece por toda a terra, e suas palavras até os confins do mundo” (Sl 18,5). É por isso que estão cobertos de poder os que ouvem a palavra de Deus anunciada com poder, e eles a manifestam por sua disposição de alma, sua conduta e sua luta até à morte pela verdade. Mas existem pessoas com a alma vazia, ainda que façam profissão de fé em Deus por Jesus Cristo; por não estarem sob a influência do poder divino, eles aderem à palavra de Deus apenas aparentemente.

Embora já tenha lembrado acima uma palavra pronunciada pelo Salvador no evangelho, dela ainda farei uso proveitoso aqui oportunamente para lembrar a presciência plenamente divina manifestada por nosso Salvador sobre a pregação do evangelho e a força de sua palavra que, sem a ajuda de mestre, conquista os fiéis crentes persuadindo-os com poder divino. Eis portanto o que diz Jesus: “A colheita é grande, mas poucos os operários! Pedi, pois, ao Senhor da colheita que envie operários para a sua colheita” (Mt 9,37-38).

63. Celso tratou os apóstolos de Jesus como homens desacreditados, chamando-os “publicanos e marinheiros muito miseráveis”. Também neste particular direi: ele dá a impressão ora de acreditar nas Escrituras, conforme lhe pareça bem, para criticar o cristianismo, ora, de não acreditar mais nos evangelhos, para não ter de admitir a divindade manifestamente anunciada nos mesmos livros. Vendo a sinceridade dos escritores em sua maneira de contar o que é desvantajoso, seria preciso acreditar igualmente naquilo que é divino. Com razão está escrito, na epístola católica de Barnabé, em que Celso talvez tenha se inspirado para dizer que os apóstolos de Jesus eram homens desacreditados e muito miseráveis, que “Jesus escolheu seus próprios apóstolos, que eram homens culpados dos piores pecados.” E no Evangelho de Lucas, Pedro diz a Jesus: “Afasta-te de mim, Senhor, porque sou pecador” (Lc 5,8). Paulo declara igualmente na carta a Timóteo, ele que se fizera apóstolo de Jesus tardiamente: “Fiel é esta palavra e digna de toda aceitação: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro” (1Tm 1,15). Mas, inexplicavelmente, Celso esqueceu ou não se preocupou em mencionar Paulo como fundador, depois de Jesus, das igrejas cristãs. Certamente ele via que era necessário, falando de Paulo, dar-se conta do fato de que, depois de ter perseguido a Igreja de Deus e cruelmente combatido os fiéis até querer mandar matar os discípulos de Jesus, ele se convertera em seguida muito profundamente para, “desde Jerusalém e arredores até a Ilíria, levar a termo o anúncio do evangelho de Cristo, fazendo questão de anunciar o evangelho onde o nome de Cristo ainda não era conhecido, para não construir sobre alicerces lançados por outros” (Rm 15,19-21). Que absurdo então haverá no fato de Jesus, no intuito de mostrar ao gênero humano que poder ele possui de curar as almas, ter escolhido homens desacreditados e muito miseráveis e de tê-los feito progredir até se tornarem o exemplo da virtude mais pura para aqueles aos quais eles levam o evangelho de Cristo?

64. Se devêssemos censurar aos que se converteram por sua vida pregressa, seria oportuno acusar igualmente Fédon, por melhor filósofo que tenha sido, pois Sócrates, como a história o atesta, o fez passar de um lugar de devassidão ao estudo da filosofia. E também a libertinagem de Polêmon, sucessor de Xenócrates, envergonharia a filosofia. Mas nos exemplos acima, em seu louvor devemos dizer que a razão se mostrou capaz, nos que manipularam a persuasão, de tirar de vícios tão graves os

que inicialmente neles foram mergulhados. E entre os gregos, somente Fédon — não sei se houve segundo — e unicamente Polêmon passaram de uma vida de devassidão desenfreada à prática da filosofia; no caso de Jesus, não só os Doze de então, mas continuamente e em número bem maior os que se tornaram um coro de sábios falam de sua vida anterior: “Porque também nós antigamente éramos insensatos, desobedientes, extraviados, escravos de toda sorte de paixões e de prazeres, vivendo em malícias e inveja, odiosos e odiando uns aos outros. Mas, quando a bondade e o amor de Deus, nosso Salvador, se manifestaram”, nós nos tornamos o que somos, “pelo banho de regeneração e renovação do Espírito que ele ricamente derramou sobre nós” (Tt 3,3-6). Pois Deus “enviou seu Logos para curá-los e da cova preservar a sua vida” (Sl 106,20), como ensina o profeta dos Salmos. Poderia acrescentar a estas citações o seguinte: Crísipo, para reprimir as paixões das almas humanas, sem se preocupar com o grau de verdade de uma doutrina, tenta em sua Arte de curar as paixões cuidar, conforme as diferentes escolas, daqueles cuja alma estava mergulhada nestas paixões, e diz: Se o prazer é o fim, é nesta perspectiva que devemos cuidar das paixões; se existem três espécies de bens, também importa segundo esta doutrina libertar de suas paixões os que elas entravam. Mas os acusadores do cristianismo não veem o grande número de homens cujas paixões e devassidão são reprimidas ou cujas características selvagens são suavizadas em razão de nossa doutrina. Para estas pessoas que preconizam o bem comum, era dever confessar seu reconhecimento a este evangelho que por novo método tirou os homens de tantos vícios; e muito mais, era dever dar testemunho, se não da verdade, pelo menos de sua utilidade para o gênero humano.

65. Jesus, querendo ensinar a seus discípulos a não serem temerários, lhes dizia: “Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para a outra. E se vos perseguirem nesta, tornai a fugir para terceira” (Mt 10,23). E lhes dava o exemplo de vida bem ordenada, tendo cuidado de não enfrentar os perigos levemente, fora de propósito e sem razão. Também isto Celso deturpa e calunia, e seu judeu diz a Jesus: *Com teus discípulos foges de um lado para outro.* Eu diria que a calúnia forjada por ele contra Jesus e seus discípulos lembra este tópico histórico de Aristóteles: ao ver que iam formar um tribunal para o acusar de impiedade, por causa de certas teses de sua filosofia que os atenienses condenavam como ímpias, saiu de Atenas e estabeleceu sua escola em Cálcis, depois de pedir desculpas a seus amigos com estas palavras: “Afastemo-nos de Atenas para não darmos aos atenienses ocasião de se ocuparem com segundo crime, semelhante ao crime cometido contra Sócrates, e evitar segunda impiedade contra a filosofia.” Celso acrescenta: *Jesus ia de um lado para outro com seus discípulos, mendigando sua subsistência de maneira vergonhosa e sórdida.* Diga-nos ele de onde deduz ser vergonhoso e sórdido pedir esmolas! Pois nos evangelhos “algumas mulheres”, curadas de suas enfermidades, entre as quais ainda estava “Susana”, serviam os discípulos “com seus bens” (Lc 8, 2-3). Qual o filósofo ou o mestre, dedicado ao serviço de seus familiares, que não recebeu deles os recursos com que socorrer as suas necessidades? Se da parte destes era conveniente e virtuoso esta forma de agir, por que Celso acusa os discípulos de Jesus de mendicância vergonhosa e sórdida?

Verdadeiros e falsos feitos maravilhosos

66. Depois destas observações, o judeu de Celso diz a Jesus: *Por que então seria preciso, quando ainda eras criança, te transportar para o Egito para escapares do massacre? Não era conveniente que um Deus tivesse medo da morte! Mas um anjo veio do céu para te ordenar a ti e aos teus que todos fugissem para que ninguém os surpreendesse e matasse. Se tivesses ficado onde estavas, tu, seu próprio filho, seria impotente o grande Deus que já havia enviado dois anjos por causa de ti?* Celso pensa, conforme esse texto, que para nós nada existe de divino no corpo humano e na alma de Jesus, e

até que seu corpo não tinha a natureza que imaginam os mitos de Homero. Escarnecendo então do sangue de Jesus derramado na cruz, ele diz que não era “aquele sangue que corre nas veias das divindades benditas”. Mas nós cremos no próprio Jesus, quando se refere à divindade que está nele: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6) e quando diz palavras semelhantes, ou quando declara, por estar num corpo humano: “Vós porém procurais matar-me, a mim que vos falei a verdade” (Jo 8,40), e nós afirmamos que ele foi uma espécie de ser composto. Cuidando de vir a esta vida como homem, era preciso que não se expusesse inoportunamente ao perigo de morte. Por isso devia ser conduzido por seus pais, dirigidos por um anjo de Deus. O mensageiro diz inicialmente: “José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do espírito Santo” (Mt 1,20); e em seguida: “Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito. Fica lá até que eu te avise, porque Herodes procurará o menino para o matar” (Mt 2,13). O que está escrito aí não me parece de forma alguma extraordinário. Foi em sonho que o anjo assim falou a José, como atestam as duas passagens da Escritura: mas, a revelação feita em sonho a certas pessoas acerca da conduta a ser observada chegou a muitos outros cuja alma recebe impressões de um anjo ou algum outro ser. Que haverá então de absurdo no fato de, tendo entrado na natureza humana, Jesus ser igualmente dirigido conforme a conduta humana para evitar os perigos, não que algum outro método tenha sido impossível, mas porque era preciso recorrer aos meios e às disposições humanas para garantir sua proteção. E de fato era melhor que o menino Jesus evitasse a conspiração de Herodes e partisse com seus pais para o Egito até a morte do autor da conspiração, e que a providência velando por Jesus não impedisse a liberdade de Herodes de querer matar o menino, ou mesmo não colocasse em volta de Jesus “o capacete do Hades” dos poetas ou coisa semelhante, ou então não ferisse como os de Sodoma os que vinham matá-lo. Pois um modo totalmente extraordinário e por demais espantoso de socorrê-lo ter-se-ia transformado em obstáculo a seu plano de ensinar como um homem que recebe de Deus o testemunho de que, no homem que os olhos viam, havia algo de divino; e aquele que chamamos Cristo era no sentido próprio o Filho de Deus, Deus Logos, poder de Deus e sabedoria de Deus. Mas não é hora de tratar do ser composto e dos elementos de que Jesus era formado feito homem, pois este assunto, por assim dizer, serve a um debate de família entre pessoas de fé.

67. Depois disso, o judeu de Celso declara, como um grego amigo do saber e instruído na literatura grega: *Os antigos mitos que atribuem a Perseu, Anfíon, Éaco e Minos um nascimento divino — e nós não lhes damos qualquer crédito — mostram pelo menos com complacência suas obras grandiosas, admiráveis e realmente sobre-humanas, para não parecerem indignas de fé. Mas tu, que apresentaste de bom ou admirável em obras ou palavras? Nada podes mostrar-nos apesar de teres sido intimado no templo a apresentar um sinal claro de que és o Filho de Deus.* A isto devemos responder: que os gregos nos mostrem, de algum daqueles que acabam de ser enumerados, uma obra útil para a vida, brilhante, cuja influência se estendeu à posteridade e que seja capaz de dar alguma verossimilhança ao mito que lhes atribui nascimento divino! Na verdade, porém, eles nada mostrarão sobre os heróis cuja história escreveram que ao menos de longe se pareça com os feitos realizados por Jesus. A não ser que, por acaso, os gregos nos remetam a seus mitos e a outras histórias e queiram que, com relação aos mitos, sejamos irracionalmente crédulos, e com relação às histórias, apesar de uma evidência flagrante, que sejamos incrédulos. Nós, porém, afirmamos: toda a terra dos homens carrega a obra de Jesus; nela residem, graças a Jesus, as igrejas de Deus compostas de homens convertidos de inúmeros pecados. Além disso, o nome de Jesus expulsa dos homens os extravios do espírito, os demônios e, ainda hoje, as doenças; e faz nascer maravilhosamente suavidade, moderação de caráter, sentimento de humanidade, bondade, mansidão com os que não fingem aceitar, por vantagens ou necessidades da

vida, mas aceitam verdadeiramente a doutrina sobre Deus, Cristo e o juízo vindouro.

68. A seguir, conjeturando sobre a realidade das grandes obras realizadas por Jesus que poderíamos apresentar, das quais mencionei apenas uma parte ínfima, Celso afeta conceder a verdade de *tudo o que está escrito sobre as curas, a ressurreição, de alguns pães que alimentaram a multidão e dos quais restaram muitos pedaços, e de tudo o que os discípulos, à força de tantas maravilhas, pensa ele, contaram mais. Pois bem! Acrescenta ele, vamos crer que realizaste tais obras!* E logo as compara às obras dos feiticeiros que prometem realizar coisas bem espantosas, e aos feitos dos discípulos dos egípcios: *eles vendem no meio das praças públicas por alguns óbolos seus segredos veneráveis, expulsam os demônios dos homens, curam com um sopro as doenças, evocam as almas dos heróis, exibem lutas refeições, mesas de finos manjares e alimentos de toda espécie na verdade inexistentes, fazem mover-se como vivo o que realmente não é, mas assim parece-lhes na imaginação. Deveríamos então, continua ele, acreditar que estes trapaceiros são filhos de Deus, ou então reconhecer práticas de homens perversos e possessos de gênios maus?*

Por tais palavras vemos, pois, como ele parece admitir a existência da magia. Não sei se ele também é o autor de diversas obras contra a magia. Mas, julgando útil ao seu objetivo, ele compara os atos que relatamos de Jesus aos efeitos da magia. Estes atos lhes seriam bem semelhantes se Jesus, desde logo, os tivesse feito alardeado numa vã exibição, à maneira dos mágicos. De fato, porém, nenhum feiticeiro por suas artes convoca os seus espectadores a uma reforma dos costumes, nem ensina o temor de Deus aos que o espetáculo deixa pasmados, nem procura persuadir as testemunhas a que vivam como homens que serão julgados por Deus. Os feiticeiros nada fazem de semelhante, pois não têm o poder, nem o desejo, nem a vontade de tratar de corrigir os homens, cheios eles mesmos dos pecados mais vergonhosos e mais infames. Porém Jesus só realizava seus milagres para convidar os espectadores à reforma dos costumes: não seria natural que ele se apresentasse não só a seus verdadeiros discípulos, mas também ao resto da humanidade como o modelo da vida mais excelente? Aos seus discípulos para que se dedicassem ao ensino dos homens conforme a vontade de Deus; ao resto da humanidade para que, instruída por sua doutrina e por seus costumes no tocante à maneira de viver como deve, tudo faça ela para agradar ao Deus supremo. Mas, se a vida de Jesus tinha tal característica, como compará-la razoavelmente às pretensões dos feiticeiros, e não acreditar que, conforme a promessa de Deus, ele é Deus manifestado num corpo de homem para o bem de nossa raça?

O corpo de Jesus

69. Depois disso, Celso confunde o cristianismo com as declarações de certa seita, como se os cristãos as aprovassem, e dirige estas acusações a todos os que creem na palavra divina: *O corpo de um Deus não pode ser como o teu.* Responderei: quando veio a este mundo, Jesus assumiu um corpo da forma como vem da mulher, humano e sujeito à morte humana. Por esta razão entre outras mais, nós afirmamos que ele foi um grande lutador, em razão de seu corpo humano “provado em tudo” como todos os homens, não porém como os homens pecadores, mas absolutamente “sem pecado” (Hb 4,15). Pois vemos claramente esta verdade: “não cometeu pecado nem houve engano em sua boca” (Is 53,9), e a ele “que não conheceu pecado”, Deus o entregou, vítima pura, por todos os que pecaram (cf. 2Cor 5,21). Celso a seguir afirma: *O corpo de um Deus não teria sido gerado como tu, Jesus, foste gerado.* Ele, porém, desconfiava de que se ele tivesse nascido como diz a Escritura, seu corpo poderia ser bem mais divino do que todos os outros e, em certo sentido, seria o corpo de um Deus. Infelizmente, ele não crê no que está escrito sobre sua concepção pelo Espírito Santo, mas crê que foi gerado por um

certo Pantera, sedutor da Virgem; por isso diz ele: “O corpo de um Deus não teria sido gerado como o teu foi gerado”. Mas a esse respeito já falei extensamente acima.

70. Ele diz que *o corpo de um Deus não se alimenta deste modo*: como se ele pudesse estabelecer pelos escritos evangélicos que Jesus se alimentava e com que espécie de alimentos! Mas, ainda que ele diga que Jesus comeu a Páscoa com seus discípulos e não se contentou apenas em dizer: “Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco” (Lc 22,15), mas que de fato a comeu; ainda que diga que, tendo sede no poço de Jacó, ele bebeu da água (cf. Jo 4,6-7), em que isto contradiz o que afirmamos do seu corpo? E parece claramente que ele comeu peixe depois de sua ressurreição (cf. Jo 21,13). Segundo o que afirmamos, efetivamente, ele assumiu um corpo, pois nasceu de mulher (cf. Gl 4,4).

Celso afirma: *O corpo de um Deus não usa uma voz como a tua, nem se serve de semelhante método de persuasão*. É outra objeção sem valor e absolutamente desprezível. Bastará responder-lhe: Apolo de Delfos e o de Dídimos, um deus segundo a fé dos gregos, usa uma voz semelhante a da Pítia ou da profetisa de Mileto: para os gregos não é razão de rejeitar a divindade de Apolo de Delfos ou de Dídimos ou de qualquer outro deus semelhante estabelecido num lugar determinado. Mas como seria mais excelente se Deus usasse voz proferida com poder, fazendo nascer entre os ouvintes persuasão indizível!

71. Em seguida, este homem que, por sua impiedade e suas doutrinas miseráveis, é, se posso dizer, odiado por Deus, chega a injuriar a Jesus: *Tudo isto era de um homem odiado por Deus e de um miserável feiticeiro*. Na verdade, se examinarmos estritamente as palavras e os fatos, é impossível haver um homem “odiado por Deus”, porque Deus “ama tudo o que criou, não se aborrece com nada do que fez; se a alguma coisa tivesse odiado, não a teria feito” (Sb 11,24). E se algumas passagens dos profetas têm expressões desse tipo, elas serão interpretadas segundo o princípio geral segundo o qual a Escritura se exprime, a respeito de Deus, como se ele tivesse paixões humanas. Mas por que replicar a um homem que, tendo prometido argumentos dignos de fé, acha que pode usar blasfêmias e injúrias contra Jesus, tratando-o de miserável e feiticeiro? Isto é obra de alguém que, em lugar de demonstrar com provas, é arrastado por uma paixão vulgar e não filosófica: ele deveria expor o assunto, submetê-lo a um exame leal e apresentar da melhor forma possível as objeções que lhe ocorriam à mente.

Mas, como o judeu de Celso se detém nestas palavras de sua interpelação a Jesus, também eu encerrarei aqui meu primeiro livro contra ele. E se Deus concede esta verdade que aniquila as palavras mentirosas, conforme a oração que pede: “Aniquila-os, Senhor, por tua verdade!” (Sl 53,7), abordarei a seguir o segundo discurso fictício, no qual o judeu que Celso faz falar dirige as objeções seguintes aos que acreditaram em Jesus.

LIVRO SEGUNDO

Os judeus e os cristãos

1. No primeiro livro de minha resposta ao tratado de Celso intitulado *Discurso verdadeiro*, parei no final do discurso fictício do judeu a Jesus, quando o livro já havia atingido a dimensão suficiente. Começo a escrever este para opor uma defesa aos ataques de Celso contra os do povo judeu que creram em Jesus. Este é um ponto para o qual chamo a atenção desde já: por que então, tendo resolvido escrever um discurso fictício, Celso evoca um judeu que se dirige a fiéis crentes provenientes da não gentilidade, mas do judaísmo? Se fosse escrito contra nós, seu discurso teria parecido bem plausível. Mas este homem, que alardeia saber tudo, talvez não tenha visto o que convinha à matéria de seu discurso fictício.

Devemos, portanto, examinar o que ele diz contra os fiéis provenientes do judaísmo. Ele afirma que, “abandonando a lei de seus pais, por causa da sedução exercida por Jesus, foram ludibriados da forma mais ridícula e desertaram, mudando de nome e modo de vida.” Não percebeu que aqueles dentre os judeus que creem em Jesus não abandonaram a lei de seus pais, pois vivem em conformidade com ela e devem seu nome à pobreza de interpretação da lei ancestral. “Ebion” é com efeito o nome com que é chamado o pobre entre os judeus, e “ebionitas” é como são chamados entre si os judeus que aceitaram Jesus como o Cristo. Além disso, Pedro parece que conservou por muito tempo os costumes judeus prescritos pela lei de Moisés, como se ainda não tivesse aprendido de Jesus a se elevar do sentido literal da lei a seu sentido espiritual. Sabemos isto dos Atos dos Apóstolos. Pois, “no dia seguinte” ao da aparição do anjo de Deus a Cornélio ordenando-lhe que enviasse alguém “a Jope” a chamar Simão cognominado Pedro, “Pedro subiu ao terraço da casa, por volta da sexta hora, para orar. Sentindo fome, quis comer. Enquanto lhe preparavam alimento, sobreveio-lhe um êxtase. Viu o céu aberto e um objeto que descia, semelhante a um grande lençol, baixado à terra pelas quatro pontas. Dentro havia todos os quadrúpedes e répteis da terra, e aves do céu. Uma voz lhe falou: ‘Levanta-te, Pedro, imola e come!’ Pedro, porém, replicou: ‘De modo nenhum, Senhor, pois jamais comi coisa alguma profana e impura!’ De novo, pela segunda vez, a voz lhe falou: ‘Ao que Deus purificou, não chames tu profano’ ” (At 10,9-15). Vê pois aqui como Pedro ainda é representado conservando os costumes judeus sobre a pureza e a impureza. E o texto a seguir mostra que lhe era necessária uma visão para comunicar as doutrinas da fé a Cornélio, que não era israelita segundo a carne, e a seus companheiros: porque, permanecendo judeu, ele vivia conforme as tradições antepassadas e desprezava os que estavam fora do judaísmo. E na carta aos Gálatas, Paulo mostra que Pedro, por medo dos judeus, deixou de comer com os gentios, e quando Tiago o procurou “ele se subtraía e andava retraído” dos gentios, “com medo dos circuncisos”; e os demais judeus como também Barnabé fizeram a mesma coisa (Gl 2, 12).

Era muito lógico que os que eram enviados aos circuncisos não se afastassem dos costumes judaicos, quando “os notáveis tidos como colunas estenderam a mão” a Paulo e a Barnabé (Gl 2,9) e partiram “para a Circuncisão”, a fim de que os outros fossem pregar aos gentios. Mas, que digo eu, os que pregam aos circuncisos se retraíam dos gentios e se mantinham à distância? O próprio Paulo se fez “judeu a fim de ganhar os judeus”(1Cor 9,20). Esta é a razão por que, como ainda lemos nos Atos dos Apóstolos, ele chegou a apresentar uma oblação diante do altar, para persuadir os judeus que ele não era apóstata da lei. Se Celso tivesse sabido de tudo isso, não teria posto em cena um judeu que diz aos fiéis do judaísmo: *Que desgraça vos sucedeu, meus compatriotas, para abandonardes a lei de nossos pais e, seduzidos por aquele com quem eu discutia há pouco, serdes ludibriados da forma mais*

ridícula e nos haverdes desertado para mudar de nome e de modo de vida?

2. Como estou falando de Pedro e dos que ensinaram o cristianismo aos circuncisos, não creio que seja fora de propósito citar uma declaração de Jesus, tirada do Evangelho de João, e explicá-la. Eis pois o que ele diz conforme a Escritura: “Tenho ainda muito que vos dizer, mas não podeis agora suportar. Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido” (Jo 16,12-13). A questão é saber qual era este “muito que vos dizer” de Jesus a seus discípulos, mas que eles ainda não podiam suportar. Respondo: como os apóstolos eram judeus, instruídos na lei de Moisés entendida literalmente, ele talvez tivesse de dizer qual era a lei verdadeira, de que “realidades celestes” o culto dos judeus era o cumprimento em “cópia e sombra” (Hb 8,5), quais eram os “bens futuros” cuja sombra (Hb 10,1) estava contida na lei sobre os alimentos, as bebidas, as festas, as luas novas e os sábados. Era este “o muito que vos dizer” de Jesus. Mas ele via a extrema dificuldade de arrancar da alma opiniões por assim dizer congêntas e desenvolvidas até à idade madura, depois de deixar nos que as haviam recebido persuadidos de que eram divinas e que era ação ímpia despojar-se delas. Via a dificuldade de provar, e persuadir seus ouvintes, que em comparação com a excelência do “conhecimento” de Cristo, quer dizer, da verdade, elas eram apenas “esterco” e “perda” (Fl 3,8). Ele então transfere esta tarefa para ocasião mais favorável, para depois de sua paixão e ressurreição. Realmente, não era hora de socorrer os que ainda não eram capazes de receber socorro; isto poderia destruir a impressão já existente de que Jesus era o Cristo, o Filho de Deus vivo. Considera tu se não existe um sentido respeitável quando se entende assim esta passagem: “Tenho ainda muito que vos dizer, mas não podeis agora suportar.” Pela expressão “o muito que vos dizer” ele entendia o método de explicação e de esclarecimento da lei num sentido espiritual; e os discípulos não podiam de certo modo suportá-lo, porque eram nascidos e educados até então no meio dos judeus.

E como as práticas legais eram uma figura, penso eu, e a verdade era o que o Espírito Santo lhes ensinaria, foi dito: “Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena” (Jo 16,13); como se dissesse: à verdade integral das realidades das quais, não possuindo senão as figuras, vós acreditáveis adorar a Deus com a verdadeira adoração. De acordo com a promessa de Jesus, o Espírito de verdade veio sobre Pedro e lhe disse, a respeito dos quadrúpedes e répteis da terra e dos pássaros do céu: “Levanta-te, Pedro, imola e come!” Ele voltou a si, embora ainda imbuído de superstição, pois mesmo ao ouvir a voz divina ele responde: “De modo algum, Senhor, pois jamais comi alguma coisa impura e profana.” E lhe ensinou a doutrina sobre os alimentos verdadeiros e espirituais com estas palavras: “Ao que Deus purificou, não chames tu de profano”. E depois desta visão, o Espírito de verdade, conduzindo Pedro “à verdade plena”, lhe disse “o muito que vos dizer” que ele não podia “suportar” enquanto Jesus estava ainda presente segundo a carne. Mas a esse respeito teremos outra ocasião de explicar a maneira de interpretar a lei de Moisés.

3. Por ora, importa refutar a ignorância de Celso, em cujo escrito o judeu diz a seus compatriotas e aos israelitas que acreditaram em Jesus: “Que desgraça vos sucedeu para abandonardes a lei de nossos pais...” Mas em que sentido abandonaram a lei de seus pais os que censuram as pessoas que não querem ouvi-lo e dizem: “Dizei-me, vós que quereis estar debaixo da Lei, não ouvís vós a Lei? Pois está escrito que Abraão teve dois filhos...” até à frase “Isto foi dito em alegoria” (Gl 4,21-24) e o mais que segue. Em que sentido eles abandonaram a lei de seus pais os que em suas palavras não cessam de se referir a seus antepassados e dizem: “A Lei não diz também a mesma coisa? Com efeito, na Lei de Moisés está escrito: *Não amordaçarás o boi que tritura o grão*. Acaso Deus se preocupa com os bois? Não é, sem dúvida, por causa de nós que ele assim fala? Sim, por causa de nós é que isto foi escrito”

(1Cor 9,8-10) etc. Além disso, que confusão faz o judeu de Celso ao falar de tudo isso, quando poderia ter dito de modo mais aceitável: alguns de vós abandonaram esses costumes, pretextando interpretações e alegorias; outros, como vós o proclamais, dando-lhes uma interpretação espiritual, conservam os costumes de vossos pais; outros, enfim, nada interpretam; e pretendeis ao mesmo tempo aceitar Jesus como objeto de profecia e cumprir a lei de Moisés conforme os costumes de vossos pais, como se ela contivesse em sua letra todo o sentido espiritual! Mas como Celso poderia ter elucidado este ponto: ele recorda, em seguida, seitas ateias e completamente estranhas a Jesus, e outras que abandonaram o Criador, mas não viu que há também israelitas que acreditam em Jesus sem terem abandonado a lei de seus pais! Pois ele não tinha a intenção de examinar lealmente a questão como um todo para admitir o que ele encontraria de válido; mas se ele escreveu tudo isto, foi como inimigo, empenhado em destruir à medida que ia se informando.

4. Seu judeu continua se dirigindo aos de seu povo que se tornaram fiéis crentes: *Foi ontem ou anteontem, quando punimos aquele que vos conduzia como um rebanho, que abandonastes a lei de vossos pais.* Mas ele nada sabe exatamente daquilo de que fala, como mostrei. Na sequência, ele me parece ter mais força quando diz: *Como podeis vós, iniciando-vos por nossos textos sagrados, e progredindo, desprezá-los, sem terdes outra origem a alegar para vossa doutrina a não ser nossa lei?* É verdade que a iniciação cristã principia pelos textos sagrados de Moisés e pelos escritos dos profetas. E depois da iniciação, em sua explicação e elucidação, começam a fazer progresso os iniciados, que procuram conhecer “a revelação de um mistério envolvido em silêncio desde os séculos eternos, agora, porém, manifestado pelos escritos proféticos e pela manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 16, 25-26). Não é, como dizeis, “apenas progredindo que se despreza” o que está escrito na lei: pelo contrário, a lei é cercada de uma honra maior mostrando-se que profundidade de sábias e misteriosas doutrinas esses textos encerram, que os judeus não perscrutaram a fundo em sua leitura muito superficial e muito afeiçoada às fábulas.

Mas, que absurdo haverá então no fato de a lei estar na origem de nossa doutrina, isto é, do evangelho? Não é acaso o que o nosso próprio Salvador diz aos que se negam a crer nele: “Se crêsseis em Moisés, haveríeis de crer em mim, porque foi a meu respeito que ele escreveu. Mas se não credes em seus escritos, como creereis em minhas palavras?” (Jo 5,46-47). Mais ainda: um dos evangelistas, Marcos, afirma: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus. Conforme está escrito no profeta Isaías: *Eis que envio o meu mensageiro diante de ti, a fim de pre-parar o meu caminho*” (Mc 1,1-2); e ele mostra que o começo do Evangelho está ligado às Escrituras judaicas. Por que então estas palavras do judeu de Celso contra nós: *Se alguém vos predisse que o Filho de Deus viria de fato aos homens, era nosso profeta e profeta de nosso Deus?* E que responsabilidade constitui para o cristianismo a qualidade judaica de João que batizou a Jesus? Pois do fato de ele ser judeu não se conclui que todo crente, quer oriundo dos gentios, quer dos judeus, deva cumprir a lei judaica em sentido literal.

Cristo terá sido castigado justamente?

5. Depois disso, apesar de repetir Celso sobre Jesus pela segunda vez: *Ele sofreu entre os judeus o castigo de suas faltas,* não começarei a defendê-lo de novo, mas contento-me em saber de quem foi dito. Em seguida, seu judeu despreza como velharias, *o ensino sobre a ressurreição dos mortos e o juízo de Deus, a recompensa para os justos e o fogo para os injustos,* e pensa destruir o cristianismo declarando que nestas matérias *os cristãos nada ensinam de novo.* Devemos responder-lhe: nosso Jesus, ao ver que a conduta dos judeus não era digna dos ensinamentos proféticos, ensinou, por meio

de uma parábola, que o “Reino de Deus lhes será tirado e confiado” aos que viriam da gentilidade (Mt 21,43). É por isso, de fato, que podemos considerar todas as doutrinas atuais dos judeus como fábulas e futilidades — pois não possuem a luz da inteligência das Escrituras — e as doutrinas dos cristãos como a verdade, aptas como são a educar e a exaltar a alma e o espírito do homem e a convencer de que eles têm uma “cidade” não neste mundo de certa forma como os judeus da terra, mas “no céu” (Fl 3,20). Isto é manifesto entre os que percebem a sublimidade dos pensamentos da lei e dos profetas e que são capazes de fazer os outros vê-la.

6. Ainda que *Jesus tenha observado todos os costumes em vigor entre os judeus, inclusive as práticas sacrificiais*, deveremos concluir daí que *não é preciso crer nele como Filho de Deus*? Jesus é Filho do Deus que deu a lei e os profetas; e nós que somos da Igreja de Jesus, não transgredimos esta lei, mas fugimos das fábulas dos judeus e aferimos sabedoria e instrução da contemplação mística da lei e dos profetas. Na verdade, os profetas não restringem o sentido de suas palavras à narrativa no seu teor óbvio e à lei em seu texto literal; mas ora declaram, no momento de contar histórias: “Abrirei minha boca numa parábola, exporei enigmas do passado” (Sl 77,2), ora dizem suas preces a respeito da lei, como se ela não fosse clara mas exigisse a ajuda de Deus para ser compreendida: “Abre meus olhos para eu contemplar as maravilhas que vêm de tua lei” (Sl 118,18).

7. Mas que nos mostrem onde se encontra qualquer aparência de alguma palavra de Jesus dita *por arrogância*! Será arrogante aquele que diz: “Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas” (Mt 11,29)? Será arrogante aquele que, durante a ceia, “depõe o manto” em presença de seus discípulos, cinge-se com uma “toalha”, “põe água numa bacia”, lava “os pés dos discípulos”, e censura aquele que se nega a apresentá-los: “Se eu não te lavar, não terás parte comigo” (Jo 13,1s)? Será arrogante aquele que afirma: “Eu, porém, estou no meio de vós, não como aquele que está à mesa, mas como aquele que serve” (Lc 22,27)? Que mostrem até mesmo que mentiras ele disse, que apresentem suas grandes e pequenas mentiras para ficar estabelecido que *Jesus disse grandes mentiras*! Há ainda outra maneira de refutar Celso: como uma mentira não é mais mentirosa do que outra, assim também não existe mentira maior; da mesma forma que uma verdade não é mais verdadeira do que outra verdade ou uma verdade maior. E que o judeu de Celso diga principalmente quais são *as impiedades* de Jesus! Será impiedade renunciar, em sua acepção literal, à circuncisão, aos sábados, às festas, às luas novas, aos alimentos puros ou impuros, e voltar o espírito para uma lei digna de Deus, verdadeira, espiritual, quando aquele que está como embaixador de Cristo soube “se fazer como judeu pelos judeus, a fim de ganhar os judeus”, e “como sujeito à Lei fez-se como se estivesse sujeito à Lei, para ganhar aqueles que estão sujeitos à Lei” (1Cor 9, 20)?

8. Diz ele ainda: *Muitos outros poderiam parecer assim como Jesus era diante daqueles que consentiam ser ludibriados*. Que o judeu de Celso mostre pois não muitos, nem mesmo alguns, mas um único homem tal como Jesus que, pelo poder que está nele, introduziu na humanidade uma doutrina e dogmas benéficos e converteu os homens do dilúvio de pecados! Continua ele: *Os que creem em Cristo cometem uma afronta aos judeus por não terem acreditado que Jesus era Deus*. A este respeito, respondi de antemão mais acima, mostrando ao mesmo tempo como nós pensamos que ele é Deus e em que dizemos que ele é homem. E prossegue: *Mas como, depois de ter ensinado a todos os homens a vinda daquele que viria da parte de Deus punir os injustos, tínhamos nós, depois de sua vinda, tratado a ele indignamente?* Responder a este ataque tão tolo não me parece razoável. Ele equivale a dizer: nós que ensinamos a temperança, como faríamos algo de licencioso, ou nós que pretendemos ser justos, tínhamos sido culpados de injustiça? Assim como estas inconseqüências se

encontram entre os homens, também seria humano que as pessoas que afirmam crer nos profetas que anunciam a vinda de Cristo tenham se negado a crer nele quando ele veio conforme as profecias.

Se eu fosse acrescentar outra razão, diria que até isso os profetas predisseram. Isaías pelo menos diz claramente: “Podeis ouvir certamente, mas não haveis de entender; podeis ver certamente, mas não haveis de compreender. Pois o coração deste povo está embotado” (Is 6, 9-10) etc. Digam-nos então por que está predito aos judeus que, apesar do testemunho de seus ouvidos e de seus olhos, eles não compreenderiam as palavras nem viriam o espetáculo do modo como se deve. Evidente, vendo Jesus não enxergaram quem era ele, ouvindo-o não compreenderam por suas palavras a divindade que nele estava e que ele haveria de transferir aos gentios que tinham fé nele a solicitude de Deus até então reservada aos judeus. Por isso podemos ver, depois da vinda de Jesus, os judeus inteiramente abandonados, nada possuindo daquilo que outrora lhes parecia sagrado, sequer um sinal da presença da divindade entre eles. Pois eles não têm mais profetas nem prodígios; mas encontramos traços destes de certa importância entre os cristãos, e até “ainda maiores”; e se sou digno de crédito, eu mesmo vi. O judeu de Celso diz: *Por que teríamos nós tratado indignamente aquele que publicamente predissemos? Com o objetivo de sermos punidos mais do que os outros?* Também a isto podemos responder: mais do que os outros, os judeus, por sua falta de fé em Jesus e por muitos outros ultrajes que lhe fizeram, não só sofrerão o julgamento no qual acreditamos, mas também já o sofreram. Com razão, que povo foi banido de sua própria capital e do lugar reservado ao culto tradicional senão os judeus unicamente? Eis o que sofreram em sua profunda indignidade, não tanto por algum de seus outros pecados numerosos, mas por aquilo que eles ousaram contra nosso Jesus.

9. Continua o judeu: *Como poderíamos nós considerar como Deus aquele que, entre outras coisas que lhe censurávamos, nada cumpriu do que prometia; e uma vez reconhecido por nós como culpado, condenado, julgado digno do suplício, foi preso e entregue pelos que ele chamava seus discípulos, ao se esconder e buscar a fuga mais vergonhosa? Todavia, se fosse Deus, não lhe seria possível fugir, nem se deixar levar algemado; e ainda muito menos, se fosse considerado o Salvador, o Filho e o Enviado do Deus altíssimo, ser abandonado e traído por seus companheiros que tinham partilhado em tudo de sua intimidade e o consideravam mestre.* A isso responderei: nós tampouco pensamos que o corpo de Jesus, visível então e perceptível aos sentidos, é Deus. Que digo eu: o corpo? Nem mesmo a alma, da qual se diz: “Minha alma está triste até a morte” (Mt 26,38). Mas, segundo a doutrina dos judeus, acredita-se que é Deus que, usando a alma e o corpo do profeta como um instrumento, diz: “Eis que sou o Senhor, o Deus de toda carne” (Jr 32,27), e: “Antes de mim nenhum Deus foi formado e depois de mim não haverá nenhum” (Is 43,10). Segundo os gregos, acredita-se que é um deus que fala e é ouvido por intermédio da Pítia, o qual declara: “Sei o número de grãos de areia e as dimensões do mar, compreendo o ininteligível, ouço a voz daquele que não fala.” Do mesmo modo segundo nós, é o Logos Deus e Filho do Deus do universo que, em Jesus, dizia: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”, “Eu sou a porta”, “Eu sou o pão vivo que desceu do céu” e outras expressões semelhantes (Jo 14,6; 10,7; 6,51). Nós censuramos os judeus por não tê-lo considerado Deus, quando os profetas muitas vezes atestaram que ele é um grande poder e um deus abaixo do Deus e Pai de tudo. A ele, dizemos nós, na história da criação narrada por Moisés, o Pai deu a ordem: “Haja luz”, “Haja um firmamento” e todo o resto que veio à existência por ordem de Deus. A ele foi dito: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança”(Gn 1,3; 6; 26). E tendo recebido a ordem, o Logos fez tudo o que Pai tinha ordenado. Dizemos isto, baseados não em conjeturas, mas na fé nas profecias recebidas entre os judeus, em que se afirma nos termos do próprio Deus e das coisas criadas: “Ele diz e a coisa acontece, ele ordena e ela se afirma” (Sl 32,9; 148,5). Portanto, se Deus deu a ordem e as criaturas

foram feitas, quem poderia ser, na perspectiva do espírito profético, aquele que foi capaz de realizar o mandamento sublime do Pai, senão aquele que é, por assim dizer, o Logos vivo e a Verdade? Por outro lado, os evangelhos sabem que aquele que diz em Jesus: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” não está circunscrito a ponto de não existir de nenhuma maneira fora da alma e do corpo de Jesus. Isto fica evidente em numerosas passagens das quais citaremos algumas poucas a seguir. João Batista, ao profetizar que o Filho de Deus apareceria em breve, sem se encontrar apenas neste corpo e nesta alma, mas estando presente em toda parte, diz a seu respeito: “No meio de vós, está alguém que não conheceis, aquele que vem depois de mim” (Jo 1,26-27). Mas se ele tivesse pensado que o Filho de Deus está apenas onde se encontrava o corpo visível de Jesus, como teria ele dito: “No meio de vós, está alguém que não conheceis”? Além disso, alça a inteligência de seus discípulos às mais altas concepções do Filho de Deus, quando diz: “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt 18,20). E tal é a significação de sua promessa a seus discípulos: “E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28,20).

Quando dizemos isto, não separamos o Filho de Deus de Jesus, porque é um só ser que, depois da encarnação formaram com o Logos de Deus a alma e o corpo de Jesus. Portanto, se de acordo com as palavras de Paulo: “Aquele que se une ao Senhor, constitui com ele um só espírito” (1Cor 6,17), quem compreendeu o que é estar unido ao Senhor e a ele se uniu é um só espírito com o Senhor, quanto mais divino e mais sublime o composto de que falávamos forma um único ser com o Logos de Deus! Ele realmente se manifestou entre os judeus como “o Poder de Deus” (1Cor 1,18; 24), e isto pelos milagres que ele realizou, apesar daqueles que desconfiam como Celso que ele usa feitiçaria, e como os judeus de então, instruídos em não sei que fonte a respeito de Beelzebu, para expulsar os demônios “por Beelzebu, príncipe dos demônios” (Mt 12,24). Nosso salvador os convenceu então do extremo absurdo de suas afirmações tendo em vista que o reino do mal ainda não havia terminado. É o fato evidente a todos os leitores sensatos do texto evangélico; não cabe aqui explicá-lo agora.

10. O que então “prometeu” Jesus e não cumpriu? Que Celso formule esta asserção e a prove! Mas certamente não será capaz, pela razão maior que ele julga obter seus argumentos contra Jesus e contra nós de histórias mal compreendidas, até de leituras evangélicas e de narrativas judaicas. Além disso, como o judeu repete: “Nós o reconhecemos culpado, o condenamos e julgamos digno do suplício”, mostrem-nos como aqueles que procuravam constituir falsas testemunhas contra ele o julgaram culpado! A não ser que a grande acusação contra Jesus não tenha sido este depoimento dos acusadores: “Este homem declarou: Posso destruir o Templo de Deus e edificá-lo depois de três dias” (Mt 26,61). “Ele, porém, falava do templo do seu corpo” (Jo 2,20). Mas eles, por não saberem interpretá-lo no sentido de seu autor, acreditavam que as palavras se referiam ao templo de pedra, mais honrado entre os judeus do que Aquele que deveria ser honrado como o verdadeiro templo do Deus Logos, da Sabedoria, da Verdade. E digam como Jesus “se escondeu e fugiu da maneira mais vergonhosa”! Mostrem que ele teve uma conduta digna de censura!

O judeu de Celso afirma ainda que “ele foi preso”. Eu poderia replicar: se “ser preso” implica que era contra a sua vontade, Jesus não foi preso. Por própria iniciativa, no momento desejado, não evitou cair nas mãos dos homens, como “Cordeiro de Deus”, para “tirar o pecado do mundo” (Jo 1, 29). “Sabendo Jesus tudo o que lhe aconteceria, adiantou-se e lhes disse: ‘A quem procurais?’ Responderam: ‘Jesus, o Nazareu’. Disse-lhes: ‘Sou eu’. Judas, que o estava traindo, estava também com eles. Quando Jesus lhes disse: ‘Sou eu’, recuaram e caíram por terra. Perguntou-lhes, então, novamente: ‘A quem procurais?’ Disseram: ‘Jesus, o Nazareu’. Jesus respondeu: ‘Eu vos disse que sou eu. Se, então, é a mim que procurais, deixai que estes se retirem’” (Jo 18,4-8). Além disso, àquele

que, desejando socorrê-lo, feriu o servo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha, disse ele: “Guarda a tua espada no seu lugar, pois todos os que pegam a espada pela espada perecerão. Ou pensas tu que eu não poderia apelar para o meu Pai, para que ele pusesse à minha disposição, agora mesmo, mais de doze legiões de anjos? E como se cumpriram então as Escrituras, segundo as quais isso deve acontecer?” (Mt 26,52-54). Acaso pode-se supor que tudo isso é ficção dos evangelistas? Por que a ficção não estaria antes nas palavras inspiradas pela hostilidade e pelo ódio contra Cristo e os cristãos, e a verdade, no testemunho dos que provaram a sinceridade de seu amor a Jesus, que suportou por suas palavras toda sorte de sofrimentos? Teriam os discípulos de Jesus recebido tal paciência e constância para resistirem até à morte, se estivessem propensos a invenções mentirosas a respeito de seu mestre?... O fato de terem sido convencidos da verdade do que escreveram se evidencia plenamente para todo bom espírito dos sofrimentos cruéis e múltiplos que eles suportaram por aquele que eles acreditavam ser o Filho de Deus.

11. Em seguida, o judeu de Celso constata nos Evangelhos que Jesus foi entregue pelos que ele chamava seus discípulos, embora designe como vários discípulos apenas a Judas, a fim de dar a impressão de reforçar a acusação. Mas não examinou seriamente o que está escrito de Judas: Judas era importunado por julgamentos opostos e contraditórios, não empenhou todas as suas forças para ser hostil a Jesus, nem toda a sua alma para guardar o respeito de um discípulo a seu mestre. Porque o traidor havia dado à tropa que chegara para prender Jesus este sinal: “É aquele que eu beijar; prendei-o” (Mt 26,48). Ele conservava um resto de respeito a seu mestre, do contrário o teria entregue abertamente, sem beijo hipócrita. Não será bastante para convencer a todos que, em sua determinação, Judas, com a avareza e a decisão perversa de entregar seu mestre, tinha em sua alma alguma coisa de misturado, suscitada nele pelas palavras de Jesus, e que parecia, por assim dizer, com um resto de bondade? Pois está escrito: “Então Judas, que o entregara, vendo que Jesus fora condenado, sentiu remorsos e veio devolver aos chefes dos sacerdotes e aos anciãos as trinta moedas de prata, dizendo: ‘Pequei, entregando um sangue inocente’. Mas estes responderam: ‘Que temos nós com isso? O problema é teu’. Ele, atirando as moedas no Templo, retirou-se e foi enforcar-se” (Mt 27,3-5). Mas se Judas, que era avarento e roubava o que era depositado na bolsa para socorrer os pobres, “sentiu remorsos e veio devolver as trinta moedas aos chefes dos sacerdotes e aos anciãos”, é evidente que os ensinamentos de Jesus tinham conseguido suscitar nele algum remorso, e que o traidor não os tinha desprezado nem rejeitado totalmente. Muito mais, as palavras: “Pequei entregando sangue inocente” eram a confissão pública do pecado cometido. Vê, pois, a veemência e o excesso do pesar que o remorso de seus pecados lhe causou: não podia mais suportar viver, mas, depois de ter atirado as moedas no santuário, ele se retirou e foi se enforcar. Fazendo justiça a si mesmo, mostrou o poder que tinha o ensinamento de Jesus mesmo num pecador como Judas, ladrão e traidor, incapaz de desprezar totalmente o que tinha aprendido de Jesus. Os partidários de Celso dirão porventura que estas provas manifestas de que a apostasia de Judas não foi total, apesar do crime que teve a coragem de cometer contra seu mestre, são apenas ficções, mas o único fato constatado é a traição de um dos discípulos, e acaso acrescentarão à história que ele o traiu com toda a sua alma? O que não tem força persuasiva, com base nos mesmos textos, é fazer tudo isso com espírito de ódio, dar crédito ou recusá-lo.

E a propósito de Judas, para citar ainda um argumento que o confunda, direi que, no livro dos Salmos, todo o centésimo oitavo é apenas uma profecia a seu respeito. Ele inicia com estas palavras: “Deus a quem louvo, não te cales! Pois boca maldosa e boca enganadora abriram-se contra mim”. E aí está profetizado que Judas se excluiu do número dos apóstolos por causa de seu pecado, e que outro foi eleito em seu lugar; é o sentido da passagem: “outro receba o seu encargo” (Sl 108,1-2; At 1,15-

26). Mas admitamos que ele tenha sido entregue por um dos discípulos pior que Judas, sobre o qual todas as palavras de Jesus caíram no vazio: em que isto poderia reforçar uma acusação contra Jesus ou o cristianismo? Como seria isto uma prova da falsidade do evangelho? Com relação às acusações que seguem, já respondi acima mostrando que não foi em fuga que Jesus foi preso, mas ele se entregou voluntariamente por nós; donde se conclui que, se ele foi preso, tal sucedeu com seu pleno consentimento, ensinando-nos a acolher de todo coração estes tipos de provações suportadas pela religião.

12. E eis ainda o que me parece pueril: *Um bom general que tem sob suas ordens milhares de soldados nunca é entregue, nem mesmo um miserável chefe de bandidos à frente dos mais depravados, enquanto parecer útil a seus associados. Mas Jesus, tendo sido entregue por seus subordinados, não comandou como bom general, e depois de ter ludibriado seus discípulos, não inspirou a seus iludidos a benevolência, se assim podemos dizer, que se tem por um chefe de bandidos.* Podemos encontrar não poucas histórias de generais entregues pelas pessoas de suas relações e chefes de bandidos presos em consequência de uma infidelidade a seus compromissos com estes. Admitamos que nenhum dos generais ou dos chefes de bandidos tenha sido entregue: em que é que isto reforça a afronta feita a Jesus pelo fato de um de seus discípulos o haver entregue? Como Celso se declara filósofo, posso lhe perguntar: será um motivo plausível acusar Platão se Aristóteles, depois de ouvi-lo durante vinte anos, dele se afastou, rejeitou a doutrina da imortalidade da alma e tachou de “gorjeios” as ideias platônicas? Se sobrasse alguma dúvida, eu acrescentaria: será que Platão não tinha mais vigor dialético nem poder para estabelecer seu sistema, quando Aristóteles se afastou dele, e as doutrinas de Platão acaso são falsas por causa disso? Ou será que Platão tinha razão, segundo os filósofos que o seguem, e Aristóteles se tornou mau e ingrato com relação a seu mestre? Crisipo igualmente, em muitas passagens de seus livros, parece declarar-se contra Cleanto, e propõe inovações contrárias às teses deste, que foi seu mestre quando ele era jovem e se iniciava na filosofia. Todavia, Aristóteles, pelo que dizem, frequentou Platão durante vinte anos, e Crisipo esteve na escola de Cleanto um tempo considerável. Mas Judas sequer passou três anos ao lado de Jesus. Das biografias de filósofos poderíamos tirar muitos fatos semelhantes aos que Celso critica em Jesus a respeito de Judas. Os pitagóricos chegavam a construir cenotáfios para aqueles que, depois de se terem orientado para a filosofia, retornavam à vida comum; esta deserção não enfraquecia a doutrina nem as provas de Pitágoras e de seus discípulos.

A predição de sua morte será uma invenção de seus discípulos?

13. Depois disso, o judeu de Celso declara: *Eu teria muito a dizer sobre os acontecimentos da vida de Jesus; coisas verdadeiras e que diferem daquilo que escreveram os discípulos de Jesus; mas as deixo propositalmente de lado.* Quais são, pergunto eu, estas coisas verdadeiras diferentes daquelas que foram escritas nos evangelhos, deixadas de lado pelo judeu Celso? Ou quem sabe, usando certa habilidade de retórica, finge ter alguma coisa a dizer, quando na verdade nada tem a referir fora do evangelho e que poderia impressionar o ouvinte por sua verdade, ou constituir uma arremetida evidente contra Jesus e seu ensinamento.

Ele acusa os discípulos de terem inventado que ele sabia antecipadamente e predisse tudo o que lhe aconteceu. No entanto, isso é a pura verdade, embora Celso recuse admiti-la; eu a mostrarei com muitas outras palavras proféticas do Salvador, nas quais ele predisse o que aconteceu aos cristãos inclusive nas gerações posteriores. Quem não admitiria esta predição: “E, por causa de mim, sereis conduzidos à presença de governadores e de reis, para dar testemunho perante eles e perante as

nações” (Mt 10,18), e todas as outras predições que ele fez sobre as perseguições futuras de seus discípulos? Terá havido outra doutrina no mundo pela qual seus adeptos tenham sido castigados, para que um dos detratores de Jesus dissesse: prevendo as contradições que suscitariam as impiedades e as mentiras de suas doutrinas, ele decidiu transformá-las num título de glória pela predição que delas fazia desde a origem? Pois, se fosse necessário pelas suas doutrinas arrastar homens diante do tribunal dos governadores e dos reis, que outros deveriam ser arrastados senão os epicureus por sua negação radical da Providência, e os peripatéticos por sua afirmação da inutilidade total das orações e dos sacrifícios que as pessoas julgam oferecer à divindade?

Mas, alguém poderia objetar: os samaritanos também são perseguidos por sua religião. Respondo: os sicários são condenados à morte pela circuncisão considerada como uma mutilação contrária às leis estabelecidas e permitida somente aos judeus. Ao sicário que luta por sua religião para levar uma vida de acordo com aquilo em que acredita, jamais se ouviu um juiz dizer que poderia escolher entre a liberdade, em caso de mudança, e a pena de morte, em caso de perseverança: mas basta que se descubra sua circuncisão para condenar o circunciso. Conforme as palavras de seu Salvador: “E, por causa de mim, sereis conduzidos à presença de governadores e de reis”, os juízes deixam somente aos cristãos até ao último suspiro a plena liberdade de renegar o cristianismo, de oferecer sacrifícios conforme os costumes e depois deste juramento de permanecer entre eles vivendo sem perigo.

Considera se não há uma grande autoridade em suas palavras: “Todo aquele, portanto, que se declarar por mim diante dos homens, também eu me declararei por ele diante de meu Pai que está nos Céus. Aquele, porém, que me renegar diante dos homens...” (Mt 10,32) etc. Volta comigo em pensamento até Jesus pronunciando estas palavras, e nota que aquilo que ele predizia ainda não aconteceu. Por falta de fé nele, talvez digas: são apenas ninharias e palavras ao vento, pois a coisa predita não acontecerá. Ou talvez a dúvida sobre o assentimento a dar às suas palavras te faça dizer: se estas predições são realizadas, se o ensinamento das palavras de Jesus tem crédito porque os governantes e reis se preocupam em destruir aqueles que reconhecem a Jesus, então haveremos de crer que ele disse isto porque tinha recebido de Deus uma grande autoridade para difundir esta doutrina no gênero humano, e estava persuadido de seu triunfo. E quem não ficaria admirado remontando em pensamento Àquele que ensinava então e dizia: “E este evangelho do Reino será proclamado no mundo inteiro, como testemunho para todas as nações” (Mt 24,14), e considerando, como ele dissera, que o Evangelho de Jesus foi pregado “a toda criatura que vive debaixo do céu” (Cl 1,23), “a gregos e a bárbaros, a sábios e a ignorantes” (Rm 1,14)? Pois sua palavra pregada com poder dominou toda a humanidade e não é possível ver uma raça de homens que tenha podido se subtrair ao ensinamento de Jesus.

Que o judeu de Celso, que não acredita que Jesus te-nha previsto o que ia acontecer, considere de que maneira Jesus predisse os sofrimentos que os romanos o fariam padecer, quando Jerusalém ainda estava de pé e era o centro do culto de toda a Judeia. Certamente ninguém dirá que as pessoas das relações do próprio Jesus e seus ouvintes tenham transmitido sem escrever o ensinamento dos Evangelhos e que tenham deixado seus discípulos sem recordações escritas sobre Jesus. Mas está escrito: “Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabeis que está próxima a sua devastação” (Lc 21,20). Não havia então nenhum exército em volta de Jerusalém para rodeá-la, bloqueá-la e cercá-la. O cerco só começou sob o reinado de Nero e durou até o governo de Vespasiano, cujo filho, Tito, destruiu Jerusalém; e segundo registra Josefo, foi por causa de Tiago o Justo, irmão de Jesus chamado o Cristo, mas, conforme a verdade manifesta, foi por causa de Jesus o Cristo de Deus.

14. Aliás, Celso, mesmo aceitando ou concedendo que Jesus conheceu antecipadamente o que lhe

aconteceria, poderia simular desprezo por estas predições, como fizera com os milagres, e atribuí-los à feitiçaria; poderia até dizer que muitos conheceram o que lhes aconteceria, por oráculos obtidos dos vaticínios, dos presságios, dos sacrifícios e dos horóscopos. Mas não quis fazer esta concessão, julgando-a muito importante, e, embora aceitasse de certo modo a realidade dos milagres, parece tê-la desacreditado sob alegação de feitiçaria. No entanto, Flégon, no livro décimo terceiro ou décimo quarto de suas *Crônicas*, creio eu, reconheceu em Cristo a presciência de certos acontecimentos futuros, embora tenha confundido o caso de Jesus e o caso de Pedro, e atesta que as predições de Jesus se realizaram. Também prova que, apesar de tudo, por esta concessão sobre a presciência de Jesus, a palavra, nos Pais de nossas crenças, não estava despojada de poder divino.

15. Celso afirma: *Os discípulos de Jesus, não podendo dissimular nada de um fato notório, tiveram a audácia de dizer que ele soube tudo antecipadamente.* Não notou, ou não quis notar a sinceridade dos escritores: confessaram de fato que Jesus ainda tinha predito aos discípulos: “Essa noite todos vós vos escandalizareis por minha causa” (Mt 26,31), que efetivamente eles se escandalizaram; e que ele também profetizou a Pedro: “Antes que o galo cante, me negarás três vezes” (Mt 26,34), e que Pedro o renegou três vezes. Se eles não tivessem sido também sinceros, mas como acredita Celso, se eles tivessem escrito ficções, não teriam mencionado a negação de Pedro e o escândalo dos discípulos. Então, ainda que tais fatos tenham ocorrido, quem teria razão de queixa contra o evangelho por causa desses acontecimentos? Normalmente não deviam ser mencionados por autores que queriam ensinar aos leitores dos evangelhos a desprezar a morte para professar o cristianismo. Mas não: vendo que o evangelho venceria os homens por seu poder, inseriram até fatos deste gênero que, não sei como, não perturbarão os leitores nem servirão de pretexto à negação.

16. Ele acrescenta esta observação insensata: *Os discípulos escreveram isto de Jesus para enfraquecer as acusações que pesavam contra ele. É como se, querendo dizer que um homem é justo, se mostrasse que ele cometeu injustiças; querendo dizer que é santo, se mostrasse que ele mata; querendo dizer que ele é imortal, se mostrasse que ele morreu, acrescentando-se a isso que ele tinha predito tudo.* Seu exemplo, evidentemente está fora de questão: nada há de absurdo em que Aquele que entre os homens seria o ideal da maneira como se deve viver, tenha pretendido dar o exemplo da maneira como se deve morrer pela religião; sem levarmos em conta o bem que o universo todo obteve com sua morte pelos homens, como mostrei no livro anterior. Em seguida, ele acredita que a declaração sem rodeios da paixão, em vez de desfazer a acusação, a reforça: ele ignorava a seu respeito todas as reflexões filosóficas de Paulo e as predições dos profetas. E escapou-lhe o fato de que um dos hereges disse que Jesus suportou estes sofrimentos aparentemente, não na realidade. Se tivesse sabido disso, não teria dito: *Pois vós nem mesmo alegais que ele, diante destes ímpios, parecia perfeitamente suportar estes sofrimentos, mas na realidade não os suportava: vós afirmais ingenuamente que ele sofria.* Nós, porém, não substituímos pela aparência a realidade de seu sofrimento, para que tampouco a sua ressurreição não seja uma mentira, mas uma realidade. Pois aquele que realmente está morto, se ressuscita, ressuscita realmente, mas aquele que morre só aparentemente não ressuscita realmente.

Como a história da ressurreição para os descrentes é um objeto de zombaria, citarei Platão: Er, filho de Armênio, conta ele, depois de doze dias, se levantou de sua fogueira e contou suas aventuras no Hades. E dirigida aos descrentes, a história da mulher privada de respiração em Heráclides também tem aqui certa utilidade. Contam ainda que muitos saíram de seus túmulos, não só no mesmo dia, mas também no dia seguinte. Será algo espantoso que o autor de tantos prodígios com traços sobre-humanos e tão evidentes que os que não podem negar-lhes a realidade os depreciem comparando-os a atos de feitiçaria, tenha tido até em sua morte algo de extraordinário, a ponto de sua alma ter saído

livremente de seu corpo, e depois de realizar certos ministérios fora dele, a ele tenha voltado quando ela quis? Mas está escrito em João que Jesus pronunciou estas palavras: “Ninguém me tira a vida, mas eu a dou livremente. Tenho o poder de entregá-la e poder de retomá-la” (Jo 10,18). E talvez a razão de sua pressa em sair de seu corpo fosse conservá-lo intacto e evitar que suas pernas não fossem quebradas como as dos bandidos crucificados com ele: “Vieram, então, os soldados e quebraram as pernas do primeiro e depois do outro, que fora crucificado com ele. Chegando a Jesus e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas” (Jo 19,32-33).

Respondi assim à objeção: *Como então se pode crer que ele tenha predito sua morte?* Quanto à objeção: *Como um morto é imortal?*, fique sabendo quem quiser que não é o morto que é imortal, mas o ressuscitado dos mortos. O morto, portanto, não só não era imortal, mas o próprio Jesus, que era um ser composto, antes de sua morte não era imortal. Nenhum homem destinado a morrer é imortal; ele é imortal quando não deve mais morrer. “Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele” (Rm 6,9), a despeito do que pensam os que são incapazes de compreender o sentido destas palavras.

17. E aí vai outra rara insanidade: *Que deus, que demônio, que homem sensato, prevendo que tais desgraças lhe aconteceriam, não as teria evitado, se tivesse os meios para isso, em vez de atirar-se às cegas nos perigos previstos?* Sócrates, em todo caso, sabia que se bebesse a cicuta, morreria, e tinha o meio, se tivesse obedecido a Críton, de fugir da prisão e nada sofrer de tudo isso. Mas decidiu, seguindo o que lhe parecia razoável, que era melhor morrer como filósofo do que levar uma vida indigna de sua filosofia. Além disso, Leônidas, estrategista de Lacedemônia, sabendo que ia morrer em breve com os que o acompanhavam às Termópilas, não se preocupou em viver na vergonha, mas disse às pessoas à sua volta: “Vamos almoçar como homens que vão jantar nos Infernos”. Os que gostam de colecionar histórias como estas encontrarão muitas outras da espécie. Que há de espantoso, pois, no fato de Jesus, conhecendo embora as desgraças que lhe sucederiam, não as ter evitado, mas se ter exposto aos perigos previstos? E quando Paulo, seu discípulo, soube das desgraças que lhe sucederiam em sua subida a Jerusalém, pôs-se na frente dos perigos e censurou os que choravam por causa dele e queriam impedir que subisse a Jerusalém (cf. At 21,12-24). E quantos de nossos contemporâneos, sabendo que a confissão de seu cristianismo lhes causaria a morte, e a apostasia, sua libertação e recuperação de seus bens, desprezaram a vida e voluntariamente escolheram a morte por sua religião!

18. Em seguida, vem outra tolice do judeu de Celso: *Tendo ele predito quem o trairia e quem o renegaria, como não o temeram como Deus, renunciando um a trair, e o outro a renegar?* O douto Celso não reparou na contradição de suas palavras. Se Jesus teve a presciência divina e esta presciência não podia ser falsa, era impossível que o homem conhecido como futuro traidor não traísse, e o homem declarado futuro renegado, não renegasse. Mas, se ao contrário, se tivesse sido possível que um não o traísse e o outro não o renegasse, de modo que não houvesse nem traição nem negação naqueles que tinham sido advertidos previamente, Jesus não teria mais razão em dizer: este trairá, aquele renegará. Efetivamente, se ele soube antes quem o trairia, viu a malícia de onde surgiria a traição e que não era de modo algum destruída por sua presciência. Da mesma forma, se ele compreendeu quem o renegaria, foi vendo a fraqueza donde surgiria a negação que ele predisse que ele renegaria, e esta fraqueza tampouco seria destruída de repente por sua presciência. Mas de onde tira ele esta conclusão: *Eles, porém, o traíram e renegaram sem se preocuparem com ele?* Pois já mostramos, a propósito do traidor, que é falso afirmar que ele tenha traído seu mestre sem se preocupar de modo algum com ele; e não é menos fácil mostrar igualmente a mesma coisa do renegado que, depois de sua negação, “saindo dali, chorou amargamente” (Mt 26,75).

19. E eis outra consideração superficial: *Um homem que já pressupõe uma conspiração contra si, suponho eu, se prevenir os conspiradores, estes se desviarão de seu projeto e ficarão na defensiva.* Pois muitos conspiraram contra pessoas que pressentiam a conspiração. A seguir, a modo de conclusão de seu argumento, diz ele: *Portanto, não é porque estes acontecimentos foram preditos que eles aconteceram, isto é impossível. Ao contrário, como eles aconteceram, é falso que ele os tenha predito: pois é impossível que pessoas prevenidas tenham persistido em trair e em renegar.* Mas, derrubando as considerações anteriores, por este mesmo fato fica derrubada a conclusão: portanto, não é porque estes acontecimentos foram preditos que eles ocorreram. Ao contrário, eles ocorreram, como era possível, e como ocorreram, fica demonstrado como verdadeiro que ele os predisse; pois a verdade sobre o futuro é julgada pelos acontecimentos. Portanto, é falsa a alegação de Celso de que fica demonstrado como falso que ele os tenha predito; e sem efeito, sua observação de que é absolutamente impossível que pessoas prevenidas tenham persistido em trair e em renegar.

20. Vejamos em seguida como ele continua: *Se ele predisse esses acontecimentos como Deus, seria absolutamente necessário que a predição se cumprisse. Um Deus conduziu seus discípulos e intérpretes, com os quais comeu e bebeu, a tal desprezo pelas leis divinas e humanas, quando deveria acima de tudo fazer o bem a todos os homens, mas principalmente a seus convivas. Acaso já se viu algum comensal conspirar contra quem o hospeda? E o conviva de um Deus conspiraria acaso contra ele? E, o que é mais absurdo, o próprio Deus conspirou contra seus comensais, fazendo deles traidores e ímpios!* E como queres que eu refute até mesmos os argumentos sem valor de Celso, eis minha resposta também a esta acusação. Celso acredita que aquilo que é predito por alguma presciência acontece porque foi predito. Mas nós, longe de lhe conceder esta asserção, dizemos: não foi aquele que predisse que é a causa do acontecimento futuro, porque predisse que aconteceria; mas o acontecimento futuro, que aconteceria mesmo sem ser predito, dá ao vidente a razão de predizê-lo. Além disso, é o conjunto todo que está presente na presciência do profeta: pode ser que tal coisa aconteça, pode ser que ela não aconteça, mas uma das duas acontecerá, e é esta. E negamos que aquele que tem a presciência tire a possibilidade de ser e não ser, como se dissesse algo deste teor: isto se dará com absoluta certeza, e é impossível ocorrer coisa diversa. E esta observação se aplica a toda presciência daquilo que depende de nossa liberdade, segundo as Escrituras ou os relatos da história grega. Do contrário, o que os dialéticos chamam “argumento preguiçoso”, que é um sofisma, não seria um sofisma se dermos crédito a Celso, mas, conforme a sã razão, é mesmo um sofisma.

Para a compreensão deste ponto, citarei da Escritura as profecias que se referem a Judas e à presciência que nosso Salvador tinha de sua traição, e da história grega, a resposta do oráculo a Laio, admitindo sua autenticidade por um instante, uma vez que ela não atinge o raciocínio. Mas, acerca de Judas, o Salvador é representado no Salmo 108, dizendo: “Deus a quem louvo, não te cales! Pois boca maldosa e boca enganadora abriram-se contra mim” (Sl 108,1-2). Mas se considerarmos o sentido exato do salmo, descobriremos que Judas, conhecido previamente como aquele que trairia o Salvador, é também conhecido como responsável pela traição e digno, por causa de sua maldade, das maldições contidas na profecia. Que tais maldições caiam sobre ele, diz o salmo, porque “não se lembrou de exercer a misericórdia, perseguiu o pobre e o indigente” (Sl 108,16). Portanto, ele poderia ter-se lembrado de “exercer a misericórdia” e não perseguir aquele que ele perseguiu; mas, ainda que tenha podido, em vez de fazê-lo, ele traiu, de modo que merece as maldições que a profecia contém contra ele. E com relação aos gregos, citarei o oráculo a Laio, feito da maneira seguinte, que o poeta trágico cita literalmente ou de maneira equivalente; eis então o que lhe diz o homem que predisse o futuro: “Evita semear, contra a vontade dos deuses, no sulco gerador! Se procriares um filho, esta criança te

matará e tua casa inteira desabará no sangue.” Também aí se vê com clareza que era possível a Laio não semear no “sulco gerador”: pois o oráculo não lhe teria ordenado nada de impossível. Mas era possível igualmente semear. E nem um nem outro se impunha necessariamente. E como não evitou semear no “sulco gerador”, a consequência foi que por ter semeado, sofreu as trágicas desgraças de Édipo, Jocasta e seus filhos.

O “argumento preguiçoso” é um sofisma, como aquele que aplicamos, por hipótese, a um doente e que o dissuade, mediante um raciocínio falacioso, de recorrer ao médico em benefício de sua saúde. Este é o argumento: se teu destino é te curares, quer chames o médico ou não, tu te curarás. Mas se teu destino é não te curares, quer chames o médico ou não, não te curarás. Ora, teu destino é te curares ou não te curares. Portanto, é inútil chamares o médico. Mas a este argumento se opõe por brincadeira outro do mesmo tipo. Se é teu destino procriares, quer te aproximes de uma mulher ou não, tu procriarás. Mas se teu destino é não procriares, quer te aproximes ou não de uma mulher, não procriarás. Ora, teu destino é procriares ou não procriares. Portanto, é inútil te aproximares de uma mulher. Com efeito, neste exemplo, como não existe nem meio nem possibilidade de procriar sem a pessoa se aproximar de uma mulher, não é inútil alguém se aproximar de uma mulher. Assim também, se a medicina é o meio de curar, é necessário recorrer ao médico, e é falso dizer: “É inútil chamares o médico”. Desenvolvi estes argumentos por causa da fórmula do douto Celso: se ele predisse estes acontecimentos como Deus, seria absolutamente necessário que a predição se cumprisse. Se por “absolutamente” ele entende “necessariamente”, não se pode concordar com ele, pois é igualmente possível que o acontecimento não suceda. Mas se ele emprega “absolutamente” no sentido de “se realizará”, e nada impede que isto seja verdade, mesmo que seja possível que isto não ocorra, isto em nada atinge o raciocínio. De fato, da exata predição feita por Jesus sobre a conduta do traidor ou a do renegado não decorre que ele tenha sido a causa da conduta ímpia e pérfida de ambos. Ele tinha visto a disposição perversa deles, ele que, segundo nós, “conhecia o interior do homem” (Jo 2,25), e vendo os excessos aos quais o levariam sua avareza e falta de sólida lealdade que deveria ter por seu mestre, entre outras coisas, disse: “O que comigo põe a mão no prato, esse me entregará” (Mt 26,23).

21. Observa como é superficial e evidentemente falsa esta expressão de Celso: o comensal de um homem não conspiraria contra ele; se não é verdade que não se conspiraria contra um homem, conseqüentemente o conviva de um Deus não se tornaria conspirador. Quem ignora que muitos homens, tendo partilhado o sal e a mesa, conspiraram contra seus comensais? A história dos gregos e dos bárbaros está cheia de exemplos semelhantes. Pelo menos é a censura que faz o poeta jâmbico de Paros a Licâmbio: de ter rompido a aliança “do sal e da mesa”: “violaste um juramento solene, traíste o sal e a mesa”. Os que levam a peito o estudo da história, que se consagram a ele de corpo e alma e abandonam estudos mais necessários à conduta da vida, poderão citar mais exemplos e mostrar quantos comensais conspiraram contra os que os hospedaram.

22. Em seguida, a modo de conclusão de um raciocínio fundado em provas e conseqüências válidas, ele acrescenta: *E coisa mais absurda ainda, o próprio Deus conspirou contra seus comensais, fazendo deles traidores e ímpios.* Mas como Jesus terá conspirado, ou feito de seus discípulos traidores e ímpios, ele não poderia dizer a não ser pelo que julgou ser uma conseqüência: qualquer pessoa poderia com toda facilidade refutá-la.

23. Após isto, diz ele: *Se ele tivesse tomado esta decisão, e se foi por obediência a seu Pai que foi punido, é evidente que, como ele era Deus e aceitava os fatos, os tratamentos espontaneamente desejados não podiam causar-lhe nem dores nem sofrimentos.* E ele nem mesmo viu a contradição em que se embarça! Pois se ele concorda que Jesus foi punido porque havia tomado decisão nesse

sentido, e que ele se entregou por obediência a seu Pai, é claro que Jesus foi punido e lhe era impossível evitar as dores que lhe infligissem os carrascos; pois a dor escapa ao controle da vontade. Se ao contrário, segundo seu desejo, os tratamentos não podiam causar-lhe nem dores nem penas, como Celso concorda que ele foi punido? É porque não viu que Jesus, tendo uma vez assumido um corpo por seu nascimento, ele o assumiu exposto aos sofrimentos e às penas a que estão sujeitos os corpos, se por pena se entende o que escapa à vontade. Portanto, assim como ele quis e assumiu um corpo cuja natureza não é absolutamente diferente da carne dos homens, da mesma forma com este corpo ele assumiu as dores e as penas; e ele não era senhor da decisão de passar ou não por elas: isto dependia dos homens dispostos a lhe infligir estas dores e penas. Já expliquei acima que se ele não tivesse querido cair nas mãos dos homens, ele não teria vindo ao mundo. Mas veio a este mundo porque queria pela razão já explicada: o bem que todo o gênero humano colheria de sua morte pelos homens.

24. Em seguida, ele quer provar que aquilo que lhe acontecia lhe causava dores e penas, e, por mais que quisesse, era-lhe impossível impedir que assim fosse, e diz: *Por que então solta queixas e gemidos e, para escapar ao medo da morte, por que faz esta espécie de oração: “Meu Pai, que se afaste de mim este cálice”?* Também neste particular, repara a deslealdade de Celso. Ele recusa admitir a sinceridade dos evangelistas, que poderiam ter silenciado o que, no pensar de Celso, é motivo de acusação, mas não o fizeram por muitas razões que a exegese do evangelho poderá apresentar; e ele acusa o texto evangélico recorrendo a exageros enfáticos e citações forjadas. Nele não vemos Jesus soltando gemidos. Ele altera o texto original: “Meu Pai, se é possível, afaste de mim este cálice” (Mt 26,39). Além disso, ele não cita a manifestação imediata de sua piedade para com seu Pai e de sua grandeza de alma, que em seguida é notada nestes termos: “Contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres.” E parece mesmo não ter percebido a docilidade de Jesus à vontade de seu Pai nos sofrimentos aos quais ele estava condenado, manifestada nas palavras: “Se não é possível que isto passe sem que eu o beba, seja feita a tua vontade!” (Mt 26,42). Tem a mesma atitude dos ímpios que entendem as divinas Escrituras com perfídia e “proferem impiedades contra o céu” (Sl 72,8). Estas pessoas parecem ter entendido a expressão “Sou eu que mato”, e nos criticam frequentemente por isso; não se lembram mais da expressão: sou eu que “faço viver” (Dt 32,39). Mas toda a passagem mostra que os que levam uma vida manifestamente má e têm uma conduta perversa são mortos por Deus, mas lhes é insuflada uma vida superior, a que Deus pode dar aos que morreram para o pecado (cf. Rm 6,2). Assim também eles entenderam “Sou eu que firo”, porém não veem mais: sou eu que “torno a curar” (Dt 32,29): expressão semelhante à de um médico que fez incisões em corpos, causou-lhes ferimentos dolorosos para deles tirar o que é nocivo e dificulta a saúde, e não se limita aos sofrimentos e à incisão, mas por esse tratamento devolve aos corpos a saúde que ele tinha em vista. Além disso, não entenderam em sua totalidade as palavras: “Porque ele fere e pensa a ferida”, mas somente “ele fere”. É exatamente assim que o judeu de Celso cita: “Meu Pai, que se afaste de mim este cálice”, mas não o que segue, que provou a preparação de Jesus para a sua paixão e sua firmeza. E esta é matéria que oferece grande campo de explicação pela sabedoria de Deus, que com razão se poderia transmitir aos que Paulo chama “perfeitos”, quando diz: “No entanto, é realmente de sabedoria que falamos entre os perfeitos” (1Cor 2,6); mas, transferindo a questão para uma ocasião favorável, lembro o que é útil à presente questão.

25. Já dizia eu então acima: há certas palavras pronunciadas por aquele que em Jesus é o primogênito de toda criatura, como “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6) e as da mesma natureza; e outras, do homem que o espírito nele discerne, como: “Vós, porém, procurais matar-me, a mim, que

vos falei a verdade que ouvi de Deus” (Jo 8,40). Assim sendo, aqui mesmo, ele exprime em sua natureza humana tanto a fraqueza da carne humana quanto a prontidão do espírito: a fraqueza, “Meu Pai, se é possível, que se afaste de mim este cálice”; a prontidão do espírito, “contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres”. Além disso, se é preciso estar atento à ordem das palavras, observa que em primeiro lugar se menciona aquela que, se poderia dizer, se refere à fraqueza da carne, e que é a única; e em seguida, as que se referem à prontidão do espírito, e que são múltiplas. Eis o exemplo único: “Meu Pai, se é possível, que se afaste de mim este cálice”. Eis os exemplos múltiplos: “Contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres”, e “Meu Pai, se não é possível que isto passe sem que eu o beba, seja feita a tua vontade”. É preciso notar igualmente que ele não disse: “Que este cálice afaste-se de mim”, mas o que foi dito piedosamente e com reverência foi este conjunto: “Meu Pai, se é possível, que se afaste de mim este cálice”. Sei perfeitamente que há uma interpretação da passagem no seguinte sentido: o Salvador, vendo as desgraças que o povo e Jerusalém sofreriam como castigo pelos atos que os judeus ousaram praticar contra ele, quis, unicamente por amor a eles, afastar do povo os males que o ameaçavam, e disse: “Meu Pai, se é possível, que se afaste de mim este cálice”, como se dissesse: como não posso beber este cálice do castigo sem que todo o povo fique abandonado de ti, eu te peço, se é possível, que se afaste de mim este cálice, para que a maior parte de tua herança, por causa do que ela ousou cometer contra mim, não seja inteiramente abandonada por ti. Mas se o que aconteceu neste tempo, como afirma Celso, não causou a Jesus nem dor, nem pena, como os que vieram depois poderiam ter proposto Jesus como modelo de paciência em suportar as perseguições religiosas, se em vez de passar por sofrimentos humanos ele tivesse apenas parecido sofrer?

26. O judeu de Celso dirige-se ainda aos discípulos de Jesus como se tivessem inventado tudo isto: *Apesar de vossas mentiras, não pudestes dissimular vossas ficções de maneira plausível.* A isto se deve replicar: havia um meio fácil de dissimular os fatos deste gênero: não escrever absolutamente nada! Porque se estas ficções não estavam contidas nos evangelhos, quem poderia nos censurar pelas palavras que Jesus pronunciou no tempo da encarnação? Celso não compreendeu que era impossível que os próprios homens, de um lado tenham sido ludibriados a respeito de Jesus que eles acreditavam ser Deus e predito pelos profetas, e de outro lado tenham inventado a respeito dele ficções que evidentemente eles sabiam não serem verdadeiras! Portanto, ou eles não as inventaram, mas acreditavam serem tais e as escreveram sem mentir; ou então mentiam ao escrevê-las, não acreditando ser autênticas e não eram ludibriados pela ideia de que ele era Deus.

27. Depois disso, diz ele: *Alguns fiéis, como pessoas embriagadas que se agridem a si mesmas, manipularam o texto original do evangelho três ou quatro vezes, ou até mais, e o alteraram para poderem opor negações às críticas.* Mas daqueles que manipularam o evangelho só conheço os partidários de Marcião, de Valentim e, me parece, de Lucano. Reconhecer a verdade disso não constitui razão de queixa contra nossa doutrina, mas contra os que ousaram falsificar os evangelhos. E como não se pode censurar a filosofia por causa dos sofistas, dos epicureus, dos peripatéticos ou de quaisquer outros defensores de opiniões falsas, tampouco é razão de queixa contra o verdadeiro cristianismo a existência daqueles que manipulam os evangelhos e introduzem heresias estranhas ao sentido do ensinamento de Jesus.

As profecias aplicam-se a outras pessoas?

28. E como o judeu de Celso, depois disso, faz esta censura: *Os cristãos citam os profetas que*

predisseram a história de Jesus, acrescentarei ao que já disse acima: se ele trata os homens com deferência como ele garante, deveria citar as próprias profecias e, depois de ter defendido suas probabilidades, propor o que lhe tenha parecido uma refutação dos textos proféticos. Teria assim evitado a impressão de resolver a seu favor um assunto desta importância em tão poucas palavras. Tanto mais porque afirma: *Existe uma infinidade de outras pessoas às quais as profecias podem se adaptar com muito mais probabilidade do que a Jesus*. Ele deveria exatamente se opor com cuidado a essa demonstração que conquistou os cristãos por sua força sem igual e explicar, em cada profecia, como ela pode se adaptar a outras pessoas com bem mais probabilidades do que a Jesus. Mas ele não compreendeu que se houvesse alguma objeção plausível contra os cristãos, ela talvez fosse plausível da parte de homens alheios aos escritos proféticos; mas Celso atribui à personagem de seu judeu o que um judeu jamais teria dito. Pois um judeu não admitirá que existe uma infinidade de pessoas a quem as profecias podem se adaptar com muito mais probabilidade do que a Jesus; mas, dando sobre cada uma a explicação que lhe parece boa, ele procurará se opor à interpretação dos cristãos; sem dúvida, não porque apresente argumentos convincentes, mas porque pretende tê-los apresentado.

29. Já disse acima: as profecias têm em vista duas vindas de Cristo ao gênero humano. Por isso não há mais necessidade que eu responda à objeção posta na boca do judeu: *É grande príncipe, senhor de toda a terra, de todas as nações e exércitos que deve vir, dizem os profetas*. E à maneira dos judeus, penso eu, dando rédea solta à sua cólera para atacar Jesus sem provas nem argumentos plausíveis, ele acrescenta: *Mas eles não anunciaram esta peste*. Entretanto, nem judeus, nem qualquer outra pessoa poderiam constituir prova que convencesse que uma peste pudesse converter tantos homens da depravação dos vícios à vida conforme a natureza na prática da temperança e de todas as outras virtudes.

30. Celso lança mais este ataque: *Ninguém prova uma divindade ou uma filiação divina com indícios tão frágeis misturados com histórias falsas e com testemunhos tão medíocres*. Mas teve de citar estas histórias falsas e refutá-las, estabelecer racionalmente a mediocridade dos testemunhos: diante das declarações do cristão que pareciam plausíveis, ele poderia então procurar combatê-las e derrubar o argumento. A afirmação que ele faz de que Jesus era grande se concretizou de fato, mas ele não quis ver que ela havia se concretizado, como a evidência mostra no caso de Jesus. *Como o sol que ilumina todas as outras coisas primeiro mostra a si mesmo, assim deveria ter feito o Filho de Deus*, diz ele. Mas, pode-se dizer que ele realmente assim fez. Pois a passagem: “Em seus dias floresceu a justiça e muita paz” (Sl 71,7) começou a se realizar desde seu nascimento. Deus preparava as nações para receber seu ensinamento, submetendo todas ao único imperador de Roma, e impedindo que o isolamento das nações devido à pluralidade das realezas não tornasse mais difícil aos apóstolos a execução da ordem de Cristo: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos” (Mt 28,19). É manifesto que Jesus nasceu sob o reinado de Augusto que, por assim dizer, tinha reduzido a uma massa uniforme a maior parte dos homens da terra graças à soberania única. A existência de numerosos reinos seria um obstáculo à difusão do ensinamento de Jesus por toda a terra: não só pela razão já apresentada, mas também por causa da obrigação imposta aos homens de todos os lugares de tomar armas e ir à guerra para defender suas pátrias. Os fatos ocorreram antes do reinado de Augusto e ainda mais cedo, quando foi preciso, por exemplo, que se desencadeasse a guerra entre os habitantes do Peloponeso e os de Atenas, arrastando em sua cauda ainda outras nações. Como então este ensinamento pacífico, que nem mesmo permite que se tire vingança dos inimigos, poderia triunfar se a situação da terra, com a vinda de Jesus, não fosse mudada em toda parte em tempo de maior paz?

31. Ele acusa em seguida os cristãos de usar sofismas quando dizem que o Filho de Deus é seu próprio

Logos; e acha bom reforçar sua acusação dizendo que *proclamando que o Logos é Filho de Deus, nós apresentamos, no lugar do Logos puro e santo, um homem ignominiosamente surrado com varas e conduzido ao suplício*. Também a respeito dessa questão já respondemos sumariamente às acusações de Celso, mostrando que, como primogênito de toda criatura, ele assumira um corpo e uma alma de homem; que Deus tinha pronunciado uma ordem sobre a multidão das coisas que estão no mundo; que elas tinham sido criadas; e que Aquele que tinha recebido esta ordem era o Deus Logos. Como é judeu que assim fala no escrito de Celso, vem muito a propósito esta citação: “Enviou seu Logos para curá-los, e da cova preservar a sua vida” (Sl 106, 20). Já fiz esta citação acima (cf. I, 64). Mas, em conversa com muitos judeus famosos por sua ciência, não ouvi nenhum deles aprovar a opinião de que o Logos é o Filho de Deus, como diz Celso atribuindo tal afirmação à personagem do judeu a quem faz dizer estas palavras: *Se de fato o Logos é para vós Filho de Deus, também nós aprovamos*.

32. Já disse que Jesus não pode ser nem arrogante nem charlatão (cf. II, 7). Por isso não creio ser necessário voltar a este ponto para evitar responder às repetições desnecessárias de Celso com minhas próprias repetições. Mas em suas críticas à genealogia, não faz qualquer menção às pesquisas existentes mesmo entre os cristãos, nem às censuras que alguns tiram da discordância das genealogias. Celso, verdadeiramente arrogante, que se gaba de saber tudo do cristianismo, não sabe levantar uma dúvida prudente sobre a Escritura. Declara ele: *Que presunção ligar a genealogia de Jesus com a do primeiro homem e com as dos reis judeus!* E imagina acrescentar um dito espirituoso quando diz: *A mulher do carpinteiro, se fosse de raça tão ilustre, não teria ignorado isto*. O que tem isso a ver com a questão? Admitamos que ela não tenha ignorado este fato: que inconveniente resultaria daí? E, ao contrário, se ela o ignorou, como concluir do fato de ela o ignorar que não descendia do primeiro homem e que sua raça não remontava aos reis dos judeus? Será necessário, de acordo com o pensamento de Celso, que os pobres nasçam de antepassados pobres todos eles, ou que os reis nasçam dos reis? Perder tempo com este argumento me parece coisa vã, pois está claro que, mesmo em nosso tempo, pessoas mais pobres do que Maria nasceram de antepassados ricos e gloriosos, e, por outro lado, reis e chefes de nações nasceram de pessoas muito obscuras.

Sua conduta terá sido indigna de um Deus?

33. *Que nobre ação digna de um Deus terá praticado Jesus, diz Celso. Terá desprezado os homens, zombado de sua desgraça e brincado com ela?* Ainda que eu pudesse admitir a ação nobre e o milagre no tempo de sua desgraça, que resposta melhor se pode dar à sua pergunta do que citar o evangelho? “A terra tremeu, as rochas se fenderam, abriram-se os túmulos (Mt 27,51; Mc 15,38), o véu do Santuário se rasgou em duas partes, de cima a baixo, houve treva sobre a terra inteira, tendo desaparecido o sol” (Lc 23,44-45). Mas se Celso acredita nos evangelhos para nele encontrar uma ocasião de acusar Jesus e os cristãos, e não acredita neles quando eles provam a divindade de Jesus, poderemos dizer-lhe: muito bem, meu caro, ou recusa acreditar no todo e não penses em nos formular acusação, ou acredita no todo e admira que o Logos de Deus tenha se tornado homem na intenção de socorrer todo o gênero humano. E é um gesto nobre da parte de Jesus que até hoje tenham sido curados em seu nome aqueles a quem Deus quer curar. O eclipse ocorrido no tempo de Tibério César sob cujo reinado, ao que parece, Jesus foi crucificado, e os grandes terremotos que então sucederam, também Flégon os registrou no capítulo treze ou quatorze, creio eu, de suas *Crônicas*.

34. O judeu de Celso que julga ridicularizar a Jesus é apresentado como se conhecesse *as palavras de Baco citadas por Eurípides: O próprio deus me libertará quando eu quiser*. Os judeus, no entanto, não

se ocupam com literatura grega. Mas, admitamos que tenha havido um judeu assim amigo das letras. Se o próprio Jesus não se libertou de seus grilhões, como não podia ter feito isso? Acredite ele ao contrário, segundo minhas Escrituras, que também Pedro, atado na prisão, saiu de lá quando um anjo desatou suas cadeias, e que Paulo, algemado com Silas em Filipos da Macedônia, foi solto por um poder divino no momento em que se abriram as portas da prisão. Mas Celso provavelmente se ri da história, ou então não leu realmente; do contrário teria cuidado de responder que alguns feiticeiros também por seus encantamentos quebram as cadeias e fazem abrir as portas, a fim de comparar com atos de feitiçaria os acontecimentos que são narrados entre nós.

Mas aquele que o condenou, diz ele, nada sofreu com o destino de Penteu, levado de arrebatamentos furiosos e despedaçado. Não viu que não foi propriamente Pilatos que o condenou, mas a nação judaica, pois “ele sabia, com efeito, que eles o haviam entregue por inveja” (Mt 27,18). A nação judaica foi condenada por Deus, despedaçada e dispersada por toda a terra, tratamento mais terrível do que o despedaçamento de Penteu. E por que terá ele omitido intencionalmente a história da mulher de Pilatos? Ela tivera um sonho que a perturbou tanto que mandou dizer a seu marido: “Não te envolvas com este justo, porque muito sofri hoje em sonho por causa dele” (Mt 27,19).

Silenciando de novo os fatos que indicam a divindade de Jesus, Celso lhe faz censuras a partir daquilo que está escrito dele no evangelho. Ele menciona: *aqueles que zombaram dele, vestiram-lhe ridiculamente a capa escarlata, a coroa de espinhos e o caniço na mão.* De onde soubeste isto, Celso, senão dos evangelhos? Acaso verias aí motivos de censura? Os que os viram não tinham ideia de que tu e os de tua companhia haveríeis de rir destas cenas, mas que outros prenderiam Aquele que morreu generosamente pela religião como exemplo da maneira de desprezar os que riem e zombam dela. Admira antes a sinceridade destes autores e a sublimidade daquele que voluntariamente se sujeitou a estes sofrimentos pelos homens e os suportou com uma resignação e uma grandeza de alma totais! Pois não está escrito que em sua condenação ele tenha se queixado ou que tenha tido um pensamento ou alguma palavra sem nobreza.

35. À pergunta que ele fez: *Se antes não manifestou seu poder divino, por que pelo menos agora não manifesta algo de divino, por que não se lava desta vergonha, não se vinga dos que ultrajam a ele e a seu Pai?*, devemos responder que é a mesma coisa fazer aos gregos que admitem a Providência e aceitam a existência de sinais divinos, a pergunta: por que Deus afinal não castiga os que ultrajam a divindade e negam a Providência? Pois se os gregos têm uma resposta a esta objeção, nós também teremos uma semelhante e até superior. Mas houve de fato um sinal divino vindo do céu, o eclipse do sol e outros milagres: provas de que o crucificado tinha algo de divino e superior ao comum dos mortais.

36. Celso continua: *Que declara ele mesmo quando seu corpo é pregado na cruz? Seu sangue é aquele ícor que corre nas veias das divindades benditas?* Aí está ele novamente brincando! Nós, porém, graças aos evangelhos que são escritos sérios, embora Celso queira fazer deles outra coisa, afirmaremos o seguinte: o ícor da fábula de Homero não escorreu de seu copo, mas, quando ele já estava morto, “um dos soldados traspassou-lhe o lado com a lança e imediatamente saiu sangue e água. Aquele que viu dá testemunho e seu testemunho é verdadeiro” (Jo 19,34-35). Nos outros cadáveres, porém, o sangue fica coagulado, e não pode escorrer água pura; mas no cadáver de Jesus, o milagre foi ter escorrido “sangue e água” do lado. Mas Celso, que tira acusações contra Jesus e os cristãos de textos evangélicos que ele nem mesmo sabe interpretar corretamente e cala o que estabelece a divindade de Jesus, acaso pretende ficar atento às manifestações divinas? Leia então o Evangelho e veja nele entre outras passagens esta: “O centurião e os que com ele guardavam a Jesus,

ao verem o terremoto e tudo mais que estava acontecendo, ficaram muito amedrontados e disseram: ‘De fato, este era filho de Deus!’ ” (Mt 27,54).

37. Em seguida, extraindo do evangelho as passagens que ele ousa impor-lhe, critica Jesus por *avidez em beber o fel e o vinagre, sem saber dominar uma sede que até qualquer pessoa comumente domina*. Este texto, examinado à parte, tem uma interpretação alegórica; mas aqui podemos dar uma resposta mais comum às objeções: até isto as profecias predisseram. De fato, no Salmo 68 lemos estas palavras atribuídas a Cristo: “Como alimento deram-me fel, e na minha sede fizeram-me beber vinagre” (Sl 68,22). Cabe aos judeus dizer a quem o profeta faz falar nestes termos e determinar, de acordo com a história, quem recebeu fel como alimento e vinagre como bebida. Ou se eles arriscam dizer que se trata de Cristo em cuja vinda futura acreditam, responderei: o que impede a profecia de já se ter realizado? O fato de isto ter sido dito tanto tempo antes, com as outras previsões dos profetas, se fizermos um exame criterioso de toda a questão, é capaz de levar ao reconhecimento de Jesus como o Cristo profetizado e o Filho de Deus.

38. Depois disso, o judeu ainda nos diz: *Vós então nos censurais, gente de extrema credulidade, por não o considerarmos como Deus e por não concordarmos convosco que ele suportou estes sofrimentos pelo bem da humanidade, para que também nós pudéssemos desprezar os suplícios?* Eis a nossa resposta: censuramos os judeus, alimentados pela lei e pelos profetas que anunciam previamente o Cristo, por não refutarem as provas que lhes apresentamos de que ele é verdadeiramente o Cristo, embora aleguem esta refutação para justificar sua incredulidade, e, apesar da ausência de refutação, por não acreditarem naquele que fora predito. Mas Jesus provou de maneira brilhante, nos que foram seus discípulos mesmo depois do tempo de sua encarnação, que ele tinha suportado estes sofrimentos pelo bem da humanidade. A finalidade de sua primeira vinda não foi julgar as ações dos homens antes de lhes ter transmitido o ensinamento e o exemplo do dever, nem de castigar os maus e salvar os bons, mas de difundir milagrosamente sua doutrina com um poder divino através de todo o gênero humano, como também tinham mostrado os profetas. Censuramos a eles ainda por terem recusado crer na manifestação do poder de que ele dispunha, e terem dito que era por Beelzebu, príncipe dos demônios, que ele expulsava os demônios das almas dos homens (cf. Mt 12,24; 9,34). Censuramos a eles por caluniarem até seu amor aos homens e, apesar de ele não ter desprezado qualquer cidade ou aldeia da Judeia, mas anunciou em toda parte o reino de Deus, por acusá-lo caluniosamente de ter sido vagabundo que levava vida errante e inquieta em corpo sem nobreza. Não foi sem nobreza que ele suportou tantas fadigas para a utilidade dos que, em toda parte, eram capazes de compreender.

39. Mas como não é mentira evidente a afirmação do judeu de Celso: *Ao longo de toda a sua vida, sem jamais ter persuadido a ninguém, sequer seus discípulos, foi castigado e suportou estes sofrimentos!* Pois donde procede o ódio excitado contra ele pelos sumos sacerdotes, pelos anciãos e escribas, senão do fato de que as multidões estavam persuadidas a segui-lo até aos desertos, conquistadas não só pela lógica de seus discursos, sempre adaptados aos seus ouvintes, mas também por seus milagres que causavam espanto naqueles que não acreditavam na lógica de seu discurso? Como não é mentira flagrante dizer que ele não convenceu nem mesmo seus discípulos. Eles sentiram então uma covardia muito humana, pois ainda não tinham coragem provada, sem desistirem, contudo, de sua convicção de que ele era o Cristo. Pois Pedro, logo depois de sua negação, teve consciência da gravidade de sua culpa, e “saindo dali, chorou amargamente” (Mt 26,75); os outros, embora atingidos pelo desânimo a seu respeito, pois ainda o admiravam, foram fortalecidos por sua aparição a crerem que ele era o Filho de Deus com fé ainda mais viva e mais sólida do que antes.

40. Por sentimento indigno de filósofo, Celso imagina que a superioridade de Jesus sobre os homens não consistia em sua doutrina da salvação e na pureza de seus costumes. Ele deveria ter agido de modo contrário ao caráter do papel que tinha assumido: tendo assumido uma natureza mortal, não deveria ter morrido; ou deveria morrer, mas não de morte que pudesse servir de exemplo aos homens: pois este gesto lhes ensinava a morrer pela religião e a fazer corajosamente profissão desta fé diante dos que estão no erro em matéria de piedade e de impiedade e consideram as pessoas piedosas como ímpias, e como muito piedosas as que, desencaminhadas em suas ideias sobre Deus, aplicam a tudo mais do que a Deus a justa noção que têm dele; e seu erro chega ao cúmulo quando massacram furiosamente os que, tendo a evidência do único Deus supremo, a ele se consagraram com toda a alma até à morte.

41. Celso põe na boca do judeu outra censura contra Jesus: *Ele não se mostrou puro de todo mal.* De que mal Jesus não se terá mostrado puro? Que o erudito de Celso o diga! Se ele entende que Jesus não se mostrou puro do mal no sentido estrito, que apresente claramente a prova de um ato mau praticado por ele! Se, pelo contrário, ele entende por mal a pobreza, a cruz, a conspiração de homens insensatos, é evidente que podemos dizer que também para Sócrates sucedeu o mal, ao não poder provar que era puro deste mal. Mas, como é numeroso entre os gregos o coro dos filósofos que foram pobres e de pobreza voluntariamente escolhida! A maioria dos gregos o conhece pelas suas histórias: Demócrito abandonou sua propriedade em pastagens para as ovelhas; Crates se libertou gratificando os tebanos com o dinheiro que a venda de tudo o que possuía lhe tinha proporcionado; e ainda Diógenes, por exagero de pobreza, vivia num tonel, e nenhuma pessoa que tivesse inteligência mesmo modesta concluiu que Diógenes vivia no mal.

42. Além disso, como Celso pretende que *Jesus não foi mesmo livre de censura*, cabe a ele mostrar qual dos que aderiram à sua doutrina relatou de Jesus qualquer coisa que fosse realmente repreensível. Ou então, se não o acusa de ser repreensível pelo que dizem tais pessoas, mostre de acordo com que fonte ele pôde dizer que não era irrepreensível. Jesus cumpriu suas promessas praticando o bem aos que se ligaram a ele. E vendo continuamente realizados os acontecimentos que ele predissera antes de acontecerem: o evangelho pregado no mundo todo, seus discípulos que partiram pregando sua doutrina a todas as nações, e além disso, o processo que enfrentaram diante de governadores e reis sem outro motivo a não ser seu ensinamento (Mc 13,10; Mt 28,19; 10,18), admiramo-nos muito com o que ele é e fortalecemos todos os dias a fé que nele depositamos. Mas não sei com que provas mais fortes e mais evidentes Celso queria que ele tivesse confirmado suas predições; a não ser talvez que, ignorando, pelo que parece, que o Logos se tornou o homem Jesus, fosse seu desejo que ele não experimentasse nada de humano e não se tornasse pelos homens exemplo nobre da maneira como suportar a adversidade. Mas esta talvez pareça a Celso algo lamentável e das mais repreensíveis, porque considera o sofrimento como o maior dos males e o prazer como o bem perfeito: o que não é aceito por nenhum dos filósofos que admitem a Providência, e que concordam que a coragem é virtude como também a resistência paciente e a grandeza de alma. Desta forma, pelos sofrimentos que ele suportou, Jesus não desacreditou a fé em sua pessoa, mas a fortificou sobretudo nos que querem admitir a coragem, e nos que aprenderam dele que a vida feliz no sentido próprio e verdadeiro não existe neste mundo, mas naquele que ele chama “mundo vindouro” (Mt 12,32), ao passo que a vida no “presente mundo” (Gl 1,4) é desgraça, a primeira e a maior luta a travar pela alma.

43. Depois disso, ele se dirige a nós: *Não haveis de pretender que, não tendo conseguido convencer os que vivem neste mundo, ele foi ao Hades para convencer os habitantes de lá?* Mas, queira ou não queira, nós afirmamos o seguinte: já quando estava em seu corpo, ele persuadiu não pequeno número,

mas um número tão grande, que a causa da conspiração contra ele foi a multidão de pessoas persuadidas. E despojada sua alma do corpo, ele foi se entreter com as almas despojadas do corpo, e converteu a si as que queriam se converter ou que ele via mais bem preparadas, por motivos que ele conhecia.

44. Depois disso, não sei por que razão, ele acrescenta esta observação bastante simplória: *Se, forjando justificativas absurdas para aquilo com que ridiculamente vos iludiu, julgais oferecer uma justificativa válida, que impede pensar que todos os outros que foram condenados e desapareceram de maneira mais miserável ainda são mensageiros maiores e mais divinos do que ele?* Mas é de evidência clara e manifesta a todo homem que Jesus, nos sofrimentos relatados, nada tem de comparável com os que desapareceram de maneira mais miserável ainda, por causa de sua magia ou de qualquer outra acusação. Pois ninguém pode mostrar que uma prática de feitiçaria tenha convertido as almas da multidão dos pecados que reinam entre os homens e da devassidão dos vícios.

E o judeu de Celso, comparando Jesus aos bandidos, declara: *Poderíamos dizer com petulância igual à de bandido e de assassino submetido ao suplício: não era bandido, mas um Deus, pois predisse a seus cúmplices que ele sofreria o tipo de suplício que sofreu.* Mas podemos dizer: não é porque ele predisse o que sofreria que temos tais sentimentos a respeito de Jesus, como, por exemplo, quando professamos sincera e corajosamente que veio de Deus a nós; em seguida, dizemos que esta comparação está predita nos próprios evangelhos, pois Jesus “foi contado entre os malfeitores” (Mc 15,28; Is 53,12) por malfeitores: pois preferiram que um bandido, preso “por sedição e homicídio”, fosse posto em liberdade e Jesus crucificado, e o crucificaram entre dois bandidos. Além disso, imediatamente, na pessoa de seus discípulos verdadeiros e que dão testemunho da verdade, Jesus é crucificado com bandidos e sofre a mesma condenação que eles entre os homens. Dizemos: à medida que há uma analogia entre bandidos e os que, por sua piedade para com o Criador que eles querem manter intacta e pura como ensinou Jesus, aceitam todos os tipos de ultrajes e mortes, é claro que Celso tem certa razão em comparar Jesus, iniciador deste ensinamento sublime, aos chefes de bandidos. Mas, nem Jesus, que morre pela salvação de todos, nem os que suportam esses sofrimentos por causa de sua piedade, os únicos entre todos os homens a serem perseguidos pela maneira como julgam dever honrar a Deus, são condenados à morte sem injustiça; e Jesus não foi perseguido sem impiedade.

45. Observa igualmente a superficialidade do que ele diz dos que foram então discípulos de Jesus: *Então os companheiros de sua vida, que ouviam sua voz e tinham-no na conta de mestre, quando o viram torturado e moribundo, não quiseram nem morrer com ele nem morrer por ele, e, em vez de consentir em desprezar os suplícios, negaram ser seus discípulos.* E vós, agora, quereis morrer com ele. Neste ponto, Celso, para atacar nossa doutrina, dá crédito ao pecado cometido pelos discípulos ainda iniciantes e imperfeitos, de que falam os evangelhos. Mas não diz uma palavra sobre a correção deles depois da falta, sobre sua firmeza em pregar diante dos judeus, sobre os males sem conta suportados por eles, sobre a morte que por fim sofreram pelo ensinamento de Jesus. Isto porque não deu importância à predição de Jesus a Pedro: “quando fores velho, estenderás a mão...” etc.; ao que a Escritura acrescenta: “Disse isto para indicar com que espécie de morte Pedro daria glória a Deus” (Jo 21,18-19); nem levou em conta a morte pela espada no tempo de Herodes, pela doutrina de Cristo, de Tiago irmão de João, apóstolo e irmão de apóstolo; nem deu valor tampouco a todos os feitos de Pedro e dos outros apóstolos na sua pregação intrépida do evangelho, nem percebeu como eles saíram do Sinédrio depois de flagelados, “regozijando-se por terem sido achados dignos de sofrer afrontas pelo Nome” (At 5,41), superando de longe tudo o que os gregos contam da resistência paciente e da

coragem dos filósofos. Portanto, desde a origem prevalecia entre os ouvintes de Jesus esta lição capital de seu ensinamento: o desprezo da vida procurada pela multidão e o cuidado em levar vida semelhante à de Deus.

46. E como é grande a mentira do judeu de Celso quando afirma: *Durante sua vida, conquistou apenas uns dez marinheiros e publicanos dos mais perdidos, e assim mesmo nem todos.* Está claro, pois até há judeus que concordam, que ele conquistou não só dez homens, nem cem, nem mil, mas redondamente ora cinco mil, ora quatro mil (cf. Mt 14,21; 15,38); e os conquistou de tal modo que o seguiam até nos desertos, únicos lugares capazes de conter a multidão reunida dos que acreditavam em Deus por meio de Jesus, e onde ele lhes apresentava não apenas discursos mas também atos. Por suas repetições, Celso me força a imitá-lo, pois evito cuidadosamente parecer deixar de lado qualquer de suas críticas. Portanto, sobre este ponto, conforme a ordem de seu escrito, ele declara: *Enquanto ele vivia não convenceu a ninguém, e depois de sua morte os que tiveram este desejo persuadiram multidões: não é mesmo o cúmulo do absurdo?* Deveria ter dito, para ficar dentro da lógica: se, depois de sua morte os que tiveram, não simplesmente este desejo, mas o desejo e o poder, persuadiram multidões, como não será mais provável que durante sua vida ele tenha persuadido muito mais por sua palavra poderosa e por seus atos!

A paixão

47. Ele pré-julga acerca de nossa resposta à pergunta que ele faz: *Que motivo vos levou a crer no Filho de Deus?* Pois ele nos faz responder: *Este motivo, é nossa ideia de que ele suportou seu suplício para aniquilar o autor do mal.* Porém, dos mil outros motivos que nos levaram a esta crença expus até aqui apenas uma parte ínfima; com a ajuda de Deus exporei outros não só nesta resposta ao pretense *Discurso verdadeiro* de Celso, mas em muitas outras obras. E como se nossa resposta fosse de fato: *Acreditamos que ele é o Filho de Deus por causa de seu suplício,* ele replica: *Mas como assim? Não existem muitos outros supliciados, e com não menos ignomínia?* De sua parte é um equívoco análogo ao dos mais grosseiros adversários de nossa doutrina que do relato da crucifixão de Jesus tiram a conclusão que adoramos todos os crucificados.

Os milagres

48. Já muitas vezes, Celso, incapaz de olhar de frente os milagres de Jesus relatados na Escritura, desqualifica-os tratando-os de feitiçaria. Muitas vezes faço o melhor que posso para refutar esta alegação. Também aqui, ele supõe nossa resposta: *Nós cremos que ele é o Filho de Deus, porque curou os aleijados e cegos,* e acrescenta: *e, pelo que dizeis, ressuscitou mortos.* Ora, para nós é evidência que ele curou aleijados e cegos, e por isso acreditamos que ele é o Cristo e o Filho de Deus, de acordo com as profecias: “Então se abrirão os olhos dos cegos, e os ouvidos dos surdos se desobstruirão. Então o coxo saltará como o cervo” (Is 35,5-6). Mas, comprova-se da seguinte maneira que ele ressurgiu dos mortos e isto não foi ficção dos evangelistas: se fosse ficção, haveria muitos ressuscitados e permanência mais longa em seus sepulcros. Como não se trata de ficção, lembra-se apenas pequeno número deles: é o caso da filha do chefe da sinagoga, e a este respeito diz ele, não sei por quê: “Ela não morreu; está dormindo” (Lc 8,52), o que não era o caso de todos os mortos; há o caso do filho único da viúva que, em sua compaixão, ele ressuscitou depois de ter mandado parar os que o carregavam; em terceiro lugar, há o caso de Lázaro, que jazia no túmulo havia quatro dias (cf. Lc 7,11-17; Jo 11,38-44).

A este respeito direi ainda às pessoas mais dispostas e principalmente ao judeu: “Havia igualmente muitos leprosos em Israel no tempo do profeta Eliseu; todavia, nenhum deles foi purificado, a não ser o sírio Naamã”, “Havia em Israel muitas viúvas nos dias de Elias; ele não foi enviado a nenhuma delas, exceto a uma viúva, em Sarepta, na região de Sidônia” (Lc 4,27.25-26), que se tornara digna, segundo uma decisão divina, do prodígio que o profeta realizou sobre os pães; havia igualmente muitos mortos no tempo de Jesus, mas só ressuscitaram aqueles que o Logos julgou conveniente ressuscitar para que os milagres do Senhor não só sejam símbolos de certas verdades, mas também atraíam imediatamente muitos homens ao admirável ensinamento do evangelho. Acrescentarei que, de acordo com a promessa de Jesus, os discípulos realizaram obras maiores do que os milagres sensíveis que Jesus realizou. Pois é de modo contínuo que se abrem os olhos dos cegos espirituais, e os ouvidos dos surdos às palavras sobre a virtude ouvem com atenção os ensinamentos sobre Deus e a vida bem-aventurada junto dele. Mais ainda, muitos, que eram aleijados no que a Escritura chama “o homem interior”, agora curados pela doutrina, saltam, não no sentido próprio, mas “à maneira do cervo”, animal inimigo das serpentes e imunizado contra todo veneno das víboras. Sim, estes aleijados curados recebem de Jesus o poder de pisar, em seu caminhar outrora claudicante, as “serpentes e escorpiões” do vício, e numa palavra, “todo o poder do Inimigo” (Lc 10,19); eles os calcam aos pés e não são atingidos por nenhum mal, pois também eles estão imunes contra toda malícia e veneno dos demônios.

Feiticeiros, falsos messias, Satanás

49. Jesus não tinha em vista afastar seus discípulos de seu apego a feiticeiros em geral, que prometem realizar prodígios por qualquer meio — não precisavam de tal cuidado — mas do apego aos que se apresentassem como o Cristo de Deus e tentassem, graças a seduções, atrair a si os discípulos de Jesus. Diz ele: “Então, se alguém vos disser: ‘Olha o Cristo aqui!’ ou ‘ali’, não creiais. Pois hão de surgir falsos Cristos e falsos profetas, que apresentarão grandes sinais e prodígios de modo a enganar, se possível, até os eleitos. Eis que eu vo-lo disse. Se, portanto, vos disserem: ‘Ei-lo no deserto’, não vades até lá; ‘Ei-lo em lugares retirados’, não creiais. Pois assim como o relâmpago parte do oriente e brilha até o poente, assim será a vinda do Filho do Homem” (Mt 24,23-27). E em outra parte: “Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não foi em teu nome que profetizamos e em teu nome que expulsamos demônios e em teu nome que fizemos muitos milagres?’ Então eu lhes declararei: ‘Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade’ ” (Mt 7,22-23). Mas, no desejo de comparar os prodígios de Jesus à feitiçaria humana, diz literalmente o seguinte: *Ó luz e verdade! Com sua própria voz ele anuncia abertamente, como confirmam vossos próprios escritos, que ainda outros vos procuraríam, gente má e feiticeiros usando milagres semelhantes. E ele cita certo Satanás, hábil em fingir esses prodígios; ele não nega qualquer caráter divino neles, mas vê neles obra de gente perversa. Coagido pela verdade, desmascarou ao mesmo tempo a conduta dos outros e confundiu a sua. Não é porventura argumento miserável concluir das mesmas obras para a divindade de um e para a feitiçaria dos outros? Por que, então, de acordo com estas obras, se deverá acreditar mais na maldade deles que na sua a respeito de seu próprio testemunho? De fato elas são, como ele mesmo concorda, sinais distintivos não de uma natureza divina, mas de pessoas enganadoras e muito más.* Aí está a prova manifesta da perfídia de Celso com respeito ao evangelho: o que diz Jesus dos que realizarão sinais e prodígios difere totalmente do que afirma o judeu de Celso. Naturalmente, se Jesus tivesse simplesmente dito a seus discípulos que se precavesses contra os que prometem prodígios, sem acrescentar com que autoridade o fazem, talvez houvesse razão para desconfiar do judeu. Mas as

pessoas contra as quais Jesus queria que nos precavêssemos declaram publicamente que são o Cristo, o que não fazem os feiticeiros; ele diz além disso que em nome de Jesus pessoas de vida desregrada farão certos milagres e expulsarão os demônios dos homens. Assim sendo, nem é preciso dizer, está aí banida das personagens em questão a feitiçaria e toda desconfiança a seu respeito, ficando bem evidenciado ao contrário o poder divino de Cristo e dos discípulos: pois era possível a quem usasse seu nome, sob o impulso de não sei que poder, pretender que era Cristo, parecer realizar atos comparáveis aos de Cristo, e a outras pessoas fazer em nome de Jesus prodígios aparentemente aproximados aos de seus autênticos discípulos.

50. Também Paulo, em sua segunda carta aos Tessalonicenses, mostra como será revelado um dia “o homem ímpio, o filho da perdição, o Adversário, que se levanta contra tudo que se chama Deus, ou recebe culto, chegando a sentar-se pessoalmente no templo de Deus, e querendo passar por Deus”. E repete aos tessalonicenses: “Agora também sabeis o que é que ainda o retém, para aparecer só a seu tempo. Pois o mistério da impiedade já age, só é necessário que seja afastado aquele que ainda o retém! Então, aparecerá o Ímpio, aquele que o Senhor destruirá com o sopro de sua boca, e o suprimirá pela manifestação de sua Vinda. Ora, a vinda do Ímpio será assinalada pela atividade de Satanás, com toda a sorte de portentos, milagres e prodígios mentirosos, e por todas as seduções da injustiça, para os que se perdem.” E ele indica igualmente a causa pela qual o Ímpio tem permissão de viver: “Porque não acolheram o amor de verdade, a fim de serem salvos. É por isso que Deus lhes manda o poder da sedução, para acreditarem na mentira e serem condenados, todos os que não creram na verdade, mas antes consentiram na injustiça” (2Ts 2,1-12).

Digam-nos então se existe alguma parte do texto do Evangelho ou do Apóstolo que dê margem à desconfiança de que a feitiçaria foi predita nesta passagem! E quem desejar poderá, além disso, ler em Daniel a profecia sobre o Anticristo (cf. Dn 7,23-26). Celso, porém, calunia as palavras de Jesus: não disse que outros, gente perversa e feiticeiros, como Celso o faz dizer, se apresentariam, usando semelhantes milagres. Realmente, o poder dos encantamentos do Egito não se compara à graça miraculosa de que Moisés dispunha: a conclusão mostrou que as ações dos egípcios eram feitiçarias, e as de Moisés obras divinas. Do mesmo modo, as ações dos anticristos e daqueles que pretendem fazer milagres da mesma forma que os discípulos de Jesus são qualificadas de “portentos, milagres e prodígios mentirosos”, que causam danos em “todas as seduções da injustiça, para os que se perdem”; as de Cristo e de seus discípulos, ao contrário, têm como resultado não a sedução mas a salvação das almas. Quem, portanto, pode razoavelmente sustentar que a vida virtuosa que cada dia reduz a menor número as ações más provém de sedução?

51. Celso adivinhou uma passagem da Escritura quando faz Jesus dizer que certo Satanás seria hábil em fingir tais prodígios. Mas ele comete uma petição de princípio ao afirmar que Jesus não nega neles qualquer caráter divino, mas vê nestes portentos obra de gente perversa. Isto é incluir numa mesma categoria coisas de categorias diferentes. Assim como o lobo não é da mesma espécie que o cão, apesar de semelhança aparente na forma do corpo e na voz, nem o pombo-bravo é da mesma espécie que a pomba doméstica, assim também uma obra do poder de Deus nada tem de semelhante àquilo que provém da feitiçaria.

Outra resposta às deslealdades de Celso: acaso demônios perversos fariam milagres por feitiçaria, sem que a natureza divina e bendita não realize nenhum? Estará a existência humana cheia de males sem espaço algum para o bem? Este é meu parecer: à medida que se deve admitir o princípio geral segundo o qual onde se supõe um mal da mesma espécie que o bem, existe necessariamente em face a ele um bem, assim também existem necessariamente os que são devidos à atividade divina na

existência com relação aos atos executados por feitiçaria. Em consequência do mesmo princípio, pode-se ou suprimir os dois membros da afirmação e dizer que nem um nem outro se realiza, ou, dado um, aqui o mal, reconhecer também o bem. Mas admitir os efeitos da feitiçaria e negar os efeitos do poder divino equivale, ao que me parece, a sustentar que existem sofismas e argumentos plausíveis longe da verdade, embora simulem estabelecê-la, e que, no entanto, a verdade e a dialética estranha aos sofismas não têm direito algum de cidadania entre os homens.

Vamos porventura admitir a existência da magia e da feitiçaria exercida pelos demônios perversos, enfeitiçados pelos encantamentos especiais e dóceis aos convites dos feiticeiros? Neste caso, se conclui que devem existir entre os homens os efeitos do poder divino. Então, por que não examinar cuidadosamente os que pretendem operar milagres e ver se a sua vida, seus costumes, os resultados destes milagres prejudicam os homens ou corrigem seus costumes? Quem então a serviço dos demônios obtém tais efeitos por meio de práticas encantatórias e mágicas? Quem, ao contrário, depois de se ter unido a Deus, num lugar puro e santo, por sua alma, seu espírito e creio também por seu corpo, e depois de ter recebido um espírito divino, realizou tais atos para fazer bem aos homens e os exortar a crer em Deus? Vamos admitir a necessidade de investigar sem tirar uma conclusão precipitada dos milagres, quem realiza estes prodígios por um princípio bom e quem por um princípio mau, de maneira tanto a evitar depreciar, quanto a admirar e acolher tudo como divino? E conforme os acontecimentos do tempo de Moisés e do tempo de Jesus, uma vez que nações inteiras se constituíram em consequência de seus milagres, como não é evidente que foi por um poder divino que eles realizaram as obras que a Bíblia atesta? Pois a maldade e a magia não teriam constituído uma nação inteira que ultrapassou não só os ídolos e os monumentos construídos pelos homens, mas também toda a natureza criada, e que se eleva até ao princípio incriado do Deus do universo.

Jesus superior a Moisés

52. E como é um judeu que diz tais palavras no escrito de Celso, poder-se-ia dizer-lhe: e tu, meu caro, por que afinal esta diferença: acreditas serem divinas as obras que segundo tuas Escrituras Deus realizou por Moisés, e tu procuras justificá-las contra os que as caluniam como efeitos da feitiçaria, análogos aos que os sábios do Egito realizam; ao passo que as de Jesus cuja existência reconheces, conforme os exemplo dos egípcios que te criticam, tu as acusas de não serem divinas? Se de fato o resultado final, a nação inteira constituída pelos prodígios de Moisés, prova evidentemente que Deus era o autor desses milagres no tempo de Moisés, como este argumento não será mais demonstrativo para o caso de Jesus, autor de obra maior que a de Moisés? Pois Moisés tomou os membros da nação formada da posteridade de Abraão que tinham conservado o rito tradicional da circuncisão, observadores decididos dos costumes de Abraão, e os conduziu para fora do Egito impondo-lhes as leis que acreditas serem divinas. Jesus, com outra ousadia, substituiu o regime anterior, os hábitos ancestrais, os modos de vida segundo as leis estabelecidas pelo evangelho. E como os milagres que Moisés realizou conforme as Escrituras eram necessários para conseguir a atenção não só da assembleia dos Anciãos, mas também a do povo, por que Jesus igualmente, para conquistar a fé de um povo que tinha aprendido a pedir sinais e prodígios, não teria tido necessidade de milagres capazes, por sua grandeza e seu caráter divino superiores se os compararmos aos de Moisés, de os desviar das fábulas judaicas e de suas tradições humanas, de fazê-los aceitar que o autor desta doutrina e desses prodígios era maior que os profetas? Como então não era ele maior que os profetas, ele a quem os profetas proclamam Cristo e Salvador do gênero humano?

53. E mais ainda, todos os ataques do judeu de Celso contra os que creem em Jesus podem virar

acusações contra Moisés; de modo que não há ou quase não há diferença em se falar de feitiçaria de Jesus e feitiçaria de Moisés, podendo os dois, apoiando-nos na expressão do judeu de Celso, ser objeto das mesmas críticas. O judeu de Celso, por exemplo, diz a respeito de Cristo: *Ó luz e verdade! Com sua própria voz ele anuncia abertamente, como confirmam vossos próprios escritos, que ainda outros vos procurariam, gente perversa e feiticeiros.* Mas a propósito de Moisés, aquele que não acredita em seus milagres, seja ele do Egito ou de onde quer que seja, poderia dizer ao judeu: “Ó luz e verdade! Com sua própria voz ele anuncia abertamente, como confirmam vossos próprios escritos, que ainda outros vos procurariam, gente perversa e feiticeiros.” Pois está escrito em vossa lei: “Quando surgir em teu meio um profeta ou um intérprete de sonhos, e te apresentar um sinal ou um prodígio — se este sinal ou prodígio que ele anunciou se realiza e ele diz: ‘Vamos seguir outros deuses (que não conhecestes) e servi-los’ — não ouças as palavras deste profeta ou desse intérprete de sonhos...” (Dt 13,1-3) etc. Um, em sua crítica das palavras de Jesus, diz ainda: “E ele cita certo Satanás, hábil em fingir esses prodígios.” O outro, na aplicação desse detalhe a Moisés, dirá: “E ele cita certo intérprete de sonhos, hábil em fingir esses prodígios.” E assim como o judeu de Celso diz de Jesus: *Ele nega neles qualquer caráter divino, mas vê aí obra de gente perversa;* assim também, quem não crê nos milagres de Moisés lhe dirá a mesma coisa citando a frase anterior: “Ele nega neles qualquer caráter divino, mas vê aí obra de gente perversa.” E assim fará para esta afirmação: “Forçado pela verdade, Moisés desmascarou a conduta dos outros e ao mesmo tempo confundiu a sua.” E quando o judeu declara: *Não é acaso um argumento miserável concluir, das mesmas obras, para a divindade de um e a feitiçaria dos outros?* poderíamos responder-lhe por causa das palavras de Moisés já citadas: “Não é acaso um argumento miserável concluir, das mesmas obras, para a qualidade de profeta e servo de Deus de um e para a feitiçaria dos outros?”

Mas, insistindo ainda mais, Celso acrescenta às comparações que citei: *Por que então, de acordo com estas obras, se deverá acreditar mais na maldade deles do que na sua a respeito de seu próprio testemunho?* Acrescentaremos ao que foi dito: *Por que então, de acordo com estas obras, se deverá acreditar mais na maldade das pessoas às quais Moisés proíbe acreditar, apesar de exibirem sinais e prodígios, do que na maldade de Moisés, quando ele ataca os outros por causa dos sinais e prodígios delas?* Ele multiplica as palavras no mesmo sentido por parecerem aumentar sua breve argumentação: *Elas são realmente, e ele mesmo concorda, sinais distintivos não de natureza divina, mas de pessoas enganadoras e muito más.* Quem é então este “ele mesmo”? Tu, judeu, dizes que é Jesus; mas aquele que te acusa como sujeito às mesmas críticas há de referir este “ele mesmo” a Moisés.

A ressurreição

54. Depois disso, o judeu de Celso, dirigindo-se a nós certamente — dentro de sua intenção inicial — declara no discurso a seus compatriotas que se tornaram fiéis crentes: *Que razão, afinal, vos orientou senão o fato de ele ter predito que depois de sua morte ressuscitaria?* Pergunta que eu aplicarei ao caso de Moisés, como na transposição que fiz anteriormente, e lhe direi: que razão, afinal, vos orientou senão o fato de ele ter escrito sobre sua morte nestes termos: “E Moisés, servo do Senhor, morreu ali, na terra de Moab, conforme a palavra do Senhor. E ele o sepultou no vale, na terra de Moab, defronte a Bet-Fegor; e até hoje ninguém sabe onde é a sua sepultura” (Dt 34,5-6). Pois se nosso judeu acusa Jesus de ter predito que depois de sua morte ele ressuscitaria, a esta objeção, usando o mes-mo procedimento para Moisés, se responderá: Moisés escreveu no Deuteronômio de que é o autor: “Até hoje ninguém sabe onde é a sua sepultura”, para celebrar a glória de sua sepultura que ficaria desconhecida do gênero humano.

55. Em seguida, o judeu diz a seus compatriotas que creem em Jesus: *Pois bem, que seja, ele disse isto. Mas, quantos outros se servem destes contos maravilhosos para convencer seus ouvintes simplórios e tirar vantagem da impostura! Foi o caso, pelo que dizem, na Cítia, de Zamólxis, escravo de Pitágoras, do próprio Pitágoras na Itália, de Rampsinita no Egito. Este último, no Hades, “jogando dados com Deméter”, obteve dela “um prato recamado de ouro” que ele conseguiu como presente. Da mesma forma ainda Orfeu entre os odrisas, Protésilas na Tessália, Hércules em Tênaros, e Teseu. Mas, o que se deve examinar é se um homem realmente morto algum dia ressuscitou com o mesmo corpo. Julgais que as aventuras dos outros sejam mitos na realidade como na aparência, mas que vós teríeis inventado para a vossa tragédia um desfecho nobre e verossímil com o clamor de Jesus na cruz quando entregou o espírito, o terremoto e as trevas? Enquanto vivia, dizeis vós, ele não se protegeu; morto, ressuscitou e mostrou as marcas de seu suplício e como suas mãos tinham sido perfuradas. Quem viu isto? Uma exaltada, dizeis vós, e talvez alguma outra vítima do mesmo encantamento, ou porque, em consequência de certa disposição ele tivera um sonho e conforme seu desejo em sua crença desvairada tivera uma representação imaginária, coisa que já aconteceu a muitas outras pessoas, ou talvez porque tivesse querido impressionar o espírito dos outros por este conto maravilhoso, e, por esta impostura, deixar caminho aberto a outros charlatães.*

Como o autor de tais declarações é judeu, nós lhe responderemos como a judeu para defendermos nosso Jesus, aplicando ainda seu argumento a Moisés: quantos outros lançam mão de tais contos maravilhosos como fez Moisés para convencer seus ouvintes simplórios e tirar vantagem da impostura. A evocação de Zamólxis, de Pitágoras e de seus contos maravilhosos caberia melhor a alguém que não acreditasse em Moisés e não a um judeu, não muito interessado em histórias gregas. Mas o egípcio ainda que incrédulo dos milagres de Moisés citaria provavelmente o exemplo de Rampsinita dizendo: a história de sua descida ao Hades, do jogo de dados com Deméter, do prato recamado de ouro conquistado sobre ela para mostrar um sinal de sua descida ao Hades e de sua volta, é bem mais provável do que a de Moisés ao escrever que “entrou na nuvem onde Deus estava” (Ex 20,21) e que foi o único a se aproximar de Deus, com exclusão dos outros; pois eis o que ele escreve: “Só Moisés se aproximará do Senhor; os outros não se aproximarão” (Ex 24,2). Por conseguinte, ao judeu que diz tais coisas, nós, discípulos de Cristo, diremos: Defende-te, pois, tu que incriminas nossa fé em Jesus, diz o que responderás ao egípcio e aos gregos a respeito das acusações que fazes contra nosso Jesus, mas que podem se aplicar perfeitamente a Moisés. Ainda que lutes corajosamente para defender Moisés, como certamente sua história pode receber uma justificação impressionante e manifesta, sem que saibas, em toda apologia de Moisés, provarás apesar de tudo que Jesus é mais divino do que ele.

56. Mas as histórias dos heróis que supostamente desceram ao Hades e subiram de lá são contos maravilhosos, como diz o judeu de Celso. Ele pensa que os heróis, tornando-se invisíveis por um tempo, desapareceram da vista de todos os homens, e que em seguida eles apareceram, como se tivessem retornado do Hades, pois este parece ser o seu pensamento quando fala de Orfeu entre os odrisas, de Protésilas na Tessália, de Hércules em Tênaros, e também de Teseu; pois bem, vamos provar que não é possível comparar com eles o que se conta da ressurreição de Jesus dentre os mortos. Cada um dos heróis que ele menciona com seu país respectivo teria podido, se quisesse, desaparecer da vista dos homens, e retornar, quando achasse bom, para os que ele tinha deixado. Mas Jesus foi crucificado diante de todos os judeus, seu corpo foi descido da cruz à vista de seu povo: como se pode dizer que ele imaginou uma ficção análoga à dos heróis lendários que desceram ao Hades e subiram de lá? Dizemos que, para justificar a crucifixão de Jesus, talvez se pudesse apresentar esta razão,

principalmente por causa do que se conta sobre os heróis cuja descida forçada ao Hades é admitida: se, por hipótese, Jesus tivesse morrido de morte obscura, e sua morte não fosse evidente a todo o povo judeu, teria havido pretexto em se formular acerca dele também a mesma suspeita que relativamente aos heróis. Talvez se possa acrescentar às outras causas da crucifixão de Jesus também esta: ele morreu bem à vista de todos na cruz para que ninguém pudesse dizer que ele voluntariamente sumiu da vista dos homens e pareceu estar morto sem ter morrido de fato, reaparecendo por sua vontade e contando a maravilha de sua ressurreição dos mortos. Mas eu considero como uma evidência decisiva a conduta de seus discípulos. Com perigo de vida, eles se dedicaram a ensinamento que não teriam sustentado com tal vigor se tivessem inventado que Jesus ressuscitou dentre os mortos. Além disso, conformando-se com esta doutrina, não só preparavam os outros a desprezar a morte, mas também eram os primeiros a fazer isso.

57. Considera a estranha cegueira do judeu de Celso que diz, como se fosse impossível que alguém ressuscitasse dos mortos com o mesmo corpo: *Mas o que se deve examinar é se um homem realmente morto algum dia ressuscitou com o mesmo corpo.* O judeu não sabe dizer: acredita nos relatos do terceiro e quarto livros dos Reis sobre as criancinhas ressuscitadas, uma por Elias e outra por Eliseu (cf. 1Rs 17,21-22; 2Rs 4,34-35). É por isso, penso eu, que Jesus não nasceu noutra nação fora dos judeus: eles estavam acostumados com os milagres e assim, pela comparação daqueles prodígios em que acreditavam com aqueles realizados por Jesus ou narrados a seu respeito, eles podiam admitir a ideia de que, cercado desses prodígios superiores e autor destas ações mais admiráveis, ele era um ser superior a todos.

58. Mas o judeu, depois de ter contado as histórias gregas desses narradores de maravilhas e dos supostos ressuscitados dos mortos, diz aos judeus que creem em Jesus: *Pensais que as aventuras dos outros são mitos na realidade e na aparência, mas que teríeis inventado para a vossa tragédia um desfecho nobre e aceitável com o clamor de Jesus na cruz quando ele entregou o espírito?* Responderemos ao judeu: os exemplos que citaste para nós são mitos, mas os das Escrituras, as quais são uma herança que temos em comum convosco e com a mesma veneração, negamos com toda firmeza que sejam mitos. É por isso que cremos que os que escreveram sobre as personagens outrora ressuscitadas dos mortos não se servem de contos maravilhosos; acreditamos igualmente que Jesus ressuscitou assim como predisse e que foi profetizado. Mas eis em que sua ressurreição dos mortos é mais milagrosa que a deles: eles foram ressuscitados pelos profetas Elias e Eliseu; ele não foi por nenhum dos profetas, mas por seu Pai que está nos céus. Pela mesma razão, sua ressurreição teve mais eficácia do que a deles: pois que efeito teve para o mundo a ressurreição de crianças por Elias e Eliseu, que seja comparável ao efeito da ressurreição de Jesus pregada e admitida pelos fiéis crentes graças ao poder divino?

59. Julga que sejam contos maravilhosos o terremoto e as trevas; eu os defendi acima da melhor forma possível citando Flégon, que relatou que esses fatos aconteceram no tempo da paixão do Salvador. Ele acrescenta, referindo-se a Jesus: *Enquanto vivia, ele não se protegeu; morto, ressuscitou e mostrou as marcas de seu suplício e como suas mãos tinham sido perfuradas.* Pergunto-lhe então: que significa “ele se protegeu”? Se se trata da virtude, direi que ele se protegeu muito bem: sem dizer nem fazer o que quer que fosse de imoral, mas realmente “como um cordeiro foi conduzido ao matadouro; como uma ovelha que permanece muda na presença dos seus tosquiadores ele não abriu a boca” (Is 53,7). Mas se a expressão “ele se protegeu” se entende de coisas diferentes ou corporais, digo ter provado pelos Evangelhos que ele se submeteu de livre vontade a esta condição. Em seguida, depois de ter lembrado as afirmações do evangelho: “ressuscitado dos mortos, ele mostrou as marcas de seu

suplício, como suas mãos tinham sido perfuradas”, ele faz esta pergunta: “Quem viu isto?” e evocando o relato de Maria Madalena que viu o ressuscitado, conforme está escrito, ele responde: *Uma exaltada, dizeis vós*. E como ela não é a única mencionada como testemunha ocular de Jesus ressuscitado, e como ainda existem outras, o judeu de Celso adultera este testemunho: *e talvez alguma outra vítima do mesmo enfeitiçamento*.

60. Em seguida, como se o fato fosse possível, isto é, que alguém possa ter uma representação imaginária de um morto como se ele estivesse vivo, ele afirma, como adepto de Epicuro, que “alguém teve um sonho de acordo com certa disposição, ou, segundo seu desejo em sua crença desvairada, uma representação imaginária” e contou esta história; “coisa, afirma ele, que já aconteceu a muitas outras pessoas”. Mas, ainda que ele ache que isto é dito com muita habilidade, é o que convém para confirmar esta doutrina essencial: a alma dos mortos subsiste; e para quem admite essa doutrina, a fé na imortalidade da alma ou pelo menos na sua permanência tem fundamento. Assim sendo, o próprio Platão, em seu diálogo sobre a alma, diz que em volta de túmulos apareceram para algumas pessoas “imagens semelhantes às sombras”, homens que acabavam de morrer. E estas imagens que aparecem em volta das sepulturas dos mortos vêm de uma substância, a alma que subsiste no que chamamos “corpo luminoso”. Celso rejeita este fato, mas admite que alguns tiveram uma visão em sonho e, conforme seu desejo, em sua fé desvairada, tiveram uma representação imaginária. Acreditar na existência de tal sonho não é nada absurdo; mas acreditar numa visão de pessoas que absolutamente não estão fora de si, não são frenéticas nem melancólicas, não é plausível. Celso previu a objeção: fala de uma mulher exaltada. Isto não se depreende da história escrita de que ele tira sua acusação.

61. Desta forma, portanto, depois de sua morte, Jesus, segundo afirma Celso, teria provocado uma representação imaginária das feridas recebidas na cruz, sem existir realmente com tais feridas. Mas, conforme os ensinamentos do Evangelho, do qual Celso admite a seu modo certas partes para acusar, e rejeita outras, Jesus pediu que se aproximasse um de seus discípulos que não acreditava e julgava o milagre impossível. Ele dera, porém, seu assentimento àquela que teria visto Jesus, admitindo a possibilidade de ver aparecer a alma de um morto, mas ainda não acreditava ser verdade que Cristo tivesse ressuscitado num corpo resistente. Daí a sua réplica: “Se eu não vir, não creerei”, depois o que ele acrescenta: “e se não puser o meu dedo no lugar dos cravos e minha mão no seu lado, não creerei” (Jo 20,25). Era o que Tomé dizia, julgando que aos olhos sensíveis poderia aparecer o corpo da alma “em tudo semelhante” à sua forma anterior “pelo tamanho, pelos belos olhos, pela voz”, e muitas vezes mesmo “revestido das mesmas vestes”. Mas Jesus o chamou para perto de si: “Põe teu dedo aqui e vê minhas mãos! Estende tua mão e põe-na no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê!” (Jo 20,27).

62. E muito mais, o fato de ter ocorrido este milagre superior a todos estava na lógica de tudo o que tinha sido profetizado a seu respeito, inclusive este fato, realizado por ele e por ele suportado. Pois o profeta fizera esta predição atribuída a Jesus: “Minha carne repousa em segurança; pois não abandonarás minha vida no Xeol, nem deixarás que teu fiel veja a cova!” (Sl 15,9-10). E justamente sua ressurreição o colocou num estado intermédio entre a densidade do corpo antes da paixão e a condição em que uma alma aparece despojada de corpo semelhante. Assim, ao se reunirem num mesmo lugar “seus discípulos e Tomé com eles, Jesus veio, estando as portas fechadas, pôs-se no meio deles e disse: ‘A paz esteja convosco!’ Disse depois a Tomé: ‘Põe teu dedo aqui...’” (Jo 20,26-27). E no Evangelho de Lucas, quando Simão e Cléofas conversavam entre si sobre tudo o que tinha acontecido nos últimos dias, Jesus aproximou-se deles “e pôs-se a caminhar com eles; seus olhos, porém, estavam impedidos de reconhecê-lo. Ele lhes disse: ‘Que palavras são essas que trocáis enquanto ides caminhando?’”. E quando “seus olhos se abriram e o reconheceram”, a Escritura diz

com toda propriedade: “ele, porém, ficou invisível diante deles” (Lc 24,14-17.31). Apesar, portanto, do desejo de Celso de comparar com outros fantasmas e com outros visionários as aparições de Jesus e com os que o viram depois da ressurreição, qualquer exame criterioso e prudente dos acontecimentos evidenciará a superioridade do milagre.

63. Depois disso, Celso, censurando o que está escrito, faz uma objeção que merece atenção: *Se Jesus quisesse realmente manifestar seu poder divino, deveria ter aparecido a seus inimigos, ao juiz, enfim a todo mundo.* É verdade que, segundo o evangelho, depois da ressurreição ele não apareceu como antes em público e a todo mundo, ao que tudo indica. Se está escrito nos Atos que, aparecendo-lhes “durante quarenta dias”, ele anunciava a seus discípulos o Reino de Deus (At 1,3), nos evangelhos não está dito que ele estivesse continuamente com eles: numa ocasião, oito dias depois, estando fechadas todas as portas, “pôs-se no meio deles” (Jo 20,26), depois em outra ocasião, apareceu-lhes em condições semelhantes. O próprio Paulo, no fim de sua primeira carta aos Coríntios, insinuando que Jesus não apareceu em público como no tempo que precedeu a sua paixão, escreve: “Transmiti-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi. Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras”, ressuscitou, “apareceu a Cefas, e depois aos Doze. Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma vez, a maioria dos quais ainda vive, enquanto alguns já adormeceram. Posteriormente, apareceu a Tiago, e, depois a todos os apóstolos. Em último lugar, apareceu também a mim como a um aborto” (1Cor 15,3.5-8). Como me parecem grandes, admiráveis, sem proporção com o mérito não só da multidão dos fiéis, mas também da elite em progresso na doutrina, as verdades do que esta passagem contém! Elas poderiam mostrar a razão por que, depois de sua ressurreição dentre os mortos, ele não aparece como antes. Mas, entre as numerosas considerações que um tratado escrito como este requer contra o discurso de Celso que ataca os cristãos e sua fé, vê tu se é possível oferecer algumas dentre elas que sejam capazes de convencer os que prestarem atenção à nossa defesa.

Aspectos múltiplos de Jesus

64. Embora fosse uno, Jesus tinha múltiplos aspectos quanto ao espírito, e entre os que o viam nem todos o enxergavam da mesma forma. Essa multiplicidade de aspectos ressalta das palavras: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”, “Eu sou o Pão”, “Eu sou a Porta” (Jo 14,6; 6,35; 10,9) e de muitas outras passagens. E a visão que ele oferecia não era idêntica para todos os espectadores, mas dependia de sua capacidade: isto se torna claro ao examinarmos a razão por que, tendo de se transfigurar no alto da montanha, ele tomou consigo não todos os apóstolos, mas apenas Pedro, Tiago e João, como os únicos capazes de contemplar a glória, de entender sua conversa e a voz que veio da nuvem celeste. Mas creio que também antes de subir a montanha, onde só os discípulos se aproximaram dele e onde lhes ensinou a doutrina das bem-aventuranças, quando ao pé da montanha, “ao cair da tarde”, curou as que se aproximaram dele, libertando-os de toda doença e enfermidade, ele não se mostrava idêntico aos doentes que imploravam cura e aos que, graças à sua saúde, puderam subir com ele a montanha. Muito mais, ele explicou em particular a seus próprios discípulos as parábolas ditas com um sentido oculto às multidões que estavam fora: e assim como os que ouviam a explicação das parábolas tinham uma capacidade maior de entender do que aqueles que ouviam a explicação das parábolas sem explicação, assim também ocorria com as capacidades de visão, certamente de sua alma, mas creio também de seu corpo. Outra prova de que ele não se mostrava sempre idêntico: Judas que o trairia disse às multidões que acorriam para ele como se elas não o conhecessem: “É aquele que eu beijar, prendei-o” (Mt 26,48). Também é, penso eu, o que quer mostrar o próprio Salvador quando diz: “E eu me sentava no Templo ensinando todos os dias e não me prendestes” (Mt 26,55). Por isso, elevando

Jesus a tão grande altura, não só na sua divindade interior e oculta à multidão, mas também em seu corpo, transfigurado quando ele queria para aqueles que ele queria, afirmamos: antes que “houvesse despojado os Principados e as Autoridades” (Cl 2,15) e “morresse para o pecado” (Rm 6,2), todos tinham a capacidade de vê-lo, mas quando ele despojou os Principados e as Autoridades e não mais possuía aquilo que a multidão podia ver, todos os que o viram antes não podiam mais olhar para ele. Foi, portanto, para poupá-los que ele não se mostrava a todos depois de sua ressurreição dentre os mortos.

65. Mas, por que dizer a todos? Aos próprios apóstolos e discípulos ele não estava continuamente presente e visível porque eram incapazes de suportar sua contemplação constante. Sua divindade era mais resplandecente depois de ter levado ao seu término a obra da Economia. Cefas, que é Pedro, enquanto “primícias” dos apóstolos, pôde vê-la, e depois dele, os Doze, após a eleição de Matias para ocupar o lugar de Judas. Depois deles, apareceu a “quinhentos irmãos de uma vez, depois a Tiago, em seguida a todos os apóstolos” fora os Doze, talvez aos setenta; e, “em último lugar”, a Paulo, como um aborto, que sabia em que sentido dizia: “A mim, o menor dos apóstolos, foi dada esta graça” (1Cor 15,5-8), e certamente “o menor” e “o aborto” são sinônimos. Afinal, não se pode fazer crítica razoável a Jesus por não ter levado consigo ao alto da montanha todos os apóstolos, mas apenas os três citados acima, quando haveria de se transfigurar e mostrar o esplendor de suas vestes e a glória de Moisés e Elias conversando com ele; tampouco seria possível fazer críticas bem fundadas às palavras dos apóstolos por apresentarem Jesus depois de sua ressurreição que apareceu não a todos, mas àqueles cujos olhos ele julgava ser capazes de ver a sua ressurreição.

Creio, porém, ser útil à justificação deste ponto de vista o que Paulo diz a respeito de Jesus: “Cristo morreu e reviveu para ser o Senhor dos mortos e dos vivos” (Rm 14,9). O Apóstolo entende exatamente como mortos dos quais Cristo é o Senhor aqueles que assim são designados na primeira carta aos Coríntios: “Sim, a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis” (1Cor15,52); e como vivos entende a eles e os que serão transformados, e os que ressuscitarem serão diferentes dos mortos. E aí vai a passagem referente: “E nós seremos transformados”, que segue depois desta: “Os mortos ressuscitarão primeiro”. Além disso, na primeira aos Tessalonicenses, ele exprime com palavras diferentes a mesma distinção, declarando que uma coisa são os que dormem e outra os que vivem: “Irmãos, não queremos que ignoreis o que se refere aos mortos, para não ficardes tristes como os outros que não têm esperança. Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também os que morreram em Jesus, Deus há de levá-los na sua companhia. Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estivermos aqui para a Vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que morreram” (1Ts 4,13-15). Mas, a interpretação que encontrei destas passagens, já a expus em meu comentário à primeira aos Tessalonicenses.

66. E não te admires que as multidões que acreditaram em Jesus nem todas viram sua ressurreição, pois Paulo escreve aos coríntios como se a pluralidade de aspectos ultrapassasse sua capacidade: “Pois não quis saber outra coisa entre vós a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado” (1Cor 2,2). Ou ainda, no mesmo sentido: “Vós não podíeis suportar. Mas nem mesmo agora podeis, visto que ainda sois carnis” (1Cor 3,2-3). Desta forma, pois, o Logos, que faz todas as coisas conforme um critério divino, escreveu que Jesus antes de sua paixão aparecia sem restrição às multidões, embora não fizesse isto continuamente; e que depois de sua paixão ele não se manifestava mais da mesma maneira, mas com um critério que dava a cada um sua justa medida. E assim como está escrito que “Deus apareceu a Abraão” ou a um dos santos (Gn 12,7; 48,3), que esta aparição não ocorria continuamente mas por intervalos e que ele não aparecia a todos, da mesma forma penso que o Filho

de Deus usou para aparecer aos seus o mesmo discernimento que Deus usou para aparecer àqueles.

Ausência de manifestações espetaculares

67. Penso pois ter respondido da melhor forma possível para um tratado deste gênero à objeção: “Se Jesus quisesse realmente manifestar seu poder divino, ele deveria ter aparecido a seus inimigos, ao juiz, em suma a todo mundo.” Não, ele não devia aparecer a seu juiz nem a seus inimigos. Pois Jesus tratava seu juiz e seus inimigos de tal forma que não fossem atingidos de cegueira como o foram os habitantes de Sodoma quando conspiraram na ocasião em que os anjos foram recebidos como hóspedes na casa de Ló. Eis em que termos é narrado o incidente: “Os homens, porém, estendendo os braços, fizeram Ló entrar para junto deles, na casa, e fecharam a porta. Quanto aos homens que estavam na entrada da casa, eles os feriram de cegueira, do menor até o maior, de modo que não conseguiam encontrar a entrada” (Gn 19,10-11). Jesus, portanto, queria manifestar seu poder divino a todos os que eram capazes de vê-lo e na medida desta capacidade de ver. E ele sem dúvida não tinha outra razão para evitar aparecer senão as capacidades dos que eram incapazes de vê-lo.

Por isso de nada adianta Celso acrescentar: *Pois com certeza ele não tinha mais medo de ninguém porque se submetera à morte e, como dizeis, ele era Deus; e não foi enviado principalmente para ficar escondido.* De fato, ele foi enviado não só para ser conhecido mas também para permanecer escondido. Pois a totalidade de seu ser não era conhecida por parte dos que o conheciam, mas algo lhes escapava; e para alguns ele permanecia absolutamente desconhecido. Mas ele abriu as portas da luz para os que eram filhos das trevas e da noite, e tudo fizeram para se tornarem filhos do dia e da luz (cf. 1Ts 5,5). E o Senhor veio na qualidade de Salvador como bom médico, mais para nós cheios de pecados do que para os justos.

68. Vejamos a maneira como o judeu de Celso continua: *Se havia tal urgência em fazer ver sua divindade, era do alto da cruz que ele deveria desaparecer subitamente.* E isto a meu ver tem semelhança com o argumento dos adversários da Providência: eles descrevem o universo de uma forma que não corresponde à verdade e dizem: o mundo seria melhor se ele fosse assim como o descrevemos. Mas se eles descrevem coisas possíveis, haveremos de convencê-los de que fazem o mundo pior enquanto depender deles e de sua descrição. Se parecem não representar o mundo pior do que a realidade, haveremos de mostrar que eles desejam o que é impossível à natureza. Assim, de qualquer forma eles são ridículos. Aqui, porém, não era impossível para uma natureza divina desaparecer a seu bel-prazer: coisa em si evidente e claramente afirmada a seu respeito na Escritura, pelo menos se aceitarmos apenas uma parte dela para atacar a doutrina, considerando o resto dela como ficções. Pois está escrito no Evangelho de Lucas que Jesus, depois de sua ressurreição, “tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e distribuiu-o” a Simão e a Cléofas; e quando tomaram o pão, “seus olhos se abriram e o reconheceram; ele, porém, ficou invisível diante deles” (Lc 24,30-31).

69. Mas quero deixar claro que não era mais útil para o conjunto da Economia que “do alto da cruz Jesus deveria ter desaparecido subitamente” em sua forma corporal. A pura letra da Escritura e a narrativa do que aconteceu a Jesus não permitem ver a verdade total. Pois a uma leitura mais penetrante da Bíblia cada acontecimento se revela também como símbolo de uma verdade. Foi o que aconteceu na crucifixão; ela contém a verdade destas palavras: “Estou crucificado com Cristo” (Gl 2,20), e esta ideia: “Quanto a mim, não aconteça gloriar-me senão na cruz de nosso senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo” (Gl 6,14). O mesmo se diga de sua morte: ela era necessária para que se pudesse dizer: “Porque morrendo, ele morreu para o

pecado uma vez por todas”, e para que o justo dissesse: “conformando-me com ele na sua morte”, e: “Se com ele morremos, com ele viveremos” (Rm 6,10; Fl 3,10; 2Tm 2,11). E o mesmo ainda se diga de seu sepultamento: ele se estende aos que se conformaram com ele na morte, crucificados com ele, mortos com ele, conforme estas outras palavras de Paulo: “Pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte” (Rm 6,4), e somos também ressuscitados com ele.

O significado do sepultamento, do túmulo, daquele que o sepultou, explicarei de maneira mais oportuna e mais desenvolvida em outros escritos que terão por objetivo essencial tratar desta matéria. Por ora, basta mencionar o lençol puro em que deveria ser envolvido o corpo puro de Jesus, e o sepulcro novo que José “talhara na rocha, onde ninguém ainda havia sido posto”, ou então como diz João: “no qual ninguém fora ainda colocado” (Mt 27,60; Jo 23,53; Jo 19,41). Considera se a concordância dos três evangelistas não é impressionante! Eles se deram ao trabalho de registrar o fato que o túmulo tinha sido talhado e cavado na rocha, para que ao examinarmos as palavras da Bíblia, pudéssemos contemplar também aí um aspecto que merece reflexão, quer o caráter novo do túmulo que Mateus e João registraram, quer, segundo Lucas e João, o fato de que ninguém ainda tinha sido colocado nele. Era preciso, de fato, que Aquele que não era semelhante aos outros mortos, tendo mostrado até em seu estado de morto sinais de vida na água e no sangue, e que, por assim dizer, era um morto de uma espécie nova, fosse colocado num túmulo novo e puro. Desta forma, sendo seu nascimento mais puro do que qualquer outro, proveniente não de união de sexos, mas de virgem, seu túmulo teria também a pureza simbolizada pela colocação de seu corpo num túmulo que permaneceu novo, não construído de pedras ajuntadas, sem unidade natural, mas talhada ou cavada num única rocha, tudo numa só unidade.

A interpretação que consiste em harmonizar acontecimentos relatados pela Escritura com as realidades de que eles eram figuras exigiria uma explicação mais extensa e mais sublime se expuséssemos mais apropriadamente estas matérias num tratado especial. A interpretação literal assim se explicaria: uma vez tomada sua decisão de suportar a crucifixão, ele deveria aguentar as consequências de seu objetivo; de modo que, aniquilado como homem, morto como homem, ele foi da mesma forma sepultado como homem. E mais ainda, supondo-se que estivesse escrito nos evangelhos que do alto da cruz ele subitamente desapareceu, Celso e os descrentes censurariam o texto com críticas deste gênero: por que então ele desapareceu depois de sua crucifixão e não antes de sua paixão? Se eles vieram a saber dos evangelhos que ele não desapareceu subitamente do alto da cruz e pensam acusar a Escritura de não ter inventado como desejariam este desaparecimento súbito do alto da cruz mas dizer a verdade, não é acaso razoável acreditar neles também quando dizem que ele ressuscitou e por sua vontade, ora “estando fechadas as portas, pôs-se no meio” de seus discípulos, ora, tendo distribuído o pão a dois de seus amigos, subitamente desapareceu de seus olhos, depois de lhes ter dirigido algumas palavras?

70. Mas por que razão o judeu de Celso disse que Jesus se escondia? Pois diz a respeito dele: *Que mensageiro enviado a uma missão alguma vez se escondeu em vez de expor o objetivo de sua delegação?* Não, ele não se escondia, porque disse aos que vinham prendê-lo: “Eu me sentava no Templo ensinando todos os dias e não me prendestes” (Mt 26,55; Mc 14,49). Ao teor do trecho que segue, onde Celso apenas volta a se repetir, já respondi uma vez, eu me restringirei, portanto, ao que já disse. Pois acima se encontra escrita a resposta à objeção: *Será que em vida, quando ninguém acreditava nele, ele pregava a todos sem distinção, e, depois de fortalecida a fé por sua ressurreição dentre os mortos, não se deixou ver às escondidas a não ser a uma mulherzinha e aos membros de sua irmandade?* Não é verdade: ele não apareceu somente a uma mulherzinha, porque está escrito no

Evangelho de Mateus: “Após o sábado, ao raiar do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria vieram ver o sepulcro. E eis que houve um grande terremoto: pois o Anjo do Senhor, descendo do céu e aproximando-se, removeu a pedra” (Mt 28,1-2). E pouco depois, Mateus acrescenta: “E eis que Jesus veio ao seu encontro e lhes disse: ‘Alegrai-vos’. Elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés, prostrando-se diante dele” (Mt 28,9). Tratando de refutar a objeção de que ele não foi visto por todos, também respondi a esta pergunta: *Será então que durante seu suplício ele foi visto por todos, mas, depois de sua ressurreição, apenas por um?* Aqui acrescentarei: seus traços humanos eram visíveis a todos; os que eram propriamente divinos — não falo daqueles que o punham em relação com os outros seres, mas dos que os separavam dele — não eram inteligíveis a todos. Além disso, observa a flagrante contradição em que Celso se mete. Mal acabou de dizer: “Ele se deixou ver às escondidas apenas a uma mulherzinha e aos membros de sua irmandade”, logo afirma: “durante seu suplício, ele foi visto por todos, mas depois de sua ressurreição, apenas por uma pessoa; deveria ter sido o contrário.” Vamos entender o que ele quis dizer por “durante seu suplício, ele foi visto por todos, mas depois de sua ressurreição, apenas por uma pessoa; *deveria ter sido o contrário.*” Julgando com base em sua expressão, ele queria uma coisa impossível e absurda: que, durante seu suplício, ele fosse visto apenas por uma pessoa, e depois de sua ressurreição, por todos! Ou como explicar: “deveria ter sido o contrário”?

71. Jesus nos ensinou *quem o tinha enviado*, com as palavras: “Ninguém conhece o Pai senão o Filho” (Mt 11,27), “Ninguém jamais viu a Deus: o Filho único, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer” (Jo 1,18). Foi ele que, falando de Deus, anunciou a seus discípulos verdadeiros as características de Deus. Os sinais de Deus que descobrimos nas Escrituras nos oferecem pontos de partida para falarmos de Deus: por elas ficamos sabendo que “Deus é Luz e nele não há treva alguma” (1Jo 1,5), e nas palavras de Jesus, que “Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade” (Jo 4,24). Além disso, *as razões por que o Pai o enviou* são inúmeras: podemos aprendê-las à vontade, quer pelos profetas que as anunciaram previamente, quer pelos evangelistas; e muitos conhecimentos obteremos dos apóstolos, sobretudo de Paulo. Além disso, se, por um lado, Jesus dá sua luz aos homens piedosos, por outro, ele punirá os pecadores. Por não ter visto tal fato, Celso escreveu: *Ele iluminará os que são piedosos e terá piedade dos pecadores ou, melhor dizendo, dos que se arrependeram.*

72. Depois disso, declara: *Se ele quisesse permanecer oculto, por que foi ouvida a voz do céu que o proclamava Filho de Deus? Se não queria permanecer oculto, por que o suplício e por que a morte?* Ele pensa mostrar desta forma a contradição entre o que está escrito dele, sem ver que Jesus não queria que todos os seus aspectos fossem conhecidos por todos, por qualquer pessoa, nem que tudo o que lhe diz respeito permanecesse oculto. Em todo caso, a voz do céu proclamando-o Filho de Deus: “Este é meu Filho amado em quem me comprazo” (Mt 3,17), como atesta a Escritura, não foi dita de modo que pudesse ser ouvida pela multidão, como supõe o judeu de Celso. Além do mais, a voz que vinha da nuvem, no alto da montanha, foi ouvida só pelos que tinham feito a ascensão com ele; pois é próprio da voz divina ser ouvida somente por aqueles a quem ele “quer” que sua voz seja ouvida. Não insisto no fato de que a voz de Deus, mencionada na Escritura, certamente não é o ar em vibração, ou uma agitação do ar, ou qualquer outra definição dos tratados sobre a voz: ela, portanto, é ouvida por um ouvido superior e mais divino do que o ouvido sensível. E como Deus que fala não quer que sua voz seja audível a todos, quem tem ouvidos superiores ouve a Deus, mas quem é surdo dos ouvidos da alma é insensível à palavra de Deus. Eis o que se pode responder à pergunta: “Por que era ouvida a voz do céu que o proclamava Filho de Deus?” E a seguinte: “Se ele não queria permanecer oculto, por que

o suplício e por que a morte?” encontra uma resposta suficiente no que ficou longamente dito de sua paixão nas páginas anteriores.

73. A seguir, o judeu de Celso tira uma conclusão que não é conclusão quando diz: pois *sua vontade de nos ensinar, pelos suplícios que ele suportou, o desprezo da morte não implica que ele deveria, depois de sua ressurreição dentre os mortos, chamar abertamente todos os homens à luz e lhes ensinar a razão por que ele desceu*. De fato, em primeiro lugar, ele chamou todos os homens à luz ao dizer: “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso de vosso fardo e eu vos darei descanso” (Mt 11,28). E depois a razão pela qual ele desceu, a Escritura a indica no longo discurso que ele pronunciou sobre as bem-aventuranças e as proclamações que se lhes seguem, nas parábolas, nas conversas com os escribas e fariseus. E o Evangelho de João relatou tudo o que ele tinha ensinado, mostrando que a eloquência de Jesus consistia menos em palavras do que em ações. Segundo os evangelhos, é claro que “ele falava com autoridade”, e todos ficavam pasmados (Lc 4,32).

As objeções do judeu voltam-se contra ele

74. O judeu de Celso conclui tudo isso com estas palavras: *Todas as nossas objeções são tiradas de vossos escritos, não temos outros testemunhos a aduzir: caís em vossas próprias ciladas*. Mas provei que, deturpando os textos de nossos evangelhos, o judeu declara muitas tolices em suas palavras contra Jesus e contra nós. Em minha opinião, ele não mostrou como nós caímos em nossas ciladas, apenas imagina. E como seu judeu acrescenta: *Ó Altíssimo ou Celeste, que deus que se apresente aos homens há de achá-los completamente incrédulos?* Devemos responder-lhe: está escrito que, mesmo no tempo da lei de Moisés, Deus se apresentou aos hebreus no maior esplendor, não só nos sinais e prodígios no Egito, e a seguir na passagem do Mar Vermelho, na coluna de fogo e na nuvem luminosa, mas também na proclamação do decálogo a todo o povo: e achou as testemunhas incrédulas. Se elas tivessem acreditado naquele que elas tinham visto e ouvido, não teriam erguido o bezerro de ouro, nem trocado “sua glória pela imagem de um comedor de capim” (Sl 105,20), nem teriam dito uns aos outros falando deste bezerro: “Este é o teu Deus, ó Israel, o que te fez subir da terra do Egito” (Ex 32,4.9). Vê tu se a característica desse povo não foi, outrora, o ter sido incrédulo aos prodígios espantosos e às múltiplas manifestações de Deus durante todo o período do deserto, como está escrito na lei dos judeus, e depois, no tempo da vinda milagrosa de Jesus, o não se deixar convencer por suas palavras ditas com autoridade e por suas ações milagrosas feitas à vista de todo o povo?

75. Basta, penso eu, não é possível afirmar que a incredulidade dos judeus com relação a Jesus estava em consonância com o que se relata do povo desde a origem. O judeu de Celso objeta: que Deus que se apresente aos homens há de achá-los incrédulos? *Principalmente quando ele aparece aos que esperam sua vinda? Por que enfim ele não é reconhecido pelos que o esperam há tanto tempo?* Ao que eu poderia dizer: quereis, então, meus caros, responder às minhas perguntas? Que milagres, a vosso ver, vos parecem maiores? Os do Egito e do deserto, ou os que Jesus realizou entre nós, como eu dizia? Se os primeiros vos parecem maiores que os últimos, não estará aí uma prova flagrante de que ele está bem de acordo com o caráter daqueles que foram incrédulos aos grandes desprezando os pequenos? Julgo que é vossa opinião sobre aqueles que contamos de Jesus. Se dizemos que os milagres de Jesus são iguais aos que a Escritura relata de Moisés, que haverá de espantoso na incredulidade deste povo na origem de uma e de outra alianças? Pois data de Moisés a origem da legislação, na qual são relatados vossos pecados de incredulidade; e a origem da legislação e da aliança novas data, segundo nossa fé, do tempo de Jesus. E vós atestais, por vossa incredulidade a Jesus, que sois os filhos dos que,

no deserto, foram incrédulos às aparições de Deus. E a censura de nosso Salvador valerá igualmente contra vós que crestes nele: “Com isso, testificais, contra vós, que sois filhos dos que mataram os profetas” (Mt 23,31); e em vós se cumpre a profecia: “Tua vida penderá à tua frente por um fio; ficarás apavorado noite e dia” (Dt 28,66), pois não acreditastes na Vida que veio habitar entre os homens.

76. Pondo o judeu em cena, Celso nada encontrou que pudesse insinuar em sua argumentação que não seja censurado pela Lei e pelos Profetas. Censura Jesus afirmando a seu respeito o seguinte: *Usa levianamente ameaças e invectivas toda vez que diz: “Ai de vós, eu vos predisse”* (Mt 23,13-29; 11,22-25). *É confessar assim abertamente sua impotência em persuadir, o que de modo algum é cabível num Deus, nem mesmo num homem de bom senso.* Mas vê tu se estas palavras não se voltam abertamente contra o judeu. Pois em seus textos da Lei e dos Profetas, toda vez que Deus diz: “Ai, emprega ameaças e invectivas que têm tanta força pelo menos quanto as do evangelho”. Por exemplo, as passagens seguintes de Isaías: “Ai dos que juntam casa a casa, dos que acrescentam campo a campo”; “Ai dos que madrugam cedo para correr atrás de bebidas fortes”; “Ai dos que se apegam à iniquidade, arrastando-as com as cordas da mentira”; “Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem mal”; “Ai dos que são fortes para beber vinho” (Is 5,8.11.18.20.22) e outras passagens que podem ser encontradas em abundância! Não haverá o equi-valente às ameaças a que se refere quando diz: “Ai da nação pecadora! Do povo cheio de iniquidade! Da raça dos malfeitores, dos filhos pervertidos!” (Is 1,4) etc. A isso tudo acrescenta ameaças tão terríveis que valem certamente as de que ele acusa Jesus de proferir. Não é acaso uma ameaça terrível dizer: “A vossa terra está desolada e vossas cidades estão incendiadas, o vosso solo é devorado por estrangeiros sob os vossos olhos, é a desolação como devastação de estrangeiros” (Is 1,7)? E acaso não há invectivas contra o povo em Ezequiel, quando o Senhor diz ao profeta: “Estás sentado sobre escorpiões” (Ez 2,6)? Será então, Celso, que fazes o teu judeu dizer com seriedade contra Jesus: “Usa levianamente ameaças e invectivas toda vez que diz: ‘Ai de vós, eu vos predisse’”? Não vêes que todas as acusações proferidas por teu judeu contra Jesus poderiam ser-lhe revidadas a propósito de Deus? Pois, nos profetas, Deus se acha abertamente exposto, na visão do judeu, às mesmas acusações de incapacidade de persuadir.

Além disso, eu poderia dizer aos que acreditam que nestas matérias o judeu de Celso dirige a Jesus justas acusações: no livro do Levítico e do Deuteronômio há grande número de imprecações; à medida que o judeu as defender como advogado da Escritura, nesta mesma medida, ou melhor ainda, defenderemos essas pretensas invectivas e ameaças de Jesus. Mais ainda, poderemos apresentar uma defesa melhor da própria lei de Moisés do que a do judeu, por termos aprendido de Jesus a compreender com mais inteligência do que ele os textos da lei. Além disso, se o judeu viu o sentido dos discursos proféticos, ele poderá mostrar que Deus não usa levianamente ameaças e invectivas quando diz: “Ai de vós, eu vos predisse”, e como Deus pôde usar para a conversão dos homens estas expressões, que ao ver de Celso nenhum homem de bom senso nunca imaginaria. Mas também os cristãos, sabendo que o mesmo Deus fala pelos profetas e pelo Senhor, provarão o caráter razoável daquilo que Celso julga ser ameaças e chama de invectivas. Faremos sobre a questão uma breve réplica a Celso que se gaba de ser filósofo e de conhecer nossas doutrinas: meu caro, explica-me isto: quando Hermes, em Homero, diz a Odisseu: “Por que então, infeliz, te vais embora sozinho por estas colinas?”, suportas que o justifiquem dizendo que Hermes em Homero, interpela a Odisseu desta forma para reconduzi-lo ao dever — pois as palavras aduladoras e afáveis são próprias das Sereias, à volta das quais se ergue “um monte de destroços”; elas que dizem: “Vem cá, vem até nós, Odisseu tão gabado, o homem da Acaia” (Homero, *Od.* XII, 45) — Mas quando meus profetas e o próprio Jesus,

para converter seus ouvintes dizem: “Ai de vós!” e acrescentam aquilo que consideras como invectivas, porventura não se adaptam à capacidade dos ouvintes com estas expressões e não lhes aplicam esta maneira de falar como um remédio do Curandeiro?

A não ser que não queiras que Deus, ou Aquele que participa da natureza divina, convivendo com os homens, tenha em vista apenas os interesses de sua natureza e o respeito que lhe é devido, sem mais considerar o que convém prometer aos homens governados e conduzidos por seu Logos e propor a cada um de maneira adaptada a seu caráter fundamental? Ainda mais, como não será ridícula esta incapacidade de persuasão atribuída a Jesus? Pois ela também se aplica, não só ao judeu que tem muitos exemplos deste gênero nas profecias, mas também aos gregos: entre eles, cada um daqueles que sua sabedoria tornou célebre teria sido incapaz de persuadir os conspiradores, os juízes, os acusadores de deixar o caminho do vício para viver, pela filosofia, o caminho da virtude.

77. Em seguida, seu judeu diz, evidentemente para se acomodar às crenças judaicas: *Sim com certeza! Esperamos ressuscitar um dia em nosso corpo e ter uma vida eterna, e que Aquele que nos é enviado será seu modelo e iniciador, provando que a Deus não é impossível ressuscitar alguém com seu corpo.* Não sei se o judeu diria que o Cristo esperado deve mostrar em si mesmo um modelo da ressurreição. Pois bem! Vamos concordar que ele pense e diga isto. Além disso, quando ele diz que nos fez citações de nossos escritos, respondo: meu caro, ao leres estes escritos graças ao qual pretendes nos acusar, não encontre a explicação detalhada da ressurreição de Jesus e que ele é “o primogênito dentre os mortos”? (Cl 1,18). Ou, daquilo em que te negas a acreditar acaso se conclui que nada foi dito? Mas como o judeu continua admitindo em Celso a ressurreição dos corpos, penso que não é o momento aqui de tratar do assunto com um homem que acredita e confessa que existe uma ressurreição dos corpos, ou porque ele a explique claramente e possa apresentar sua prova cabal, ou porque não o possa, mas dá à doutrina uma adesão superficial.

Aí está, portanto, nossa resposta ao judeu de Celso. E como ele diz ainda: *Mas onde está ele para que possamos ver e acreditar?* Nós lhe responderemos: onde está então agora aquele que fala pelos profetas e fez prodígios, para que possamos ver e acreditar que o judeu “é a parte do Senhor”? (Dt 32,29). Ou vos é permitido vos justificar pelo fato de Deus não se ter manifestado continuamente ao povo judeu, enquanto não nos é concedida a mesma justificação para o caso de Jesus que, uma vez ressuscitado, persuadiu seus discípulos de sua ressurreição? E ele os persuadiu a ponto de mostrar a todos pelas provações que eles sofrem que, com os olhos fixos na vida eterna e na ressurreição, manifestada a eles em palavras e em ações, eles se riem de todas as provações da vida.

78. Depois disso, o judeu diz: *Não desceu ele a este mundo apenas para nos tornar incrédulos?* Responderemos: ele não veio para provocar a incredulidade de judeus; mas, sabendo de antemão que ela aconteceria, ele a predisse e fez servir a incredulidade dos judeus à vocação dos gentios. Pois da queda dos judeus resultou a salvação dos gentios (cf. Rm 11,11), a respeito dos quais Cristo diz nos profetas: “Um povo que eu não conhecia me serve; prestam atenção e me obedecem”; “Consenti em ser buscado pelos que não perguntavam por mim, consenti em ser encontrado pelos que não me procuravam” (Is 65,1). E é evidente que os judeus sofreram nesta vida o castigo por terem tratado Jesus como o fizeram. Os judeus podem dizer, se quiserem nos criticar: é admirável para convosco a providência e o amor de Deus em vos castigar, vos ter privado de Jerusalém, daquilo que se chama santuário, o culto mais sagrado! Pois se eles dizem isso para justificar a providência de Deus, nós teríamos um argumento mais forte e melhor; a providência de Deus é admirável em ter feito o pecado deste povo servir ao chamado dirigido por Jesus aos gentios ao Reino de Deus, daqueles que eram estranhos às alianças e excluídos das promessas (cf. Ef 2,12). Eis o que os profetas predisseram,

dizendo que por causa do pecado do povo hebreu, Deus chamaria não uma nação, mas eleitos de toda parte, e que tendo escolhido “o que é loucura no mundo” (1Cor 1,27), ele faria que a nação idiota tivesse acesso aos ensinamentos divinos, uma vez tirado o Reino de Deus destes e dado àqueles. Basta citar no momento, entre muitas outras, esta profecia do cântico do Deuterônômio sobre a vocação dos gentios, atribuída à pessoa do Senhor: “Provocaram meu ciúme com um deus falso, e me irritaram com seus ídolos vazios; pois provocarei seu ciúme com um deus falso, irritá-los-ei com uma nação idiota!” (Dt 32,21)

79. Enfim, como conclusão de tudo, diz o judeu a respeito de Jesus: *Ele foi apenas homem, assim como a própria verdade o mostra e a razão o prova.* Mas se ele fosse apenas homem, não sei como teria ousado difundir por toda a terra sua religião e seu ensinamento, e como seria capaz sem a ajuda de Deus de realizar seu plano e levá-lo de vencida sobre todos os que se opõem à difusão de seu ensinamento, reis, imperadores, Senado romano, e por toda a parte os chefes e o povo. Como atribuir a capacidade de converter tão grande multidão a uma natureza humana que não tivesse em si mesma nada de superior? Não admira que houvesse apenas sábios; mas além deles havia as pessoas menos razoáveis, escravas de suas paixões, mais rebeldes em procurar a temperança na medida por carecerem de razão. E como Cristo era poder de Deus e sabedoria do Pai (cf. 1Cor 1,24), fez tudo isso e o faz ainda, apesar das recusas dos judeus e dos gregos que não acreditam em sua doutrina.

Por isso não deixaremos de acreditar em Deus conforme as regras dadas por Jesus e de procurar a conversão dos que são cegos do ponto de vista religioso. Os verdadeiros cegos podem censurar-nos por sermos cegos, e eles, judeus e gregos, que seduzem seus adeptos, podem nos censurar também a nós por seduzirmos os homens. Bela sedução, na verdade, é conduzir as pessoas da licenciosidade à temperança, ou pelo menos ao progresso em direção à temperança; da injustiça à justiça ou ao progresso para a justiça, da loucura à sabedoria, ou ao caminho da sabedoria; da timidez, da falta de caráter, da covardia, à coragem e à perseverança exercida principalmente nas lutas para conservar a piedade para com o Deus criador do universo! Jesus, portanto, veio depois de ter sido predito não por um só profeta, mas por todos. E é uma nova prova de ignorância de Celso fazer a personagem do judeu dizer que apenas um profeta predisse o Cristo.

O judeu posto em cena por Celso e que pretende falar em nome de sua própria lei conclui aqui sua argumentação, sem nada mais acrescentar que mereça ser mencionado. Encerro aqui também eu o segundo livro que compus contra seu tratado. Com a ajuda de Deus e pelo poder de Cristo que habita em nossa alma, tratarei de responder, num terceiro livro, ao que Celso escreveu em seguida.

LIVRO TERCEIRO

Será uma discussão fútil?

1. No primeiro livro da resposta ao tratado que Celso escreveu contra nós com o pomposo título de *Discurso verdadeiro*, discuti, do melhor modo que pude, conforme tua ordem, fidelíssimo Ambrósio, seu prefácio e as declarações que se lhe seguem, examinando cada uma delas, até o fim da declamação fictícia de seu judeu contra Jesus. No segundo livro, conforme os recursos de que dispunha, respondi a todos os pontos da declamação de seu judeu contra nós que acreditamos em Deus por Cristo. Início este terceiro livro com o objetivo de nele combater aquilo que Celso afirma de própria autoridade. Declara ele então que *nada é mais idiota do que a disputa entre cristãos e judeus; diz que nossa controvérsia sobre Cristo não teria mais valor do que a proverbial querela sobre a sombra de um burro*. Pensa que *nada existe de sério neste debate entre judeus e cristãos: de um e de outro lado, acredita-se na predição, por um espírito divino, de um Salvador que viria ao gênero humano, mas as duas partes não se entendem quanto ao fato de a personagem predita já ter vindo ou não a este mundo*. Nós, cristãos, de fato, acreditamos que Jesus veio de acordo com as profecias; mas os judeus, em sua maioria, longe estão de acreditar nele, de tal sorte que seus contemporâneos conspiraram contra Jesus e os de hoje aprovam o que os judeus então ousaram praticar contra ele; acusam a Jesus de ter fingido, por meio de artifícios mágicos, ser aquele cuja vinda os profetas haviam profetizado e que os judeus tradicionalmente chamavam Cristo.

2. Diga, pois, Celso e com ele os que gostam de seus ataques contra nós: que relação existe entre a sombra de um burro e o fato de que os profetas judeus predisseram o lugar de nascimento do futuro chefe daqueles a quem sua vida virtuosa mereceria ser chamada “o lote de herança” de Deus (Dt 32,9); de que uma virgem conceberia o Emanuel; de que tais sinais e prodígios seriam realizados pela personagem predita e que “sua palavra corria tão rápida” de que a voz de seus apóstolos “alcançaria toda a terra”; de que sofrimentos ele suportaria depois de sua condenação pelos judeus e como ressuscitaria? Acaso podemos ver nestas palavras um efeito do acaso sem nenhum motivo plausível que incitasse os profetas não só a pronunciá-las, mas também a julgá-las dignas de nota? Será que a poderosa nação judaica, que por muito tempo ocupara uma terra particular para nela habitar, não tinha motivo plausível para proclamar alguns dentre eles como profetas e rejeitar a outros como falsos profetas? Será que nada os obrigava a acrescentar aos livros de Moisés, que eles acreditavam sagrados, os discursos daqueles que a seguir eles consideraram como profetas? E aqueles que censuram os judeus e os cristãos de tolice, acaso podem provar que a nação judaica teria podido subsistir sem que houvesse nela qualquer anúncio de acontecimentos conhecidos previamente? As nações que a cercavam, cada uma segundo suas tradições, acreditavam receber oráculos e adivinhações dos que elas veneravam como deuses; mas eles tinham sido educados no desprezo de todos os que as nações tinham na conta de deuses e neles não viam deuses, mas demônios, porque seus profetas diziam: “Os deuses dos povos são todos demônios”: seriam eles os únicos a não terem quem fosse profeta por profissão e capaz de impedir os que, por desejo de previsão dos acontecimentos futuros, queriam ir em busca dos demônios de outras nações? Julga, pois, se não era necessário que uma nação inteira, educada no desprezo aos deuses das outras nações, tivesse profetas em abundância, manifestando logo sua excelência e superioridade sobre os oráculos de qualquer povo.

3. Aliás, por toda parte eram operados milagres, ou pelo menos em muitos lugares, e o próprio Celso menciona em seguida *Asclépio* — *que beneficiava com curas e predições do futuro a todas as cidades*

a ele consagradas como Trikké, Epidauro, Cós, Pérgamo — Aristeias de Proconeso, o herói de Clazômenas, e Cleomedes de Astipaleia. E unicamente entre os judeus, afirmando sua consagração ao Deus do universo, não teria havido nenhum sinal ou prodígio para ajudar a fortalecer sua fé no Criador do universo e sua esperança em outra vida melhor? Mas como seria possível? Eles teriam imediatamente passado ao culto dos demônios que pronunciavam oráculos e faziam curas e teriam abandonado o Deus em cujo socorro as pessoas tinham teoricamente fé, mas que não lhes teria dado a menor manifestação de si mesmo. E como não é isso que ocorre, mas ao contrário eles teriam arrostado desgraças incontáveis para não renegarem o judaísmo e sua lei e sofrido na Síria, na Pérsia, sob Antíoco, como não é plausível a demonstração para aqueles que se negam a crer nos relatos dos milagres e nas profecias, que não há ficção nenhuma em tudo isso, mas ao contrário um espírito divino residia nas almas puras dos profetas que aceitaram todas as penas pela defesa da virtude, e os incitava a predizer certas coisas em benefício de seus contemporâneos, e outras pela posteridade, mas especialmente a vinda futura de um Salvador ao gênero humano?

4. Assim sendo, como falar de um debate sobre a sombra de um burro, quando judeus e cristãos examinam as profecias nas quais eles creem conjuntamente, para saber se a personagem predita já veio, ou de todo modo não veio, mas se deve esperar ainda por ele? Supondo que se conceda a Celso que Jesus não é aquele que os profetas anunciaram, não é menos verdade que o debate relacionado com o sentido dos escritos proféticos nada tem a ver com a sombra de um burro: o que se pretende é pôr a claro quem é a personagem anunciada antecipadamente, as qualidades que as profecias lhe atribuem, os feitos que realizará, e se possível a data de sua vinda. Já disse acima, ao citar algumas das numerosas profecias que o Cristo predito é Jesus. Portanto, nem os judeus nem os cristãos se enganam ao admitirem a inspiração divina das profecias; mas só se enganam aqueles que sustentam a falsa opinião de que ainda se espera a personagem predita, cuja identidade e origem foram proclamadas pelo discurso verdadeiro dos profetas.

A ruptura com a comunidade de origem

5. Em seguida, Celso imagina que os judeus, egípcios de raça, teriam abandonado o Egito depois de terem se revoltado contra o Estado egípcio e desprezado as cerimônias religiosas em uso no Egito, e afirma: *o que eles fizeram aos egípcios, tiveram que suportar da parte daqueles que escolheram o partido de Jesus e nele acreditaram como Cristo. Nos dois casos, a causa da inovação foi a revolta contra o Estado.* Mas devemos destacar aqui o procedimento de Celso. Os egípcios de outrora cobriram de vexames a raça dos hebreus, que por causa de uma fome devastadora na Judeia, tinham vindo ao Egito. E pelos danos causados aos seus hóspedes que lhes dirigiam súplicas, sofreram o castigo que necessariamente devia sofrer da divina Providência toda uma nação unânime em sua hostilidade contra toda a raça de seus hóspedes que nenhum mal lhes haviam praticado. Sob o tacão dos flagelos de Deus, pouco tempo depois, deixaram partir, com pesar, para onde quisessem, os que eles haviam injustamente escravizado. Como egoístas que davam mais importância a qualquer compatriota do que a hóspedes mais virtuosos, não arredaram pé de nenhuma acusação feita contra Moisés e os hebreus: sem negarem os milagres prodigiosos de Moisés, eles os atribuíram à magia, não a um poder divino. Moisés, porém, não era mágico, mas homem piedoso; consagrado ao Deus do universo, tendo parte num espírito divino, instituiu as leis para os hebreus ditadas por Deus e deixou registrados os acontecimentos assim como ocorreram na realidade.

6. Mas Celso, em vez de submeter a uma crítica imparcial os relatos contraditórios dos egípcios e dos

hebreus, por prevenção em favor dos egípcios seus preferidos, deu crédito aos autores de injustiças contra seus hóspedes, como se fossem testemunhas verídicas, e afirmou que os hebreus, vítimas de tais injustiças, num acesso de revolta, abandonaram o Egito. Isto significa não enxergar como era impossível para tal multidão de revoltados contra os egípcios, que não tinha outra origem senão a revolta, tornar-se uma nação no próprio momento de sua revolta, e mudar de linguagem, de tal modo que aqueles que até então falavam a língua egípcia adotaram todos de repente a língua hebraica. Mas, suponhamos, como faz ele, que, ao deixarem o Egito, eles viessem a odiar até a própria língua materna: como então não adotaram mais tarde a língua dos sírios e dos fenícios em vez de criar a língua hebraica tão diferente destas? E o que meu argumento quer provar é a falsidade da afirmação de que *egípcios de raça tenham se revoltado contra egípcios, abandonado o Egito e partido para a Palestina para habitarem numa região hoje conhecida como Judeia*. Pois os hebreus, antes de descerem para o Egito, já tinham uma linguagem ancestral, e as letras hebraicas eram diferentes das egípcias, e foram as hebraicas que Moisés usou para escrever os cinco livros que os judeus consideram sagrados.

7. Entretanto, um exame acurado da questão permite afirmar acerca dos que partiram do Egito: é um milagre o fato de todo o povo em massa ter retomado, como um presente de Deus, a língua chamada hebraica; neste sentido, um de seus profetas disse: “Quando saíram da terra do Egito, ele ouviu uma língua desconhecida” (cf. Sl 80,6). E é possível apresentar outra prova de que aqueles que saíram do Egito com Moisés não eram egípcios. Se tivessem sido, seus nomes deveriam ter sido egípcios, pois cada língua tem suas denominações do mesmo tipo. Mas é claro que não eram egípcios porque seus nomes são hebraicos, uma vez que a Escritura está cheia de nomes hebraicos e de pessoas que no Egito deram tais nomes a seus filhos; é óbvio, portanto, que é falsa a afirmação dos egípcios segundo a qual, embora fossem egípcios, foram expulsos do Egito com Moisés. E não resta a menor dúvida de que sendo sua raça de ancestrais hebreus, de acordo com a história escrita por Moisés, eles falavam uma língua própria com que davam nome a seus filhos.

8. E afirmar que *os hebreus, que eram egípcios, tiveram sua origem numa revolta é tão falso quanto dizer que outros, que eram judeus, se revoltaram, no tempo de Jesus, contra o Estado judeu, e seguiram a Jesus*. Celso e seus adeptos não seriam capazes de mostrar da parte dos cristãos o menor ato de revolta. Ora, se a revolta tivesse dado origem à sociedade dos cristãos, uma vez que eles derivam sua origem dos judeus, aos quais era permitido armar-se para defender seus bens e matar seus inimigos, o Legislador dos cristãos não teria proibido de modo absoluto toda espécie de homicídio. Se ele ensinou que nunca é justa a violência de seus discípulos contra um ser humano, ainda que o mais injusto, é porque ele julgava contrário à inspiração divina de sua legislação autorizar qualquer homicídio. E se os cristãos devessem sua origem a uma revolta, não teriam admitido leis tão pacíficas que às vezes levam-nos à morte “como ovelhas” (cf. Sl 43,23) e os tornam incapazes de jamais se vingarem de seus perseguidores, pois, instruídos a não se vingarem de seus inimigos, observam a lei da mansidão e da caridade. Assim sendo, o que eles não teriam realizado se tivessem tido autorização de combater, mesmo que tivessem sido onipotentes, receberam de Deus que sempre combateu em seu favor e, na hora desejada, conteve os adversários dos cristãos erguidos contra eles, dispostos a destruí-los. Para exemplo dos outros, para que, de olhos voltados para o pequeno número em luta pela religião, se tornassem mais firmes e desprezassem a morte, na hora desejada, um pequeno número, fácil de contar, foi morto pela religião dos cristãos. Mas Deus impedia que todo seu povo fosse exterminado, querendo que subsistisse e toda a terra fosse repleta desse piíssimo e salutar ensinamento. Em seguida, novamente, a fim de permitir aos mais fracos respirar nesta intimidade com

a morte, Deus cuidava da salvação dos fiéis crentes, desfazendo, por sua vontade, toda a trama de conspiração urdida contra eles, para que não pudesse se inflamar contra eles o ódio dos reis, dos governadores locais e do povo. Esta é minha resposta à declaração de Celso: *Foi uma revolta a origem da constituição política dos judeus, e mais tarde, da existência dos cristãos.*

9. Como em seguida ele diz uma mentira evidente, vamos citá-lo textualmente: *Se todos os homens quisessem ser cristãos, os cristãos não haveriam mais de querer isto.* A mentira de tais palavras ressalta claramente do fato de que os cristãos, à medida de suas forças, não se descuidam de difundir sua doutrina por toda a terra. Alguns, em todo caso, foram longe percorrendo não só as cidades, mas também as aldeias e sítios para trazerem ainda outros à piedade que a Deus é devida. Não se pode dizer que eles fazem isto para se enriquecer, às vezes deixam de aceitar até o que é necessário à sua subsistência, e se alguma vez a penúria os força a tanto, contentam-se com o indispensável, ainda que muitos queiram partilhar com eles o que têm de supérfluo. Mas hoje talvez quando, em razão do grande número dos que aderem à doutrina, pessoas ricas, educadas com dignidade, mulheres distintas e de alta estirpe acolhem os mensageiros da doutrina, pode acontecer que alguém diga: é por vanglória que alguns expõem em público a doutrina cristã. Com toda certeza tal desconfiança não se estabeleceu no começo, quando um perigo grave ameaçava principalmente os pregadores. Até mesmo hoje o descrédito em que eles caem junto ao restante dos homens supera seu pretense crédito junto aos que têm as mesmas crenças, crédito que não é dado a todos. Há, pois, uma mentira flagrante em dizer que se todos os homens quisessem ser cristãos, os cristãos não haveriam de querer isto.

10. Considera igualmente a prova que ele apresenta para isto: *Na origem eram um pequeno número, animados todos do mesmo pensamento; mas logo que se propagam em grande número, dividem-se e separam-se, e cada qual quer ter sua própria facção: a tanto aspiravam desde a origem.* É evidente que, comparados com o grande número que eles seriam mais tarde, os cristãos na origem eram um pequeno número; embora não tivessem sido, sob todos os aspectos, um número tão pequeno. Pois o que provocou a inveja contra Jesus e excitou os judeus a conspirar contra ele foi o grande número dos que o seguiam nos desertos: multidões de quatro a cinco mil homens, sem contar as mulheres e as crianças. Tão poderosa era a sedução de suas palavras que não apenas os homens queriam segui-lo nos desertos, mas até as mulheres esqueciam a fraqueza e a reserva femininas ao acompanharem o mestre nos desertos. E as crianças, geralmente tão insensíveis, o acompanhavam com seus pais, ou porque os seguiam, ou porque eram talvez atraídas por sua divindade para receberem a divina semente. Mas devemos concordar que eram pequeno número originalmente: em que isto contribui para provar que os cristãos não queriam fazer nascer em todos os homens a fé no evangelho?

11. Também declara ele que todos eram animados pelo mesmo pensamento. Nem mesmo enxerga que desde a origem houve desacordo entre os crentes sobre a interpretação dos livros considerados divinos. Pelo menos, enquanto os apóstolos ainda pregavam e as testemunhas oculares de Jesus ensinavam o que tinham aprendido dele, surgiu uma discussão importante entre os judeus crentes com relação aos gentios que chegavam ao evangelho: devia-se porventura fazê-los observar os costumes judaicos ou tirar-lhes a obrigação relativa aos alimentos puros e impuros, que não devia abranger aqueles que tinham deixado os costumes antepassados na gentilidade e criam em Jesus (cf. At 10,14; 11,8; 15,28). Além disso, nas cartas de Paulo, contemporâneo dos que haviam visto Jesus, encontramos alusões a certas discussões sobre a questão se a ressurreição tinha acontecido, e se “o dia do Senhor” estava próximo ou distante (cf. 1Cor 15,12s; 2Tm 2,18; 1Ts 5,2). Há também esta passagem: “Evita o palavreado vão e ímpio e as contradições de uma falsa ciência, pois alguns, professando-a, se desviaram da fé” (1Tm 6,20-21; 1,19); ele mostra que desde a origem houve

interpretações diferentes, quando os cristãos, nas palavras de Celso, ainda não eram numerosos.

12. Em seguida, numa nova afronta à nossa doutrina, ele nos censura por causa da existência de seitas no seio do cristianismo: “Mal se propagam em grande número, eles se dividem e se separam, e cada qual quer ter sua própria facção.” E declara: *Separados novamente por causa de seu grande número, eles se anatematizam uns aos outros; nada mais têm em comum, por assim dizer, a não ser o nome, se é que ainda o têm! Pelo menos é a única coisa que tiveram vergonha de abandonar; de resto, cada qual abraçou uma seita diferente.* A isto respondo: não há disciplina com instituição séria e útil à vida que não tenha visto nascer seitas diferentes. Sendo a medicina útil e necessária ao gênero humano e abordando muitas questões discutidas sobre a maneira de cuidar do corpo, encontramos por este motivo na medicina entre os gregos escolas bem numerosas, como todos atestam; o mesmo sucede, suponho eu, entre os bárbaros, pelo menos entre os que declaram praticar a medicina. Por sua vez, a filosofia, ao prometer a verdade e o conhecimento dos seres, prescreve como se deve viver e procura ensinar o que é útil à nossa raça, enquanto o objeto de suas investigações apresenta grande diversidade; por este motivo, constituíram-se na filosofia escolas tão numerosas, algumas célebres, outras menos. Além disso, o judaísmo deu margem ao nascimento de seitas na interpretação diferente dada aos escritos de Moisés e aos discursos proféticos. Por isso também, quando o cristianismo foi valorizado aos olhos dos homens, não só por causa do ajuntamento de escravos que Celso nele via, mas também por causa dos numerosos sábios gregos, inevitavelmente se formaram seitas, jamais em razão das rivalidades e do espírito de disputa, mas porque também muitos desses sábios procuravam compreender os mistérios do cristianismo. O resultado de suas interpretações das Escrituras, que todos juntos julgavam divinas, foi o surgimento de seitas patrocinadas por autores cuja admiração pela origem da doutrina não tinha impedido de serem incitados de um modo ou de outro, por motivos plausíveis, a opiniões divergentes. Mas não seria razoável fugir da medicina por causa de suas escolas; tampouco seria razoável, quando se tem em vista o melhor, odiar a filosofia alegando para justificar esta antipatia o grande número de suas escolas; igualmente não seria razoável, por causa das seitas do judaísmo, condenar os livros sagrados de Moisés e dos profetas.

13. E havendo a esse respeito um modo de ver coerente, por que não justificar também as seitas entre os cristãos? Paulo me parece ter falado delas de maneira particularmente admirável: “É preciso que haja até mesmo cisões entre vós, a fim de que se tornem manifestos entre vós os que são comprovados” (1Cor 11,19). Pois, assim como é necessário para alguém ser aprovado como médico que, depois da experiência adquirida nas diferentes escolas, faça um exame criterioso do grande número delas para escolher a melhor e assim como é preciso para alguém ser filósofo eminente ter conhecimento de muitos sistemas, tê-los assimilado e se filiado ao mais sólido, assim também, direi, é preciso ter esquadrihado com cuidado as seitas do judaísmo e do cristianismo para ser cristão de ciência bem profunda. E criticar nossa doutrina por causa das seitas seria igualmente criticar o ensino de Sócrates, porque de sua escola se originaram muitas outras com doutrinas divergentes. Além disso, deveríamos criticar as doutrinas de Platão porque Aristóteles deixou de frequentar sua escola para abrir uma nova, como aludimos acima. Celso, porém, me parece ter tido conhecimento de certas seitas que não têm em comum conosco sequer o nome de Jesus. Talvez tenha ouvido falar dos “ofitas” e “caimitas” ou de qualquer outra seita semelhante que abandonou inteiramente Jesus. Aliás, nada há neste ponto que mereça crítica à doutrina cristã.

14. Depois disto ele declara: *A sociedade que eles formam é admirável porque se pode provar que ela não tem nenhum fundamento sólido. O único fundamento sólido é a revolta, a vantagem que dela se espera e o temor dos estrangeiros: é esta a base de sua fé.* Ao que responderei: nossa sociedade se

acha tão bem assentada sobre um fundamento, ou melhor, não sobre um fundamento, mas sobre a ação de Deus, que ela tem por origem a Deus que ensina aos homens, nos profetas, a esperar a vinda de Cristo para salvar os homens. Na medida em que isto não é realmente refutado, apesar das refutações aparentes dos não cristãos, nesta mesma medida fica estabelecido que esta doutrina é a doutrina de Deus, e fica demonstrado que Jesus é o Filho de Deus antes e depois de sua encarnação. Mas continuo afirmando, mesmo depois de sua encarnação, ela não deixa de ser descoberta pelos que têm os olhos da alma muito penetrantes como a mais divina, que de fato desceu de Deus até nós, e não se pode deduzir da inteligência humana sua origem e evolução, e sim unicamente da aparição sensível de Deus que, na variedade de sua sabedoria e de seus milagres, estabeleceu primeiro o judaísmo e depois deste o cristianismo. Dessa forma fica refutada a afirmação que é preciso considerar a revolta e a vantagem que desta se espera como o princípio da doutrina pela qual tantos homens se convertem e se tornam melhores.

15. A prova de que tampouco “é o temor dos estrangeiros” que mantém nossa sociedade está no fato de que, pela vontade de Deus, ele deixou de existir há muito tempo. Mas é provável que acabe a segurança em prol da vida de que gozam os cristãos, quando novamente os que caluniam de todos os meios nossa doutrina pensarem que a revolta, levada ao ponto em que se encontra, tem sua causa no grande número dos crentes e no fato de que eles não são perseguidos pelos governadores como outrora. Pois o evangelho nos ensina a não afrouxar nem nos entregarmos à moleza em tempo de paz, e, na guerra que o mundo nos move, a não perder a coragem e não nos afastarmos do amor que em Jesus Cristo temos ao Deus do universo. Portanto, mostramos claramente o caráter sagrado de nossa origem, em vez de escondê-lo como julga Celso: pois inspiramos aos que acabam de ser iniciados o desprezo pelos ídolos e por todas as imagens e, além disso, erguendo seus pensamentos, levando-os a servir mais a Deus do que às criaturas, fazemo-los subir ao Criador do universo. Colocamos em plena luz Aquele que foi profetizado pelas profecias a seu respeito, que são numerosas, ou pelos evangelhos e pelas palavras dos apóstolos cuidadosamente transmitidas pelos que são capazes de compreendê-las a fundo.

Antiga tradição e mistérios do Egito

16. Mostre quem quiser que *ajuntamento será este que atraímos nós, que contos apavorantes forjamos nós*, como escreve Celso sem provar! A não ser que, ao falar de contos apavorantes que forjamos, Celso entenda este ensinamento: que Deus é juiz e que os homens são julgados por todas as suas ações, o que afirmamos de maneira variada baseados nas Escrituras como também na razão plausível. No entanto, é verdade, pois amo a verdade, que Celso declara pelo final: “Deus nos guarde, a eles, a mim e a todo ser humano de rejeitar a doutrina de que os injustos serão punidos e os justos julgados dignos de recompensa.” Mas se excetuarmos a doutrina do juízo, quais são então estes contos apavorantes que forjamos para atrair os homens? E como ele diz que, *forjando as deformações da antiga tradição, começamos a atordoar os homens aos sons da flauta e da música, como os que batem o tambor em volta das pessoas que são iniciadas nos ritos dos coribantes*, eu lhe responderei: as deformações de que antiga tradição? Da tradição grega, que ensinou também a existência de tribunais debaixo da terra? Da tradição judaica, que predisse entre outras coisas a existência de uma vida que continua depois desta? Ele seria totalmente incapaz de provar que deformamos a verdade, todos nós, pelo menos os que se esforçam por ter uma fé refletida, quando consagramos nossa vida a tais doutrinas.

17. Em seguida, ele pretende comparar nossa fé com a religião dos egípcios, *entre os quais, à primeira vista, encontramos magníficos recintos e bosques sagrados, vestíbulos imensos e belos, templos admiráveis cercados de imponentes peristilos, cerimônias marcadas de respeito e mistério; mas logo que entramos e penetramos em seu interior, aí contemplamos como objeto de adoração um gato, um macaco, um crocodilo, um bode, um cão.* Mas, que semelhança há entre a majestade exterior oferecida à primeira vista pelos egípcios e aquilo que encontramos entre nós? Que semelhança com estes animais irracionais que atrás destes vestíbulos veneráveis são objetos de adoração no interior do templo? Deveremos pensar que as profecias, o Deus supremo, o desprezo aos ídolos são o que, na sua opinião, é venerável, mas que Jesus Cristo crucificado corresponde ao animal irracional que é adorado? Se este é seu pensamento, e não creio que ele diria outra coisa, responderei que provei fartamente acima que, por Jesus, mesmo o que parece humanamente como sua desgraça foi um benefício para o universo e a salvação do mundo todo.

18. A seguir, a propósito das práticas dos egípcios, que falam com respeito mesmo dos animais irracionais e afirmam que eles são símbolos da divindade, ou qualquer outro título que seus profetas julguem bom atribuir-lhes, ele diz: *Elas provocam entre os que adquiriram este saber a impressão de que sua iniciação não foi em vão.* Quanto às verdades que apresentamos aos que têm um conhecimento aprofundado do cristianismo nos discursos feitos sob a influência daquilo que Paulo chama “dom espiritual”, no discurso de sabedoria “graças ao Espírito”, no discurso de ciência “segundo o Espírito” (cf. 1Cor 12,8), Celso parece não ter a menor ideia de tudo isso. Constatamos este fato, não só pelo que ele acaba de dizer, mas também pela acusação que ele lança contra a sociedade dos cristãos, ao afirmar que eles excluem os sábios da doutrina de sua fé, mas se contentam com atrair os ignorantes e escravos; é o que veremos oportunamente ao tratar deste assunto.

19. Ele afirma que *zombamos dos egípcios. No entanto, eles propõem muitos enigmas que não merecem desprezo, pois ensinam que são homenagens prestadas não a animais efêmeros, como julga o povo, mas a ideias eternas. Ao passo que é uma tolice não introduzir nas explicações sobre Jesus o que há de mais venerável como são os bodes e os cães do Egito.* Ao que eu responderei: tens razão, meu caro, de ressaltar em teu discurso que os egípcios propõem muitos enigmas que não merecem desprezo, e explicações obscuras sobre seus animais; mas andas errado quando nos acusas em tua persuasão que nós só dizemos tolices desprezíveis ao discutirmos a fundo os mistérios de Jesus, segundo a sabedoria do Logos, com os que são perfeitos no cristianismo. Paulo ensina que tais pessoas são capazes de compreender a sabedoria do cristianismo quando diz: “No entanto, é realmente de sabedoria que falamos entre os perfeitos, sabedoria que não é deste mundo nem dos príncipes deste mundo, votados à destruição. Ensinamos a sabedoria de Deus, misteriosa e oculta, que Deus, antes dos séculos, de antemão destinou para nossa glória. Nenhum dos príncipes deste mundo a conheceu” (1Cor 2,6-8).

20. Pergunto aos que concordam com a opinião de Celso: Será que Paulo não tinha nenhuma ideia de uma sabedoria superior quando reconhecia publicamente a “sabedoria entre os perfeitos”? E como ele me responderá com sua habitual audácia que Paulo podia fazer esta declaração sem ter a menor sabedoria, eu lhe replicarei: começa por examinar as cartas deste autor, presta bem atenção no sentido das expressões que se encontram, por exemplo, nas cartas aos Efésios, aos Colossenses, aos Tessalonicenses, aos Filipenses, aos Romanos, e mostra ao mesmo tempo duas coisas: que compreendeste bem as palavras de Paulo, e que podes provar que há algumas que não passam de miseráveis tolices. De fato, se ele se esforçar por fazer uma leitura atenta, tenho certeza que ou há de admirar o espírito deste homem que exprime ideias geniais numa língua comum ou, recusando-se a

admirar, se cobrirá de ridículo, que exponha em que sentido ele compreendeu o autor, ou que tente contradizer e refutar aquilo que imagina ter compreendido.

21. Não falo ainda de um exame aprofundado de todo o texto dos evangelhos. Cada um deles encerra uma doutrina complexa e difícil de penetrar, não só para os leitores comuns, mas até para pessoas de formação: por exemplo, a explicação das parábolas que Jesus conta para “os de fora”, reservando seu significado claro aos que já passaram pelo estágio dos ensinamentos exotéricos e se aproximam dele em particular “dentro de casa” (cf. Mc 4,11). Ficaremos admirados ao compreendermos por que se diz que alguns estão “de fora” e outros estão “dentro de casa”. E que emoção tem aquele que é capaz de considerar os diversos aspectos de Jesus, quando ele sobe a montanha para certos discursos ou certas ações, ou para a sua transfiguração, ou quando, já na planície, cura os doentes que não podem subir aonde seus discípulos o seguem. Mas não é lugar aqui para expormos o que os evangelhos têm de verdadeiramente venerável e divino, nem o pensamento de Cristo, quer dizer, da Sabedoria e do Logos, manifestada em Paulo. Eis aí o que basta para respondermos à zombaria de Celso, indigna de um filósofo, que ousa equiparar os mais profundos mistérios da Igreja de Deus aos gatos, aos macacos, aos crocodilos, aos bodes e aos cães do Egito.

O culto de Jesus e os cultos dos heróis

22. Mas, para não omitir nenhuma espécie de difamação e zombaria, esse bufão que é Celso, em seu discurso contra nós, menciona os *Dióscuros, Hércules, Asclépio e Dioniso*, homens que se tornaram deuses de acordo com a crença grega. Diz ele que *não suportamos que sejam considerados como deuses, porque eram homens antes de tudo, apesar dos múltiplos e generosos serviços prestados à humanidade; mas afirmamos que Jesus, depois de sua morte, apareceu a seus sequazes*. E reforça a acusação: *Apareceu em pessoa, dizem eles; entendi bem: sua sombra*. Responderei que esta é uma das habilidades de Celso: não mostra claramente que ele não os adora como deuses, para poupar a opinião de seus leitores que o teriam na conta de ateu se proclamasse o que lhe parece verdade; até finge não os conhecer como deuses. Nos dois casos teríamos como responder-lhe.

Aos que se negam a considerá-los como deuses podemos então dizer: será que eles não existem mesmo e, conforme o pensamento de alguns sobre a destruição imediata da alma humana, a alma deles também é destruída? Ou então, conforme a opinião dos que afirmam sua sobrevivência ou imortalidade, será que eles sobrevivem de fato, imortais, não como deuses mas como heróis? Ou sem ser mesmo heróis, serão simplesmente almas? Mas, se pensais que eles não são mais, deveremos afirmar a doutrina da alma, que é de máxima importância. Mas se eles existem, não será menos necessário demonstrar a doutrina da imortalidade, não só por aquilo que os gregos disseram com muita razão, mas também pelo conteúdo dos ensinamentos divinos. Mostrarei que é impossível que tais homens tenham chegado à categoria dos deuses e se encontrem, depois de sua partida deste mundo, num lugar e numa condição superiores, quando lemos a respeito deles as histórias que descrevem a licenciosidade desenfreada de Hércules e seu cativo de homem efeminado junto à rainha Ônfale, e a maneira como Asclépio teria sido fulminado pelo raio de Zeus. Sobre os Dióscuros citaremos estes versos: “Ora estão vivos, um dia de dois, ora estão mortos: gozam a mesma honra dos deuses”, eles que morrem continuamente. Como será possível então admitir razoavelmente um deles como deus ou herói?

23. Nós, porém, mostraremos a verdade sobre nosso Jesus pelos testemunhos dos profetas, depois, comparando sua história com as deles, mostraremos que nenhuma licenciosidade se conta a seu

respeito. Aqueles que por inimizade contra ele tinham procurado “um falso testemunho” para acusá-lo de má conduta não conseguiram encontrar qualquer fundamento plausível a este “falso testemunho” (cf. Mt 26,59s). Além disso, sua morte, resultado da conspiração dos homens, nada teve de comparável à morte fulminante de Asclépio. E o que tem de venerável o frenesi de Dioniso em suas vestes femininas para que possam as pessoas adorá-lo como deus? Se os defensores de tais lendas procuram refúgio na alegoria, é preciso examinar, de um lado, se se trata de alegorias válidas e, de outro, se seres despedaçados pelos Titãs e precipitados do trono celeste podem ter uma existência real e merecer as honras e a adoração. Mas nosso Jesus, para usarmos a expressão de Celso, ao aparecer a seus próprios sequazes, apareceu realmente, e Celso calunia o evangelho dizendo que apareceu como uma sombra. Entretanto, comparemos as histórias de tais heróis com a de Jesus! Será que Celso pretende que as primeiras são verdadeiras e as outras são ficções? Mas elas encerram os pormenores referidos pelas testemunhas oculares que mostraram por sua conduta uma clara compreensão daquele que eles tinham contemplado e manifestaram sua disposição pelo ardor de sofrer por sua doutrina. Como seria responder à intenção de agir em tudo razoavelmente o admitir levemente as histórias dos heróis e, quanto à de Jesus, atirar-se sem investigação na incredulidade?

Asclépio

24. E quando se diz a respeito de *Asclépio*, *que grande multidão de homens, gregos e bárbaros, reconhece tê-lo visto muitas vezes e ainda o vê, não como fantasma, mas curando, fazendo o bem, predizendo o futuro*, Celso nos pede que acreditemos, e não nos critica como fiéis de Jesus quando acreditamos em tais testemunhos. Mas Celso nos trata como idiotas, quando afirmamos nossa fé nos discípulos de Jesus, testemunhas de seus prodígios, que manifestaram claramente a pureza da sua consciência, porque vemos sua franqueza, enquanto é possível julgar com uma consciência orientada por documentos escritos. Aliás, ele consegue perfeitamente mostrar, como diz, a incontável multidão de homens, gregos e bárbaros, que reconhecem Asclépio. Nós, porém, podemos mostrar claramente, caso ele dê importância a isso, a multidão incontável de homens, gregos e bárbaros, que reconhecem Jesus. E alguns deles manifestam, nas curas que operam, o sinal de que receberam, graças à sua fé, um poder milagroso, pois invocam sobre os que lhes pedem a cura apenas o Deus supremo e o nome de Jesus acrescentando à sua invocação a história dele. Por meio deles, eu mesmo vi pessoas libertas de graves doenças, alucinações, demências e uma infinidade de outros males que nem homens nem demônios tinham conseguido curar.

25. E ainda que eu acreditasse que um demônio médico, chamado Asclépio, curasse os corpos, diria aos que admiram este poder como a faculdade divinatória de Apolo: a arte de curar os corpos é coisa diferente, dom que pode caber aos bons como aos maus; indiferente também a previsão do futuro, pois o vidente não manifesta necessariamente qualquer virtude. Vamos supor então que estes curadores e videntes não tenham qualquer maldade, que, de qualquer forma, provam que são pessoas de virtude e não estão longe de serem considerados como deuses. Mas não poderão mostrar esta virtude dos curadores e dos videntes, pois muitas pessoas indignas de viver, como se relata, foram curadas por algum médico sábio, apesar da vida desordenada que estas levavam.

Mesmo nos oráculos da Pítia apolínea podemos encontrar ordens irracionais. Cito dois exemplos. Apolo ordenou que Cleomedes, pugilista penso eu, recebesse as honras divinas, como se ele visse não sei que de venerável na arte do pugilato; mas não atribuiu nem a Pitágoras nem a Sócrates as mesmas honras que concedeu a este pugilista. Além disso, chamou de “servo das Musas” a Arquíloco, autor que manifesta seu talento poético num assunto de extrema grosseria e despudor, e revelou um caráter

imoral e impuro: ao qualificá-lo de “servo das Musas” que são consideradas deusas, ele proclamava a sua piedade. Mas não sei se qualquer pessoa chamaria de piedoso o homem que não está ornado de toda moderação e virtude, e se um homem honesto ousaria repetir o que exprimem os jambos inconvenientes de Arquíloco. Mas, se é notório que nada de divino caracteriza a medicina de Asclépio e a adivinhação de Apolo, como adorá-los razoavelmente como puras divindades, mesmo admitindo os fatos? E principalmente quando Apolo, espírito adivinhador puro de toda corporalidade terrestre, se introduz pelo sexo na profetisa sentada na abertura da gruta de Píton. Nada de semelhante acreditamos sobre Jesus e seu poder: seu corpo, nascido da Virgem, era constituído de matéria humana, apta a sofrer ferimentos e morte dos homens.

Aristeias do Proconeso

26. Vejamos ainda o que Celso diz a seguir, extraíndo das histórias prodígios que por si mesmos parecem inacreditáveis, mas aos quais ele não recusa sua fé, a julgar ao menos pela maneira como ele exprime. Eis em primeiro lugar os de Aristeias do Proconeso a respeito dos quais ele afirma: *Em seguida, Aristeias, depois de ter desaparecido tão milagrosamente aos olhos dos homens, apareceu de novo claramente e bem mais tarde visitou várias regiões da terra e contou coisas espantosas: apesar da recomendação de Apolo aos habitantes do Metaponto de colocar Aristeias na categoria dos deuses, já não existe ninguém que acredite nele como deus.* Parece que ele tirou a história de Píndaro e Heródoto. Mas basta citar aqui a passagem de Heródoto que encontramos no quarto livro das *Histórias*: “Eu disse de onde era Aristeias, autor deste poema. Direi o que ouvi contar a seu respeito no Proconeso e em Cízico. Dizem que Aristeias não era inferior a nenhum concidadão pela nobreza de sua família. Morreu ao entrar na oficina de um pisoeiro, no Proconeso; o pisoeiro, depois de cerrar as portas de seu atelier, pôs-se a caminho para avisar os parentes do defunto. A notícia da morte de Aristeias já se espalhara na cidade, quando um homem que vinha da cidade de Atarké começou a contestar aos que propagavam o rumor: dizia ter encontrado Aristeias ao se dirigir a Cízico e conversado com ele. No momento em que ele sustentava vigorosamente o que dizia frente a seus contraditores, os parentes do falecido foram até à oficina do pisoeiro com uma padiola para levarem o corpo; abriram a casa, e não viram Aristeias nem morto nem vivo. Sete anos depois, ele teria aparecido no Proconeso, composto este poema que os gregos agora chamam de Arismaspeias, e depois de composto o poema, teria desaparecido pela segunda vez. É o que se conta nestas duas cidades. E eis o que vim a saber ter acontecido aos habitantes do Metaponto, na Itália, 240 anos depois do segundo desaparecimento de Aristeias, enquanto meus cálculos no Proconeso e Metaponto me permitiram reconhecê-lo. Os metapontinos dizem que Aristeias em pessoa lhes apareceu em sua terra, lhes ordenou erguer um altar a Apolo e erigir ao lado deste altar uma estátua com o nome de Aristeias do Proconeso; e lhes teria dito que eles eram os únicos itálios entre os quais Apolo teria vindo até então; e que ele, que no presente era Aristeias, o tinha acompanhado; naquele tempo, quando acompanhava o deus, ele era um corvo. Tendo dito isto, desapareceu, e os metapontinos, segundo dizem, mandaram consultar o Apolo de Delfos sobre o que pensar da aparição deste homem. A Pítia lhes teria aconselhado obedecer à aparição, pois se obedecessem ficariam melhor. E eles, tendo acolhido com fé esta resposta, ter-se-iam conformado com ela. De fato, uma estátua que leva o nome de Aristeias se ergue hoje perto do monumento dedicado a Apolo; em volta, há loureiros e o monumento está erigido no lugar. Mas chega de Aristeias.”

27. A esta história de Aristeias devemos responder: se Celso a tivesse citado como uma história sem indicar que tinha-a aceito como verdadeira, outra teria sido minha resposta a seu argumento. Mas

afirmando que Aristeias, depois de ter desaparecido milagrosamente, apareceu de novo claramente, visitou diversas regiões da terra e contou coisas espantosas, e além disso, citando com apoio em sua própria autoridade e aprovando o oráculo de Apolo que recomendou aos metapontinos colocar Aristeias na categoria dos deuses, eis o argumento que lhe tenho a opor: tu, que não vês senão ficções nos milagres que os discípulos de Jesus contam a respeito dele, como acusas os outros de acreditarem sem fundamento racional nos milagres de Jesus, como podes dar a impressão de dar fé a histórias desse quilate sem dar a seu respeito a menor demonstração nem a prova de que elas realmente ocorreram? Crês que Heródoto e Píndaro são capazes de mentir, ao passo que aqueles que se expuseram à morte pelos ensinamentos de Jesus e deixaram para a posteridade sobre o objeto de sua fé escritos deste valor arrostariam o duro combate de uma vida precária e de uma morte violenta em defesa, como dizes, de ficções, mitos e sortilégios? Aceita ser imparcial entre os relatos sobre Aristeias e a história de Jesus, e ante os resultados benéficos para a reforma dos costumes e a piedade para com o Deus supremo, julga se não cabe dizer com propriedade: é preciso crer na ação de Deus envolvida na história de Jesus, e de modo algum na de Aristeias do Proconeso.

28. Com que intuito a Providência teria permitido os prodígios de Aristeias, que utilidade para o gênero humano teria ela em vista na exibição dessas maravilhas que lhe fazes, não podes dizer! Nós, ao contrário, quando contamos a história de Jesus, damos à sua realidade uma justificação válida: a vontade de Deus de formular por meio de Jesus a doutrina que salva os homens; doutrina que se alicerça nos apóstolos como fundamentos do edifício do cristianismo em sua fundação, mas que se desenvolve nos tempos posteriores em que se realizam, em nome de Jesus, muitas curas e outras manifestações importantes.

Além disso, quem é este Apolo que recomenda aos metapontinos colocar Aristeias na categoria dos deuses? Com que intenção faz isso, que benefício visa ele para os metapontinos com estas honras divinas, supondo-se que eles ainda considerem como deus aquele que outrora era apenas homem? Deste Apolo que, para nós, é demônio a quem cabem “libação e cheiro de gorduras”, as recomendações sobre Aristeias te parecem merecer considerações; ao passo que as do Deus supremo e de seus santos anjos, proclamadas graças aos profetas não depois do nascimento de Jesus, mas antes de ele vir partilhar a vida humana, não te incitam a admirar nem estes profetas capazes de receber o espírito divino, nem Aquele que eles profetizam? Sua vinda a este mundo foi proclamada muitos anos antes por muitos profetas a tal ponto que a nação inteira dos judeus, suspensa na expectativa d’Aquele cuja vinda ela esperava, se transformou numa controvérsia depois da vinda de Jesus. Grande número reconheceu a Cristo e acreditou que ele era aquele que os profetas anunciavam. Os outros, incrédulos, desprezaram a brandura dos que, seguindo os ensinamentos de Jesus, recusaram-se a despertar a menor revolta; e ousaram contra Jesus as crueldades que os discípulos desprezaram com sinceridade leal, sem cortar secretamente da história milagrosa o que, aos olhos da maior parte, poderia se transformar em vergonha da doutrina cristã.

O próprio Jesus e seus discípulos queriam de fato que seus adeptos não acreditassem apenas na sua divindade e nos seus milagres, como se não tivesse participado da natureza humana e assumisse esta carne que entre os homens tem “aspirações contrárias ao espírito” (Gl 5,17). Mas eles viam também que o poder que desceu até à natureza e às vicissitudes humanas, e assumiu alma e corpo humano, contribuiria para a salvação dos que creem, porque ele é objeto de fé como também as realidades divinas. Os cristãos veem que com Jesus a natureza divina e a natureza humana começaram a se entrelaçar, para que a natureza humana, pela participação na divindade, seja divinizada, não só em Jesus mas também naqueles todos que, com fé, adotam o gênero de vida que Jesus ensinou e eleva até

à amizade por Deus e à comunhão com ele quem vive conforme os preceitos de Jesus.

Igrejas e assembleias

29. Apolo, então, segundo Celso, queria que os metapontinos colocassem Aristeias na categoria dos deuses. Mas os metapontinos acharam que a evidência de que Aristeias era homem, e provavelmente sem virtude, sobrepujava o oráculo que o proclamava deus ou digno das honras divinas; por isso recusaram-se a obedecer a Apolo, e assim ninguém considera Aristeias como deus. Mas de Jesus podemos dizer: era útil ao gênero humano recebê-lo como Filho de Deus, do próprio Deus que veio a este mundo e assumiu alma e corpo humanos; mas isto parecia prejudicial à gula dos demônios que gostam dos corpos e àqueles que os têm na conta de deuses; por isso os demônios terrestres, considerados como deuses pelos que ignoram sua natureza, juntamente com seus servidores, quiseram impedir a divulgação do ensinamento de Jesus, pois viam que haveriam de cessar as libações e o cheiro de gorduras que lhes são tão agradáveis, se o ensinamento de Jesus prevalecesse. Mas Deus, que enviara Jesus, frustrou toda a conspiração dos demônios. Fez com que o evangelho de Jesus triunfasse no mundo inteiro pela conversão e reforma dos homens, por toda parte constituiu igrejas em oposição às assembleias dos supersticiosos, desordenados e injustos: pois tais são as multidões que por toda parte constituem as assembleias políticas dos cidadãos. E as igrejas de Deus, instruídas por Cristo, se as compararmos às assembleias do povo com as quais se parecem, “brilham como astros no mundo” (Fl 2,15). Quem pois se recusaria a admitir que mesmo os membros menos bons destas igrejas, inferiores, em comparação com os perfeitos, são bem superiores aos membros dessas assembleias políticas?

30. Assim, por exemplo, a igreja de Deus de Atenas é pacífica e ordenada em seu desejo de agradar ao Deus supremo; enquanto a assembleia dos atenienses é tumultuosa sem nenhuma relação com aquela igreja de Deus. O mesmo se pode dizer da igreja de Deus de Corinto e da assembleia do povo de Corinto e, até mesmo, da igreja de Deus de Alexandria e da assembleia do povo de Alexandria. Sabendo disso, qualquer espírito criterioso que examine sinceramente os fatos ficará admirado com Aquele que teve a decisão e o poder de estabelecer por toda parte igrejas de Deus vivendo lado a lado em cada cidade com a assembleia do povo. Da mesma forma, comparando o conselho da Igreja de Deus com o senado de cada cidade, verificaremos que certos membros do Conselho da Igreja, se for uma cidade de Deus no universo, merecem nele exercer o poder, ao passo que os senadores de toda parte nada apresentam em seus costumes que os torne dignos da autoridade maior pela qual eles parecem dominar os cidadãos. Da mesma forma enfim, devemos comparar o chefe da igreja de cada cidade com o governante político, para observarmos que até entre os membros do conselho e os chefes da igreja que, por sua vida indolente, são inferiores aos mais ativos, podemos discernir em geral um progresso em direção das virtudes que supera os costumes dos senadores e governantes das cidades.

Ábaris, o Hiperbóreo

31. Diante desses fatos, como não é lógico pensar que Jesus, que pôde realizar tão grande obra, tinha em si qualidade divina excepcional, e não Aristeias do Proconeso, ainda que Apolo queira colocá-lo na categoria dos deuses, nem aqueles que Celso enumera. Diz ele: *Ninguém considera como deus a Ábaris, o Hiperbóreo, dotado do prodigioso poder de ser carregado sobre uma flecha*. Com que intenção a divindade, se concedeu ao Hiperbóreo Ábaris o favor de ser carregado sobre uma flecha, lhe outorgou semelhante dom? Que benefício teve com isso o gênero humano? E que vantagem teve este

Ábaris de ser carregado sobre uma flecha? E tudo isso, admitindo-se que não houve nenhuma ficção no caso, mas o resultado da ação de um demônio. Mas quando dizemos que meu Jesus foi “exaltado na glória” (1Tm 3,16), vejo a economia providencial: pela realização desta maravilha Deus lhe dava patente de Mestre no espírito dos que o tinham contemplado, a fim de levá-los a combater com todas as suas forças não em defesa de conhecimentos humanos, mas em defesa dos ensinamentos divinos, levá-los a se consagrar ao Deus supremo e a fazer tudo para agradá-lo, para receber segundo seus méritos no tribunal de Deus a sanção do bem e do mal feitos nesta vida.

O herói de Clazômenas

32. Como Celso lembra em seguida a história do herói de Clazômenas e afirma: *Não se conta por toda parte que sua alma evadia-se frequentemente de seu corpo para vaguear de um lado para outro incorpórea? Entretanto, os homens não o consideraram como deus, eu replico: é possível que demônios perversos tenham tramado para que estes prodígios fossem escritos — pois não penso que tenham chegado a se concretizar — para que as profecias sobre Jesus e seus ensinamentos fossem atacados como ficções do mesmo gênero que aquelas, ou então que, sem nada mais ter que as outras, elas não suscitassem nenhuma admiração.* Mas o meu Jesus dizia acerca da separação de sua alma e do corpo, não movido por necessidade humana, mas em virtude do poder milagroso que lhe tinha sido dado para este fim: “Ninguém tira minha alma de mim, mas eu a dou livremente. Tenho o poder de entregá-la e poder de retomá-la” (Jo 10,18). E como tinha o poder de entregá-la, ele a entregou quando disse: “Meu Pai, por que me abandonaste?”, e, “tornando a dar um grande grito, entregou o espírito” (Mt 27,46.50), adiantando-se assim aos carrascos encarregados do suplício que quebravam as pernas dos crucificados, para que o castigo não o fizesse sofrer por muito tempo. Mas ele retomou “sua alma” quando se manifestou a seus discípulos, conforme a predição feita em sua presença aos judeus incrédulos: “Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei”. Mas “ele falava do templo de seu corpo” (Jo 2,19.21), pois os profetas o haviam anunciado antecipadamente nesta passagem entre muitas outras: “Minha carne repousa em segurança; pois não abandonarás minha vida no Xeol, nem deixarás que teu fiel veja a cova” (Sl 15,9-10).

Cleomedes de Astipaleia

33. Para mostrar que leu muitas histórias gregas, Celso cita ainda a de Cleomedes de Astipaleia, e conta: *Este entrou num cofre, fechou-se dentro, e ninguém pôde mais encontrá-lo aí de novo, mas ele evaporou-se por uma providência milagrosa, quando vieram quebrar o cofre para o prenderem.* Esta história, se não for uma ficção como parece, nem se compara com a de Jesus; pois a vida destes homens não apresenta nenhuma prova da divindade que lhe é atribuída, enquanto a de Jesus tem como provas as igrejas dos que ele socorreu, as profecias feitas a seu respeito, as curas realizadas em seu nome, o conhecimentos desses mistérios na sabedoria e na razão que encontramos naqueles que procuram sobrepujar a fé simples e perscrutar o sentido das Escrituras; pois esta é a ordem de Jesus: “Perscrutai as Escrituras” (cf. Jo 5,39), tal é a intenção de Paulo que ensinou que devemos “saber responder a cada um” como convém, e a de outro autor que diz: “Estai sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede” (1Pd 3,15). Mas Celso quer que concordemos com ele que se trata de uma ficção: cabe a ele dizer qual a intenção do poder sobre-humano que fez Cleomedes desaparecer do interior do cofre por uma providência milagrosa. Pois se ele apresenta desse favor concedido a Cleomedes uma razão válida e uma intenção digna de Deus, julgaremos a respeito da

resposta a lhe dar. Mas se ele fica embaraçado em dar a menor razão plausível, porque, evidentemente, esta razão é impossível de encontrar, ou se concorda com os que se recusaram admitir esta história, provaremos sua falsidade, ou então diremos que ao fazer desaparecer o homem de Astipaleia, um demônio pregou uma peça semelhante aos feiticeiros e iludiu as vistas; e isso contra Celso que pensou que um oráculo divino tinha declarado que ele se havia evaporado do cofre por uma providência milagrosa.

Outros exemplos

34. Penso que são os únicos heróis conhecidos de Celso. E parecendo que desconsidera propositalmente os casos análogos, afirmou: *Poderíamos citar muitos outros do mesmo tipo.* Tudo bem! Admitamos que tenha havido muitos heróis do mesmo tipo dos quais o gênero humano não tirou nenhuma compensação: que encontraríamos entre eles que seja comparável à obra de Jesus e a seus milagres, de que falei extensamente?

Depois disso Celso pensa que *nosso culto a este prisioneiro, como diz, condenado à morte é semelhante à veneração de Zamolxis na terra dos getas, de Mopso na Cilícia, de Anfíloco na Acarnânia, de Anfiarau em Tebas, de Trofônio em Lebadia.* Também aí o convenceremos de ter equiparado sem razão nosso culto ao de outros povos que ele menciona. Eles ergueram templos e estátuas às personagens que enumera; nós, porém, negamos à divindade a honra prestada mediante tais procedimentos: são mais apropriados aos demônios, fixados, não sei como, num lugar determinado que escolheram antecipadamente, ou que parecem habitar, atraídos por encantamentos ou sortilégios. Admiramos Jesus que afastou nosso espírito de tudo que é sensível, não só corruptível mas destinado a ser corrompido, para elevá-lo e torná-lo capaz de prestar honra ao Deus supremo por um caminho reto acompanhado de orações; nós lhe apresentamos estas orações por Aquele que, sendo mediador entre a natureza do Não-gerado e a de todas as criaturas, nos traz os benefícios do Pai e, ao mesmo tempo, à maneira do sumo sacerdote, transporta nossas orações até o Deus supremo.

35. Mas respondendo a tais palavras, ocasionadas não sei por quê, gostaria de lhe fazer as seguintes perguntas cabíveis: não terão então nenhuma realidade os que enumeraste? E não existe nenhum poder nem em Lebadia para Trofônio nem no templo de Anfiarau em Tebas, nem na Acarnânia para Anfíloco, nem na Cilícia para Mopso? Ou haverá nestes santuários algum demônio, herói ou deus, para realizar estas obras que ultrapassam o poder do homem? Se não houver nada mais, nem demônio, nem deus para estes santuários, que pelo menos então externe sua opinião pessoal: como epicureu, ele não admite as mesmas doutrinas que os gregos, nem reconhece a existência dos demônios, nem mesmo honra os deuses como os gregos. E daremos a prova de que errou ao introduzir os exemplos anteriores, como se admitisse sua autenticidade, e os que ele apresenta em seguida. Mas se ele professa que os que enumerou são demônios, heróis ou mesmo deuses, veja que estabelece pelo que diz aquilo que rejeita, isto é: que Jesus também era um ser da mesma natureza, e que por isso ele teve o poder de se apresentar a muitos homens como vindo ao gênero humano da parte de Deus. E vê se esta primeira concessão não deve forçá-lo a reconhecer em Jesus mais força do que naqueles entre os quais ele o colocou. Nenhum deles, de fato, proíbe o culto prestado aos outros; mas Ele, muito seguro de si mesmo, porque é mais forte do que todos, proíbe reconhecê-los como deuses, porque são demônios maus que se apossaram de lugares terrestres, em sua incapacidade de atingir as regiões puras e divinas onde não chegam as rudezas da terra e seus incontáveis males.

36. Fala então do *delicado Adriano* — refiro-me ao adolescente Antínoo — e das *honras que lhe são prestadas* na cidade do Egito chamada Antinoópolis, e acha que elas *em nada diferem de nosso culto a Jesus*. Pois bem! Vamos refutar esta objeção ditada pelo ódio. Que relação pode haver entre Jesus que veneramos e a vida do delicado Adriano, que nem soube guardar sua virilidade de uma sedução feminina mórbida? Contra Jesus, nem os que lhe lançaram mil acusações e dispararam tantas mentiras puderam alegar a menor ação licenciosa. Além disso, se submetêssemos a estudo sincero e imparcial o caso de Antínoo, descobriríamos os encantamentos e sortilégios na origem de seus pretensos prodígios em Antinoópolis, mesmo depois de sua morte. Conta-se que, em outros templos, a conduta seguida pelos egípcios e por outros peritos em feitiçaria é esta: fixam em certos lugares demônios para pronunciar oráculos, curar, e muitas vezes levar à desgraça os que pareceram transgredir as proibições referentes a alimentos impuros e ao contato com cadáveres humanos; querem assim amedrontar a multidão dos incultos. E aquele que em Antinoópolis no Egito é considerado como deus aparece desta forma: suas virtudes são invenções mentirosas de pessoas que vivem de astúcias, enquanto outras, enganadas pelo demônio que mora neste lugar, e outras, vítimas de sua consciência frágil, imaginam pagar um resgate divinamente desejado por Antínoo! Eis os mistérios que eles celebram e seus pretensos oráculos! Que diferença enorme com relação aos de Jesus! Não, não é uma reunião de feiticeiros que, para satisfazer uma ordem de um rei ou a prescrição de um governante, decidiram fazer dele um deus. Mas o próprio Criador do universo, pelo efeito do poder persuasivo de sua palavra milagrosa, o constituiu digno do culto não só de todo homem que procura a sabedoria, mas também dos demônios e de outros poderes invisíveis. Até hoje estes mostram que temem o nome de Jesus como o de ser superior, ou lhe obedecem com respeito como a seu chefe legítimo. Se ele não fora constituído assim pelo favor divino, os demônios não se retirariam sem resistência de suas vítimas apenas pela invocação de seu nome.

37. Os egípcios, formados no culto de Antínoo, permitiriam que ele fosse comparado a Apolo ou Zeus, pois é honrá-lo colocá-lo na mesma categoria. No caso de Celso, portanto, há uma mentira evidente quando afirma: *Eles não permitiriam que ele fosse comparado a Apolo ou Zeus*. Os cristãos sabem que a vida eterna consiste em conhecer “o único Deus verdadeiro” supremo, e “Aquele que ele enviou, Jesus Cristo” (Jo 17,3); que “todos os deuses dos pagãos são demônios” (Sl 95,5) ávidos, que rondam em torno das vítimas, do sangue e das exalações dos sacrifícios, para enganar os que não procuram refúgio junto ao Deus supremo; sabem que os anjos de Deus, ao contrário, divinos e santos, são de natureza e caráter bem diversos que os demônios da terra, e são conhecidos do pequeníssimo número dos que fizeram da questão um estudo inteligente e aprofundado: eles não admitiriam tal comparação com Apolo, Zeus, ou qualquer outro adorado com o cheiro da gordura, o sangue e as vítimas. Alguns em sua grande simplicidade não sabem explicar a razão de sua conduta, embora guardem criteriosamente o depósito que receberam. Outros, porém, o fazem com razões não insignificantes, mas profundas ou, diria um grego, esotéricas e epópticas. Elas contêm ampla doutrina a respeito de Deus, a respeito dos seres aos quais Deus concede a honra, por seu Logos, Filho único de Deus, de participar de sua divindade e, por esse fato, de seu nome; uma ampla doutrina igualmente acerca dos anjos divinos e concernente aos que são inimigos da verdade por se terem enganado e, em consequência de seu erro, se proclamaram deuses, anjos de Deus, bons demônios, heróis que devem sua existência à metamorfose de boas almas humanas. Esses cristãos admitirão igualmente que, assim como em filosofia muitos imaginam estar na verdade por se terem deixado enganar por falsas razões ou por terem aderido precipitadamente às razões apresentadas ou descobertas por outros, assim também entre as almas saídas dos corpos, os anjos e os demônios, alguns foram seduzidos por falsas

razões a se proclamarem deuses. E como estas doutrinas, entre os homens, não podem ser descobertas com perfeita exatidão, julgou-se ser mais seguro para o homem não confiar em ninguém como Deus, a não ser unicamente em Jesus Cristo, moderador supremo, que contemplou estes segredos profundíssimos, e os comunica a pequeno número.

Acasos providenciais

38. A fé em Antínoo ou em algum de seus semelhantes no Egito ou na Grécia se deve, se posso dizer, à má sorte. A fé em Jesus, porém, parece que se deve ou à sorte ou à conclusão de um estudo sério. Ela se deve à sorte para um grande número, e é a conclusão de um estudo sério para um número muito pequeno. Dizendo que uma fé se deve, falando popularmente, à sorte, nem por isso deixo de referir sua razão a Deus que sabe as causas do destino atribuído a todos os que vêm à existência humana. Por outro lado, os gregos dirão que mesmo para aqueles que julgamos os mais sábios, é à sorte que eles devem quase sempre, por exemplo, o fato de terem tido tais mestres e encontrado os melhores, quando outros ensinavam as doutrinas opostas, e de terem recebido sua educação de elite. Pois muitos têm sua educação em tal meio que nem lhes cabe receber representação dos bens verdadeiros, mas permanecem desde a infância entre homens efeminados ou mestres licenciosos, ou em outra condição miserável que impede sua alma de olhar para o alto. É provável que a Providência tenha suas razões para permitir estas desigualdades e não é nada fácil pô-las ao alcance das pessoas comuns. Eis o que julguei meu dever responder no intervalo como digressão à crítica: *Tal é o poder da fé que ela pré-julga qualquer coisa.* É necessário frisar que a diferença de educação explica a diversidade da fé entre os homens: sua fé se deve à boa ou à má sorte; e daí concluir que pode parecer que mesmo para as pessoas de espírito atilado o que chamamos de boa sorte e má sorte contribui para fazê-las parecer mais razoáveis e levá-las a dar às doutrinas adesão geralmente mais razoável. Mas basta quanto a este ponto.

39. Devemos considerar as palavras seguintes em que Celso diz que *nossa fé, apossando-se de nossa alma, cria tal adesão a Jesus.* É bem verdade que nossa fé cria tal adesão. Mas observa se esta fé não é mesmo louvável quando nos entregamos confiantemente ao Deus supremo, exprimindo nosso reconhecimento àquele que nos conduziu a essa fé, afirmando que não foi sem a ajuda de Deus que Jesus ousou e realizou essa ação. Cremos igualmente na sinceridade dos evangelistas; descobrimo-la na piedade e na consciência que se manifestam em seus escritos, onde não existe qualquer sinal de inautenticidade, fraude, ficção ou impostura. Pois temos a certeza disto: almas como as deles, que não aprenderam os procedimentos ensinados entre os gregos pela sofística artificiosa, muito enganosa e sutil, e a arte oratória usada nos tribunais, não teriam sido capazes de inventar histórias que podem por si mesmas conduzir à fé e à vida de acordo com esta fé. Penso igualmente que Jesus quis ter homens assim como mestres de doutrina para não dar espaço à desconfiança de sofismas ilusórios, mas fazer brilhar aos olhos das pessoas capazes de compreender que a sinceridade de intenção dos escritores, unida, por assim dizer, a tanta simplicidade, tinha merecido uma virtude divina muito mais eficaz que não parece ser a abundância oratória, a composição de períodos, a fidelidade às divisões e às regras da arte grega.

40. Porém, repara se as doutrinas de nossa fé, em perfeita harmonia desde sua origem com as noções comuns, não transformam os ouvintes sensatos. Pois ainda que a perversão, sustentada por ampla cultura, pôde implantar entre o povo a ideia de que as estátuas são deuses e que os objetos de ouro, prata, marfim, pedra são dignos de adoração, a noção comum exige pensar que Deus não é

absolutamente matéria corruptível e não pode ser honrado sob as formas fabricadas pelos homens nas matérias inanimadas que seriam “à sua imagem” (cf. Gn 1,26) ou como símbolos. Assim sendo, se diz sem rodeios que as imagens “não são deuses” (cf. At 19,26), e a respeito desses objetos fabricados, que não são comparáveis ao Criador, por serem tão pequenos comparados ao Deus supremo que criou, mantém e governa o universo em sua totalidade. E imediatamente, como se ela reconhecesse seu parentesco, a alma racional rejeita os que até então lhe tinham parecido ser deuses, e recupera seu amor natural pelo Criador; e, por causa desse amor, ela acolhe também aquele que por primeiro passou estes ensinamentos a todas as nações, através dos discípulos que ele estabeleceu e enviou com poder e autoridade divina a pregar a doutrina sobre Deus e seu Reino.

O corpo mortal de Jesus

41. Ele volta a seguir à crítica repetida não sei quantas vezes contra Jesus: *Embora formado de um corpo mortal, nós cremos nele como Deus, fato que consideramos ato de piedade.* É inútil responder igualmente à objeção, pois já lhe demos resposta no que ficou dito acima. Entretanto, os críticos devem saber que aquele que julgamos com convicção ser Deus e Filho de Deus desde a origem é, na verdade, o Logos em pessoa, a Sabedoria em pessoa, a Verdade em pessoa. E afirmamos que seu corpo mortal e a alma humana que nele habita adquiriram a mais alta dignidade não só pela associação, mas também pela união e fusão com ele e que, participando de sua divindade, eles foram transformados em Deus. Ficamos acaso chocados com esta afirmação mesmo a propósito de seu corpo? Basta que nos refiramos às afirmações dos gregos sobre a matéria: sem qualidades propriamente, ela exhibe qualidades com que o Criador gosta de revesti-la, e com frequência ela abandona suas qualidades anteriores para receber outras superiores e diferentes. Se existe neste ponto uma compreensão sábia, não admira que, pela Providência de Deus que assim decreta as coisas, a qualidade mortal do corpo de Jesus tenha sido transformada numa qualidade etérea e divina?

42. Desta forma, não é como bom dialético que Celso compara *a carne humana de Jesus ao ouro, à prata e à pedra* e lhe diz que *ela era mais corruptível.* Pois, a rigor, não é verdade que uma coisa incorruptível seja mais incorruptível do que outra coisa corruptível, nem que uma coisa corruptível seja mais corruptível do que outra coisa corruptível. Mas admitamos que ela possa ser mais corruptível, não deixarei de replicar: se é possível que a matéria subjacente a todas as qualidades mude de qualidades, por que não seria possível também que a carne de Jesus tenha mudado de qualidades e seja tal como era preciso para morar no éter e nas regiões acima dele, depois de ter alijado as características da fraqueza carnal, qualificadas por Celso como *impurezas.* É igualmente erro filosófico. Impuro, no sentido próprio, é aquilo que provém da malícia; mas a natureza do corpo não é impura; não é da natureza do corpo; o princípio gerador da impureza vem da malícia.

Desconfiando então da defesa que lhe seria oposta, ele afirma da mudança do corpo de Jesus: *Mas, quando esta carne for abandonada, terá ele talvez se tornado Deus? E, melhor ainda, por que não Asclépio, Dioniso, Hércules?* Respondo: porém, que obra tão admirável realizaram Asclépio, Dioniso, Hércules? Para ter um título que os faça deuses, quem poderão eles apresentar que tenham tornado moralmente melhor, mais virtuoso, graças a seus discursos e sua conduta? Lendo numerosas histórias que falam deles, vejamos se sua conduta é impecável, livre de injustiça, desatino e vileza. Se não encontrarmos neles nada disso, o argumento de Celso que iguala estas personagens a Jesus terá valor. Mas se for patente que, ao lado de algumas ações honestas que deles se contam, eles cometeram uma infinidade de outras contrárias à reta razão atestada pelos escritos, como sustentar com boas razões que eles, e não Jesus, seriam deuses quando abandonassem seu corpo mortal?

O túmulo de Zeus em Creta

43. Em seguida afirma que *zombamos dos que adoram Zeus porque em Creta se mostra seu túmulo, nós que adoramos um homem que saiu do túmulo, sem saber por que nem como os cretenses agem desta forma.* Repara que ele toma aqui a defesa dos cretenses, de Zeus e de seu túmulo, aludindo a razões simbólicas que teriam suscitado, pelo que dizem, o mito de Zeus. Ele nos critica porque concordamos que nosso Jesus foi sepultado; mas afirmamos que ele surgiu do túmulo, coisa que os cretenses ainda não ousaram contar a respeito de Zeus. Como ele parece defender este túmulo de Zeus em Creta acusando-nos de não sabermos nem por que nem como os cretenses agem desta maneira, direi: Calímaco de Cirene, que estudou a maior parte dos poemas e leu quase toda a história grega, não conhecia nenhuma significação alegórica da história de Zeus e seu túmulo: desta forma critica os cretenses em seu hino a Zeus:

“Os cretenses são sempre mentirosos! Grande chefe, de nada adiantou aos cretenses te erguerem um túmulo! Mas tu não estás morto, pois vives eternamente!” Por estas palavras: “Mas tu não estás morto, pois vives eternamente”, ele negou que o túmulo de Zeus estivesse em Creta, mas lembra que Zeus experimentou o começo da morte: pois o nascimento na terra é o começo da morte. Ele afirma:

“Na Parrásia, Reia se deitou e te deu à luz.” Mas, como tivesse negado o nascimento de Zeus em Creta, por causa da história de seu túmulo, ele devia ver que seu nascimento na Arcádia implicava que depois de ter nascido aí também morreu aí. E eis o que diz Calímaco a respeito:

“Zeus! Dizem que estás no monte Ida! Zeus, dizem que nasceste na Arcádia: quem, então, terá mentido, Pai? Os cretenses são sempre mentirosos!” etc. Eis aonde me levou a injustiça de Celso contra Jesus: não tem dúvidas em dar seu assentimento às Escrituras quando dizem que Jesus morreu e foi sepultado; mas considera ficção que ele também tenha ressuscitado dos mortos, e isto, apesar de inúmeros profetas o terem predito, e das muitas provas de que ele se manifestou depois de sua morte.

O cristianismo e a sabedoria

44. Em seguida, Celso relata as palavras, absolutamente contrárias ao ensinamento de Jesus, defendidas por pequeno número de indivíduos que se dizem cristãos, não *especialmente inteligentes*, como ele crê, e sim dos mais ignorantes: *Eis a palavra de ordem deles: Para trás quem tem cultura, quem tem sabedoria, quem tem discernimento! Quantas recomendações perversas para nós! Mas se houver algum ignorante, insensato, inculto, uma criança, que se aproxime com coragem! Ao reconhecer que tais pessoas são dignas de seu Deus, eles mostram claramente que só querem, só podem convencer pessoas simplórias, vulgares, estúpidas: escravos, mulheres incultas e crianças.* A isso respondo: se, apesar do ensinamento de Jesus sobre a continência: “Todo aquele que olha para uma mulher com desejo libidinoso já cometeu adultério com ela em seu coração” (Mt 5,28), víamos, entre tantos outros, alguns que se dizem cristãos viver na licenciosidade, teríamos razão em censurá-los por sua vida contrária ao ensinamento de Jesus, mas seria bem insensato aplicar ao evangelho a censura que eles merecem. Assim, se tenho certeza de que a doutrina cristã mais do que qualquer outra convida à sabedoria, devemos censurar aqueles que para justificarem sua ignorância alegam, não as palavras escritas por Celso, pois não encontramos tão descaradas sequer na boca dos simples e ignorantes, mas outras bem menos importantes, capazes de desviar as pessoas da prática da sabedoria.

45. Mas o Logos quer que sejamos sábios, e podemos mostrá-lo pelas antigas Escrituras judaicas cujas práticas observamos, ou pelas que são posteriores a Jesus cuja inspiração divina as igrejas reconhecem. Mas está escrito, no Salmo 50, que Davi disse em sua oração a Deus: “Tu me revelaste os segredos e os mistérios de tua sabedoria” (Sl 50,8). E ao recitarmos os salmos, verificamos que este livro está repleto de um grande número de sábias doutrinas. Sabemos que Salomão pediu e alcançou a sabedoria; e de sua sabedoria podemos encontrar os sinais em seus escritos, quando em poucas palavras ele encerra grande profundidade de pensamento: encontraríamos neles, entre outros, muitos elogios à sabedoria e exortações sobre o dever de adquiri-la. E a sabedoria de Salomão era tão grande que a rainha de Sabá, “ao saber de sua fama e da fama do Senhor”, apresentou-se diante de Salomão “e lhe expôs tudo o que tinha no coração, mas Salomão a esclareceu sobre todas as suas perguntas e nada houve por mais obscuro que ele não pudesse solucionar. Quando a rainha de Sabá viu toda a sabedoria de Salomão” e todos os seus recursos, “ficou fora de si e disse ao rei: Realmente era verdade quando ouvi na minha terra a respeito de ti e da tua sabedoria! Eu não queria acreditar no que diziam antes de vir e ver com meus próprios olhos, mas de fato não me haviam contado nem a metade: tua sabedoria e tua riqueza excedem tudo quanto ouvi” (1Rs 10,1-7). E a respeito dele está escrito: “Deus deu a Salomão sabedoria e inteligência extraordinárias e um coração tão vasto como a areia que está na praia do mar. A sabedoria de Salomão foi maior que a de todos os filhos do Oriente e maior que toda a sabedoria do Egito. Foi mais sábio que qualquer pessoa: mais que Etã, Calcol e Darda, filhos de Maol; sua fama se espalhou por todas as nações circunvizinhas. Pronunciou três mil provérbios e seus cânticos foram em número de mil e cinco. Falou das plantas, desde o cedro que cresce no Líbano até o hissopo que sobe pelas paredes: falou também dos quadrúpedes, das aves, dos répteis e dos peixes. Vinha gente de todas as nações para ouvir a sabedoria de Salomão e ele recebeu tributo de todos os reis da terra que ouviram falar de sua sabedoria” (1Rs 5,10-14).

O Logos sabe que, embora haja sábios entre os que creem, para exercer a inteligência dos ouvintes, ele expressou certas verdades em enigmas, outras em “discursos obscuros”, outras em parábolas, e outras em forma de perguntas. É o que reconhece um dos profetas, Oseias, no fim de seu livro: “Quem é sábio compreenda isto, quem é inteligente reconheça-o!” (Os 14,10). E Daniel com seus companheiros de prisão se desenvolveram tão bem nas ciências práticas na Babilônia pelos sábios da corte real, que provaram ser “dez vezes” superiores a todos eles (cf. Dn 1,20). Em Ezequiel igualmente se diz ao príncipe de Tiro que se orgulhava de sua sabedoria: “Certo, és mais sábio que Daniel, nenhum sábio há que se iguale a ti” (Ez 28,3).

46. Voltando aos livros escritos depois de Jesus, encontraremos neles que as multidões dos que acreditavam ouviam as parábolas como se fossem de fora e somente dignas das doutrinas exotéricas; mas os discípulos recebem em particular a explicação das parábolas. Pois Jesus “explicava tudo aos seus discípulos em particular” (Mc 4,34), preferindo às multidões as que aspiravam à sabedoria. Aos que creem nele promete enviar-lhes sábios e escribas: “Por isso vos envio profetas, sábios e escribas, dos quais alguns serão crucificados” (cf. Mt 23,34). E em sua lista de carismas dados por Deus, Paulo põe em primeiro lugar as palavras de sabedoria; em segundo lugar, como inferiores a estas, as palavras de ciência; e em terceiro lugar, como ainda inferior, a fé. E como tem em maior apreço as palavras do que as realizações de prodígios, põe os “atos de poder” e os “dons de curar” abaixo dos carismas de palavras (cf. 1Cor 12,8-10). E nos Atos dos Apóstolos, Estêvão atesta a vasta ciência de Moisés, fundamentando-se certamente em livros antigos e inacessíveis ao povo simples. Pois diz ele: “Assim foi Moisés iniciado em toda a sabedoria dos egípcios, e tornou-se poderoso em suas palavras e obras” (At 7,22). Por isso, na hora de seus prodígios, muitos desconfiavam que ele os realizava, não

como ele proclamava, pelo poder de Deus, mas em virtude de sua habilidade nas ciências do Egito. Foi justamente esta desconfiança que levou o rei a convocar os encantadores, os sábios e mágicos do Egito, mas ficou patente sua impotência diante da sabedoria de Moisés, que superava toda a sabedoria dos egípcios (cf. Ex 7,11).

47. Também é provável que as palavras de Paulo na primeira carta aos Coríntios (cf. 1Cor 1,18s), que eram gregos inflados da sabedoria grega, levaram alguns a acreditar que o Logos exclui os sábios. Quem tiver tal opinião compreenda bem. Para censurar os maus, o Logos declara que eles não são sábios com relação ao inteligível, ao invisível, ao eterno, como não se ocupam senão do que é o sensível ao qual reduzem todas as coisas; são os sábios deste mundo. Assim também, no grande número de doutrinas, as que, apoiando a matéria e os corpos, sustentam que todas as realidades fundamentais são corpos, que fora deles nada mais existe, nem “invisível”, nem “incorpóreo”, o Logos as declara “sabedoria deste mundo”, destinada à destruição, tomada de loucura, sabedoria deste século. Mas ele declara “sabedoria de Deus” as que elevam a alma das coisas deste mundo à felicidade junto de Deus e a “seu Reino”, que ensinam a desprezar como transitório tudo o que é sensível e visível, a procurar com ardor o invisível e tender para o que não vemos (cf. 2Cor 4, 18). E por amar a verdade, Paulo afirma de certos sábios gregos, quanto aos pontos em que estão na verdade: “Pois, tendo conhecido a Deus, não o honraram como Deus nem lhe renderam graças.” Atesta o conhecimento que eles têm de Deus. Afirma que este conhecimento não pode vir até eles sem a ajuda de Deus, quando escreve: “Pois Deus lho revelou.” Alude, penso eu, aos que se elevam do visível ao invisível quando escreve: “Sua realidade invisível — seu eterno poder e sua divindade — tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas, de sorte que não têm desculpa. Pois, tendo conhecido a Deus, não o honraram como Deus nem lhe renderam graças” (Rm 1,19-21).

48. Mas ele tem outra passagem: “Vede, pois, quem sois, irmãos, vós que recebestes o chamado de Deus; não há entre vós muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de família prestigiosa. Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; e o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é, a fim de que nenhuma criatura se possa vangloriar diante de Deus” (1Cor 1,26-29). E talvez por causa desta passagem, alguns foram levados a crer que nenhum homem que tenha cultura, sabedoria, discernimento se dedica à doutrina. A isto respondo: não está dito “nenhum homem segundo a carne”, mas “muitos sábios segundo a carne”. E é claro que, entre as qualidades características dos “episcopos”, quando escreve o que deve ser episcopo, Paulo fixou a do didáscalo, dizendo: é necessário que ele seja capaz de “refutar os que contradizem”, a fim de que, pela sabedoria que nele está, cale a boca dos vãos palavrosos e enganadores. E assim como ele prefere para o episcopado o homem casado uma só vez ao homem casado duas vezes, o “irrepreensível” ao que mereça censura, o “sóbrio” a alguém que não o seja, o “temperante” ao beberrão, o “homem digno” ao indigno por menos que seja, da mesma forma quer que aquele que será preferido para o episcopado seja capaz de ensinar e possa “refutar os que contradizem” (Tt 1,9-11). Mas como pode Celso nos atacar fundado em boas razões como se disséssemos: “Para trás quem tem cultura, quem tem sabedoria, quem tem discernimento!” Muito pelo contrário: “Venha quem tem cultura, sabedoria e discernimento! Venha igualmente quem é ignorante, insensato, inculto ou criança ainda! Pois o Logos, caso eles venham, promete-lhes a cura e torna dignos de Deus a todos os homens”.

49. Tampouco é verdade que os mestres da divina doutrina só querem convencer pessoas simplórias, vulgares, estúpidas: escravos, mulheres incultas e crianças. Também a eles o Logos chama para os

tornar melhores; mas chama igualmente os que lhes são bem superiores: pois Cristo é “Salvador de todos os homens, sobretudo dos que têm fé” (1Tm 3,2), quer sejam inteligentes, quer simples, “Ele é a vítima de expiação pelos nossos pecados. E não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo” (1Jo 2,1-2). Por isso é desnecessário querer responder a estas palavras de Celso: *Aliás, que mal existe em a pessoa ser culta, dedicar-se às melhores doutrinas, ser prudente e assim parecer? Será obstáculo ao conhecimento de Deus? Não seria antes ajuda e meio mais eficaz de chegar à verdade?* Sem dúvida, não há mal nenhum em ser realmente culto: pois a cultura é o caminho para a virtude. No entanto, incluir entre as pessoas cultas as que professam doutrinas errôneas, nem os sábios da Grécia aprovariam. Por outro lado, quem não concordaria que é bom dedicar-se às melhores doutrinas? Mas a que chamaremos de as melhores doutrinas senão as verdadeiras que nos convidam à virtude? Além disso, se é bom ser prudente, não se pode dizer o mesmo de parecer, como afirma Celso. E em vez de ser obstáculo ao conhecimento de Deus, é ajuda ser culto, dedicar-se às melhores doutrinas, ser prudente. Cabe a nós afirmar isto, e não Celso, principalmente se o convenceremos de epicurismo.

Propaganda cristã

50. Continuemos seguindo o seu texto: *Mas eis nas praças públicas, suponho eu, aqueles que divulgam seus segredos e pedem esmola. Jamais se aproximariam de uma assembleia de homens prudentes com a audácia de nela revelar seus belos mistérios. Mas, logo que percebem a presença de adolescentes, um bando de escravos, um ajuntamento de idiotas, para lá correm a se exhibir!* Repara então como nos calunia comparando-nos aos que divulgam seus segredos e pedem esmola nas praças públicas. Que segredos divulgamos nós? Que fazemos de semelhante, nós que, lendo textos e explicando-os, exortamos à piedade para com o Deus do universo e as virtudes que reinam com ela, e fugimos do desprezo a Deus e a todos os atos contrários à reta razão? Os próprios filósofos desejariam círculos tão numerosos de ouvintes de suas exortações à virtude! Assim procederam sobretudo certos cínicos, que conversavam em público com todos que passavam. Acaso se dirá também que estes filósofos se pareciam com aqueles que divulgam seus segredos e pedem esmola nas praças públicas, porque, em vez de convidar as pessoas consideradas cultas, chamavam para a rua ouvintes que eles reuniam? Não, nem Celso nem qualquer de seus sequazes há de repreender os que julgam ser dever de humanidade propor suas doutrinas mesmo às pessoas simples do povo.

51. Porém, se esta conduta não lhes merece qualquer crítica, vejamos se os cristãos não exortam o povo à perfeita honestidade mais e melhor do que estes filósofos. Os filósofos que falam em público não dividem seus ouvintes em classes: o primeiro a chegar pára e escuta. Os cristãos, enquanto lhes é possível, começam a pôr à prova as almas dos que querem ser seus ouvintes e a formá-las em particular. Quando os ouvintes, antes de entrarem na comunidade, dão mostras de terem alcançado progresso suficiente na vontade de viver virtuosamente, são introduzidos pelos cristãos. Constituem à parte um grupo dos principiantes que acabam de ser iniciados e ainda não receberam o símbolo da purificação; depois, vem outro grupo, o dos que deram as melhores provas de sua decisão de não querer nada mais senão o que foi aprovado pelos cristãos. Entre eles, alguns têm a tarefa de investigar sobre a vida e a conduta dos candidatos, para impedir a entrada em sua assembleia geral de pessoas culpadas por faltas secretas, e acolher os outros de todo coração e torná-los melhores a cada dia. E eis como agem os pecadores, principalmente os impudicos: eles os expulsam de sua comunidade, pois, segundo Celso, seriam parecidos aos que divulgam seus segredos nas praças públicas! A venerável escola pitagórica, considerando-os como mortos, erguia cenotáfios aos apóstatas de sua filosofia. Os

cristãos, por sua vez, pranteiam como defuntos aqueles que se deixaram vencer pela luxúria ou por alguma outra desordem por se terem perdido e morrido para Deus. Quando manifestam uma conversão séria, depois de um tempo maior do que o de sua primeira iniciação, admitem-nos novamente como ressuscitados dos mortos; mas os que caíram depois de seu ingresso no cristianismo não são nomeados para nenhum cargo nem presidência na “Igreja de Deus”.

52. Depois disso, vê se não há mentira flagrante e comparação sem nexo algum nas palavras de Celso: *Eis nas praças públicas os que divulgam seus segredos e pedem esmola.* Estas pessoas com quem Celso nos compara, que divulgam seus segredos e pedem esmola nas praças públicas, jamais se aproximariam, diz ele, de assembleia de homens prudentes com a audácia de nela revelar seus belos mistérios. Logo que percebem a presença de adolescentes, um bando de escravos, um ajuntamento de idiotas, para lá correm a se exhibir! Nada mais faz senão nos insultar como fazem as mulheres nas esquinas com o único objetivo de revidar às injúrias. Pois fazemos tudo o que é possível para que nossa assembleia seja composta de homens prudentes, e então temos a audácia, nas conversas com a comunidade, de propor em público nossos mais belos e divinos mistérios, quando temos a nosso alcance ouvintes inteligentes. Mas conservamos em segredo e retemos os mistérios mais profundos, quando vemos que as pessoas reunidas são mais simples e precisam de ensinamentos que chamamos, por metáfora, “leite”.

53. Pois está escrito na carta de nosso Paulo aos Coríntios, gregos cujos costumes ainda não tinham sido purificados: “Dei-vos a beber leite, não alimento sólido, pois não o podíeis suportar. Mas nem mesmo agora podeis, visto que ainda sois carnais. Com efeito, se há entre vós invejas e rixas, não sois carnais e não vos comportais de maneira meramente humana?” (1Cor 3,2-3). E este mesmo apóstolo, sabendo que certas verdades são o alimento da alma adiantada na perfeição, e outras, as dos neófitos, são comparáveis ao leite das criancinhas, declara: “Precisais de leite, e não de alimento sólido. De fato, quem ainda se amamenta não pode degustar a doutrina da justiça, pois é criancinha! Os adultos, porém, que pelo hábito possuem o senso moral exercitado para discernir o bem e o mal, recebem o alimento sólido” (Hb 5,12-14). Assim sendo, os que creem na beleza destas palavras acaso haveriam de supor que jamais os belos mistérios do Logos seriam tratados numa assembleia de homens prudentes, mas, uma vez percebida a presença de adolescentes, um bando de escravos, um ajuntamento de idiotas, os mistérios divinos e veneráveis aí seriam propostos em público numa grande ostentação diante de tais espectadores? Pelo contrário, perscrutando toda a intenção das nossas Escrituras, fica bem claro que, partilhando do ódio da plebe rude à raça dos cristãos, Celso profere sem exame tais mentiras.

54. É nosso desejo instruir todos os homens na palavra de Deus, apesar da negação de Celso, e queremos comunicar aos adolescentes a exortação que lhes convém e indicar aos escravos como podem ser engrandecidos pelo Logos recebendo um espírito de liberdade. Nossos pregadores do cristianismo se declaram devedores “a gregos e a bárbaros, a sábios e a ignorantes” (Rm 1,14): não negam que é preciso curar até mesmo a alma dos ignorantes, para que, abandonando sua ignorância tanto quanto possível, procurem adquirir inteligência melhor, para obedecerem às palavras de Salomão: “os ingênuos aprendam a sagacidade”; “os ingênuos venham para cá, quero falar aos sem juízo”; “vinde comer do meu pão, e beber do vinho que misturei. Deixai a ingenuidade e vivereis, segui o caminho da inteligência” (Pr 8,5; 9,16; 9,5-6). E sobre este ponto eu poderia dizer em resposta às palavras de Celso: será que os filósofos não convidam os adolescentes a ouvi-los? Não exortam a que deixem uma vida desregrada para abraçarem os bens superiores? Então não querem que os escravos vivam como filósofos? Vamos também nós censurar os filósofos por terem conduzido

escravos à virtude, como fez Pitágoras com Zamolxis, Zenão com Perseu e, ontem ou anteontem, os que conduziram Epicteto à filosofia? Ou vos será permitido, ó gregos, chamar à filosofia adolescentes, escravos, idiotas, ao passo que para nós seria desumanidade fazer isto, quando, aplicando-lhes o remédio do Logos, queremos curar toda natureza racional e conduzi-la à familiaridade com o Deus Criador do universo? Bastaria isto para respondermos às palavras de Celso, que são injúrias e não críticas.

55. Como gosta das palavras carregadas de injúrias contra nós, acrescenta ainda outras; vamos citá-las então e vejamos a quem elas desonram mais: aos cristãos, ou a Celso nestes termos: *Eis nas casas particulares, cardadores, sapateiros, pisoeiros, pessoas das mais incultas e rudes. Diante de mestres cheios de experiência e discernimento, não ousam abrir a boca. Mas é só surpreenderem seus filhos acompanhados de mulheres incultas e idiotas, começam a falar coisas estranhas: sem consideração com o pai ou com os preceptores, acham que todos devem acreditar apenas neles; os outros não passam de impertinentes estúpidos, que ignoram o verdadeiro bem, incapazes de realizá-lo, preocupados com vis banalidades; só eles sabem como se deve viver; que as crianças acreditem neles e serão felizes e a felicidade iluminará a casa! Mas se enquanto estão falando veem chegar os preceptores desta juventude, homens de discernimento, ou o próprio pai, os tímidos fogem tremendo, os atrevidos incitam as crianças à revolta: cochicham-lhes que, na presença do pai e dos preceptores, não hão de querer nem poder explicar nada de bom às crianças, porque lhes repugnam a idiotice e a grosseria destas pessoas totalmente corrompidas e enterradas no vício que poderiam mandar castigá-los. Se quiserem, basta deixarem lá o pai e os preceptores, vir com as mulheres incultas e os companheiros de brinquedos à oficina do tecelão, à tenda do sapateiro ou à barraca do pisoeiro para atingirem a perfeição. Eis aí com que palavras eles persuadem!*

56. Repara também aqui um exemplo de seus sarcasmos contra nossos mestres de doutrina. Eles que procuram elevar a alma por todos os modos ao Criador do universo, provando que é preciso desprezar todas estas coisas sensíveis, passageiras e visíveis, e fazer tudo para obter a comunhão com Deus, a contemplação das realidades inteligíveis e invisíveis, a bem-aventurança com Deus e os amigos de Deus, Celso os compara aos cardadores que vemos nas casas particulares, aos sapateiros, aos pisoeiros, aos homens mais rudes que, para a desgraça dos filhos de tenra idade, solicitariam o serviço de mulheres incultas para que se afastem do pai e dos preceptores e os sigam. Mas, de que pai sensato, de que preceptores de ensinamentos sérios afastamos os filhos e as mulheres incultas? Que Celso esclareça bem isto! Mostre, por comparação, se as crianças e as mulheres incultas que abraçam nossa doutrina já tinham ouvido doutrina melhor do que a nossa, e de que maneira afastamos as crianças e mulheres incultas de lições belas e veneráveis para as convidar para piores? Não conseguirá fornecer a prova: muito ao contrário, desviamos as mulheres incultas da impureza, da perversão causada pelas pessoas de suas relações, da loucura do teatro, da superstição. E as crianças que chegam à puberdade, dominadas pelos desejos de volúpia, devemos torná-las ajuizadas mostrando-lhes não só a vergonha do pecado, mas também o estado a que estas faltas reduzem a alma dos maus, os castigos que deverá suportar, os suplícios que a esperam.

57. E quem são os preceptores, tratados por nós como impertinentes estúpidos, que Celso defende pela excelência de suas lições? Talvez ele considere como hábeis preceptores para mulheres incultas e não como impertinentes os que os convidam à superstição e aos espetáculos impuros, ou ainda, como isentos de estupidez aqueles que levam e incitam os jovens a todas as desordens que os vemos cometer um pouco por toda parte. Para nós, pelo menos, convidamos à nossa religião, mostrando-lhes sua excepcional pureza, com todas as nossas forças, até os que defendem doutrinas filosóficas. Pois como

Celso, em suas observações, quer deixar claro que, em vez de fazer isto, convidamos apenas os idiotas, poderíamos responder-lhe: se nos acusasses de desviar da filosofia os que antes a ela se dedicavam, não dirias a verdade, mas tuas palavras teriam algo de plausível. Mas, na verdade, como supões que nós arrebatamos nossos adeptos a bons preceptores, prova que tais mestres são diferentes dos mestres de filosofia ou daqueles que trabalharam num ensinamento útil. Mas ele será incapaz de mostrar qualquer coisa. E nós prometemos abertamente, e não em segredo, que serão felizes os que vivem conforme a palavra de Deus, nele fixando em tudo seus olhos, realizando o que quer que seja como se fosse diante dos olhos de Deus. Será isto lição de cardadores, sapateiros, pisoeiros, pessoas rudes e das mais incultas? Não poderá afirmar.

58. A estes homens, comparáveis, segundo ele, aos cardadores que vemos nas casas, semelhantes aos sapateiros, aos pisoeiros, às pessoas rudes e mais incultas, Celso acusa de não quererem e nem poderem, em presença do pai e dos preceptores, explicar qualquer coisa de bom às crianças. Em resposta, perguntamos: de que pai queres falar, meu caro, de que preceptor? Se é alguém que aprova a virtude, evita o vício, procura os bens superiores, fica sabendo que é com plena certeza de sermos aprovados por tal juiz que haveremos de comunicar nossas lições aos filhos. Mas diante de um pai que descrê da virtude e da perfeita honestidade, guardamos silêncio como diante daqueles que ensinam o que é contrário à sã razão: não nos censures, tua crítica seria insensata. Tu mesmo, com toda certeza, quando transmites os mistérios da filosofia a jovens e crianças, cujos pais julgam a filosofia inútil e vã, nada dirás às crianças diante de seus pais mal preparados; mas, ansioso por separar destes maus pais os filhos orientados para a filosofia, ficarás esperando as ocasiões de fazer chegar aos jovens as doutrinas filosóficas. O mesmo direi dos preceptores. Desviar de preceptores que ensinam as torpezas da comédia, a licença dos jambos e tantas outras coisas, sem boa influência sobre os que as declamam nem utilidade para quem as escuta, porque não sabem interpretar filosoficamente os poemas, nem acrescentar a cada um o que contribui para o bem dos jovens, é conduta que confessamos sem nenhuma vergonha. Mas, apresenta-me preceptores que estão iniciando na filosofia e auxiliando no seu exercício: em vez de desviar os jovens dela, esforçar-me-ei por educar os que já estão exercitados no ciclo das ciências e dos temas filosóficos, levá-los-ei para longe das massas que ignoram até a venerável e sublime eloquência dos cristãos que tratam das verdades mais elevadas e mais necessárias, mostrando com pormenores e provando que esta é a filosofia ensinada pelos profetas de Deus e pelos apóstolos de Jesus.

O cristianismo e os pecadores

59. Em seguida, percebendo que nos tinha injuriado com demasiada aspereza, e como para se escusar, prossegue: *Não acuso com aspereza maior do que a verdade a tanto me obriga, aceitem por favor esta prova. Os que apelam para outras iniciações proclamam: “Quem tem as mãos puras e a língua discreta”, e ainda outras: “Quem for puro de qualquer imundície, cuja alma não tem consciência de qualquer mal, e viveu no bem e na justiça”: eis o que proclamam aqueles que prometem a purificação dos pecados. Ouçamos que homens estes cristãos chamam: “Quem for pecador, fraco de espírito, criança, enfim, quem for infeliz, o Reino de Deus o receberá.” Mas acaso não entendeis como pecador o injusto, o ladrão, o que fura muralhas, o que envenena, o que saqueia os templos, o que viola os túmulos? A quem mais um bandido citaria em sua confissão pública?* Nossa resposta é esta: não é a mesma coisa chamar os doentes da alma à saúde e os que gozam boa saúde ao conhecimento e à ciência das coisas divinas. Também nós sabemos fazer esta distinção. A princípio, convidando os homens à cura, exortamos os pecadores que venham às doutrinas que ensinam a evitar o pecado, os

fracos de espírito que abracem as doutrinas que clarificam a inteligência, as crianças que se eduquem elevando-se aos sentimentos viris, em suma, os infelizes à felicidade, mais precisamente, à bem-aventurança. E quando, entre os que exortamos, os que progridem se mostram purificados pelo Logos, levando enquanto possível vida melhor, nós os chamamos à iniciação perfeita, “pois é realmente de sabedoria que falamos entre os perfeitos” (1Cor 2,6).

60. Como ensinamos: “A Sabedoria não entra numa alma maligna, ela não habita num corpo devedor ao pecado” (Sb 1,4), também dizemos: “Quem tem mãos puras” e, por esta razão, ergue a Deus “mãos santas” (1Tm 2,8), e porque, oferecendo sacrifícios sublimes e celestes, pode dizer: “Suba minha prece como incenso em tua presença, minhas mãos erguidas como oferta vespertina” (Sl 140,2): que venha a nós! Quem tem a língua prudente, porque medita “dia e noite” a lei do Senhor, e “suas faculdades foram formadas pela prática no discernimento do bem e do mal” (cf. Sl 1,2; Hb 5,14), não tenha receio de se achegar aos sólidos alimentos espirituais que convêm aos atletas da piedade e de todas as virtudes. E como “a graça de Deus está com todos os que amam com amor perene” (Ef 6,24) o Mestre que ensina a imortalidade, quem tem as mãos puras, não só de toda imundície, mas também das faltas consideradas como mais leves, que se faça iniciar corajosamente nos mistérios da religião de Jesus, que não são razoavelmente transmitidos senão aos santos e aos puros. O *mysta* de Celso pode dizer: “Aquele cuja alma não tem consciência de nenhum mal que venha”; mas aquele que, segundo Jesus, conduz os iniciados a Deus, dirá àqueles cuja alma está purificada: “Aquele cuja alma não tem consciência de nenhum mal há muito tempo, e principalmente desde que veio para se curar pelo Logos, que ouça também o que Jesus revelou em particular a seus verdadeiros discípulos”. Assim, pois, no contraste que ele estabeleceu entre a iniciação dos gregos e a que os mestres dão da doutrina de Jesus, Celso não viu a diferença entre o convite dos maus à cura de suas almas e o convite dos homens já muito puros aos mais profundos mistérios.

61. Portanto, não é aos mistérios e à participação da sabedoria “misteriosa e oculta, que Deus, antes dos séculos, de antemão destinou para a glória” de seus justos (1Cor 2,7) que nós chamamos o injusto, o ladrão, o que fura muralhas, o que envenena, o que saqueia os templos, o que viola os túmulos, nem todos os outros entre os quais por extensão Celso pode ser incluído, mas à cura. Há na divindade do Logos aspectos que ajudam a curar os doentes de que ele fala: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes” (Mt 9,12); há outros que descobrem aos que são puros de corpo e espírito “a revelação de um mistério envolvido em silêncio desde os séculos eternos, agora, porém, manifestado e, pelos escritos proféticos e por disposição do Deus eterno foi manifestado agora pela Aparição de nosso Salvador, o Cristo Jesus” (Rm 16,25-26; 2Tm 1,10) que se manifestou a cada um dos perfeitos, iluminando seu espírito para conhecimento verídico das realidades. Mas, uma vez que, ampliando suas críticas contra nós, ele termina sua enumeração de vagabundos com esta alfinetada: “A quem mais um bandido citaria em sua confissão pública?”, eu responderei: um bandido cita muitos de tais indivíduos para usar de sua perversidade contra os homens que ele deseja matar e espoliar; mas o cristão, ao citar os mesmos indivíduos que o bandido, lhes lança um convite diferente para atar suas feridas pelo Logos, e derrama na alma inflamada de males os remédios do Logos, que, como o vinho, o azeite, o leite e os outros medicamentos aliviam a alma.

62. Em seguida ele calunia nossas exortações orais ou escritas aos que vivem mal, convocando-os à conversão e à reforma de sua alma, e afirma que *dizemos: Deus foi enviado aos pecadores*. É mais ou menos como se criticasse alguns por dizerem: é pelos médicos que moram na cidade que um médico foi enviado a ela por um rei cheio de humanidade. Mas “o Deus Logos foi enviado” como médico “aos pecadores”, como mestre dos divinos mistérios aos que, já puros, não pecam mais. Mas Celso, incapaz

de fazer a distinção — pois não quis aprofundar — objeto: *Por que não foi enviado aos que não têm pecado? Que mal existe em alguém não ter pecado?* A isto eu respondo: se os que não têm pecado ele entende os que não pecam mais, nosso Salvador Jesus lhes foi enviado também a eles, mas não como médico; porém, se os que não têm pecado ele entende como os que jamais pecaram — pois não existe distinção em seu texto — direi que é impossível que exista nesse sentido um homem sem pecado, com exceção do homem que o espírito discerne em Jesus, “que não cometeu pecado” (1Pd 2,22). Portanto, Celso maldosamente nos atribui a afirmação: *Se o injusto se humilhar no sentimento de sua miséria, Deus o acolherá; mas se o justo em sua virtude original erguer os olhos para ele, ele se negará a acolhê-lo.* Com efeito, nós afirmamos que é impossível que um homem em sua virtude original erga seus olhos para Deus. Pois a malícia existe necessariamente primeiro no homem, como afirma Paulo: “Sobrevindo o preceito, o pecado reviveu e eu morri” (Rm 7,9-10). Além disso, nós não ensinamos que basta ao injusto se humilhar no sentimento de sua miséria para ser acolhido por Deus, mas que se ele se condenar por seus atos anteriores, e se caminhar humilde pelo seu passado e ordenado quanto ao futuro, Deus o acolherá.

63. Em seguida, ele não compreende o sentido da expressão: “Aquele que se exalta será humilhado” (Lc 14,11; 18,14), nem mesmo aprendeu de Platão que o homem honesto caminha “humilde e ordenado”, nem mesmo sabe que nós afirmamos: “Humilhai-vos sob a poderosa mão de Deus, para que na ocasião própria vos exalte” (1Pd 5,6), ele declara: *Homens que presidem corretamente um processo não toleram que se deplorem as faltas com discursos de lamentação, para que a sua sentença não seja ditada pela piedade, mas pela verdade; Deus, portanto, não julga em função da verdade mas da bajulação.* Que bajulação, que discurso com lamentações existe nas divinas Escrituras? O pecador diz em sua oração a Deus: “Confessei o meu pecado, e minha iniquidade não te encobri; eu disse: ‘Vou ao Senhor confessar a minha iniquidade!’ etc.” (Sl 31,5). Pode ele provar que tal confissão de pecadores que se humilham diante de Deus em suas orações não é capaz de conseguir a conversão? Além disso, perturbado por seu ardor em acusar, ele se contradiz. Ora parece conhecer um homem sem pecado e justo que, em sua virtude original ergue seus olhos para Deus, ora aprova o que dizemos: “Como pode o homem ser justo, como pode o homem ser puro” (cf. Jó 15,14; 25,4), pois exatamente se prova isto quando se afirma: *Provavelmente é verdade que a raça humana tem propensão inata para pecar.* Em seguida, como se todos os homens não fossem chamados pelo Logos, ele objeta: *Seria então necessário chamar todos os homens sem exceção, se de fato todos são pecadores.* Mostrei, porém, acima que Jesus disse: *Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei descanso* (Mt 11,28). Todos os homens, pois, “cansados sob o peso do fardo” por causa de sua natureza pecadora são chamados ao alívio junto do Logos de Deus, pois Deus enviou “seu Logos para curá-los, e da cova preservar a sua vida” (Sl 106,20).

64. Como ele prossegue: *Por que então esta preferência dada aos pecadores?* e acrescentando discursos do mesmo teor, responderei: o pecador absolutamente não é preferido acima de quem não tem pecado. Acontece que um pecador que tem consciência de sua falta, e por causa disso caminha para a conversão humilhando-se por seus pecados, é preferido acima daquele que é considerado menos pecador, e que, longe de se acreditar pecador, se exalta de orgulho por algumas qualidades superiores que julga possuir. É o que mostra a quem deseja ler com toda lealdade o evangelho na parábola do publicano, que diz: “Tem piedade de mim, pecador!”, ao passo que o fariseu se vangloriava com orgulho perverso dizendo: “Ó Deus, eu te dou graças porque não sou como o resto dos homens, ladrões, injustos, adúlteros, nem como este publicano”. Jesus concluiu suas palavras sobre os dois homens: “Ele desceu para sua casa justificado, o outro não. Pois todo o que se exalta será humilhado, e

quem se humilha será exaltado” (Lc 18,13; 11,14). Por isso estamos longe de *blasfemar a Deus e de mentir*, ao ensinar a todo homem, qualquer que ele seja, a tomar consciência da pequenez humana comparada com a grandeza de Deus, e a pedir continuamente o que falta em nossa natureza junto àquele que é o único que pode preencher por nós as nossas insuficiências.

65. Ele acredita que *dizemos isto para encorajar os pecadores, na impotência em que estaríamos de atrair qualquer homem realmente honesto e justo e que, por esta razão, abrimos as portas aos mais ímpios e aos mais depravados*. Nós, porém, considerando com toda lealdade nossa assembleia, podemos apresentar um número maior de pessoas convertidas de uma vida não totalmente miserável do que as pessoas convertidas dos pecados mais depravados. De fato, é natural que aqueles que têm consciência de viver vida melhor desejem que nossa pregação a respeito da recompensa que Deus reserva aos melhores seja verídica, cuidam de acolher nossas palavras, mais do que aqueles cuja vida foi completamente desordenada; estes últimos são impedidos pela própria consciência de admitir que serão castigados pelo supremo juiz, com castigo proporcionado a seus crimes e aplicado segundo a reta razão pelo supremo juiz. Mas acontece às vezes que até pessoas muito depravadas, desejosas de admitir a doutrina do castigo, por causa da esperança prometida para o arrependimento, sejam impedidas pelo hábito do pecado: impregnadas pelo vício, não conseguem se livrar facilmente dele para levarem vida regrada de acordo com a reta razão. O próprio Celso compreendeu este fato quando, não sei porquê, afirma: *Sem dúvida, é muito evidente para todos que aqueles que são naturalmente inclinados a pecar e têm este hábito, ninguém poderá mudá-los totalmente, nem mesmo castigando, muito menos ainda pela piedade. É muito difícil mudar radicalmente a natureza. Os que vivem infensos ao pecado têm como recompensa vida melhor.*

A conversão é possível

66. Também aí Celso me parece estar totalmente errado quando recusa àqueles que são naturalmente inclinados ao pecado e têm o hábito de pecar a possibilidade de mudança completa, pensando que eles não podem ser curados sequer com castigos. Com efeito, parece claro que nós, homens, somos todos naturalmente inclinados a pecar, e que alguns não só são inclinados a pecar, como também têm este hábito. Contudo, nem todos os homens são refratários à mudança completa. Toda escola filosófica e a divina Escritura nos ensinam que existem pessoas de tal maneira mudadas que são propostas como modelos de vida perfeita. Entre os heróis costumam ser citados Hércules e Odisseu, mais tarde Sócrates, ontem ou anteontem Musônio. Não é só segundo nosso parecer que Celso mentiu ao dizer que é evidente a todos que aqueles que são inclinados naturalmente a pecar e têm este hábito, ninguém poderá conduzi-los, nem mesmo com castigos, a mudança total para vida melhor. É também segundo o parecer dos filósofos de valor que não negam a possibilidade de o homem se converter para a virtude. Mas, embora seu pensamento não seja preciso, ao ouvi-lo sem opinião preconcebida, eu tampouco o convenceria de sustentar discurso insensato. Efetivamente ele disse que os que são naturalmente inclinados a pecar e têm este hábito ninguém poderá mudá-los totalmente, nem mesmo com castigos. E o sentido óbvio de seu texto eu o refutei do melhor modo que pude.

67. Mas eis o que provavelmente ele quis dizer: ninguém poderá mudar totalmente, nem mesmo com castigos, os que são inclinados não só a estes crimes cometidos pelos mais depravados, mas também têm este hábito. É igualmente uma mentira, como demonstra a história de certos filósofos. Acaso não seria posto na categoria dos mais depravados dos homens quem aceitasse de certo modo obedecer a um mestre que o tivesse posto num lugar mau para acolher a quem pretendesse manchá-lo? E é o que a

história refere de Fédon. Como não qualificar como o mais celerado dos homens aquele que, com tocadora de flauta e outros convivas, seus companheiros de orgia, penetrou na escola do venerável Xenócrates, para insultar um homem admirado por seus amigos? Pois bem, a razão teve muita força para converter aqueles homens e fazê-los realizar tais progressos em filosofia de tal modo que o primeiro foi julgado digno por Platão de reproduzir o discurso de Sócrates sobre a imortalidade e descrever seu vigor de alma na prisão, quando, em vez de se preocupar com a cicuta, desenvolvia sem medo com toda a serenidade de alma considerações de tal profundidade que até os mais ponderados a quem nenhuma distração perturba têm dificuldade em segui-las. O próprio Polemão passou da libertinagem à extrema temperança e recebeu em sua escola a herança de Xenócrates, célebre por sua dignidade. Celso, portanto, não diz a verdade em seu discurso afirmando que ninguém poderá mudar totalmente, nem mesmo com castigo aqueles que são naturalmente inclinados a pecar e têm este hábito.

68. Por outro lado, não causa admiração que a ordem, a composição, a elocução destes discursos filosóficos tenham produzido estes resultados nos que foram citados e em outros cuja vida fora má. Mas considerando que os discursos que Celso qualifica de vulgares estão cheios de poder à maneira dos encantamentos, vendo estes discursos converterem incontáveis multidões das desordens à vida mais regrada, injustiças em honestidade, timidez e covardia em firmeza levada até ao desprezo da morte pela religião que eles acreditavam verdadeira, quantas justas razões temos para admirar o poder deste discurso! Pois “o discurso” daqueles que, na origem, passaram este ensinamento e trabalharam para estabelecer as igrejas de Deus, bem como sua “pregação” tiveram poder persuasivo, bem diferente da persuasão própria dos que alardeiam a sabedoria de Platão ou de outro filósofo que, sendo homens, nada mais tinham senão natureza humana. A demonstração que os apóstolos de Jesus usavam fora dada por Deus e tirava sua força de persuasão de “Espírito e poder” (1Cor 2,4). Vêm daí a rapidez e a penetração com a qual sua palavra se propagou, ou melhor a de Deus, que por meio deles mudou grande número dos que eram naturalmente inclinados a pecar e tinham este hábito. E os que nenhum homem teria mudado, nem mesmo com castigo, o Logos os recriou, formando-os e modelando-os segundo sua vontade.

69. Na lógica de seus princípios, Celso afirma que é muito difícil mudar radicalmente a natureza. Mas sabemos que as almas racionais todas têm a mesma natureza; sustentamos que nenhuma foi feita má pelo Criador do universo, mas que muitos homens se tornaram maus por causa da educação, da perversão, do seu ambiente humano, que fazem da malícia uma disposição natural em certas pessoas; estamos persuadidos de que não só é possível, mas também de que não é muito difícil ao Logos divino mudar a malícia que se tornou natural; a única condição é admitir que é preciso entregar-se ao Deus supremo e fazer tudo para agradá-lo. Junto dele não é verdade que:

“a mesma estima espere o covarde e o bravo”
nem espere

“a mesma morte, o homem que nada faz e o autor de mil proezas” (Homero, Il., IX, 319-320).

E se para alguns é muito difícil mudar, devemos dizer que a causa está na sua vontade que não quer admitir que o Deus supremo é para cada pessoa o justo juiz de todas as ações de sua vida. Pois, para a realização de ações que parecem muito difíceis, e, falando hiperbolicamente, quase impossíveis, a livre determinação e o exercício são meios poderosos. Será que a natureza humana quer andar em cima de uma corda estendida no ar no meio do teatro e carregando fardos pesados? Ela poderá, pelo exercício e pela aplicação, realizar este tipo de proeza. E se ela quisesse viver na virtude, acaso não

poderia, ainda que tivesse sido antes muito corrompida? Considera, além disso, ter-se criado a natureza do homem capaz de ações tão difíceis e sem nenhuma utilidade, mas impotente diante de sua própria bem-aventurança não é mais injurioso à Natureza que cria o ser racional do que ao ser criado; mas basta como resposta à sua reflexão de que é muito difícil mudar radicalmente a natureza.

Em seguida ele diz que aqueles que não têm pecado têm como quinhão uma vida melhor, sem indicar claramente se aqueles que ele considera sem pecado assim o são desde a origem ou desde sua conversão. Mas, eles não podem ser isentos de pecado desde a origem. Raramente encontramos pessoas sem pecado desde a conversão, e quando isto acontece, é porque tiveram acesso à doutrina que salva. Mas não são livres de pecado no momento de abraçar a doutrina; pois, sem esta doutrina em sua perfeição, é impossível que alguém viva sem pecado.

70. Em seguida, ele responde previamente a uma afirmação que nos faz: *Deus poderá tudo*. Não compreende o que se quer dizer, nem o que significa “tudo”, nem o sentido de “ele pode”. Não precisamos nos deter neste ponto, pois, embora ele pudesse fazê-lo de maneira plausível, não insistiu: talvez não tenha compreendido o argumento plausível que poderia ser oposto a esta afirmação, ou se o compreendeu, ele quis a resposta à objeção. Mas, de acordo com nossa posição, Deus pode tudo o que ele pode fazer sem deixar de ser Deus, ser bom, ser sábio. Celso, como se não tivesse compreendido em que sentido se diz que Deus pode tudo, declara: *Ele não há de querer nada de injusto*, fazendo crer que ele pode até o injusto, mas não o quer. Nós, ao contrário, dizemos: assim como uma coisa adoçante por natureza pela doçura que possui não pode amargar, contrariando a sua única propriedade, nem uma coisa luminosa por natureza, porque é luz, não pode causar escuridão: assim Deus tampouco pode cometer a injustiça, pois o poder de cometer injustiça é contrário à sua divindade e à sua onipotência divina. Mas se um ser pode cometer a injustiça por uma propensão natural à injustiça, ele pode cometer a injustiça porque sua natureza não implica a impossibilidade absoluta de cometer a injustiça.

71. A seguir, ele admite o que os cristãos ponderados não concedem, mas que alguns idiotas sustentam: *Semelhante àqueles cuja piedade escraviza, dominado pela piedade por aqueles que se lamentam, Deus conforta os maus e rejeita os bons que nada disso fazem: é o cúmulo da injustiça*. Nós, porém, afirmamos que Deus não conforta nenhum mau que ainda não se tenha convertido para a virtude e não rejeita nenhum homem que já é bom. Além disso, ele não conforta nenhuma pessoa que se lamenta por se lamentar, nem tem piedade dela, tomando a expressão no sentido ordinário. Mas os que se condenam severamente a si mesmos por seus pecados, até chorarem e se lamentarem por sua ruína devida aos seus delitos passados, e que manifestam mudança notável, Deus os acolhe por causa de sua conversão, ainda que venham de vida depravada. Pois a virtude que entra na alma expulsa a malícia que a dominava e causa o esquecimento em tais pessoas. E, na falta da virtude, se um progresso notável ocorre na alma, também este basta, à medida que é progresso, para expulsar dela a malícia e secar-lhe a fonte, embora esta já quase não exista na alma.

Os mestres da doutrina

72. Prosseguindo, como se fora da boca de nosso mestre de doutrina, ele diz: *Os sábios rejeitam o que dizemos, desorientados e embaraçados em sua sabedoria*. Também a isto responderei: se é verdade que “a sabedoria” é a ciência “das coisas divinas e humanas” e de suas causas, ou como a define a palavra divina: “Ela é eflúvio do poder de Deus, uma emanação puríssima da glória do Onipotente, pelo que nada de impuro nela se introduz. Pois ela é reflexo da luz eterna, espelho nítido da atividade

de Deus e imagem de sua bondade” (Sb 7,25-26), jamais o verdadeiro sábio rejeitará o que diz o cristão que tem conhecimento verdadeiro do cristianismo, nem ficará desorientado e embaraçado pela sabedoria. Pois a verdadeira sabedoria não desorienta, e sim a ignorância, e a única realidade sólida é a ciência e a verdade que provêm da sabedoria. Se, ao contrário da definição da sabedoria, damos o nome de sábio ao que sustenta por meio de sofismas qualquer opinião, admitiremos que aquele que esta pretensa sabedoria qualifica rejeita as palavras de Deus, por estar desorientado e embaraçado por razões sutis e sofismas. Mas, de acordo com nossa doutrina, “o conhecimento do mal não é sabedoria” (Sb 19,22); “o conhecimento do mal”, por assim dizer, reside os que sustentam opiniões falsas e são enganados por sofismas; por isso direi que ela é entre eles ignorância e não sabedoria.

73. Depois disso, ele insulta novamente o pregador do cristianismo, censurando-o por expor *coisas ridículas*, porém sem designar nem estabelecer claramente o que ele entende por coisas ridículas. Ele continua seus insultos: *Nenhum homem sensato crê nesta doutrina da qual o afasta a multidão de seus adeptos*. Isto equivale a dizer: por causa da multidão de pessoas simples que se deixavam levar por suas leis, nenhum homem sensato obedece, por exemplo, a Sólon, Licurgo, Zaleuco ou qualquer outro legislador, sobretudo se entendemos como homem sensato o homem virtuoso. Com efeito, nestes exemplos, os legisladores realizaram o que lhes pareceu benéfico, protegendo seus povos com disciplina e leis particulares; da mesma forma Deus, legislando em Jesus pelos homens de todas as partes, conduz até os que não têm bom senso, enquanto é possível conduzi-los ao que é melhor. Assim era seu pensamento, como ficou dito acima, quando declara pela boca de Moisés: “Provocaram meu ciúme com um deus falso, e me irritaram com seus ídolos vazios; pois vou provocar seu ciúme com uma nação idiota!” (Dt 32,21). Era este igualmente o pensamento de Paulo: “Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios” (1Cor 1,27), chamando sábios no sentido amplo todos os que seu aparente progresso nas ciências não impediu de naufragar no politeísmo ateu, pois, “jactando-se de possuir a sabedoria, tornaram-se tolos e trocaram a glória do Deus incorruptível por imagens do homem corruptível, de aves, quadrúpedes e répteis” (Rm 1,22-23).

74. Ele acusa ainda *o mestre de procurar os idiotas*. Poderíamos responder-lhe: a quem chamas idiotas? No rigor do termo, qualquer pessoa má é idiota. Se, portanto, chamas idiotas os maus, será que tu, conquistando homens para a filosofia, procuras angariar maus ou bons? Mas não pode ser bons, eles já são filósofos; são então maus; mas se eles são maus, são idiotas. E tu procuras conquistar muitos deles para a filosofia: portanto, também tu procuras os idiotas. Para mim, ainda que eu procure os que tu chamas idiotas, eu ajo como médico generoso que procura doentes para lhes administrar remédios e fortalecê-los. Mas se chamas idiotas as pessoas de espírito superficial e extravagantes entre todos, responderei que também a estes procuro convertê-los em melhores, enquanto depender de mim, sem porém querer constituir com eles a assembleia dos cristãos. Procuro antes os espíritos vivos e penetrantes porque são capazes de seguir a elucidação dos enigmas e dos significados ocultos da lei, dos profetas e dos evangelhos, que desprezaste como se não contivessem nada de válido, por não ter examinado o sentido que eles encerram e tentado penetrar na intenção dos escritores.

75. E acrescenta: *Quem ensina a doutrina cristã se parece com quem promete a cura dos corpos dissuadindo as pessoas de consultar os médicos competentes, temendo ser convencido por eles de sua ignorância*. Revidamos: quais são, na tua opinião, os médicos dos quais desviamos as pessoas simples? Certamente não admities que nossa exortação a abraçar a doutrina se dirija aos filósofos por acreditar que eles sejam os médicos dos quais dissuadimos os que chamamos à doutrina divina? Assim, ou ele não responde, incapaz de designar os médicos em questão, ou deve limitar-se aos simples que também celebram servilmente o culto dos múltiplos deuses e repetem todos os erros

vulgares. Dessa forma, nos dois casos, será convencido de ter evocado inutilmente aquele que dissuade os pacientes dos médicos competentes.

E se desviássemos da filosofia de Epicuro e de seus adeptos os pretensos médicos epicureus, vítimas de seus embustes! Não seria acaso um ato muito sensato afastá-los da grave doença inoculada pelos médicos de Celso que leva a negar a Providência e a apresentar o prazer como o bem? Suponhamos que afastemos dos outros médicos filósofos aqueles que nós atraímos à nossa doutrina: peripatéticos, por exemplo, que negam a Providência que cuida de nós e a relação entre os homens e Deus; não seria de nossa parte ato de piedade preparar e curar os que atraímos, persuadindo-os a se consagrarem ao Deus supremo, e libertando das feridas profundas causadas pelas doutrinas dos pretensos filósofos os que tivermos persuadido? E mais, digamos que desviemos outros dos médicos estoicos, que apresentam um deus corruptível, dão-lhe essência corporal, capaz de mudança integral, de alteração, de transformação, e pensam que um dia tudo deverá acabar e Deus subsistirá sozinho; como não desviar de doutrinas tão perniciosas os que acreditam em nós, e não os conduzir à piedosa doutrina que lhes ensina a adoração do Criador, o espanto diante do autor do dogma dos cristãos, que, em seu amor extremo pelos homens, realiza sua conversão e cuidou de divulgar suas instruções para as almas em todo o gênero humano? Ainda que curemos os contagiados pela loucura da metensomatose, ensinada por médicos que rebaixam a natureza racional ora até ao nível da natureza privada de razão, ora até ao nível daquela que está despida de representação, acaso não convertemos em melhores as almas dos que acreditam em nossa doutrina? Porque ela não ensina que o mau sofrerá como castigo a perda da sensibilidade ou da razão; ela demonstra que os sofrimentos e os castigos infligidos por Deus aos maus são remédios para produzir a conversão. Eis o que pensam os cristãos inteligentes, ainda que o adaptem aos mais simples, como fazem os pais com seus filhos pequenos.

Pois de modo algum *nos refugiamos entre néscios e estúpidos caipiras dizendo a eles: Fugi dos médicos, nem dizemos: Vigiai a fim de que nenhum de vós adquira ciência; tampouco afirmamos que a ciência é má, nem enlouquecemos, para dizer que o conhecimento faz com que os homens percam a sanidade mental. Pelo contrário, afirmo, nem teríamos dito estar perdido na sabedoria quem quer que seja, nem Inclinaí-vos a mim, quando ensinamos, e sim: ao Deus do Universo inclinaí-vos e ao mestre de seu estudo, Jesus. Mas nenhum de nós é de tal forma charlatão para que justamente Celso, preocupado com a pessoa do aluno, diga aos conhecidos: Eu vos salvarei sozinho. Repara, pois, o quanto ele nos calunia. Porém, de modo algum afirmo que os verdadeiros médicos corrompem aqueles a quem prometem tratar.*

76. *Ele aduz segundo exemplo contra nós, e afirma que aquele que ensina nossa doutrina se conduz como homem ébrio no meio de ébrios, acusando as pessoas sóbrias de estarem em estado de embriaguez. Que demonstre então, de acordo com os escritos de Paulo, por exemplo, que o apóstolo de Jesus estava ébrio e que suas palavras não eram as de um homem sóbrio, ou conforme os escritos de João, que seus pensamentos não respiram temperança perfeita muito distante da embriaguez do mal! Portanto, nenhum homem moderado que ensina a doutrina cristã é ébrio, e é injúria de Celso indigna de filósofo. E Celso que nos diga que pessoas sóbrias acusamos nós, nós que somos os pregadores da doutrina cristã! Para nós, ébrios são todos os que se dirigem a coisas inanimadas como a Deus. Que digo eu: eles são ébrios? Melhor dizendo, são loucos os que correm aos templos para adorar como deuses as estátuas e os animais. E não são menos loucos os que imaginam que são feitos para o culto dos deuses verdadeiros os objetos fabricados pelos artesãos, às vezes os mais vis dentre os homens.*

77. *Depois disso, ele equipara o mestre a homem que sofre das vistas e os discípulos a pessoas que sofrem das vistas e declara: Este homem diante das pessoas que sofrem das vistas acusa de cegueira*

aqueles cuja visão é penetrante. Quais são então as pessoas de vistas doentes segundo nós senão as que, da imensa grandeza das coisas que existem no mundo e da beleza da criação, são incapazes de erguer os olhos e ver que é preciso adorar, admirar e venerar somente aquele que as fez, e que, por outro lado, não podemos venerar como convém nada do que é fabricado entre os homens e utilizado no culto dos deuses, nem sem o Deus Criador, nem mesmo com ele? Comparar o que absolutamente não pode ser comparado com aquele que ultrapassa com superioridade infinita toda natureza criada é o que fazem as pessoas que sofrem de cegueira de espírito. Não dizemos que aqueles que têm vista penetrante têm os olhos doentes ou são cegos, mas que aqueles que, por não conhecerem a Deus se apegam a templos, a imagens, “às festas de cada mês”, são cegos de espírito; o que é verdade, sem dúvida, quando acrescentam à sua impiedade uma vida na devassidão, jamais procuram praticar qualquer ato honesto, mas apenas ações vergonhosas.

78. Em seguida, depois de tantas injúrias contra nós, querendo mostrar que ele poderia formular outras, mas as silencia, assim se expressa: *Estas são as minhas acusações, e outras semelhantes para não enumerar todas. Afirmo que elas são ofensas e insultos a Deus para atrair pessoas perversas com vãs esperanças e persuadi-las insidiosamente a desprezar bens superiores, sob pretexto que terão a ganhar se delas se abstiverem.* Podemos responder-lhe: vendo os que entram para o cristianismo, constatamos que não são pessoas perversas atraídas pela doutrina, mas simples ou — como se diria vulgarmente — rudes. O temor dos castigos anunciados os leva e encoraja a se absterem dos atos que os tornam deles merecedores. Eles procuram se dedicar à piedade que o cristianismo lhes ensina, deixam-se vencer pela doutrina até desprezar, por medo dos castigos que esta doutrina chama eternos, qualquer tipo de tortura imaginada contra eles pelos homens, e a morte no meio de tormentos inúmeros: nenhum homem sensato veria nisto conduta inspirada por motivos perversos. Como, por algum motivo perverso, alguém praticaria a temperança e a sobriedade, a liberalidade e a bondade? Não se teria sequer o temor de Deus, que a Escritura recomenda como útil às multidões, aos que são ainda incapazes de contemplar o que merece por si mesmo ser escolhido, e de escolhê-lo como o bem supremo que ultrapassa toda promessa: este temor não pode nascer naquele que escolheu vida perversa.

79. Talvez se imagine que exista aí mais superstição do que perversão com relação à totalidade daqueles que acreditam na doutrina, e nossa doutrina será acusada de criar supersticiosos. Responderemos com a palavra do legislador a quem se perguntava se ele tinha dado a seus concidadãos as melhores leis: não as melhores absolutamente, mas as melhores que eles podiam receber. Assim o fundador do cristianismo poderia dizer: eu instituí as melhores leis e o melhor ensino que as multidões podiam receber para a correção de seus costumes, ameaçando os pecadores de penas e castigos não mentirosos, mas verdadeiros, necessariamente infligidos para a reforma dos pecadores obstinados, ainda que eles não compreendam absolutamente a intenção daquele que castiga nem o efeito de suas penas. Esta doutrina é benéfica, quer seja expressa em sua verdade às claras, quer, se for útil, em sua forma velada. Mas, em geral, não são as pessoas perversas que os pregadores do cristianismo atraem, e não insultamos a Deus: não dizemos a seu respeito senão o que é verdadeiro e parece claro ao povo, embora não sejam coisas menos claras para ele do que para a elite exercitada em compreender filosoficamente as doutrinas cristãs.

80. Como Celso critica os cristãos por se deixarem atrair por vãs esperanças, responderei a seus ataques contra a doutrina da vida bem-aventurada e da comunhão com Deus: então, de acordo com o que dizes, meu caro, são atraídos por vãs esperanças os que aceitaram a doutrina de Pitágoras e de Platão sobre a alma naturalmente feita para subir até a abóbada do céu, e num lugar supraceleste

contemplar os mesmos espetáculos que os bem-aventurados. E conforme pensas, Celso, também são atraídos por esperanças vãs os que, tendo admitido a sobrevida da alma, vivem para serem heróis e partilharem do convívio dos deuses. E provavelmente, até os que estão persuadidos que o espírito que vem “de fora” é imortal e o único a sobreviver, nas palavras de Celso, são atraídos por vãs esperanças. Venha, pois, sem esconder mais a que seita pertence, mas declarando-se epicureu, venha combater as razões sólidas dadas entre os gregos e os bárbaros sobre a imortalidade da alma e a sobrevida, ou sobre a imortalidade do espírito. Prove que são razões que enganam com vãs esperanças os que as admitem; ao passo que as razões de sua própria filosofia, em vez de vãs esperanças, ou inspiram boas esperanças ou, o que é mais conforme com seus princípios, não inspiram nenhuma esperança, uma vez que a alma sofre destruição imediata e total. A não ser que Celso e os epicureus recusem considerar como vã a esperança de seu fim, o prazer, que para eles é o bem supremo, e é tão-somente o equilíbrio sadio do corpo e a confiança tranquila que nele deposita Epicuro.

81. Que ninguém suspeite que eu esteja em desacordo com a doutrina cristã quando mobilizei contra Celso os filósofos partidários da imortalidade e da sobrevida da alma: temos com eles posições comuns. Provarei, oportunamente, que a vida bem-aventurada futura pertencerá somente aos que adotaram a religião de Jesus, e uma piedade diante do Criador do universo absolutamente pura e sem mistura com o que quer que seja de criado. Mas que bens superiores persuadimos insidiosamente os homens que desprezem? Mostre-o quem quiser! E compare com eles este fim bem-aventurado, conforme nossa fé, junto de Deus em Cristo, isto é, o Logos, a Sabedoria e toda virtude, este fim que caberá a todos os que viverem de maneira pura e irrepreensível e receberem o amor sem divisão nem separação do Deus do universo, este fim concedido por dom de Deus! Compare este fim com o fim que cada escola filosófica propõe entre os gregos e os bárbaros, ou prometido pelos mistérios! Mostre que o fim apresentado por um dentre eles é superior ao nosso, que é concepção conveniente porque é verdadeira, ao passo que a nossa não convém nem ao dom de Deus, nem àqueles cuja vida foi virtuosa; ou então que ela não foi revelada pelo Espírito divino que tinha inundado a alma pura dos profetas! Mostre quem quiser que doutrinas reconhecidas por todos como perfeitamente humanas são superiores as que são demonstradas como divinas e proclamadas por inspiração divina! Mas quais são os bens superiores que valem a pena as pessoas deles se absterem, segundo o que poderíamos afirmar? Efetivamente, sem nenhuma pretensão de orgulho, logo se evidencia que nada podemos conceber de superior no ato de nos confiarmos ao Deus supremo e de nos entregarmos ao ensino que nos desapega de tudo o que é criado para nos conduzir ao Deus supremo, pelo Logos animado e vivo, que também é Sabedoria viva e Filho de Deus.

Mas como o terceiro livro de minha resposta ao tratado de Celso chega neste momento a uma dimensão suficiente, suspendo aqui a argumentação para combater na sequência suas objeções ulteriores.

LIVRO QUARTO

1. Nos três livros anteriores, santo amigo Ambrósio, expus com pormenores o que me ocorreu ao espírito para responder ao tratado de Celso. Chego a quarto livro contra as objeções que seguem, depois de ter orado a Deus por intercessão de Cristo. Oxalá me sejam dadas palavras tais como lemos em Jeremias, quando o Senhor falava ao profeta: “Eis que ponho as minhas palavras em tua boca. Vê! Eu te constituo, neste dia, sobre as nações e sobre os reinos, para arrancar e para destruir, para exterminar e para demolir, para construir e para plantar” (Jr 1,9-10). Doravante preciso de palavras capazes de arrancar pelas raízes as ideias contrárias à verdade de toda alma enganada pelo tratado de Celso ou por pensamentos semelhantes aos seus. Tenho também necessidade de ideias que ponham abaixo os edifícios de toda opinião falsa e as pretensões do edifício de Celso em seu tratado, semelhantes à construção dos que dizem: “Vinde! Construamos uma cidade e uma torre cujo ápice penetre nos céus!” (Gn 11,4). Preciso também de sabedoria capaz de abater todos os poderes altivos que se levantam “contra o conhecimento de Deus” (2Cor 10,5), e o poder arrogante da jactância de Celso que se ergue contra nós. E como não devo me limitar a erradicar e a destruir todos esses erros, mas, em lugar daquilo que é erradicado, plantar a plantação do campo de Deus (cf. 1Cor 3,9), em lugar do que é destruído, construir o edifício de Deus e o templo da glória de Deus — eis as razões por que devo orar ao Senhor, dispensador dos dons mencionados em Jeremias — que dê também a mim palavras eficazes para construir o edifício de Cristo e plantar a lei espiritual e as palavras dos profetas que a ela se referem.

Devo sobretudo estabelecer, contra as objeções atuais de Celso em sequência às anteriores, que a vinda de Cristo foi realmente predita. De fato, ele se dirige ao mesmo tempo contra os judeus e contra os cristãos: contra os judeus que negam que a vinda de Cristo já se tenha realizado mas esperam que ocorra, e contra os cristãos que professam que Jesus é o Cristo predito, e afirma:

A descida divina e suas razões

2. *Eis a pretensão de certos cristãos e judeus: um Deus ou Filho de Deus, segundo uns desceu, segundo outros descerá à terra para julgar seus habitantes: palavras tão vergonhosas que não carecem de longo discurso para serem refutadas.* Parece de fato falar com exatidão quando diz, não alguns judeus, mas todos os judeus acreditam que alguém descerá à terra, ao passo que alguns cristãos apenas dizem que ele desceu. Quer indicar aqueles que estabelecem pelas Escrituras judaicas que a vinda de Cristo já se realizou, e parece conhecer a existência de seitas que negam que o Cristo Jesus seja a pessoa profetizada. Mas eu já deixei claro acima da melhor forma possível que Cristo fora profetizado; por isso não voltarei às numerosas provas que poderiam ser apresentadas a este respeito, a fim de evitar as repetições. Repara, pois, que se ele tivesse querido, com uma lógica pelo menos aparente, derrubar a fé nos profetas ou na vinda futura ou passada de Cristo, devia citar as próprias profecias às quais, nós, cristãos ou judeus, recorreremos em nossas disputas. Desta forma, pelo menos aparentemente, teria desviado os que são atraídos, segundo creem, por seu caráter ilusório, da adesão às profecias e da fé, fundada nelas, em Jesus como Cristo. Mas de fato, por incapacidade de responder às profecias feitas sobre Cristo, ou por ignorância total das predições feitas sobre ele, não cita uma única passagem profética, quando existem inúmeras sobre o Cristo. Pensa que pode acusar os textos proféticos, sem apresentar o que ele chama de seu argumento ilusório. Ignora, em todo caso, que os judeus não dizem absolutamente que Cristo, Deus ou Filho de Deus, descerá, como acima eu disse.

3. Mal afirma ele que Cristo, segundo nós desceu, segundo os judeus descerá como juiz, e logo se

julga autorizado a chamar tal discurso de vergonhoso, a ponto de não precisar de longa refutação. E continua: *Que finalidade teria para Deus tal descida?* Ele não vê que, segundo nós, a finalidade desta descida é principalmente converter “as ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 10,6; 15,24), em segundo lugar, retirar aos antigos judeus “o Reino de Deus, por causa de sua incredulidade”, e confiá-lo a outros vinhateiros, os cristãos, que “entregarão” a Deus “os frutos, no tempo devido”, quando cada ação será fruto do Reino de Deus.

Apresentei estas razões entre muitas outras para responder à pergunta de Celso: “Que finalidade teria para Deus tal descida?” Mas Celso inventa assuntos que não têm nada que ver com os judeus nem conosco: *Será para aprender o que ocorre entre os homens?* Pois ninguém de nós diz que Cristo veio a esta vida para aprender o que acontece no meio dos homens. Depois, como alguns diziam que é para aprender o que acontece entre os homens, ele responde à questão proposta: *Então ele não sabe tudo?* E como se nós respondêssemos sim, ele levanta uma nova dúvida: *Será então que, sabendo, ele não reforma e não pode reformar seu poder divino?* São tantas tolices quantas as palavras! Com efeito, por seu Logos que desce a cada geração nas almas pias e as constitui amigas de Deus e profetas, Deus reforma os que ouvem suas palavras; e no tempo da vida de Cristo, ele reforma pelo ensinamento do cristianismo, não os recalcitrantes, mas os que elegeram a melhor vida que agrada a Deus.

Mas não sei que reforma Celso deseja realizada quando propõe nova questão: *Ser-lhe-á então impossível reformar por seu divino poder, sem enviar alguém destinado por natureza a este objetivo?* Teria ele então desejado que a reforma fosse realizada entre homens dotados de visões por Deus que, tendo-lhe subitamente tirado a malícia, implantaria neles a virtude? Poderíamos perguntar se isto estaria de acordo com a natureza ou até se seria possível. Eu diria: admitamos que seja possível; que seria de nossa liberdade? Em que a adesão à verdade seria louvável, digna de aprovação a recusa de mentira? E ainda que se admita que a coisa é possível e conveniente, por que não propor de uma vez a questão, apoiada na afirmação de Celso: era então impossível para Deus criar por seu divino poder uma humanidade que não tivesse necessidade de reforma, imediatamente virtuosa e perfeita, sem a existência da menor malícia? Concepção que pode seduzir os simples e sem inteligência, mas não aquele que examina a natureza das coisas. Porque destruir a liberdade da virtude é destruir-lhe a própria essência. A matéria demandaria estudo total. Os próprios gregos trataram deste assunto longamente em seus livros sobre a Providência, e não aprovaram a proposição de Celso: “Ele sabe, mas não reforma, e lhe é impossível reformar por seu divino poder.” Também eu, por diversas vezes, tratei deste assunto do melhor modo, e as divinas Escrituras provaram-no para os que podem compreendê-las.

4. Devolveremos contra Celso o que ele nos objeta a nós e aos judeus: então, meu caro, o Deus supremo sabe por acaso o que se passa entre os homens, ou não sabe? Mas se afirmas que existe um Deus e uma Providência, como teu tratado dá a entender, necessariamente ele sabe. E se ele sabe, por que não reforma? Será que devemos explicar por que, embora sabendo, não reforma? Ainda que tu, em tua obra, não te presentes precisamente como epicureu, mas pareças reconhecer a Providência, não terás de dizer igualmente por que Deus, sabendo tudo o que se passa entre os homens, não reforma e não liberta a todos os homens do mal por seu divino poder. Mas nós não temos vergonha de dizer que Deus envia continuamente pessoas para reformar os homens: é por um dom de Deus que se encontram na humanidade as doutrinas que os convidam às mais altas virtudes. Mas entre os ministros de Deus, existem muitas diferenças: alguns poucos há que pregam em toda a sua pureza a doutrina da verdade e realizam uma reforma perfeita. Assim foram Moisés e os profetas. Superior, no entanto, à obra realizada por eles em benefício de todos é a reforma operada por Jesus, que quis curar não só os

habitantes de um canto da terra, mas, enquanto dependesse dele, os do mundo inteiro; pois ele veio como “Salvador de todos os homens” (1Tm 4,10).

5. Depois disto, o nobilíssimo Celso, não sei por que razão, nos põe uma dificuldade pelo que diríamos: *Deus em pessoa descerá aos homens*. Segundo ele, o resultado é que *Ele abandona seu trono*. A verdade é que ele ignora o poder de Deus, e que “o espírito do Senhor enche o universo, dá consistência a todas as coisas, sabe tudo o que se diz” (Sb 1,7). Não pode compreender a palavra: “Não sou eu que encho o céu e a terra? Oráculo do Senhor” (Jr 23,24). Ele não vê que, segundo a doutrina dos cristãos, todos juntos “nele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17,28), como Paulo ensinou em seu discurso aos atenienses. Então, quando o Deus do universo por seu próprio poder desce com Jesus à existência humana, e quando o Logos, “no princípio em Deus” e sendo ele mesmo Deus, vem até nós, ele não deixa seu lugar e não abandona seu trono, como se houvesse primeiro um lugar vazio, sem ele, e em seguida outro cheio dele, que antes não o continha. Pelo contrário, o poder e a divindade de Deus vem por aquele que ele quer e em quem ele encontra um lugar, sem mudar de lugar nem deixar seu lugar vazio para encher outro. Desta forma, quando dizemos que ele sai de alguém e enche alguém, não explicamos em sentido local. Diremos que a alma da pessoa má mergulhada no vício é abandonada por Deus, explicaremos que a alma de quem quer viver na virtude, que nela faz progressos, que já leva esta vida, está cheia ou se torna participante do espírito divino. Para que Cristo desça aos homens, para que Deus se volte para eles, não é portanto necessário que ele abandone um trono elevado, nem que mude as coisas da terra, como pensa Celso, que diz: *Mudar a menor coisa deste mundo seria transtornar e destruir o universo*. Mas se devemos dizer que as coisas mudam pela presença do poder de Deus e pela vinda do Logos aos homens, diremos sem hesitar que é mudar da perversidade à virtude, da licença à temperança, da superstição à piedade abrir a alma à virtude do Logos de Deus.

6. Se desejas minha resposta às afirmações mais ridículas de Celso, ouve o que ele diz: *Mas, desconhecido entre os homens e julgando-se assim diminuído, será que Deus talvez quisesse ser reconhecido e pôr à prova os cristãos e os não cristãos, como novos-ricos ávidos de ostentação? É atribuir a Deus uma ambição excessiva e por demais humana!* Minha resposta é que Deus, desconhecido pela maldade dos homens, desejaria ser reconhecido, não porque se julgue diminuído, mas porque seu conhecimento liberta da desgraça aquele que o reconhece. Além disso, não é no intuito de pôr à prova os cristãos ou os não cristãos que ele mesmo habita em alguns pelo seu misterioso e divino poder ou lhes envia seu Cristo; é para afastar de todo mal os cristãos que acolhem sua divindade e para tirar aos não cristãos a ocasião de escusar sua falta de fé alegando não entender seu ensinamento. Por isso, que argumento pode mostrar que, na lógica de nossa doutrina, Deus faria o papel, conforme o que afirmamos, dos novos-ricos ávidos de ostentação? Longe de ser ávido de ostentação conosco quando ele deseja nos fazer conhecer e compreender sua excelência, Deus quer implantar em nós a felicidade que nasce em nossas almas por ser conhecido de nós; e se empenha seriamente, por Cristo e pela incessante vinda do Logos, em nos fazer receber a intimidade com ele. A doutrina cristã não atribui a Deus nenhuma ambição humana.

7. Mas, não sei por quê, depois de vãs ninharias sobre o que acabo de dizer, ele explica: *Não é por causa de si que Deus deseja ser conhecido, é por nossa salvação que ele quer levar-nos ao conhecimento de si mesmo; para que aqueles que recebem este conhecimento, tornando-se virtuosos, sejam salvos, e os que recusam, manifestando sua malícia, sejam castigados*. Posto isto, ele objeta: *Será então agora, depois de tantos séculos, que Deus se lembrou de julgar a vida dos homens, quando antes ele não se importava com ela?* A isto respondo: não existe tempo em que Deus não tenha

querido julgar a vida dos homens. Além disso, ele sempre cuidou de oferecer ocasiões de virtude e também de reformar o ser racional. A cada geração, a sabedoria de Deus, penetrando nas almas dos homens que ela julga piedosos, faz deles amigos de Deus e dos profetas. E, sem dúvida, poderíamos encontrar nos livros sagrados aqueles que em cada geração foram piedosos e capazes de receber o espírito divino, e empenharam os melhores esforços para converter seus contemporâneos.

8. Não admira que, em certas gerações, alguns profetas, por causa de sua vida mais generosa e mais ativa, ultrapassem em sua capacidade de receber a Deus a outros profetas, alguns de sua época, outros antes ou depois deles. Tampouco admira que num tempo determinado tenha vindo ao gênero humano um ser extraordinário, superior aos que o precederam ou aos que viriam mais tarde. Mas a razão destas disposições tem profundidade muito grande e mistério tão imenso para ser plenamente acessível ao entendimento comum. Para elucidar a questão e responder à objeção sobre a vinda de Cristo: “Será então agora, depois de tantos séculos, que Deus se lembrou de julgar a raça humana, quando antes ele não se importava com ela?”, devemos abordar o assunto das divisões de povos e dizer claramente por que “quando o Altíssimo repartia as nações, quando espalhava os filhos de Adão, ele fixou fronteiras para os povos, conforme o número dos filhos de Deus; mas a parte do Senhor foi seu povo Jacó, e o lote de sua herança, Israel” (Dt 32,8-9). E deveremos dizer a causa do nascimento dos homens em cada região, sob a dominação daquele que recebeu a região em herança; e como era lógico que “a parte do Senhor fosse seu povo Jacó, e Israel o lote de sua herança”; e por que, sendo antes “seu povo Jacó a parte do Senhor, e Israel o lote de sua herança”, pelos séculos dos séculos o Pai diz a seu Filho: “Pede, e eu te darei as nações como herança, os confins da terra como propriedade” (Sl 2,8). De fato, para as economias diferentes há, com respeito às almas humanas, razões lógicas e concatenadas que são indizíveis e inexplicáveis.

9. Mas, apesar da negação de Celso, depois de numerosos profetas que tinham reformado este povo de Israel, Cristo veio como reformador do mundo inteiro, sem ter necessidade, como por ocasião da primeira economia, de aplicar contra os homens chicotes, cadeias, instrumentos de tortura. Pois, “quando o sementeiro saiu para semear” (Mt 13,3), seu ensinamento foi bastante para que a doutrina fosse semeada por toda parte. Supondo-se que venha um tempo que imponha ao mundo um limite que é necessário, porque ele teve um começo, e venha igualmente um fim para o mundo, e depois do fim, um justo juízo universal, então o filósofo deverá estabelecer as verdades desta doutrina mediante provas de toda espécie, tiradas das divinas Escrituras, ou deduzidas por raciocínios; e o povo simples, incapaz em sua simplicidade de seguir pelo pensamento os aspectos muito variados da sabedoria de Deus, deverá confiar-se a Deus e ao Salvador de nossa raça, mais satisfeita com a afirmação “ele disse” do que com qualquer outra razão.

10. Em seguida, Celso nos acusa novamente, como de costume, sem nada estabelecer nem provar, de falatório sem piedade nem pureza sobre Deus, e diz: *É muito claro que estamos aí diante de um falatório sem piedade nem pureza.* Ele chega a pensar que fazemos isto para *assustar os simples, evitando dizer a verdade sobre os castigos inevitáveis para aqueles que pecaram.* Por isto nos compara *aos mistagogos das iniciações báquicas que evocam espectros e fantasmas.* Que digam os gregos se as iniciações nos mistérios de Baco apresentam ou não uma doutrina plausível; que Celso e seus adeptos entrem para a escola deles! Nós, porém, defendemos a nossa doutrina desta forma: nosso objetivo é reformar o gênero humano quer por ameaças de castigos que acreditamos necessários a todos, certamente benéficos para aqueles que devem sofrê-los, quer pelas promessas àqueles cuja vida foi virtuosa, inclusive as da bem-aventurança no Reino de Deus para aqueles que merecem viver sob sua realeza.

Dilúvios e incêndios

11. A seguir, ele pretende fazer passar que nós nada dizemos que mereça atenção nem de novo sobre os dilúvios e os incêndios, e ainda mais, que *entendendo erradamente o que deles dizem os gregos ou os bárbaros*, acreditamos no relato que deles nos fazem as Escrituras, e declara: *Entendendo erradamente estas doutrinas, ocorreu-lhes a ideia que, depois dos ciclos de longas durações e retornos e conjunções de estrelas, ocorreram incêndios e dilúvios, e que depois do último dilúvio no tempo de Deucalião, o retorno periódico conforme a alternância do universo exige um incêndio. Daí vem a opinião errônea segundo a qual Deus descerá como carrasco armado de fogo.* Responderei: não sei como Celso, homem de tanta leitura, mostrando que conhece muitas histórias, não atentou para a antiguidade de Moisés, cujo nascimento alguns escritores gregos referem no tempo de Ínaco, filho de Foroneu, cuja grande antiguidade os egípcios e os especialistas da história fenícia reconhecem. Além disso, qualquer pessoa pode ler os dois livros de Flávio Josefo sobre as *Antiguidades judaicas* para saber o quanto Moisés era mais antigo do que aqueles que disseram que há no mundo, depois de longos períodos, dilúvios e incêndios: estes autores, cristãos e judeus, segundo Celso, teriam compreendido erroneamente tais fenômenos, e entendendo mal o sentido do incêndio, teriam dito: “Deus descerá como carrasco armado de fogo”.

12. Mas, não cabe aqui tratarmos se houve ou não ciclos, e em cada ciclo dilúvios e incêndios, nem tampouco do que diz a Escritura, especialmente na passagem de Salomão entre muitas outras: “O que foi, será, o que se fez, se tornará a fazer” (Ecl 1,9) etc. Basta observar simplesmente que Moisés e alguns dos profetas, autores muito antigos, não tiraram de outros sua doutrina dos incêndios; pelo contrário, levando em consideração as épocas, os outros os entenderam mal, por não saberem exatamente o que tinham dito, imaginaram em cada ciclo repetições bem parecidas em suas características essenciais e acidentais. Para nós, em vez de atribuímos os dilúvios e os incêndios aos ciclos e aos retornos periódicos das estrelas, nós lhes damos como causa a devassidão dos vícios, destruídos pelos dilúvios ou pelos incêndios. E as expressões proféticas sobre Deus que desce e diz: “Não sou eu que encho o céu e a terra? Oráculo do Senhor” (Jr 23,24), nós as entendemos em sentido figurado. Pois Deus desce de sua própria grandeza e majestade para lidar com assuntos humanos e principalmente com os maus. E como a linguagem usual diz que os mestres descem ao nível das crianças, e os sábios e os que progridem ao dos jovens que acabam de se voltar para a filosofia, sem com isso dizer que se trata de uma descida corporal, assim também, se em alguma parte das santas Escrituras se diz que Deus desce, compreende-se esta expressão segundo o emprego usual do termo; e o mesmo acontece com subir.

13. Mas, considerando que Celso, ao nos criticar, nos atribui a crença de que Deus desce do céu como um carrasco armado de fogo e nos força absurdamente a investigar as razões profundas do que afirmamos, digamos algumas palavras suficientes para delinear aos leitores uma defesa que anule a zombaria de Celso contra nós; depois, passaremos ao que nos interessa. A divina Escritura, é verdade, afirma que nosso Deus é “um fogo devorador” (cf. Dt 4,24, 9,3; Hb 12,29), que “rios de fogo correm diante dele” (cf. Dn 7,10), que ele se adianta “como o fogo do fundidor e como a lixívia dos lavadeiros” (Ml 3,2) para provar seu povo no crisol. Portanto, quando diz que é um “fogo devorador”, procuramos o que merece ser devorado por Deus, e respondemos que Deus devora como um fogo a malícia e todas as ações que ela inspira, ditas em sentido figurado “madeira, feno, palha”. Por exemplo, diz-se que o homem mau, sobre um fundamento já colocado, “constrói com madeira, feno e

palha”. Portanto, se fosse possível mostrar que o escritor põe aí outro significado e provar que o homem mau constrói materialmente com madeira, feno e palha (cf. 1Cor 3,12), é claro também que o fogo deveria ser compreendido como material e sensível. Mas, se pelo contrário, é em sentido figurado que as obras do mau são de madeira, feno ou palha, acaso não ocorre imediatamente ao espírito a natureza do fogo capaz de destruir estas obras “de madeira”? Diz ele: “O fogo provará o que vale a obra de cada um. Se a obra construída sobre o fundamento subsistir, o operário receberá recompensa. Aquele, porém, cuja obra for queimada perderá a recompensa” (1Cor 3,13-15). Esta obra queimada, que poderá significar senão tudo o que é feito por malícia? Portanto, nosso Deus é “fogo devorador” no sentido dado por nós; é dessa forma que se adianta “como o fogo do fundidor” para provar no crisol a natureza racional, enchida, pela malícia, de chumbo e de outras impurezas que alteraram a substância natural da alma, por assim dizer, de ouro ou de prata. Assim, rios de fogo, como se diz, correm à frente de Deus que vai destruir a malícia intimamente misturada à alma inteira. Baste isto para respondermos à objeção: “Daí vem a opinião errônea segundo a qual Deus descerá como carrasco armado de fogo”.

Modalidade de intervenção divina

14. Vejamos igualmente a grande pretensão que ostentam as seguintes palavras de Celso: *Retomemos ainda o raciocínio acrescentando provas. Não digo nada de novo, mas coisas admitidas há muito tempo. Deus é bom, belo, feliz, no mais alto grau e excelência. Por isso, se ele desce aos homens, deve passar por mudança: mudança do bem ao mal, da beleza à feiúra, da felicidade à desgraça, do estado melhor ao pior. Mas, quem escolheria semelhante mudança? É verdade que para o mortal é próprio de sua natureza mudar e se transformar, mas para o imortal, é ser idêntico e imutável. Deus não poderia, pois, admitir tal mudança.* Creio ter dado a resposta necessária expondo o que a Escritura chama de descida de Deus à humanidade. Para tanto, ele não precisa passar por mudança, como pretende Celso, nem transformação do bem ao mal, da beleza à feiúra, da felicidade à desgraça, do estado melhor ao pior. Permanecendo imutável por essência, ele condescende com os assuntos humanos por sua Providência e pela Economia. Provamos, pois, que as Escrituras divinas afirmam a imutabilidade de Deus nestas palavras: “Mas tu existes, e teus anos jamais findarão” (Sl 101,28); e: “Sim, eu, o Senhor, não mudei”. Ao contrário, os deuses de Epicuro, compostos de átomos, e enquanto são compostos, sujeitos à dissolução, empenham-se em sacudir para fora os átomos corruptores.

Além disso, o Deus dos estoicos, enquanto corporal, ora como princípio hegemônico é a realidade total, quando ocorrem os incêndios, ora se torna uma parte desta, quando se dá a nova ordem do mundo. Pois estes filósofos não souberam elucidar a noção natural de Deus absolutamente incorruptível, simples, sem composição, indivisível.

15. Mas o ser que desceu aos homens existia anteriormente “em forma de Deus” e foi por amor aos homens que “ele se aniquilou” (Fl 2,6-7), para poder ser recebido pelos homens. Isto certamente não significa que ele tenha sofrido mudança do bem ao mal, pois “ele não cometeu pecado” (1Pd 2,22), nem da beleza à feiúra, pois “não conheceu pecado” (2Cor 5,21), nem por isso era menos feliz, mesmo quando em benefício de nossa raça ele se humilhou. Além disso, não sofreu mudança do estado de melhor a pior, pois em que sentido a bondade e o amor pelo homem seriam o que há de pior? Equivaleria então a dizer que vendo horrores e tocando em coisas repugnantes para curar os doentes, o médico passa do bem ao mal, da beleza à feiúra, da felicidade à desgraça. Acrescente-se que o médico que vê horrores e toca em coisas repugnantes não evita de modo algum a possibilidade de contrair o mesmo mal. Mas aquele que cura as feridas de nossas almas pelo Logos de Deus presente nele estava

fora do alcance de todo mal. Ainda que, assumindo um corpo mortal e uma alma humana, o Logos, Deus imortal, pareça a Celso mudar e se transformar, saiba Celso que o Logos, que permanece Logos por sua essência, nada sofre com os sofrimentos do corpo e da alma. Mas às vezes condescende com a fraqueza daquele que não pode ver o brilho e o esplendor de sua divindade e por assim dizer, se faz “carne”, se expressa corporalmente, permitindo àquele que o recebeu sob esta forma, rapidamente elevado pelo Logos, contemplar igualmente, por assim dizer, sua forma principal.

16. Efetivamente há formas, por assim dizer, diferentes do Logos, sob as quais ele aparece a cada um segundo o grau de seu progresso no conhecimento, seja ele iniciante, pouco ou muito adiantado, já próximo da virtude, ou estabelecido nela. Portanto, não é no sentido em que pretendem entendê-lo Celso e seus semelhantes que nosso Deus “se transfigurou” e tendo subido “a alta montanha” (Mt 17,2.1), mostrou sua própria forma, diferente e muito mais bela do que a que viam os que tinham ficado embaixo e não puderam acompanhá-lo até o cume. Porque os que estavam embaixo não tinham olhos capazes de ver a transfiguração do Logos em sua condição gloriosa e divina. Eram tão incapazes de compreendê-lo assim como ele existia entre eles, que os que não podiam ver sua forma superior disseram a respeito dele: “Não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar. Era desprezado e abandonado pelos homens, homem sujeito à dor, familiarizado com a enfermidade, como pessoa de quem todos escondem o rosto” (Is 53,2-3). Eis a resposta ao juízo infundado de Celso, que não compreendeu as mudanças ou as transfigurações de Jesus que a história refere, nem sua condição mortal e ao mesmo tempo imortal.

17. Então estes relatos, compreendidos como devem ser, porventura não parecem muito mais dignos de respeito do que o de Dionísio, enganado pelos Titãs, precipitado do trono de Zeus e despedaçado por eles, em seguida reconstituído e parecendo voltar à vida e subir ao céu? Será permitido aos gregos fazer a aplicação dessas histórias à doutrina da alma e interpretá-las de modo figurado, ao passo que nos fecham a porta, proibindo-nos uma interpretação lógica, concorde e harmonizada em todos os pontos com as Escrituras inspiradas pelo Espírito divino que habita as almas puras? Celso, portanto, não viu de modo algum a intenção de nossas Escrituras; por isso ele investe contra a própria interpretação, e não contra a das Escrituras. Se tivesse compreendido o destino da alma na vida eterna futura, e o que sua essência e origem implicam, não teria criticado dessa forma a vida do ser imortal num corpo mortal, explicada não segundo a teoria platônica da metempsicose, mas numa perspectiva mais elevada. Teria visto, ao contrário, uma descida extraordinária devido a um excesso de amor aos homens, visando reconduzir, conforme a expressão misteriosa da divina Escritura, “as ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15,24), que desceram das montanhas, e para as quais o pastor de certas parábolas “desceu”, deixando nas montanhas as que não se haviam perdido (cf. Mt 18,12-13; Lc 15,4s).

18. Insistindo em questões que ele não compreende, Celso provoca as minhas repetições desnecessárias, pois não quero, nem aparentemente, deixar uma única de suas críticas sem exame. Ele diz em seguida: *Ou Deus de fato muda, como eles pretendem, para se tornar um corpo mortal, e acabamos de dizer que é impossível. Ou então ele não muda, mas faz que aqueles que o veem assim o julguem, então ele os engana e mente. Mas engano e mentira sempre são um mal, exceto o caso único em que o usamos a modo de remédio, quer com amigos doentes e atacados de loucura para curá-los, quer com inimigos na intenção de evitar perigo. Mas ninguém, doente ou atacado de loucura, é amigo de Deus, e Deus não tem medo de ninguém a ponto de chegar a enganá-lo para fugir ao perigo.* Em resposta poderíamos argumentar com a natureza do Logos divino que é Deus, como também com a alma de Jesus. Com a natureza do Logos: assim como a natureza dos alimentos, para combinar com o

temperamento do bebê, se transforma em leite na ama de leite, ou é preparado pelo médico como exige a saúde do doente, ou é adaptado às forças daquele que é mais robusto: assim também Deus muda pelos homens segundo as necessidades de cada um o poder de seu Logos naturalmente destinado a alimentar a alma humana. Ele se torna para um, como diz a Escritura, “um leite espiritual puro” (1Pd 2,2), para outro ainda mais fraco, como um legume (cf. Rm 14,2), enquanto ao perfeito se dá “um alimento sólido” (Hb 5,12.14). Sem nenhuma dúvida, o Logos não mente sobre sua própria natureza, quando ele alimenta cada um na medida que ele pode acolhê-lo, e fazendo assim, “ele não engana nem mente”.

Na alma de Jesus, supondo-se mudança em sua vinda num corpo, perguntamos o que quer dizer isso. Será mudança da essência? Não, em se tratando desta alma ou de outra alma racional. Queremos dizer que ela está afetada pelo corpo ao qual está mesclada e pelo lugar em que ela veio? Em que isto repugna ao Logos, que em seu imenso amor aos homens faz descer um Salvador ao gênero humano? Nenhum daqueles que antes tinham prometido curá-lo tinha podido fazer tudo aquilo de que esta alma deu prova, mesmo descendo livremente à condição mortal dos homens para a salvação de nossa raça. Tal é o pensamento do divino Logos expresso em diversas passagens das Escrituras; basta no momento citar uma só passagem de Paulo: “Tende em vós mesmos o sentimento de Cristo Jesus: ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o sobreexaltou grandemente e o agraciou com o Nome que é acima de tudo nome” (Fl 2,5-9).

19. Outros concordam com Celso que Deus não muda, mas faz que aqueles que o veem julguem que ele mudou. Para nós, convencidos de que não existe aparência, mas evidência e verdade na vinda de Jesus aos homens, a acusação de Celso não nos atinge. Contudo, responderei. Não reconheces, Celso, que a pretexto de remédio, às vezes é permitido enganar e mentir? Que inconveniência haverá no emprego deste recurso se ele traz a saúde? Com efeito, existem palavras mentirosas, como as dos médicos a seus pacientes, que têm mais efeito do que as que dizem a verdade, para corrigir certos costumes. Isto seja dito para nossa defesa contra outras acusações. Portanto, não é inconveniente que aquele que cura seus amigos doentes cure o gênero humano que lhe é caro por meios que ninguém usaria por princípio, mas que seriam usados em razão das circunstâncias. E o gênero humano, atacado de loucura, devia ser curado pelos meios que o Logos via ser úteis para reconduzir os loucos ao bom senso. Celso concorda ainda que se recorra a tais remédios para inimigos na intenção de fugir de perigo. Mas Deus não tem medo de ninguém a ponto de enganar seus adversários para escapar ao perigo. Seria totalmente supérfluo e irracional responder a uma objeção que ninguém fez contra nosso Salvador. Em resposta a outras dificuldades, tomou-se providência quanto a esta: “Ninguém que esteja doente ou atacado de loucura é inimigo de Deus.” A resposta era que esta disposição não tinha em vista pessoas que, doentes ou loucas, já fossem amigas, mas os que, por causa da doença de sua alma e do desacerto da razão natural, ainda eram inimigas, para que se tornassem amigas de Deus. E, com efeito, está claramente dito que Jesus tudo suportou pelos pecadores, para libertá-los de seus pecados e torná-los justos.

A pregação pelos judeus e pelos cristãos

20. Em seguida, ele representa, por um lado, os judeus explicando por que segundo eles a vinda de Cristo ainda está para acontecer, e por outro, os cristãos falando da vinda já realizada do Filho de Deus na vida humana. Pois bem! Examinemos este ponto tão brevemente quanto possível. Portanto,

segundo ele, *os judeus dizem que, sendo a vida cheia de toda espécie de vícios, é preciso que Deus faça alguém descer para punir os pecadores e purificar o universo, como aconteceu no primeiro dilúvio*. Como ele diz que os cristãos a isto acrescentam outras razões, é claro que eles também dão aquela razão. E que há de absurdo, em vista da onda de vícios, em se acreditar na vinda daquele que purificará o mundo e tratará a cada um segundo seu mérito? Não é digno de Deus estancar a difusão do vício por uma restauração das coisas. Os próprios gregos sabem que a terra é periodicamente purificada pelo dilúvio e pelo fogo, ainda nas palavras de Platão: “Quando os deuses, para purificar a terra, a submergem nas águas, alguns nas montanhas...” etc. Será preciso dizer então que merecem respeito e consideração as doutrinas que os gregos afirmam, mas, quando nós mesmos defendemos certas doutrinas que os gregos aprovam, elas perdem todo valor? No entanto, os que dão valor à exposição clara e precisa de todas as Escrituras procurarão provar não só a antiguidade de seus autores, mas também a seriedade de suas afirmações e a coerência entre elas.

21. Não sei por que ele julga *a destruição da Torre de Babel comparável ao dilúvio que, segundo a doutrina dos judeus e dos cristãos, purificou a terra*. Pois, na suposição de que *a história da Torre, no Gênesis, não contém nenhum significado oculto, mas é clara por si mesma*, como acredita Celso, não parece tão claro que esta destruição realizou a purificação da terra. A menos talvez que ele não veja uma purificação da terra no que chamamos a confusão das línguas. A esse respeito, cabe às pessoas competentes dar explicações oportunas quando for necessário estabelecer o significado literal da história e sua interpretação anagógica. E como acredita que *Moisés, que contou a história da torre e da confusão das línguas, plagiou para esta história a lenda dos alóadas*, devemos responder: a meu ver, ninguém antes de Homero jamais falou a respeito dos alóadas, mas tenho certeza que Moisés escreveu a história da torre muito antes de Homero e mesmo da invenção do alfabeto grego. Assim sendo, quem é que plagia a história dos outros? Os que contam a lenda dos alóadas plagiam a história da torre, ou aquele que escreveu a história da torre e da confusão das línguas plagia a lenda dos alóadas? Fica bem claro ao leitor imparcial que Moisés é mais antigo do que Homero.

Celso compara *a história de Sodoma e Gomorra, destruídas pelo fogo por causa do pecado delas*, narrada por Moisés no livro do Gênesis (cf. Gn 19,1-29), com *o mito de Faetonte*. E tudo provém de uma única falta: ele não levou em conta a antiguidade de Moisés. O mito de Faetonte só foi atribuído a Homero, ao que parece, em época posterior. Homero é bem mais recente que Moisés. Portanto, não negamos o fogo purificador e da destruição do mundo, para suprimir o vício e renovar todas as coisas: é a lição que afirmamos ter recebido dos profetas pelos livros sagrados. Na verdade, tendo os profetas mostrado, como acima disse, em suas múltiplas predições do futuro, que tinham dito a verdade sobre muitos acontecimentos ocorridos e provado que um Espírito divino neles morava, é claro que também se deve acreditar neles a respeito do futuro, ou melhor, acreditar no Espírito divino que neles residia.

22. Além disso, *os cristãos, conforme Celso, acrescentam certas razões às dos judeus e declaram: por causa dos pecados dos judeus, o Filho de Deus já foi enviado, e os judeus, por terem punido a Jesus e lhe terem dado fel a beber, atraíram contra si a cólera de Deus* (cf. Mt 27,34). Refute quem quiser esta afirmação como mentirosa se, de fato, a nação de todos os judeus não foi expulsa de seu país antes mesmo que uma geração tivesse passado desde que Jesus sofreu assim da parte deles. Quarenta e dois anos, creio eu, depois da crucifixão de Jesus, caiu sobre Jerusalém a destruição. E nunca, desde que existem os judeus, a história conta que eles foram expulsos por tanto tempo de seu venerável culto de adoração, vencidos pela força de seus inimigos. Mas, quando às vezes pareceram abandonados por causa de seu pecado, eles foram visitados, e, de volta à sua terra, recuperaram seus bens e praticaram sem obstáculos seus ritos tradicionais. E são igualmente uma prova da divindade e da santidade de

Jesus o número e a gravidade das desgraças que se abateram sobre os judeus durante tanto tempo por causa dele. E direi sem medo nenhum que não haverá para eles restauração alguma. Pois cometeram o mais ímpio de todos os crimes tramando este complô contra o Salvador do gênero humano na cidade em que eles ofereciam a Deus sacrifícios tradicionais, símbolos de profundos mistérios. Por isso foi preciso que essa cidade em que Jesus suportou estes sofrimentos fosse destruída e arrasada e a nação judia expulsa de sua terra; e que o chamado de Deus à bem-aventurança passasse a outros, quero dizer, aos cristãos, aos quais chegou o ensinamento de uma piedade pura e santa: eles receberam leis novas que convinham a uma comunidade estabelecida em todos os lugares, pois as antigas leis dadas a uma única nação governada por chefes da mesma raça e com os mesmos costumes não podiam todas ser observadas em nossos tempos.

23. Em seguida, ele critica, como de costume, *a raça dos judeus e dos cristãos* e os compara *a um bando de morcegos, a formigas que saíram de seus buracos, a rãs reunidas em conselho à beira de um brejo, a vermes formando uma assembleia num canto do lamaçal, discutindo para saber quem deles são os maiores pecadores, e dizendo: “Deus nos revela e prediz tudo: deixa de lado o mundo inteiro e o movimento do céu, e sem se preocupar com a vasta terra, governa só para nós, comunica-se apenas conosco por seus mensageiros, que continuamente envia procurando de que modo nós lhe ficaremos unidos para sempre.”* Continua sua ficção pintando-nos como semelhantes a vermes que dizem: *“Existe Deus, e, imediatamente depois dele, existimos nós, pois somos criados por ele inteiramente semelhantes a Deus; tudo nos é submetido: a terra, a água, o ar, as estrelas; tudo existe para nós, tudo está ordenado para nosso serviço.”* E os vermes de que ele fala, que somos nós evidentemente, continuam: *“Como existem entre nós aqueles que pecam, Deus virá ou enviará seu Filho, a fim de livrar das chamas os injustos, e a nós que restamos nos dar uma vida eterna.”* E enfeixando tudo, diz: *Quantas tolices mais suportáveis da parte de vermes e rãs do que de judeus e cristãos em suas disputas!*

Grandeza dos judeus e dos cristãos

24. Para responder, faço aos que aprovam este ataque contra nós esta pergunta: será o conjunto dos homens que considerais um bando de morcegos, de formigas, de vermes, de rãs, valendo a excelência de Deus? Ou excetuais os outros homens da comparação, conservando-lhes a dignidade de homens por causa da razão e das leis estabelecidas, enquanto desprezais os cristãos e os judeus por suas doutrinas que vos desagradam, comparando-os a vis animais? Qualquer que seja vossa resposta, responderei esforçando-me por mostrar que não convém falar assim da humanidade nem de nós mesmos. Suponhamos então que digais que o conjunto dos homens com relação a Deus seja comparável a estes vis animais, porque a pequenez deles não tem medida comum com a excelência de Deus. Mas de que pequenez se trata? Respondei, meus caros! Da pequenez do corpo? Sabei que a excelência ou a inferioridade no tribunal da verdade não se julga pelo corpo; do contrário, os grifos e os elefantes seriam superiores a nós homens, pois são maiores, mais fortes e vivem mais tempo. Mas nenhum homem sensato diria que estes seres sem razão são superiores aos seres racionais por causa de seus corpos, pois a razão eleva o ser racional bem acima de todos os seres sem razão. Tampouco é verdade quanto aos seres virtuosos e bem-aventurados, bons demônios, como dizeis, ou anjos de Deus, como costumamos chamar, ou quanto a todas as naturezas que podemos encontrar acima dos homens: pois neles a razão atinge sua perfeição, ornada com toda espécie de virtudes.

25. Se desprezais a pequenez do homem não por causa do corpo mas da alma, inferior para vós aos

demais seres racionais, e sobretudo da alma dos virtuosos, inferior porque o vício está nela, por que os maus cristãos e os judeus vivendo no mal seriam um bando de morcegos, de formigas, de vermes, de rãs mais do que os homens perversos das outras nações? A este respeito, qualquer homem, sobretudo quando se abandona à corrente do vício, é morcego, verme, rã, formiga, comparado com os demais homens. Se formos um Demóstenes, orador, com sua covardia e as ações que ela inspirou, ou um Antífono, outro orador de renome, mas negador da Providência num tratado *Sobre a verdade*, título análogo ao de Celso, seremos igualmente vermes chafurdados num canto do lamaçal da tolice e da ignorância. Contudo, o ser racional, qualquer seja a sua qualidade, não poderia ser razoavelmente comparado a um verme, com suas tendências à virtude. Estas inclinações gerais à virtude não permitem comparar com vermes aqueles que têm a virtude em potência e não podem totalmente perder suas sementes. Portanto, fica claro que os homens em geral não poderiam ser vermes com relação a Deus: pois a razão, que tem seu princípio no Logos que está em Deus, não permite julgar o ser racional absolutamente estranho a Deus. Os maus cristãos e os maus judeus, que não são nem cristãos nem judeus segundo a verdade, tal como os outros homens maus, não podem ser comparados a vermes chafurdados num canto do lamaçal. Se a natureza da razão proíbe esta comparação, é evidente que não vamos caluniar a natureza humana, feita para a virtude, ainda que peque por ignorância, nem a equiparar a animais como estes.

26. Será por causa de suas doutrinas que Celso não aprova e parece ignorar-lhe a primeira palavra, que os judeus e cristãos seriam vermes e formigas diferentes dos demais homens? Então, comparemos as doutrinas dos cristãos e dos judeus, que são por si mesmas conhecidas de todos, com as doutrinas dos outros homens. Não é evidente, desde o momento em que admitimos que certos homens são vermes e formigas, que estes vermes, formigas e rãs são aqueles que, decaídos de uma sadia compreensão de Deus, adoram por uma aparência de piedade animais sem razão, estátuas, ou mesmo as criaturas, quando é preciso, a partir de sua bondade, admirar o seu Artífice e adorá-lo? Não se deve considerar como homens, e como seres mais honrados que homens se existem tais, aqueles que, sob a direção do Logos, puderam se elevar a partir da pedra e da madeira, e mesmo da matéria estimada como a mais preciosa, a prata e o ouro, e que, depois de terem se elevado das maravilhas do mundo ao Criador do universo, confiaram-se a ele? Porque a partir do momento em que ele é o único capaz de cumular todos os seres, de perceber os pensamentos de todos e ouvir a oração de todos, eles lhe dirigem suas preces, realizam suas ações pensando que ele vê o que acontece, e sabendo que ele ouve o que se diz, evitam dizer qualquer palavra que possa ser referida a Deus e lhe desagradar.

Esta admirável piedade, que nem fadigas, nem perigo de morte, nem argumentos capciosos podem vencer, para nada servirá aos que a adquiriram para evitar que sejam comparados a vermes, ainda que possam ter sido tais antes de tal piedade? Na verdade, eles nos parecem irmãos de vermes, pais de formigas, semelhantes às rãs, os vencedores do mais ardente desejo das volúpias, que a tantos corações tornaram moles como cera, cuja vitória vem de sua persuasão de que o único meio de chegar à familiaridade com Deus é subir até ele pela temperança? Então, o impacto da justiça que o leva a observar com o próximo e seus familiares a sociabilidade, a justiça e a prática do bem não impede aquele que a pratica de ser um morcego? Pelo contrário, aqueles que se espojam no vício, como a maior parte dos homens, que se aproximam indiferentemente das prostitutas e ensinam que aquilo não pode ser absolutamente contra o dever, não são acaso vermes no lamaçal? Fica mais claro ainda se compararmos com os que instruímos a não “tomar os membros de Cristo” e o corpo habitado pelo Logos, para deles fazer “membros de uma prostituta” (1Cor 6,15), que já aprenderam que o corpo do ser racional, consagrado ao Deus do universo, é o “templo” do Deus que eles adoram, e se torna

realmente tal, se tivermos noção pura do Criador; e que, evitando conspurcar “o templo de Deus” por união ilícita, praticam a temperança.

27. E nada digo dos outros vícios dos homens, de que talvez não estejam isentos aqueles que são considerados filósofos, pois há muitos bastardos da filosofia. Não insisto na presença frequente destas desordens entre os que não são nem judeus nem cristãos. Mas, ou não os encontramos absolutamente entre os cristãos, considerando estritamente o que é o cristão, ou se os encontramos, certamente não é entre os que se reúnem, deliberam, participam das orações da comunidade e delas não são excluídos; exceto talvez um ou outro, dissimulado no meio do povo. Portanto, não somos vermes que formam assembleia, quando, erguendo-nos contra os judeus em nome das Escrituras que eles acreditam sagradas, mostramos que Aquele que os profetas anunciavam veio, que eles mesmos, pela enormidade de suas faltas, foram abandonados, mas que nós, por termos acolhido o Logos, temos em Deus as melhores esperanças, fundadas em nossa fé nele, e numa vida capaz de fazer de nós, seus familiares, puros de toda perversidade e de todo vício. Portanto, proclamar-se judeu ou cristão não é dizer em total unanimidade: é sobretudo por nós que Deus criou o universo e o movimento do céu. Mas ser, como Jesus ensinou, puro “de coração”, manso, pacífico, corajoso para enfrentar os perigos pela piedade, nos permite com toda razão confiar em Deus, e, quando compreendemos a doutrina das profecias, chegar ao ponto de dizer: tudo isto Deus no-lo revelou de antemão e predisse a nós que nele acreditamos.

28. Como ele atribui aos cristãos a quem considera vermes estas palavras: Deus se descarta do mundo inteiro e do movimento do céu e, sem se preocupar com a vasta terra, governa o mundo só para nós, comunica-se só conosco por seus mensageiros, enviando-os continuamente e procurando saber por que modo nós lhe estaremos unidos para sempre, devemos responder: isto é acusar-nos de afirmações que não fazemos, pois lemos e sabemos que “Sim, tu amas tudo o que criaste; não te aborreces com nada do que fizeste; se alguma coisa tivesses odiado, não a terias feito” (Sb 11,24). Também lemos: “Mas a todos perdoas, porque são teus: Senhor, amigo da vida! Todos levam teu espírito incorruptível! Por isso, pouco a pouco corriges os que caem, e os admoestas, lembrando-lhes as faltas, para que se afastem do mal e creiam em ti, Senhor” (Sb 11,26-12,1-2). Como poderíamos dizer: Deus se descarta do movimento do céu e do mundo inteiro, e sem se preocupar com a vasta terra, governa só para nós? Sabemos que, nas orações, é preciso dizer pensando: “A terra está cheia do amor do Senhor”; “A misericórdia do Senhor é para com toda carne”. Deus, em sua bondade, “faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos”; e para que sejamos seus filhos, ele nos exorta à mesma atitude e nos ensina a estender o mais possível nossos benefícios a todos os homens (Sl 32,5; Eclo 18,13; Mt 5,45). Nas palavras da Escritura, ele é “Salvador de todos os homens, sobretudo dos que têm fé” (1Tm 4,10), e seu Cristo é “propiciação pelos nossos pecados, e não só pelos nossos, mas também pelos do mundo inteiro” (1Jo 2,8). Alguns judeus podem afirmar, senão tudo o que Celso escreveu, pelo menos alguns assuntos vulgares; certamente não os cristãos, pois eles aprenderam estas palavras: “Mas Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando éramos ainda pecadores” (Rm 5,7-8). No entanto, “difícilmente alguém dá a vida por um justo; por um homem de bem talvez haja alguém que se disponha a morrer”. De fato, conforme nossa pregação, foi pelos pecadores do mundo inteiro, para que abandonassem seus pecados e se confiassem a Deus, que veio Jesus, chamado ainda, segundo o uso tradicional da Bíblia, o Cristo de Deus.

29. Talvez Celso tenha compreendido mal uma frase de alguns que ele chamou de vermes: Existe Deus, e imediatamente depois, existimos nós. Mal-entendido análogo ao de criticar toda uma escola

filosófica pelas afirmações de um jovem insensato que, por ter frequentado três dias as lições de um filósofo, ergue-se contra o resto dos homens por causa de sua nulidade e falta de filosofia. Sabemos perfeitamente que existem muitos seres de um valor bem mais alto que o homem. Lemos que: “Deus se levantou na assembleia dos deuses”, não dos deuses que os outros homens adoram, “pois todos os deuses das nações são demônios” (cf. Sl 95,5). Também lemos: “Deus se levanta no conselho divino, em meio aos deuses ele julga” (Sl 81,1). Sabemos disto: “Se bem que existam os que são chamados deuses, quer no céu, quer na terra e há, de fato, muitos deuses e muitos senhores — para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem nós somos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por quem nós somos” (1Cor 8,5-6). Sabemos que os anjos a este respeito são tão superiores aos homens que somente os homens perfeitos se tornam semelhantes aos anjos: “Pois na ressurreição dos mortos, nem eles se casam, nem elas se dão em casamento; pois nem mesmo podem morrer: são como os anjos do céu”, e se tornam “semelhantes aos anjos” (Lc 20,36). Sabemos que na organização do universo encontramos seres, uns chamados Tronos, outros Soberanias, outros Principados e outros Autoridades (cf. Cl 1, 16). Nós homens, porém, ainda muito distantes deles, temos, contudo, a esperança, fundada numa vida virtuosa e numa conduta em tudo conforme com o Logos, de nos elevar a ponto de nos tornarmos semelhantes a todos eles. Afinal, como “ainda não se manifestou o que nós seremos, sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é” (1Jo 3,2). Sabemos que se sustentarmos as afirmações de alguns que, inteligentes ou estúpidos, entenderam erradamente a doutrina sadia que afirma: Existe Deus, e imediatamente depois, existimos nós, até mesmo isto eu poderia interpretar dizendo: “nós” designa os seres racionais, e melhor ainda os seres racionais virtuosos; pois, segundo o que afirmamos, a própria virtude pertence a todos os bem-aventurados, e por conseguinte, a própria virtude pertence ao homem e a Deus. Por isso, somos instruídos e nos tornamos “perfeitos como nosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48). Concluamos: nenhum homem honesto é verme nadando no lamaçal, nenhum homem piedoso é formiga, nenhum justo é rã, nenhum homem cuja alma resplandece com a luz brilhante da verdade pode razoavelmente ser comparado a morcego.

30. A meu ver, por ter também entendido mal as palavras: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26), Celso imaginou vermes dizendo: Criados por Deus, somos inteiramente semelhantes a ele. No entanto, se ele tivesse compreendido a diferença entre criar um homem à imagem de Deus, ou criá-lo à sua semelhança, e considerando que Deus, conforme a Escritura, disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”, mas Deus fez o homem “à imagem” de Deus, e não ainda “à sua semelhança”, ele não nos teria feito acreditar que somos inteiramente semelhantes a Deus. Tampouco dizemos: Até as estrelas nos são submissas. Pois a ressurreição dos justos, na concepção de nossos sábios, é comparada ao sol, à luz e às estrelas por aquele que afirma: “Um é o brilho do sol, outro o brilho da lua, e outro o brilho das estrelas. E até de estrela para estrela há diferença de brilho. O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos” (1Cor 15,41-42), e também com o que Daniel outrora profetizou sobre este assunto (cf. Dn 12,3). Celso nos atribui que tudo está ordenado para nosso serviço. Talvez não tenha ouvido algum de nossos sábios afirmar tais palavras, talvez ignore em que sentido se diz: “Aquele que quiser tornar-se grande entre vós seja aquele que serve” (Mt 20,26-27). Quando os gregos citam os versos: “Quando o sol e a lua estão a serviço dos mortais”, eles o louvam e comentam. Mas uma palavra do mesmo gênero, que aliás não é dita, ou é dita em outro sentido, é para Celso ainda uma ocasião de nos caluniar.

Segundo ele, nós que para ele não passamos de vermes, diríamos que, existindo entre nós os que pecam, Deus virá a nós, ou enviará seu Filho para entregar às chamas os injustos, e para que nós, rãs

que somos, tenhamos com ele uma vida eterna. Observa a que ponto, como um bufão, este sisudo filósofo transforma em crítica, em ridículo e em zombaria a promessa divina de um juízo, castigo para os injustos, recompensa para os justos!

E resumindo tudo, diz: Aí estão algumas tolices mais suportáveis da parte de vermes e rãs do que de judeus e cristãos em suas disputas! Evitaremos imitá-los e dizer coisas semelhante dos filósofos que pretendem conhecer a natureza do mundo e debatem entre si o problema da constituição do universo, da origem do céu e da terra e de tudo o que eles encerram, e a questão que nega a geração e a criação das almas por Deus, embora estejam sujeitas a seu governo, e se elas mudam de corpo, ou se, inseminadas com os corpos, sobrevivem-lhes ou não. Pois também neste particular, longe de levar a sério e admitir a sinceridade daqueles que se consagraram à descoberta da verdade, poder-se-ia declarar com zombaria injuriosa que se trata de fato de vermes, que num canto do lamaçal da vida humana não medem seus limites, e por esta razão chegam a sentenciar sobre assuntos sublimes como se os dominassem, e que falam com plena certeza de realidades que não podem ser contempladas sem inspiração superior e poder divino: “Quem, pois, dentre os homens conhece o que é do homem, senão o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, o que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus” (1Cor 2,11). Não temos a loucura de comparar a esplêndida inteligência do homem, tomando inteligência no sentido habitual, com o fervilhar de vermes e de outros animais da espécie, quando ela não se preocupa com os assuntos do povo, mas se entrega à busca da verdade. Ao contrário, sinceramente damos testemunho de que certos filósofos gregos conheceram a Deus, porque “Deus é manifesto entre eles”, embora “não o tivessem honrado como Deus nem lhe rendido graças; pelo contrário, eles se perderam em vãos arrazoados”, e, “jactando-se de possuir sabedoria, tornaram-se tolos e trocaram a glória do Deus incorruptível por imagens do homem corruptível, de aves, quadrúpedes e répteis” (Rm 1,19.21-23).

31. Em seguida, em seu desejo de provar que os judeus e os cristãos não têm nenhuma superioridade sobre os animais mencionados acima, ele declara: *Os judeus são escravos fugitivos que outrora fugiram do Egito, que jamais fizeram qualquer coisa de memorável, nem tiveram valor por sua categoria ou número.* Mas eu disse nas páginas anteriores que eles não puderam ser nem egípcios, nem escravos fugitivos, mas que eram hebreus estabelecidos no Egito. Se ele julga certo que eles jamais tiveram valor por sua categoria ou número, pois não se encontra qualquer alusão à história dos judeus entre os gregos, eu responderei: se atentarmos para o seu regime inicial e as disposições de suas leis, veremos que foram homens que apresentavam na terra uma sombra da vida celeste. Entre eles, não havia nenhum outro deus a não ser o Deus supremo; nenhum artífice de imagens que tivesse direito de cidadania. Nenhum pintor, nenhum escultor tinha espaço em seu Estado, pois a lei baniu todos os artistas desse gênero para eliminar qualquer ideia de fazer estátuas, prática que atrai os simples e desvia os olhos da alma para longe de Deus na direção da terra. Havia pois entre eles esta lei: “Não vos pervertais, fazendo para vós uma imagem esculpida em forma de ídolo: uma figura de homem ou de mulher, figura de algum animal terrestre, de algum pássaro que voa no céu, de algum réptil que rasteja sobre o solo, ou figura de algum peixe que há nas águas que estão sob a terra” (Dt 4, 16-18). A intenção da lei era encarar a realidade de cada ser, impedindo que fossem modeladas fora da verdade imagens que mentiam a respeito da verdade do homem e da realidade da mulher, da natureza, dos animais, do gênero dos pássaros, dos répteis, dos peixes. E o motivo era venerável e sublime: “Levantando teus olhos ao céu e vendo o sol, a lua, as es-trelas e todo o exército do céu, não te deixes seduzir para adorá-los e servi-los!” (Dt 4,19).

Que perfeição na vida social de todo um povo em que o efeminado não podia aparecer em público!

Coisa também admirável é que as cortesãs, causa da excitação da juventude, eram banidas da sua cidade! (cf. Dt 23,1.17). Havia igualmente tribunais, compostos dos homens mais justos depois de durante muito tempo terem dado prova de vida íntegra. Eram-lhes confiados os julgamentos, e por causa da pureza de seus costumes acima da natureza humana, eram chamados “deuses”, conforme costume antepassado dos judeus. Era possível ver um povo inteiro se entregar à filosofia. Para terem um tempo de ouvir as leis divinas, foram instituídos entre eles os “sábados” como também suas outras festas. E que dizer da organização de seus sacerdotes e dos sacrifícios que continham mil símbolos transparentes para os que gostam de se instruir?

32. Como não existe nada de estável na natureza humana, era fatal que mesmo este regime pouco a pouco acabasse degenerando e se corrompendo. Mas a Providência, tendo aplicado ao venerável sistema de sua doutrina as mudanças que era preciso para adaptá-lo como convém às pessoas de todos os países, concedeu a todos os crentes do universo, no lugar da religião dos judeus, a religião de Jesus. E Jesus, gratificado não só com inteligência, mas também com uma condição divina, aboliu a doutrina sobre os demônios terrestres que sentem prazer com o incenso, as emanações de gordura e com o sangue, e que, como os Titãs e os Gigantes da fábula, desviavam os homens da noção de Deus. Ele, sem se preocupar com suas manobras, dirigidas sobretudo contra os melhores, deu leis que garantissem a felicidade dos que conformam sua vida a elas, se abstêm completamente de bajular os demônios com sacrifícios e os desprezam absolutamente graças ao Logos de Deus que socorre os que levantam seus olhos a Deus. E como Deus queria que a doutrina de Jesus prevalecesse entre os homens, os demônios perderam todo poder, embora tivessem abalado todas as influências para aniquilar os cristãos. Reis, Senado, governadores de cada país, e até o povo, inconscientes das manobras irracionais e perversas destes demônios, suscitaram tudo contra o Logos e aqueles que creem nele. Mas a Palavra de Deus é mais poderosa que eles todos, e apesar dos obstáculos, transformando obstáculos em alimento para crescer, ela prosseguiu sua marcha e colheu número crescente de almas: pois ela era a vontade de Deus.

Estas observações, ainda que signifiquem digressão, eram necessárias, a meu ver. Pois eu queria responder à acusação de Celso sobre os judeus: são escravos fugitivos que outrora fugiram do Egito, e estes homens amados de Deus jamais fizeram qualquer coisa memorável. Além disso, respondo à sua crítica de que eles não têm valor nem por sua categoria ou número: “raça eleita, sacer- dócio real” (1Pd 2,9), batendo em retirada e evitando o contato com a multidão, para que seus costumes não se corrompessem, estavam sob a guarda do poder divino; não tinham ambição, como a maior parte dos homens, de submeter outros reinos; eles não estavam abandonados a ponto de se tornarem, em vista de seu pequeno número, presa fácil, nem por causa deste pequeno número, de serem destruídos radicalmente. Isto durava enquanto continuavam dignos da proteção de Deus. Mas, tendo a nação inteira pecado, e sendo-lhes necessário voltar para Deus pelo sofrimento, eram abandonados por algum tempo ora mais, ora menos longo, até à hora em que, sob o domínio dos romanos, tendo cometido o maior pecado matando Jesus, foram inteiramente abandonados.

Tradições e genealogias

33. Depois disso, dirigindo seus ataques aos relatos do primeiro livro de Moisés intitulado Gênesis, Celso afirma: *Eles tentaram descaradamente ligar sua genealogia a uma primeira geração de feiticeiros e vagabundos, invocando o testemunho de palavras obscuras, equívocas, como escondidas nas sombras, que eles erroneamente interpretam diante de ignorantes e tolos, e isto sem que jamais este ponto, durante o longo período que precede, fosse posto em discussão.* Parece-me que ele deu aí

uma expressão muito obscura de seu pensamento. Sem dúvida, manteve a obscuridade a respeito deste ponto, vendo claramente a força do argumento que prova que a nação judaica descendia de tais antepassados. Por outro lado, quis parecer não ignorar uma questão fundamental para os judeus e sua raça. É bem claro que os judeus ligam sua genealogia aos três antepassados Abraão, Isaac e Jacó; seus nomes têm tal poder que, quando associados na invocação de Deus, não só as pessoas desta nação, nas orações dirigidas a Deus e nos exorcismos contra os demônios, usam a fórmula “Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacó”, mas também quase todos os que se ocupam com práticas de encantamento e magia. Pois nos livros de magia, encontramos muitas vezes esta invocação de Deus e este emprego do nome de Deus, associado aos nomes destes homens nos exorcismos. Estas razões apresentadas pelos judeus e pelos cristãos para provar a santidade de Abraão, Isaac e Jacó, antepassados da raça judia, não acho que Celso as tenha ignorado inteiramente, mas se abstém de uma exposição clara, incapaz de enfrentar o argumento.

34. De fato, levantamos esta questão a todos os que usam tais invocações de Deus: dizai-nos, meus caros, qual foi a identidade de Abraão, a grandeza de Isaac, o poder de Jacó, para que a invocação “Deus” associada a seus nomes realize tão grandes milagres? E de quem aprendestes ou podeis aprender sobre a vida destes homens? Quem teve o cuidado de escrever sua história, quer exalte ela diretamente estes homens num sentido literal, quer insinue por alusões grandes e admiráveis verdades às pessoas capazes de as perceber? E para responder a nossa pergunta, como ninguém de vós pode mostrar de que história, grega ou bárbara, ou se não de uma história, ao menos de que tratado secreto vem o poder de tais homens, apresentaremos o livro intitulado Gênesis, que contém as ações destes homens e os oráculos que Deus lhes dirigiu, e diremos: será que o uso que também vós fazeis dos nomes destes três primeiros antepassados da nação, compreendendo com toda evidência que por sua invocação obtém-se efeitos não desprezíveis, não prova o caráter divino destes homens? Mas nós não os conhecemos de nenhuma outra fonte a não ser dos livros sagrados dos judeus. Mas de fato, “o Deus de Israel, o Deus dos hebreus, o Deus que precipitou no Mar Vermelho o rei do Egito e os egípcios” são fórmulas muitas vezes empregadas para lutar contra os demônios ou certos poderes perversos. E aprendemos a história dos personagens assim nomeados, e a interpretação desses nomes graças aos hebreus que, nos escritos tradicionais e na sua língua nacional, os celebram e os explicam. Como para os judeus que tentaram ligar sua genealogia à primeira geração desses personagens, que Celso considerou como feiticeiros e vagabundos, haveria algum descaramento em tentar ligar a si mesmos e sua origem a estes homens cujos nomes hebraicos atestam aos hebreus, pois seus livros são escritos na língua e nos caracteres hebraicos, que sua nação é exatamente a destes homens? E até o dia de hoje os nomes judeus pertencem à língua hebraica, quer provenham eles de seus escritos, quer simplesmente de significações particulares à língua.

35. Cabe ao leitor do livro de Celso enxergar se ele não insinua isso na passagem: “Eles tentaram ligar sua genealogia a uma primeira geração de feiticeiros e vagabundos, invocando o testemunho de palavras obscuras, equívocas, como escondidas em sombras.” Estes nomes são bem ocultos, tirados da luz e do conhecimento do povo. Segundo o que acreditamos, eles não são equívocos, ainda quando empregados por estranhos à nossa religião; mas, segundo Celso, que não estabelece o caráter equívoco destas palavras, não sei por que eles devam ser rejeitados. No entanto, se ele quisesse refutar sensatamente a genealogia que os judeus se arrogavam, segundo ele, com um descaramento extremo gabando-se de Abraão e de seus descendentes, deveria ter citado todas as passagens referentes ao assunto, fundamentar primeiro a opinião que lhe parecia plausível, e em seguida refutar seriamente em nome da verdade que ele via e dos argumentos em seu favor, as passagens relativas ao assunto.

Mas, discutindo a questão da natureza dos nomes empregados para os milagres, nem Celso nem ninguém mais poderá dar uma explicação exata e convencer de que se pode facilmente desprezar homens cujos nomes por sua própria força têm poder, não só entre seus compatriotas, mas também entre os estrangeiros.

E lhe seria necessário mostrar como, interpretando à nossa maneira aos ignorantes e aos tolos a significação destes nomes, nós enganamos, a seu ver, os ouvintes, ao passo que ele, que se vangloria de não ser nem ignorante nem tolo, dê a verdadeira interpretação deles! E observa de passagem, em seu discurso sobre estes nomes aos quais os judeus ligam sua genealogia, que nunca houve, durante o longo período que precede, qualquer discussão a seu respeito, *ao passo que agora os judeus discutem sobre isto com outros*, que ele se absteve de citar. Desta forma, mostre quem quiser aqueles que reivindicam e afirmam o menor argumento plausível entre os judeus para estabelecer, com a fragilidade da doutrina dos judeus e dos cristãos sobre os nomes das personagens em questão, que outros deram sobre eles as explicações mais sábias e mais verdadeiras! Mas tenho certeza que ninguém poderá fazer isto, pois é manifesto que os nomes são tirados da língua hebraica que só encontramos entre os judeus.

História ou alegoria? O primeiro casal e a serpente

36. Em seguida, Celso cita pormenores de uma história estranha à divina Escritura: *Os povos que reivindicam antiguidade remota: atenienses, egípcios, arcádios, frígios, afirmam que alguns de seus membros nasceram da terra, e cada qual apresenta as provas.* Depois afirma: *Os judeus, escondidos num canto da Palestina, que jamais tinham ouvido falar que tal história fora decantada outrora por Hesíodo e mil outros autores inspirados, compuseram uma história bastante inverossímil e grosseira: um homem modelado pelas mãos de Deus e recebendo um sopro, uma mulher tirada de sua costela, mandamentos de Deus, uma serpente revoltando-se contra eles e a serpente saindo vitoriosa das prescrições de Deus. Conto da carochinha, impiedade maior do que esta ficção em que Deus é tão fraco desde a origem que nem mesmo pode convencer o único homem que ele mesmo modelou!* Eis aí como Celso, autor muito sábio e instruído que censura aos judeus e aos cristãos a falta de saber e cultura, mostra a precisão com que ele sabia as datas de cada escritor grego e bárbaro! Ele acredita em Hesíodo e em mil outros autores, qualificados por ele como inspirados, mais antigos do que Moisés e seus escritos, Moisés que manifestamente é bem anterior à guerra de Tróia! Portanto, não foram os judeus que compuseram a história muito inverossímil e grosseira sobre o homem nascido da terra, são os autores inspirados, segundo Celso, Hesíodo e mil outros. Sem nada ter aprendido nem entendido das tradições bem mais antigas e bem mais veneráveis difundidas na Palestina, eles escreveram histórias sobre suas origens, *Eeias e Teogonias*, atribuindo, enquanto pudessem, a seus deuses um nascimento e uma infinidade de outras tolices! Platão bane com razão de sua República, como corruptores da juventude, a Homero e aos autores destes poemas. Evidentemente, Platão não julgou inspirados autores que deixaram semelhantes poemas. Mas, haveria um juiz mais competente que Platão, Celso, o epicureu, se realmente foi ele que compôs os dois outros tratados contra os cristãos; mas, talvez seja por espírito de disputa que ele citou como inspirados autores que ele não podia acreditar inspirados.

37. Ele nos critica o fato de apresentarmos o homem como modelado pelas mãos de Deus. Mas o livro do Gênesis não fala das mãos de Deus nem quando Deus forma o homem nem quando o modela. Apenas Jó e Davi dizem: “Tuas mãos me formaram e me modelaram” (Jó 10,8; Sl 118,73): a este respeito seria preciso uma longa explicação para definir o pensamento dos que assim falam, não

apenas da diferença entre fazer e modelar, mas também das mãos de Deus. Por não terem entendido estas locuções e outras semelhantes nas divinas Escrituras, muitos imaginam que atribuímos ao Deus supremo uma forma semelhante à do homem; e assim sendo, seria lógico acreditarmos que existam asas no corpo de Deus, pois é desta forma que nossas Escrituras, tomadas ao pé da letra, se referem a Deus. Mas o assunto em questão não requer que eu as interprete aqui; foi o objeto principal de meus esforços em meus Comentários sobre o Gênesis.

Vê então a maldade de Celso no que vem a seguir. Diz nossa Escritura sobre a formação do homem: “Insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2,7). Mas ele, com a intenção de criticar maldosamente, sem ter compreendido o sentido da expressão: “Insuflou em suas narinas um hálito de vida”, escreveu: Eles compuseram a história de um homem modelado pelas mãos de Deus e recebendo seu hálito, para que o termo “insuflar”, que se emprega igualmente em se tratando de odres que são enfunados, provoque riso com as palavras: “Insuflou em suas narinas um hálito de vida”; mas a expressão dita num sentido figurado, requer explicação que mostre que Deus deu ao homem o dom do espírito incorruptível, do qual se diz: “Todos levam o teu espírito incorruptível” (Sb 12,1).

38. Em seguida, em seu intuito de denegrir a Bíblia, também investe contra esta passagem: “Então o Senhor Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez crescer carne em seu lugar. Depois, da costela que tirara do homem, o Senhor Deus modelou uma mulher...” etc. (Gn 2,21-22), mas não cita o texto que pode fazer o leitor entender o caráter figurado do relato. Nem mesmo parece admitir que se trata de alegorias, embora diga em seguida: os mais sensatos judeus e cristãos, pela vergonha que sentem, tentam dar uma interpretação alegórica da história. Podemos responder-lhe: neste caso, a história contada por Hesíodo, teu autor inspirado, sob a forma de um mito sobre a mulher, teria um sentido alegórico quando ele faz dela “um mal” causado por Zeus aos homens “em lugar do fogo”, ao passo que a história da mulher, tirada da costela de Adão adormecido com um sonho milagroso, e modelada por Deus, te pareceria escrita sem nenhuma razão nem significado oculto?

Mas é insensato não rir da primeira história como se ri de um mito, admirar-lhe ao contrário o sentido filosófico sob o véu do mito, e da segunda, aplicando seu espírito à letra exclusivamente, criticá-la pensando que não tem razão de ser. Pois, se fosse necessário, conforme a letra simplesmente, questionar seu sentido alegórico, vê se os versos de Hesíodo, autor que dizes inspirado, não incorrem com mais razão na mesma crítica. Eis o que ele escreveu: “E irado, Zeus que reúne as nuvens lhe disse: ‘Filho de Japeto, que tens a respeito um conhecimento maior que todos os outros, oxalá rias por teres roubado o fogo e enganado minha alma, para tua maior desgraça como para desgraça dos homens que vão nascer! Em vez de fogo, eu lhes darei como presente um mal, no qual todos, no fundo do coração, terão o prazer de cercar de amor sua própria desgraça.’ Diz isto e executa o pai dos deuses e dos homens; ordena ao ilustre Hefesto que sem tardar, misture com água um pouco de terra, nela coloque a voz e as forças de um ser humano e forme com ela, à imagem das deusas imortais, um belo corpo amável de virgem; Atena lhe ensina seus trabalhos, a profissão que tece mil cores; Afrodite com o ouro de sua fronte espalhará a graça, o doloroso desejo, os cuidados que rompem os membros, enquanto um espírito impudente, um coração artificioso serão, por ordem de Zeus, colocados nela por Hermes, o Mensageiro, matador de Argos. Ele diz, e todos obedecem ao senhor Zeus, filho de Crono. Às pressas, o ilustre Coxo modela na terra a forma de uma casta virgem, segundo a vontade do Cronida. A deusa de olhos glaucos, Atena, a adorna e lhe cinge a cintura. Em volta de seu pescoço, as Graças divinas, a augusta Persuasão colocam colares de ouro; e em volta dela

as Horas dos belos cabelos dispõem em guirlandas flores de primavera. Palas Atena ajusta em seu corpo todos os seus adornos. E em seu seio, o Mensageiro, matador de Argos, cria mentiras, palavras enganosas, coração artificioso, como o deseja Zeus com pesados bramidos. Depois, na qualidade de arauto dos deuses, coloca nela a palavra, e a esta mulher dá o nome de Pandora, porque são todos os habitantes do Olimpo que, com este presente, dão como presente a desgraça aos homens que comem o pão.”

Ridículo em si mesmo é também o que ele diz sobre a jarra:

“A raça humana vivia antigamente na terra resguardada e distante dos sofrimentos, da dura fadiga, das doenças dolorosas, que trazem a morte aos homens. Mas a mulher, levantando com suas mãos a grande tampa da jarra, os dispersou pelo mundo e preparou para os homens tristezas e cuidados. Só a esperança ficou lá no interior de sua inquebrável prisão, sem passar as bordas da jarra, pois Pandora já tinha recolocado a tampa da jarra.”

Diremos ao que dá uma interpretação alegórica profunda desta passagem, atinja ele ou não o sentido da alegoria: somente aos gregos será permitido encontrar verdades filosóficas sob significados ocultos, como também aos egípcios e a todos os bárbaros que levam a sério a verdade de seus mistérios; mas apenas os judeus, seu Legislador e seus escritores te pareceram os mais idiotas de todos os homens, e esta única nação não recebeu nenhuma parte do poder divino, ela que foi instruída a elevar-se tão magnificamente até à natureza incriada de Deus, a fixar os olhos somente nele, a colocar nele somente suas esperanças?

39. Celso também critica a passagem sobre a serpente que se rebela contra as ordens que Deus deu ao homem, considerando a narrativa como história da carochinha. Ele evita de propósito mencionar o “jardim” e a maneira como se diz que Deus o plantou “no Éden, no oriente”, e que em seguida “fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gn 2,8-9), em seguida as palavras aí acrescentadas, capazes só elas de incitar o leitor de boa fé a ver que tudo isto pode, sem inconveniência, ser compreendido em sentido figurado. Vamos então comparar com ele as palavras de Sócrates sobre Amor no *Banquete* de Platão, atribuídas a Sócrates considerado mais venerável do que todos os que tratam desta matéria no *Banquete*. Esta é a passagem de Platão:

“No dia em que nasceu Afrodite, os deuses se banquetevam, e entre eles, o filho de Invenção, chamado Expediente. Ao sair do festim, Pobreza veio mendigar, pois tinham feito uma festança, e lá estava ela na porta. Expediente, embriagado de néctar — ainda não existia vinho — entrou no jardim de Zeus e caiu em profundo sono. Pobreza, então, sem nenhum expediente, planeja ter um filho de Expediente: deita-se a seu lado, e fica grávida de Amor. E assim Amor se tornou companheiro e servo de Afrodite, tendo sido gerado durante as festas de seu nascimento, e além disso naturalmente enamorado de sua beleza, pois Afrodite também é bela. Eis então em que fortuna foi colocado Amor, desde então, como Filho de Expediente e de Pobreza. De início, é pobre, e longe de ser delicado e belo como a maior parte o imagina: ele é rude, sujo, pé no chão, sem eira nem beira, deitando no chão duro ou pelas estradas, como bom filho de sua mãe sempre em harmonia com a indigência. Por outro lado, à semelhança de seu pai, vive à procura de tudo que é bom e belo; corajoso, audaz, com todas as forças prontas a agir, caçador temível sempre tramando ciladas, ávido de pensamento, rico de ideias expedientes, em busca de saber por toda a vida, perito em encantamentos, em filtros, em argúcias. Nem imortal por natureza, nem mortal, ora no mesmo dia está em flor, em plena vida quando seus expedientes surtem efeito, ora morre, mas revive

seguindo o atavismo de seu pai. Mas os frutos de seus expedientes continuamente lhe fogem do alcance, de modo que Amor nunca é pobre, jamais rico. De resto, sempre a meio caminho entre o saber e a ignorância.”

Os leitores desta página, nos moldes da malícia de Celso — oxalá os cristãos não o sigam! — podem zombar do mito e ridicularizar o sublime de Platão. Mas, num estudo filosófico dos pensamentos revestidos da forma do mito, chegando a descobrir a intenção de Platão, podemos admirar a maneira como ele conseguiu ocultar as grandes doutrinas para ele evidentes sob a forma de um mito, por causa do povo simples, e a dizê-los como se deve àqueles que sabem descobrir em mitos a significação verdadeira de seu autor. Citei este mito de Platão por causa de seu “jardim de Zeus” que parece corresponder ao jardim de Deus, por causa igualmente de Pobreza, comparável à serpente que nele se encontra, e de Expediente a quem Pobreza tem aversão, como a serpente que tem aversão ao homem. Mas podemos também nos perguntar se Platão conseguiu encontrar estas histórias por acaso; ou se, como alguns pensam, em sua viagem ao Egito, encontrou os que interpretam filosoficamente as tradições judaicas, aprendeu deles certas ideias, conservou algumas, plagiou outras, evitando ofender os gregos ao conservar integralmente as doutrinas da sabedoria judaica, objeto da aversão geral pelo caráter estranho de suas leis e pela forma particular de seu regime. Mas nem o mito de Platão, nem a história “da serpente” e do jardim de Deus com tudo o que nele ocorreu, precisam receber aqui sua explicação: esta é o assunto principal de meus esforços nos Comentários sobre o Gênesis.

40. À afirmação que ele faz sobre a narrativa de Moisés: haverá impiedade maior do que esta ficção em que Deus é tão fraco desde a origem que nem consegue convencer o único homem que ele mesmo modelou! Responderei que ela está conexas com a crítica da própria existência do mal, que Deus não pôde afastar de um só homem para que ao menos um só homem qualquer dele ficasse livre, desde a origem. Assim como sobre este ponto a preocupação de defender a Providência fornece justificações tão numerosas quanto válidas, da mesma forma para Adão e sua falta, encontraremos a explicação sabendo que, traduzida do grego, a palavra “Adão” significa homem, e que, ao se referir a Adão, Moisés fala da natureza do homem. É que, segundo a Escritura, “em Adão todos morrem!” (1Cor 15,22), e foram condenados “de modo semelhante à transgressão de Adão” (Rm 5,14), a afirmação da palavra divina referindo-se não propriamente a um só indivíduo, mas à totalidade da raça. E de fato, nas palavras a seguir que parecem ter em vista um só indivíduo, a maldição de Adão é comum a todos; e não existe mulher à qual não se aplique o que se diz contra a mulher. Além disso, a narrativa do homem expulso do jardim com sua mulher, revestido das “túnicas de peles” que Deus, por causa da transgressão dos homens, confeccionou para os pecadores, contém um ensinamento secreto e misterioso bem superior à doutrina de Platão sobre a descida da alma que perde suas asas e é arrastada cá para baixo “até que se agarre a alguma coisa sólida”.

O dilúvio e a arca

41. E continua nestes termos: *Trata-se então de um dilúvio e de uma estranha arca, que contém todos os seres, de uma pomba e de uma gralha usadas como mensageiras: plágio sem escrúpulo da história de Deucalião; não repararam, penso eu, que esta fábula viria a público, mas a contaram ingenuamente às crianças.* Observa aqui também o ódio bem pouco filosófico deste autor contra a antiquíssima Escritura dos judeus. Pois ele não pode denegrir a história do dilúvio. Ele ignora mesmo as objeções possíveis contra a arca e suas dimensões, por exemplo, que ao aceitar como o povo simples faz os números de “trezentos côvados” de comprimento, “cinquenta” de largura, “trinta” de

altura, não é possível sustentar que ela abrigou os animais que estão na terra, quatorze de cada espécie pura, quatro de cada espécie impura. Então ele se contenta em qualificá-la como estranha arca abrigando todos os seres. Mas que terá ela de estranho, pois como contam, foi construída em cem anos, e foi reduzida dos trezentos côvados de comprimento, dos cinquenta de largura, até que os trinta côvados de sua altura terminassem num só côvado de comprimento e de largura? Não seria mais admirável que esta construção, semelhante a uma cidade bem grande, fosse descrita pelas dimensões tiradas do poder, de modo que ele fosse, em sua base, de miríades de côvados de comprimento, e de dois mil e quinhentos de largura? Não se deveria admirar o projeto de torná-la sólida e capaz de suportar a tempestade, causa do dilúvio? E com efeito, não é nem de resina, nem qualquer outra matéria desta natureza, mas de betume que ela foi fortemente calafetada? E não é coisa admirável que os sobreviventes de cada espécie tenham sido introduzidos no interior pela Providência de Deus, para que a terra tivesse de novo as sementes de todos os seres vivos, tendo Deus se servido do homem mais justo que seria o pai daqueles que nasceriam depois do dilúvio?

42. Celso rejeitou a história da pomba para dar a impressão de ter lido o livro do Gênesis, mas nada pôde apresentar como prova do caráter fictício desta história. Depois, conforme seu hábito de traduzir a Escritura em termos ridículos, faz do corvo uma gralha e supõe que Moisés transcreveu aí sem nenhum escrúpulo a história grega de Deucalião; a não ser talvez que ele considere o livro como obra não apenas de Moisés mas de diversos autores, como indica a frase: “Plágio sem escrúpulo da história de Deucalião”; ou também esta: “Não repararam, penso eu, que esta fábula viria a público”. Mas como explicar que aqueles que transmitiram a Escritura à nação inteira não repararam que ela viria a público, quando eles mesmos predisseram que esta religião seria pregada a todas as nações? E quando Jesus disse aos judeus: “O Reino de Deus vos será tirado e confiado a um povo que produza seus frutos” (Mt 21,43), que outra disposição tem ele em vista senão apresentar ele mesmo ao público pelo poder divino, toda a Escritura judaica que contém os mistérios do Reino de Deus? Depois disto, como leitores das teogonias dos gregos e das histórias de seus doze deuses, eles lhes atribuem um caráter venerável por meio de interpretações alegóricas; como detratores de nossas histórias, tacham-nas de fábulas ingênuas contadas às crianças!

Histórias de famílias

43. A menção que ele faz de *uma procriação totalmente absurda e fora da idade*, embora não mencione o nome próprio, designa evidentemente a de Abraão e Sara. Quando rejeita as *astúcias de irmãos*, quer se referir às de Caim contra Abel, ou também de Esaú contra Jacó. *A dor de um pai* pode ser a de Isaac na partida de Jacó, talvez também a de Jacó ao ver José levado para ser vendido no Egito. A expressão *embustes de mães* designa em seu texto, creio eu, as disposições tomadas por Rebeca para fazer cair não sobre Esaú, mas sobre Jacó, as bênçãos de Isaac. Mas que haverá de absurdo em dizer que *Deus colaborou de perto em tudo isto*, na persuasão que temos de que sua divindade jamais se afasta dos que se consagram a ele, levando uma vida de virtude sólida? Critica igualmente o enriquecimento de Jacó na casa de Labão, por não ter compreendido o sentido das palavras: “As que não tinham marca eram para Labão, as que estavam marcadas, para Jacó” (cf. Gn 30, 42). E diz: *Deus deu a seus filhos burros, ovelhas e camelos*, por não ter visto que “estas coisas lhes aconteceram para servir de exemplo e foram escritas para nossa instrução, nós que fomos atingidos pelo fim dos tempos” (1Cor 10,11); as nações diversas foram entre nós marcadas e são governadas pela palavra de Deus, riqueza dada que figurativamente se chama Jacó. A história de Labão e Jacó indica a chegada daqueles que virão das nações à fé em Cristo.

44. E ele está longe do sentido das Escrituras quando diz: *Deus mesmo deu poços aos justos*. Não observou que os justos evitam construir cisternas, mas cavam poços para si, procurando descobrir a fonte interior e a origem das águas doces, pois receberam o mandamento que também afirma em sentido figurado: “Bebe a água da tua cisterna, a água que jorra do teu poço. Não derrames pela rua o teu manancial, nem os teus ribeiros pelas praças. Sejam para ti somente, sem reparti-los com estrangeiros” (Pr 5,15-17). Não poucas vezes a Escritura aproveita a ocasião de acontecimentos reais que ela descreve, para expor, em figuras, verdades mais profundas, como são estas passagens sobre os *poços*, os *casamentos* e as diferentes *uniões dos justos*: procuraremos elucidar melhor este assunto oportunamente nos *Comentários* destas passagens. A prova de que estes poços foram cavados pelos justos na terra dos filisteus, conforme a narrativa do Gênesis, está nestes poços maravilhosos que são mostrados em Ascalon, dignos de menção pelo caráter estranho e insólito de sua construção se comparados aos outros poços.

Não somos nós que ensinamos que é preciso compreender alegoricamente *as jovens mulheres e as jovens servas*, mas aprendemos isto dos sábios que nos precederam. Um deles dizia, elevando seus ouvintes ao sentido espiritual: “Dizei-me, vós que quereis estar debaixo da Lei, não ouvistes a Lei? Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da serva e outro da livre. Mas o da serva nasceu segundo a carne; o da livre, em virtude da promessa. Isto foi dito em alegoria. Elas, com efeito, são as duas alianças; uma, a do monte Sinai, gerando para a escravidão: é Agar” (Gl 4,21-24). E, mais adiante: “Mas a Jerusalém do alto é livre e esta é a nossa mãe” (Gl 4,26). E quem quiser ler a carta aos Gálatas saberá de que maneira compreender alegoricamente as passagens sobre *os casamentos e as uniões com as servas*, pois é vontade da Escritura que procuremos com ardor as ações daqueles que as realizaram, não na sua aparência corporal, mas, como costumam chamá-las os apóstolos de Jesus, em seus significados espirituais.

45. Celso deveria reconhecer a sinceridade dos autores das divinas Escrituras no fato de eles não terem escondido nem mesmo atos desonrosos, e conseqüentemente, considerar como autênticas as outras histórias ainda mais maravilhosas. Ele fez exatamente o contrário e, sem examinar a letra nem investigar o espírito, chamou de *mais abominável do que os crimes de Tieste* a história de Ló e de suas *filhas*. Não precisamos expor aqui o que significam alegoricamente nesta passagem Sodoma e a palavra dos anjos dirigida ao que eles salvavam de lá: “Não olhes para trás de ti nem te detenhas em nenhum lugar da Planície; foge para a montanha, para não perceres!” (Gn 19,17); ou o que significam Ló, sua mulher transformada “em estátua de sal” por ter virado para trás, suas filhas embriagando o pai para se tornarem mães graças a ele. Mas, procuremos atenuar em poucas palavras os inconvenientes da história. Também os gregos procuraram a natureza das ações boas, más e indiferentes. Dentre eles os que melhor trataram desta matéria fazem depender as boas e más ações unicamente da liberdade; chamam indiferentes no sentido próprio todas as que são investigadas independentemente da liberdade: se a liberdade é usada como convém, é louvável, caso contrário, é censurável. Dizem, portanto, a respeito desta questão das ações “indiferentes”, que unir-se à sua filha é em sentido próprio indiferente, embora não se deva fazer isto nas sociedades constituídas. Por hipótese, a fim de mostrar o caráter indiferente de tal ato, imaginaram o caso de um sábio, deixado com sua filha sozinha depois da destruição de todo o gênero humano e se perguntam se seria conveniente que o pai se una à sua filha para evitar, segundo a hipótese, a perda do gênero humano inteiro.

Então, será esta uma opinião sadia entre os gregos, defendida pela escola dos estoicos que não é desprezível conforme seu modo de ver? Mas quando as filhas jovens, cientes do incêndio do mundo,

mas de modo confuso, à vista do fogo que devasta sua cidade e sua terra, supuseram que a última centelha de vida pela humanidade subsistia no seu pai e nelas, e providenciaram, dentro desta perspectiva, pela manutenção do mundo, seriam elas inferiores ao sábio da hipótese estoica que se uniria legitimamente às suas filhas na destruição da humanidade? Não ignoro o escândalo causado a alguns pela intenção das filhas de Ló, e seu julgamento sobre a impiedade de seu ato: disseram que desta união ímpia se originaram as nações malditas dos moabitas e amonitas. Na verdade, não se pode constatar que a Escritura aprove claramente como boa esta ação, nem que ela a rejeite ou censure. Mas de qualquer modo, o acontecimento pode ser interpretado em sentido espiritual, e ele também tem em si mesmo certa escusa.

46. Celso abomina o *ódio*, aquele que Esaú nutria contra Jacó, e cuja maldade a Escritura reconhece; depois, sem citar claramente a história de Simeão e Levi *que procuraram vingar sua irmã* violada pelo filho do rei de Siquém, ele os acusa a ambos. Fala *dos irmãos que vendem*: os filhos de Jacó; *do irmão que é vendido*: José; *do pai que se deixa burlar*: Jacó, que não teve nenhuma desconfiança quando seus filhos lhe mostraram “a túnica adornada” de José, mas acreditou neles e “chorou”, como se estivesse morto, a José vendido como escravo no Egito. Eis o ódio sem amor da verdade com que Celso multiplica os lances da história. Onde ela lhe parece conter motivos de crítica, ele a cita; quando, porém, ela prova a memorável castidade de José, que se recusa, apesar dos rogos e ameaças daquela que era legalmente sua senhora, ele não se lembra mais da história. De maneira bem superior às ações narradas de Belerofonte, vemos de fato José preferir a prisão à perda de sua castidade: pelo menos, quando podia se defender e se justificar contra sua acusadora, sua magnanimidade o levou ao silêncio e a entregar sua causa nas mãos de Deus.

47. Depois disto, por desencargo de consciência, mas de uma maneira muito obscura, ele menciona *sonhos* do copeiro-mor e do padeiro-mor, do Faraó, da *explicação* deles pela qual José foi retirado da prisão, tendo-lhe então o Faraó confiado o segundo trono do Egito. Qual então o absurdo desta história, ainda que entendida literalmente, para Celso fazer dela um motivo de acusação, ele que intitidou *Discurso verdadeiro* um tratado que não contém doutrinas, mas acusações contra cristãos e judeus? E acrescenta: *Aquele que tinha sido vendido trata com benignidade seus irmãos que o haviam vendido, quando foram forçados pela fome a procurar provisões com seus burros*; mas não mostra o que ele fez. Cita igualmente o *reconhecimento*, mas não sei nem seu plano, nem o que ele encontra de absurdo, na cena do reconhecimento. O próprio Momo, se posso dizer, não faria uma crítica sensata desta história que, acima de qualquer sentido alegórico, parece tão atraente. Ele apresenta ainda José, *como vendido escravo em outros tempos, posto agora em liberdade e retornando em grande cortejo ao túmulo de seu pai*. E julga encontrar na história um motivo de acusação, ao afirmar: *Por ele — evidentemente José — a ilustre e divina raça dos judeus, que se multiplicara no Egito, recebeu a ordem de residir em algum outro lugar, e apascentar seus rebanhos numa região desprezada*. Seu projeto de ódio o leva a dizer que ela recebeu a ordem de apascentar seus rebanhos numa região desprezada, sem mostrar como o distrito de Gessen no Egito é uma região desprezada. A saída do povo *da terra do Egito* é chamada por ele de *fuga*, sem a menor consideração com o que está escrito no Êxodo sobre a saída dos hebreus da terra do Egito. Apresentei estes exemplos para mostrar que mesmo aquilo que, entendido em sentido literal, não parece ser objeto de crítica, Celso transforma em acusação frívola, sem provar por argumento algum o que ele julga perverso nas nossas Escrituras.

A interpretação alegórica

48. Em seguida, entregue por assim dizer unicamente ao seu ódio e à sua animosidade contra a doutrina dos judeus e dos cristãos, ele diz: *Os mais sensatos dos judeus e dos cristãos alegorizam tudo isto. E afirma: A vergonha que eles têm desta história os faz se refugiarem na alegoria.* Poderíamos dizer: se devemos chamar de vergonhosas em sua acepção primeira as doutrinas dos mitos e das ficções, escritos com um sentido figurado ou de qualquer outra maneira, a que histórias esta qualificação se impõe senão às histórias gregas? Nelas os deuses filhos castram os deuses pais; os deuses pais devoram os deuses filhos; a deusa mãe, no lugar de um filho, entrega àquele que é pai “dos deuses e dos homens” uma pedra; um pai se une à sua filha; uma mulher acorrenta o marido, tomando como cúmplices para o prender o irmão e a filha daquele que ela acorrenta. Mas, por que deveria eu enumerar as histórias absurdas dos gregos sobre seus deuses, manifestamente vergonhosas mesmo alegorizadas? Desta forma, a passagem em que Crisipo de Soles, que, segundo se afirma, honrou o Pórtico com muitas obras geniais, explica um quadro de Samos em que Hera é representada cometendo com Zeus um ato obscuro. O grave filósofo diz em seu tratado que a matéria, tendo recebido as razões seminais de Deus, guarda-as em si mesma para a organização do universo. No quadro de Samos, Hera é a matéria e Zeus é Deus. Por esse motivo e por causa dos mitos deste gênero e de uma infinidade de outros, recusamos chamar, ainda que apenas de nome, o Deus supremo de Zeus, o sol de Apolo, e a lua de Ártemis. Mas, praticando uma piedade pura com o Criador, e louvando a beleza de suas criaturas, nós não aviltamos, nem mesmo de nome, as coisas divinas, aprovando a palavra de Platão no *Filebo*, que não concorda que o prazer seja um deus: “Minha reverência, Protarco, pelo nome dos deuses é profunda.” Também nós na verdade estendemos nossa reverência ao nome de Deus e de suas belas criaturas e recusamos, mesmo sob pretexto de alegoria, qualquer outro mito corruptor para a juventude.

49. Uma leitura leal da Escritura teria impedido Celso de dizer que nossos livros não admitem alegoria. Com efeito, partindo das profecias em que são relatados os fatos históricos e não a partir da história, podemos nos convencer de que mesmo os fatos históricos foram relatados em vista de uma interpretação alegórica, e muito sabiamente adaptados às necessidades do povo de fé simples, e da elite que quer e pode examinar as questões com inteligência. Se aqueles que, conforme Celso, são hoje considerados judeus e cristãos sensatos fossem os únicos a alegorizar as Escrituras, poderíamos supor que Celso disse uma coisa plausível. Mas, como os autores de nossas doutrinas e os escritores recorrem eles mesmos a estas interpretações alegóricas, o que se há de supor senão que eles escreveram de maneira que estes fatos sejam interpretados alegoricamente conforme sua intuição principal?

Entre muitas outras, citarei algumas passagens para mostrar a calúnia gratuita de Celso quando diz que as Escrituras não admitem alegoria. Aqui vai uma declaração de Paulo, Apóstolo de Jesus: “Na lei de Moisés está escrito: ‘Não amordaçarás o boi que tritura o grão’. Acaso Deus se preocupa com os bois? Não é, sem dúvida, por causa de nós que ele assim fala? Sim; por causa de nós é que isto foi escrito, pois aquele que trabalha deve trabalhar com esperança e aquele que pisa o grão deve ter a esperança de receber a sua parte” (1Cor 9,9-10). E o mesmo escritor diz em outra parte: “Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe e se ligará à sua mulher; e serão ambos uma só carne. É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja” (Ef 5,31-32). E ainda em outra passagem: “Não quero que ignoreis, irmãos, que nossos pais estiveram todos sob a nuvem, todos atravessaram o mar e, na nuvem e no mar, todos foram batizados em Moisés” (1Cor 10,1-2). Depois, interpretando a história do maná e da água que jorrou da pedra milagrosamente, na expressão da Escritura, assim diz: “Todos comeram o mesmo alimento espiritual, e todos beberam a mesma bebida

espiritual, pois bebiam de uma rocha espiritual que os acompanhava, e essa rocha era Cristo” (1Cor 10,3-4). E Asaf mostrou que as histórias do Êxodo e dos Números são mistérios e parábolas, como está escrito no livro dos Salmos: “Povo meu, escuta a minha lei, dá ouvido às palavras da minha boca; vou abrir minha boca numa parábola, vou expor enigmas do passado. O que nós ouvimos e conhecemos, o que nos contaram nossos pais, não o esconderemos a seus filhos; nós o contaremos à geração seguinte” (Sl 77,1-3).

50. Além disso, se a lei de Moisés não contivesse nada que elucidasse os significados simbólicos, o profeta não diria a Deus em sua oração: “Tira o véu dos meus olhos para eu contemplar as maravilhas que vêm de tua lei” (Sl 118,18). Mas na realidade ele sabia bem que há um “véu” de ignorância cobrindo o coração daqueles que leem e não compreendem os sentidos figurados. Este véu é retirado por favor divino quando Deus ouve aquele que fez tudo que pôde, que se acostumou a exercer suas faculdades em distinguir o bem e o mal e constantemente diz em sua prece: “Tira o véu dos meus olhos para eu contemplar as maravilhas que vêm de tua lei.” E quando lê que o dragão vive no rio do Egito e os peixes se escondem debaixo de suas escamas, ou as montanhas do Egito são cobertas com os “excrementos” do Faraó, não é ele logo levado a procurar saber quem é aquele que cobre as montanhas do Egito dessa quantidade de excrementos fétidos, quais são as montanhas do Egito, quais os rios do Egito de que se gaba o Faraó acima referido dizendo: “Meus são os rios e fui eu quem os fez” (cf. Ez 32,6), quem é o dragão, no contexto da interpretação alegórica dos rios, e quem são os peixes debaixo das escamas? Mas, por que hei de provar também o que não carece de prova, e acerca do qual se diz: “Quem é sábio com-preenda isto, quem é inteligente reconheça-o!” (Os 14,9).

Desenvolvi um pouco o argumento, no intuito de mostrar que Celso não podia ter razão de dizer: *Os mais sensatos dos judeus e dos cristãos procuram dar uma explicação alegórica destes fatos; mas há alguns deles que não admitem a alegoria e são manifestamente fábulas da espécie mais idiota.* E as histórias gregas, na verdade, não são de espécie mais idiota, e também mais ímpia? Pois as nossas têm em vista inclusive o povo simples, o que os autores de ficções gregas esqueceram. Por isso, não é simplesmente por má vontade que Platão expulsa de sua República os mitos e os poemas desta espécie.

51. Celso também parece ter ouvido falar que existem livros com alegorias sobre a Lei. Se os tivesse lido, não teria dito: *Pelo menos as alegorias aparentemente escritas a seu respeito são bem mais vergonhosas e mais absurdas do que os mitos, pois elas procuram, por uma loucura estranha e completamente estúpida, associar coisas que não têm nenhuma relação.* Por esta observação ele parece ter em mira os escritos de Fílon, ou de autores mais antigos ainda, como os de Aristóbulo. Imagino, porém, que Celso não leu os livros, pois me parecem em muitos pontos tão felizes que mesmo os filósofos gregos seriam conquistados pelo que dizem. Encontramos neles uma elaboração não só de estilo, mas também de pensamentos e doutrinas, e o emprego daquilo que Celso julga mitos nas Escrituras. Sei que Numênio, o Pitagórico, o melhor comentarista de Platão e o autor mais versado em doutrinas pitagóricas, cita em vários lugares de seus tratados as passagens de Moisés e dos profetas, e lhes aplica interpretações alegóricas que têm certa verossimilhança, como no que ele intitula *Epops*, ou em seus tratados *Sobre os Números e Sobre o Lugar*. E no terceiro livro *Sobre o Bem*, até cita uma história sobre Jesus, sem lhe mencionar, porém, o nome, e a interpreta alegoricamente; com sucesso ou não, vamos responder a isto oportunamente, em outra ocasião. Cita igualmente a história de Moisés, Janes e Jambres. Não quer dizer que encontremos aí um motivo para nos gloriar, mas aprovamos mais que Celso e os outros gregos o autor que quis sinceramente examinar nossas Escrituras e foi levado a ver nelas livros cheios de significados alegóricos e não de loucuras.

52. Em seguida, entre todos os tratados que contêm alegorias e interpretações numestilo que tem a sua beleza, escolheu o mais comum, capaz de favorecer a fé do povo simples, mas muito incapaz de impressionar os inteligentes. Diz ele: *Deste gênero justamente conheço uma controvérsia de um certo Papisco e Jasão, que merece menos o riso do que a compaixão e o ódio. Longe, porém, de mim a intenção de refutar suas inépcias: são evidentes a todos, principalmente àquele que tem a paciência de suportar a leitura em si do livro. Prefiro ensinar isto de acordo com a natureza: Deus nada fez de mortal; mas todos os seres imortais são obras de Deus, e os seres mortais são obras dos imortais. A alma é obra de Deus, mas diversa é a natureza do corpo. Na verdade, a este respeito, não haverá nenhuma diferença entre um corpo de morcego, de verme, de rã ou de homem: a natureza deles é a mesma, e da mesma espécie igualmente seu princípio de corrupção.* Contudo, eu gostaria que aquele que ouviu Celso se indignar e declarar que o tratado intitulado *Controvérsia de Papisco e de Jasão* sobre Cristo merece menos o riso do que o ódio tome em mãos o pequeno tratado e tenha a paciência de suportar a leitura do que ele contém, a fim de condenar imediatamente Celso, porque ele não encontra nada que mereça o ódio. Um leitor imparcial verá que o livro nada tem que mereça riso: aí se apresenta um cristão que discute com um judeu, com base nas Escrituras judaicas, mostrando que as profecias sobre Cristo se aplicam a Jesus, embora o outro se oponha ao argumento de uma maneira que tem sua nobreza e convém ao personagem de um judeu.

53. Mas, não sei por quê, associando dois sentimentos incompatíveis que não podem andar juntos numa natureza humana, ele diz que este livro merece a compaixão e o ódio. Pois devemos convir que aquele de quem temos compaixão não desperta o ódio e ao mesmo tempo a piedade, e quem é odiado não desperta a compaixão e ao mesmo tempo o ódio. E a razão por que Celso diz não ter a intenção de refutar suas inépcias é, acredita ele, o fato de ser evidente a todos que, antes mesmo de uma refutação racionalmente conduzida, o livro de nada vale e merece a compaixão e o ódio. Mas eu convido o leitor desta apologia que refuta a acusação de Celso a suportar a leitura de nossos livros, e enquanto possível verifique a intenção, a consciência e o estado de espírito dos escritores: verá então homens que defendem com ardor o que lhes foi transmitido, e que alguns escrevem manifestamente uma história de que eles foram testemunhas e que eles consideram como milagrosa e digna de ser narrada para o bem daqueles que a ouvirem. Ou então que se tenha a coragem de negar que a origem e o princípio de todo bem para a alma é acreditar no Deus do universo, é realizar todas as ações visando agradá-lo em tudo, sem mesmo ter qualquer pensamento que lhe cause desagrado, pois não só as palavras e as ações mas até os pensamentos serão julgados por ele! E que outra doutrina seria mais eficaz para converter e levar a natureza humana a uma vida virtuosa senão a fé ou a persuasão de que a de um Deus supremo que vê todas as nossas palavras, nossas ações e mesmos nossos pensamentos? Apresente quem quiser um outro método que ao mesmo tempo converta e melhore não um ou dois indivíduos apenas, mas também, enquanto possível, um número bem grande; então a comparação dos dois métodos levará à compreensão exata sobre qual a doutrina que prepara para a vida virtuosa.

Os corpos e as almas são obras de Deus

54. Na passagem de Celso que citei, que é uma paráfrase do *Timeu*, encontramos certas expressões como: “Deus nada fez de mortal, mas apenas os seres imortais, e os seres mortais são obras de outros seres. A alma é obra de Deus, mas diversa é a natureza do corpo. E um corpo de homem não tem diferença nenhuma do morcego, do verme ou da rã; pois a matéria é a mesma, e da mesma espécie também seu princípio de corrupção”. Vamos então discutir um pouco estes pontos, e provar que ele dissimula sua opinião epicureia, ou talvez se diga que ele a abandonou por melhores doutrinas, ou

mesmo, se poderia dizer, que ele é homônimo de Celso epicureu. Como ele externava tais opiniões e se propunha contradizer, conosco, a ilustre escola filosófica dos discípulos de Zenão de Cítio, deveria provar que os corpos dos animais não são obras de Deus e que sua organização tão minuciosa não provém da inteligência primeira. A respeito das plantas, tão numerosas e variadas, regidas do interior por uma natureza que não podemos imaginar e criadas para a importante função no universo de servir aos homens e aos animais que estão a serviço dos homens e em qualquer outra situação, não deveria se contentar com declarar, mas ensinar estas inúmeras qualidades na matéria que constitui as plantas.

Tendo apresentado os deuses como criadores de todos os corpos, enquanto apenas a alma seria obra de Deus, se ele quisesse dividir a multidão das obras criadas e atribuí-la a diversos deuses, não deveria ele estabelecer por um argumento válido as diferenças entre os deuses que produzem, alguns os corpos dos homens, outros os do gado, outros os dos animais selvagens? Ao ver alguns deuses criadores de dragões, de áspides, de basiliscos, outros criadores de cada espécie de insetos, outros de cada espécie de plantas e ervas, deveria apresentar as razões desta divisão do trabalho. Pois, talvez, se ele tivesse se empenhado num exame preciso da questão, ou teria sustentado que um só Deus é criador de todas as coisas e fez cada uma em vista de um fim e por uma razão, ou então, se não tivesse sustentado isto, teria visto a réplica a dirigir à objeção que aquilo que é corruptível é, por sua natureza, matéria indiferente, e que não há absurdo nenhum em sustentar que o mundo, constituído de elementos dissemelhantes, é obra de um único Artífice que estabeleceu as diferenças entre as espécies pelo bem do todo. Ou, finalmente, se não soubesse estabelecer o que ele declarava ensinar, não deveria revelar em nada sua opinião sobre uma doutrina desta importância; a não ser que, por acaso, ele que zomba daqueles que professam uma fé simples tenha desejado que nós demos crédito ao que ele afirmava, embora tenha pretendido não exprimir sua opinião, mas ensiná-la.

55. Ainda não mencionei que se ele tivesse tido a paciência de suportar a leitura, como ele diz, dos escritos de Moisés e dos profetas, teria se perguntado: por que então a expressão “Deus fez” só se aplica ao céu, à terra, ao “firmamento”, depois aos luzeiros e às estrelas, depois aos grandes monstros marinhos e a cada um dos “seres vivos que rastejam e fervilham nas águas segundo sua espécie”, a toda ave alada “segundo sua espécie”, depois deles às feras da terra “segundo sua espécie”, aos animais domésticos “segundo sua espécie”, aos répteis do solo “segundo sua espécie”, enfim ao homem, ao passo que a palavra “ele fez” não se aplica ao resto (Gn 1,1s). Quando se trata de criar a luz, a Escritura apenas diz: “e houve luz”, e quando se trata de reunir numa massa única toda a água que está debaixo do céu, ela diz: “e assim se fez”. Da mesma forma, quando se trata dos produtos da terra, ela diz: “A terra produziu verdura: ervas que dão semente segundo sua espécie, árvores que dão, segundo sua espécie, frutos contendo sua semente”. Deveria ter investigado a que ser e a que seres se dirigem na Bíblia as ordens de Deus sobre a formação de cada parte do mundo. E não teria tão facilmente criticado como ininteligível e sem significado secreto o que está escrito nestes livros de Moisés, ou diríamos nós, pelo Espírito divino que estava em Moisés e pelo qual ele profetizou, pois ele “conhecia o presente, o futuro e o passado” mais do que os adivinhos munidos entre os poetas de tais conhecimentos.

56. Mas Celso ainda diz: “A alma é obra de Deus, mas diversa é a natureza do corpo. De fato, a este respeito, não haverá nenhuma diferença entre um corpo de morcego, de verme, de rã ou de homem; pois a matéria é a mesma, e da mesma espécie igualmente seu princípio de corrupção.” A este argumento devemos responder: se de fato, como a mesma natureza existe subjacente aos corpos de um morcego, de um verme, de uma rã, de um homem, estes corpos não devem diferir em nada um do outro, é evidente que os corpos destes seres não diferem em nada do sol, da lua, das estrelas, do céu,

de qualquer outro ser que os gregos chamam divindade sensível. Pois a matéria que é subjacente a todos os corpos é a mesma: falando a rigor, ela não tem qualidade nem forma, e não sei de onde ela recebe suas qualidades segundo Celso que não admite que nada de corruptível seja obra de Deus. Pois, segundo o argumento de Celso, o princípio de corrupção de qualquer ser, proveniente da mesma matéria que os sustenta, é necessariamente da mesma espécie. A não ser que aqui, diante da dificuldade, Celso divirja de Platão, que faz a alma sair de certa taça, e se refugie em Aristóteles e nos peripatéticos que afirmam que o éter é imaterial e de uma quinta natureza, diversa dos outros quatro elementos: doutrina esta à qual se opuseram nobremente os platônicos e os estoicos. Nós também, apesar do desprezo de Celso, havemos de nos opor a ela, pois pedem que exponhamos e provemos o que é dito nestes termos no profeta: “Firmaste a terra há muito tempo, e o céu é obra de tuas mãos; eles perecem, mas tu permaneces, eles todos ficam gastos como a roupa, tu os mudarás como veste, eles ficarão mudados, mas tu existes, e teus anos jamais findarão!” (Sl 101,26-28). No entanto, estas palavras são uma réplica suficiente à asserção de Celso: a alma é obra de Deus, mas diversa é a natureza do corpo, argumento este que tem como consequência: não há nenhuma diferença entre um corpo de morcego, de verme, de rã e o corpo etéreo.

57. Vê então se devemos estar do lado do homem que, com doutrinas semelhantes, acusa os cristãos, e se for necessário abandonar uma doutrina que explique a diversidade pelas qualidades inerentes aos corpos ou que lhes são exteriores. Sabemos também nós que existem “corpos celestes e corpos terrestres” e que diverso é “o brilho dos corpos celestes” e diverso o dos “terrestres”; e que, mesmo entre “os corpos celestes” ele não é idêntico, pois “um é o brilho do sol, outro o das estrelas”; e que, entre as estrelas, “uma estrela difere da outra em brilho”. Por isso, como esperamos a ressurreição dos mortos, dizemos que as qualidades inerentes “aos corpos” mudam; alguns deles, semeados “corruptíveis, ressuscitam incorruptíveis”; semeados “desprezíveis, ressuscitam reluzentes de glória”; semeados “na fraqueza, ressuscitam cheios de força”, semeados corpos psíquicos, ressuscitam espirituais (cf. 1Cor 15,40-44). Nós todos que admitimos a Providência temos a certeza de que a matéria fundamental é capaz de receber as qualidades que o Criador quer: pela vontade de Deus, qualquer que seja a qualidade atual de tal matéria, ela será a seguir, digamos, melhor e superior.

Além disso, como existem leis estabelecidas referentes às mudanças que ocorrem nos corpos desde o começo até o fim do mundo, há de lhes suceder talvez uma lei nova e diferente depois da destruição do mundo que nossas Escrituras chamam de sua consumação. Por isso não admira que desde já, como dizemos comumente, de um cadáver de homem se formou uma serpente da coluna vertebral, do boi uma abelha, de um cavalo uma vespa, de um burro um escaravelho, e geralmente da maior parte, vermes. Celso julga que isto pode fornecer a prova de que nenhum deles é obra de Deus, mas ao contrário, as qualidades, determinadas não sei por que razões a mudar de um caráter ao outro, não são obra de uma razão divina que faria se sucederem as qualidades inerentes à matéria.

58. Eis o que me resta dizer contra a afirmação de Celso de que a alma é obra de Deus, mas que diversa é a natureza do corpo. Ele lançou uma doutrina desta importância sem prova, e pior ainda, sem definir seus termos, sem ter indicado claramente se toda alma é obra de Deus, ou se só a alma racional. Eu lhe direi então: se toda alma é obra de Deus, evidentemente a dos animais sem razão, mesmo dos mais vis, também o é, de modo que cada corpo tenha uma natureza diversa da alma. Na verdade, quando diz mais adiante que os animais sem razão são mais amados por Deus do que nós, e têm da divindade uma noção mais pura, ele pareceu afirmar que não é somente a dos homens que é obra de Deus, porém, ainda mais a alma dos animais sem razão; é a consequência de sua afirmação de que eles são mais amados por Deus do que nós. Primeiro, não disse claramente se apenas a alma

racional é obra de Deus, depois, resulta de sua maneira confusa de falar da alma, segundo a qual nem toda alma, mas apenas a alma racional seria obra de Deus, que tampouco para todos os corpos a natureza não poderia ser outra. E se a natureza de todos os corpos não pode ser outra e se cada animal tem um corpo correspondente à sua alma, é claro que o corpo, cuja alma é obra de Deus, prevalece sobre o corpo em que habita uma alma que não é obra de Deus. Por isso é uma mentira afirmar que não há diferença alguma entre um corpo de morcego, de verme, de rã, e o corpo de um homem.

59. Com efeito, seria absurdo acreditar que pedras ou edifícios são mais ou menos puros do que outras pedras ou outros edifícios, porque foram construídos para a honra de Deus ou para receber corpos sem honra e malditos, mas que há corpos que não diferem de outros conforme sejam habitados por seres racionais ou por seres sem razão, e pelos mais virtuosos dos seres racionais ou pelos piores dos seres humanos. Esta é entretanto a razão que levou alguns a pretenderem divinizar os corpos das pessoas superiores, por terem recebido uma alma virtuosa, e a rejeitarem e desonrarem os dos criminosos. Não que esta prática seja perfeitamente sadia, mas ela deriva de uma noção sadia. Será que o sábio, depois da morte de Anito e de Sócrates, teria um cuidado igual com a sepultura do corpo de Sócrates e da de Anito, será que ele ergueria à memória dos dois o mesmo montículo funerário? Estas são as reflexões motivadas pela afirmação de Celso: nenhum deles é obra de Deus, em que a palavra “deles” pode se referir ao corpo do homem ou das serpentes que vêm deste corpo, e ao do boi ou das abelhas que vêm do corpo de boi, e ao do cavalo ou do burro e das vespas saídas do cavalo, dos escaravelhos saídos do burro. É a razão por que tivemos de voltar à afirmação: A alma é obra de Deus, mas diversa é a natureza do corpo.

60. E ainda afirma: *Comum é a natureza de todos os corpos acima referidos, única no fluxo e refluxo de mudanças alternadas.* Devemos responder que evidentemente, segundo o que ficou dito, a natureza é comum, não só a dos corpos citados anteriormente, mas também a dos corpos supracelestes. Nesta perspectiva, evidentemente para ele, mas não sei se verdadeira, única é a natureza de todos os corpos no fluxo e refluxo de mudanças alternadas. É indiscutivelmente o pensamento daqueles que pensam que o mundo é corruptível. E mesmo aqueles que se negam a crer que ele seja corruptível e não admitem um quinto elemento procurarão mostrar que também segundo eles, única é a natureza de todos os corpos no fluxo e refluxo das mudanças alternadas. Mas desta forma, até o que é perecível permanece através da mudança; pois segundo aqueles que sustentam que a matéria é incriada, o substrato da qualidade perecível permanece enquanto perece a qualidade. Todavia, se um argumento pode estabelecer que ela não é incriada, mas que foi criada para um uso determinado, manifestamente ela não terá a mesma natureza permanente tanto quanto na hipótese em que ela seria incriada. Mas o que importa aqui não é filosofar sobre a natureza para responder às críticas de Celso.

61. Diz ele igualmente: *Nada é imortal daquilo que provém da matéria.* A isto basta que respondamos: Se nada é imortal daquilo que provém da matéria, ou o mundo inteiro é imortal e assim não provém da matéria, ou não é imortal. Ora, se o mundo é imortal, e esta é a opinião daqueles que dizem que só a alma é obra de Deus e sai de uma taça, que Celso mostre que ele não provém de uma matéria sem qualidade, para ficar na lógica de sua afirmação que nada é imortal daquilo que provém da matéria. Mas se o mundo, proveniente da matéria, não é imortal, este mundo mortal é corruptível ou não? Se é corruptível, é como obra de Deus que ele será corruptível. Assim sendo, nesta corrupção, cabe a Celso dizer que fará a alma que é obra de Deus! Quer ele acaso dizer, pervertendo a noção de imortalidade, que o mundo é imortal, pois, embora sujeito à corrupção, ele não será corrompido, pois, capaz de sofrer a morte, na verdade não morre? É claro que haveria então, conforme ele, uma realidade ao mesmo tempo mortal e imortal, porque capaz de uma sorte como de outra; que ela seria mortal,

embora não morra; e que não sendo imortal por natureza, pode ser chamada, num sentido particular, imortal, porque não morre. Em que sentido, portanto, se ele fizesse esta distinção, diria ele que nada é imortal daquilo que provém da matéria? Visivelmente, submetendo-as a um exame rígido, provamos que as ideias deste livro nada têm de nobre nem de incontestável.

E em cláusula final, ele afirma: *Eis que falamos bastante sobre este ponto: quem for capaz de ouvir e investigar mais compreenderá.* Vejamos, pois, nós que segundo ele somos idiotas, o mínimo daquilo que nossa capacidade nos permitiu ouvir e investigar.

Natureza e origem do mal

62. A seguir, julgando-nos capazes de compreender em algumas máximas a natureza do mal, questão à qual tantos tratados de valor dedicam pesquisas variadas e apresentam respostas diferentes, afirma: *Não poderia haver nem mais nem menos mal no mundo, antigamente, hoje e no futuro: pois a natureza do universo é uma só e a mesma, e a origem do mal é sempre a mesma.* Tenho a impressão que é ainda uma paráfrase desta passagem do *Teeteto*, em que Platão punha na boca de Sócrates estas palavras: “Não é possível que o mal desapareça do meio dos homens, nem que ele encontre lugar entre os deuses...”, etc. E me parece que ele não entendeu exatamente Platão, embora pretenda encerrar a verdade num só tratado e intitule *Discurso verdadeiro* seu livro dirigido contra nós. Pois a passagem que afirma no *Timeu*: “Quando os deuses purificam a terra pelas águas” bem demonstra que a terra uma vez purificada pelas águas contém menos mal do que antes de sua purificação. E que então tenha havido menos mal, afirmo-o segundo Platão, em vista da passagem do *Teeteto* segundo a qual não é possível que o mal desapareça dentre os homens.

63. Mas não sei como Celso pode afirmar, apesar de admitir a Providência, a julgar pelas expressões de seu livro, que não há nem mais nem menos mal, mas um mal de certa forma limitado, e desfazer a belíssima doutrina de que a malícia é ilimitada e o mal é indefinido no rigor do termo. A tese segundo a qual não houve, não há nem haverá nem mais nem menos mal parece implicar esta consequência: assim como, para aqueles que sustentam que o mundo é incorruptível, o equilíbrio dos elementos é mantido pela Providência, impedindo que um deles predomine, para evitar que o mundo pereça, assim também uma espécie de providência preside o mal, por mais difundido que seja, para que não haja nem mais nem menos mal.

De uma outra maneira ainda é refutado o argumento de Celso acerca do mal pelos filósofos que examinaram a questão do bem e do mal. Provaram eles pela história que as cortesãs se prostituíram primeiro fora da cidade e, mascarando o rosto, se entregaram ao desejo dos que passavam; e que em seguida, despudoradas, retiraram as máscaras, ficando ainda fora das cidades cujas leis lhes proibiam entrar; e que, crescendo a cada dia a perversão, elas acabaram ousando se introduzir até nas cidades. É o que declara Crisipo em sua *Introdução à questão do bem e do mal*. Outra indicação de que há mais ou menos mal: antigamente, pessoas chamadas ambíguas se prostituíam publicamente para servirem passivamente à volúpia daqueles que se apresentavam; mais tarde as autoridades as expulsaram. E podemos dizer que não existiam outrora males sem conta introduzidos pela devassidão. As mais antigas histórias em todo caso, apesar de todas as suas acusações contra os pecadores, não sabem que estes atos infames foram cometidos.

64. À luz destes fatos e de outros semelhantes, porventura Celso não parece ridículo ao declarar que não poderia haver nem mais nem menos mal? Com efeito, ainda que a natureza do universo seja uma só e mesma, é absolutamente falso que a origem do mal seja sempre a mesma. Pois, embora a natureza

de um indivíduo determinado seja uma só e a mesma, não há identidade contínua em seu espírito, na sua razão, em suas ações: há um tempo em que ele não recebeu a razão, um outro em que a razão é acompanhada de malícia, e de uma malícia mais ou menos alastrada: ora ele se orienta para a virtude e faz mais ou menos progresso, ora atinge a perfeição e chega à virtude com mais ou menos contemplação. A mesma observação se impõe com tanto maior razão acerca da natureza do universo; embora seja uma só e mesma coisa genericamente, os acontecimentos no universo nem sempre são os mesmos nem da mesma espécie. Assim como nem sempre há estações férteis ou estéreis, abundância de chuva ou de seca, assim também não se pode estipular a abundância ou a carestia de almas virtuosas, ou o fluxo crescente de almas viciosas. A doutrina que se impõe quando queremos falar o mais exatamente possível é que o mal nem sempre subsiste no mesmo grau, porque a Providência cuida zelosamente da terra, ou a purifica pelos dilúvios e incêndios, e talvez não só a terra, mas também o mundo inteiro, que tem necessidade de purificação toda vez que a malícia é superabundante.

65. A seguir Celso declara: *A origem do mal não é fácil de conhecer para quem não é filósofo; mas basta dizer ao povo simples que o mal não vem de Deus, que ele é inerente à matéria e reside nos seres mortais; o período dos seres mortais é semelhante do começo ao fim, e, durante ciclos determinados, foram, são e serão necessariamente sempre as mesmas coisas.* Celso afirma que a origem do mal não é fácil de conhecer para quem não é filósofo, como se o filósofo pudesse facilmente conhecê-la, e como se o não filósofo não pudesse facilmente perceber a origem do mal, mas apesar disso pudesse conhecê-la, embora não sem esforço. A isto responderei que a origem do mal não é fácil de se conhecer mesmo para um filósofo; talvez mesmo lhe seja impossível conhecê-la puramente, a não ser que por inspiração divina seja manifestada a natureza do mal, seja revelado seu modo de aparecer, seja compreendida a maneira como desaparecerá. Desta forma a ignorância de Deus faz parte do mal, e o pior mal é não saber a maneira de honrar a Deus e lhe manifestar sua piedade. E isto, mesmo nas palavras de Celso, alguns filósofos não conheceram absolutamente, e a diversidade das escolas de filosofia o mostra. Ora, para nós é impossível conhecer a origem do mal se não tivermos reconhecido que é um mal acreditar que a piedade está salva nas leis estabelecidas pelos Estados compreendidos no sentido comum do termo. Também é impossível conhecer a origem do mal se não tivermos conhecido os ensinamentos sobre o diabo e seus anjos, o que ele era antes de se tornar um diabo e a razão por que os anjos tomaram parte em sua apostasia. E para poder conhecê-la, é preciso ter compreendido exatamente que os demônios não são criaturas de Deus enquanto demônios, mas enquanto criaturas racionais, e como chegaram a ser assim como o seu espírito os constitui em seu estado de demônios. Portanto, entre as árduas questões para a nossa natureza, exigindo dos homens um exame aprofundado, podemos colocar a origem do mal.

66. Em seguida, como se tivesse alguns segredos sobre a origem do mal, mas os guardava para só dizer o que fosse adaptado ao povo simples, afirma que basta dizer ao povo a respeito da origem do mal que o mal não vem de Deus, que é inerente à matéria e reside nos seres mortais. Mas é bem verdade que o mal não vem de Deus. Pois segundo nosso Jeremias, é claro que: “Não é da boca do Altíssimo que saem os males e a felicidade” (Lm 3, 37). Mas para nós não é verdade que a matéria que reside nos seres mortais seja a causa do mal. O espírito de cada um é a causa de sua malícia pessoal: ela é o mal; os males são apenas as ações que ela ordena, e para nós, falando no rigor dos termos, nada mais é algum mal. Sei, porém, que o assunto exige uma discussão e uma argumentação desenvolvidas: graças a um dom de Deus que ilumina o espírito, elas podem ser conduzidas ao bem por aquele que Deus julga digno de semelhante conhecimento.

67. Mas não sei por que Celso, ao escrever contra nós, julgou útil tratar levemente uma doutrina que requer uma longa demonstração, ao menos plausível, para mostrar na medida do possível que o período dos seres mortais é semelhante do começo ao fim, e durante ciclos determinados, necessariamente foram, são e serão sempre as mesmas coisas. Se assim fosse, adeus liberdade para nós. Pois, se durante ciclos determinados, necessariamente foram, são e serão sempre as mesmas coisas no período dos seres mortais, é claro que necessariamente Sócrates sempre se consagrará à filosofia, será acusado de introduzir divindades novas e de corromper a juventude, e que Anito e Meleto sempre o acusarão, e o Conselho no Areópago pronunciará por decreto contra ele a condenação à morte pela cicuta. Também necessariamente sempre, durante os períodos determinados Fálaris será tirano e Alexandre de Feres cometerá as mesmas crueldades, e os condenados ao touro de Fálaris mugirão sempre nele. Se isto for admitido, não sei como nossa liberdade será salva e como se poderá razoavelmente merecer louvor ou censura. Responderemos à hipótese de Celso dizendo que, se o período dos seres mortais é sempre semelhante do começo ao fim, e que, durante ciclos determinados, necessariamente foram, são e serão sempre as mesmas coisas, então durante períodos determinados necessariamente sempre Moisés com o povo judeu sai do Egito, e Jesus volta ao mundo para fazer as mesmas coisas que ele fez não uma vez, mas número infinito de vezes durante períodos. Além disso, as mesmas pessoas serão cristãs nos ciclos determinados e Celso, novamente, escreverá este livro que ele antes escrevera uma infinidade de vezes.

68. Para Celso, só o período dos seres mortais, durante ciclos determinados, necessariamente foi, é e será sempre. Mas para a maior parte dos estoicos é não só este período dos seres mortais, mas também o dos seres imortais e daqueles que eles consideram como deuses. Depois do incêndio do universo, que foi uma infinidade de vezes e será uma infinidade de vezes, é a mesma ordem que, do começo ao fim foi e será. Para tentar, porém, atenuar as inverossimilhanças, os estoicos declaram que, não sei como, todos os homens durante um período serão totalmente semelhantes aos dos períodos antecedentes: de modo que não é Sócrates que nascerá de novo, mas alguém muito semelhante a Sócrates que, de modo muito semelhante, se casará com Xantipa, e será condenado por pessoas muito semelhantes a Anito e a Meleto. Mas não sei como o mundo é sempre o mesmo, não um mundo bem semelhante a um outro, ao passo que as coisas que ele encerra não são as mesmas, mas bem semelhantes. Entretanto, o argumento principal contra as expressões de Celso e as dos estoicos será aprofundado mais oportunamente em outra parte, pois não convém nem à ocasião presente, nem ao projeto atual prolongar a discussão.

69. Declara ele em seguida: *As coisas que vemos não foram dadas ao homem; cada qual nasce e morre para a salvação do todo, conforme a mudança que já apontei a respeito de umas e de outras.* Mas é supérfluo insistir na refutação destes princípios que já fiz da melhor maneira possível. Já respondemos a esta afirmação: *Não pode haver mais ou menos bem nem mais ou menos mal nos seres mortais.* Também já discutimos este ponto: *Deus não precisa aplicar nova reforma.* Além disso, *não é à maneira de um artesão que fabricou uma obra defeituosa mal construída que Deus realiza uma reforma no mundo ao purificá-lo por dilúvios ou incêndios.* Mas ele impede que a onda do vício se espalhe mais; creio mesmo que com ordem ele o destrói inteiramente para o bem do universo. E se após esta destruição do vício, ele tem ou não uma razão para fazer o mundo voltar a existir, é uma questão a ser discutida num tratado à parte. Deus sempre faz questão de reparar os erros por uma nova reforma. Sem dúvida, ele ordenou do melhor modo e da maneira mais estável todas as coisas quando

da criação do mundo; contudo, ele precisou aplicar um tratamento medicinal às vítimas do pecado e ao mundo inteiro manchado por ele de certa forma. Sem dúvida, Deus jamais deixou ou deixará de fazer a cada momento o que convém fazer neste mundo variável e em transformação. Como o agricultor nas diversas estações do ano realiza os diferentes trabalhos dos campos que a terra e seus produtos exigem, assim também Deus administra a totalidade dos séculos como se eles formassem apenas, por assim dizer, alguns anos. Ele realiza em cada um deles tudo o que exige aquilo que por natureza é razoável para o conjunto. E Deus é o único a entender e realizar este conjunto com toda a clareza, uma vez que possui a verdade.

70. E a respeito do mal, Celso formula esta observação: *Mesmo quando uma coisa parece ser um mal, ainda não é evidente que ela seja um mal, pois não é conhecida sua utilidade para a própria pessoa, para o outro, para o todo.* Observação prudente, concordo; mas supõe que a natureza do mal não é prejudicial, pois admite que aquilo que parece um mal para cada pessoa individualmente pode ser útil ao todo. Para evitar, porém, que uma falsa interpretação de meu pensamento sirva de pretexto à obstinação no mal, à ideia de que a malícia traz ou pode trazer proveito ao universo, bastará que eu diga: embora Deus, deixando intacta a liberdade da pessoa, utilize a malícia dos maus para a ordem do universo, subordinando-os à utilidade do universo, tal indivíduo não é menos digno de censura e como tal ele recebe uma função detestável para o indivíduo, mas útil ao universo. O mesmo poderíamos dizer no caso das cidades: o culpado por determinados crimes, condenado por estes crimes a trabalhos de utilidade pública, presta serviço à cidade inteira, embora se encontre empenhado numa ação detestável em que cada homem de bom senso não desejaria se encontrar.

Em vista disto, Paulo, Apóstolo de Jesus, nos ensina que até os mais celerados contribuirão para o bem do todo, empenhados em situações detestáveis, mas que os mais virtuosos também prestam o máximo de serviço ao todo, o que lhes merecerá serem colocados no lugar mais belo: “Numa grande casa, não há somente vasos de ouro e de prata; há também de madeira e de barro; alguns para uso nobre, outros para uso vulgar. Aquele, pois, que se purificar destes erros será um vaso nobre, santificado, útil ao seu possuidor, preparado para toda boa obra” (2Tm 2,20-21). É o que julguei necessário opor à afirmação: *Mesmo quando uma coisa parece ser um mal, ainda não é evidente que ela seja um mal, pois não é conhecida sua utilidade para a própria pessoa nem para outra qualquer.* E ninguém deve aproveitar a ocasião do que foi dito a este respeito para cometer o pecado, alegando prestar assim serviço ao todo.

Expressões antropomórficas

71. Depois disto, por falta de compreensão do texto bíblico, Celso ridiculariza as passagens da Bíblia que atribuem a Deus sentimentos humanos, palavras de *ira* contra os ímpios, e *ameaças* contra os pecadores. Devemos responder: no trato com as crianças, ninguém deve expor as verdades recorrendo à eloquência, mas adaptando-se à fraqueza dos pequenos, dizendo e fazendo o que se julga útil à conversão e à correção destas crianças, consideradas como tais. O próprio Logos de Deus parece nos ter concedido as Escrituras pondo na exata proporção as palavras que convêm à capacidade dos ouvintes e ao benefício que delas obterão. Exatamente esta maneira, em geral, de anunciar as realidades divinas é que é expressa no Deuteronômio: “O Senhor teu Deus se adaptou a ti como um pai se adapta a seu filho” (cf. Dt 1,31). O Logos fala desta maneira adotando as maneiras humanas pelo bem dos homens. Pois não era necessário ao povo simples que Deus posto em cena exprimisse do modo que lhe convém como suas as palavras destinadas ao povo. Mas aquele que leva a sério a elucidação das divinas Escrituras, comparando as coisas espirituais às espirituais, descobrirá a partir

delas a significação do que é dito aos mais fracos e do que é exposto aos mais inteligentes, ambas as coisas muitas vezes expressas na mesma frase para quem sabe compreendê-la.

72. Quando, pois, se fala da ira de Deus, trata-se não de uma paixão que ele sente, mas de um procedimento que ele adota para corrigir por um método de educação mais severo os que cometeram pecados numerosos e graves. Falar da ira de Deus e de seu furor é procedimento pedagógico; e este é o pensamento do Logos, claramente expresso no Salmo 6: “Senhor, não me castigues com tua ira, não me corrijas com teu furor!” (Sl 6,2), e em Jeremias: “Corrige-me, Senhor, mas em justa medida, não em tua ira, para que não me torne pequeno demais” (Jr 10,24). Mas ao ler no segundo livro dos Reis, que foi a ira de Deus que persuadiu Davi a recensear o povo, e no primeiro dos Paralipômenos que foi “o diabo”, e ao comparar as expressões de um e de outro, veremos o que designa “a ira”: é a esta ira de que todos os homens são filhos, na expressão de Paulo: “E éramos por natureza, como os demais, filhos da ira” (Ef 2,3).

Na seguinte passagem, Paulo mostra que a ira não é paixão de Deus, e que cada pessoa a atrai sobre si pelos pecados que comete: “Ou desprezas a riqueza da sua bondade, paciência e longanimidade, desconhecendo que a benignidade de Deus te convida à conversão? Ora, com tua obstinação e com teu coração impenitente estás acumulando ira para o dia da ira e da revelação da justa sentença de Deus, que retribuirá a cada um segundo suas obras” (Rm 2,4-5). Como pode então alguém acumular contra si mesmo ira para o dia da ira, se a ira é considerada como uma paixão? E como a paixão da ira pode ser um meio de educação? Além disso, o Logos nos ensina que não devemos nos irar, e declara no Salmo 36: “Deixa a ira, abandona o furor” (Sl 36,8), e em Paulo diz: “Mas agora abandonai tudo isto: ira, exaltação, maldade, blasfêmia, conversa indecente” (Cl 3,8). Não poderia, pois, ter atribuído ao próprio Deus a paixão de que nos pede total abandono. É muito claro que as expressões sobre a ira de Deus devem ser tomadas em sentido figurado, a julgar pelo que está escrito sobre seu sono: como se quisesse acordá-lo, o profeta diz: “Desperta! Por que dormes, Senhor?” E acrescenta: “O Senhor acordou como um homem que dormia, como um valente embriagado pelo vinho” (Sl 43,24; 77,65). Se então a palavra “sono” tem outra significação que não a usual, por que não entender também a ira da mesma maneira?

Além disso, as ameaças são advertências sobre a sorte reservada aos maus. Também poderíamos chamar ameaças as palavras do médico a seus pacientes: “Eu te aplicarei o ferro e o fogo se não obederes às minhas prescrições e não seguirees este regime e esta regra de conduta.” Por isso, não é atribuir a Deus paixões humanas, nem defender sobre ele opiniões ímpias, nem incidir em erro o fato de apresentar as explicações que lhe são concernentes, a partir das próprias Escrituras comparadas entre si. Os pregadores prudentes da doutrina não têm outra missão senão desviar tanto quanto possível os ouvintes da tolice e torná-los pessoas refletidas.

73. Por não ter entendido os textos relativos à ira de Deus, afirma: *Não é realmente ridículo que um homem, em sua ira contra os judeus, extermine todos os seus jovens, queime suas cidades e os aniquile: e que o Deus Altíssimo, ao ouvi-los, se zangue, se irrite, ameace e envie seu Filho, e que este sofra a tal ponto?* Mas de fato, o massacre de toda a juventude dos judeus, o incêndio de suas cidades, depois do tratamento que eles ousaram infligir a Jesus, todos estes sofrimentos são apenas o tesouro de ira que eles tinham acumulado para si, isto é: o juízo de Deus pronunciado contra eles por disposição divina, que o costume tradicional dos hebreus designa com o nome de ira. Mas o Filho de Deus Altíssimo sofreu, porque quis, pela salvação dos homens, assim como ficou declarado acima da melhor forma possível.

Ele continua: *Entretanto, para que a discussão não se restrinja apenas aos judeus, pois não é esta*

minha intenção, mas se estenda à natureza toda, como prometi, vou explicar mais claramente o que acabo de dizer. A estas palavras, que leitor modesto e consciente da fraqueza humana não ficaria chocado pelo presunçoso que promete explicar o conjunto da natureza, com a mesma jactância que aparece no título que teve a coragem de dar a seu livro? Vejamos então esta discussão e este esclarecimento prometidos sobre toda a natureza.

Deus fez tudo principalmente para o homem

74. Prosseguindo, ele nos acusa longamente de afirmar que *Deus fez tudo para o homem* e, descrevendo os animais e a sagacidade que eles manifestam, pretende mostrar que *não foi mais para os homens do que para os animais sem razão que tudo veio à existência.* Neste ponto, me parece que ele se exprime como aqueles que, por ódio a seus inimigos, critica-os por aquilo que eles aprovam entre seus melhores amigos. O ódio então cega os homens e os impede de ver que acusam igualmente seus amigos nos ataques que julgam dirigir contra seus inimigos: da mesma maneira Celso, na confusão de seu espírito, não viu que ele acusava igualmente os filósofos do Pórtico. Pois estes, com toda razão, colocam o homem e, em geral, a natureza racional acima de todos os seres sem razão, dizendo que a Providência fez todas as coisas principalmente pelo bem da natureza racional. Os seres racionais, que são as criaturas principais, exercem o papel das crianças que vêm à luz do mundo, os seres sem razão e inanimados, o da placenta criada com o embrião. Além disso, a meu ver, como nas cidades, os inspetores das mercadorias e dos mercados só exercem vigilância pelos homens, mas os cães e os outros animais sem razão aproveitam das sobras de alimento, enquanto a Providência cuida sobretudo dos seres racionais, mas em consequência, os seres sem razão aproveitam daquilo que é feito para os homens. Portanto, como seria errado dizer que os inspetores dos mercados não cuidam mais das necessidades dos homens do que da dos cães, pois os cães aproveitam das sobras de mercadorias, assim, com tanto maior razão, para Celso e para os que pensam como ele, é uma impiedade para com Deus que cuida dos seres racionais, declarar: por que estas coisas seriam produzidas mais para a alimentação dos homens do que para a das plantas, das árvores, das ervas, dos espinheiros?

75. Em primeiro lugar, ele sustenta que *trovões, raios e chuvas não podem ser obras de Deus,* deixando ver melhor que é epicureu. Mas afirma em segundo lugar: *Na hipótese de serem obras de Deus, elas não são produzidas para alimento de nós, homens, mas para o das plantas, árvores, ervas e espinheiros;* como verdadeiro epicureu, ele concorda assim que elas acontecem por acaso e não pelos desígnios da Providência. Se, por um lado, estas coisas não são feitas em nosso benefício, mas para o das plantas, árvores, ervas e espinheiros, é claro que, por outro lado, elas não provêm da Providência, ou que vêm de uma Providência que não cuida de nós como cuida das árvores, da erva e do espinheiro. Tanto uma como outra suposição é de impiedade flagrante, e seria insensato refutar estas afirmações para responder a um homem que nos acusa de impiedade: sua observação revela a todos quem é o ímpio.

E prossegue: *Dirá alguém que isto cresce para os homens* — evidentemente as plantas, as árvores, as ervas, os espinheiros? — *Por que julgar que isto cresça mais para os homens do que para os animais selvagens sem razão?* Celso que nos diga claramente: a grande diversidade de tudo que cresce sobre o solo não é obra da Providência, mas um choque fortuito de átomos produziu estas qualidades tão diversas; deste choque fortuito resulta que tantas espécies de plantas, árvores e ervas sejam semelhantes entre si; nenhuma razão ordenadora as pôs na existência, e elas não têm sua origem de um espírito infinitamente admirável. Mas nós, cristãos, consagrados unicamente ao Deus que criou

todas as coisas, também por elas damos graças ao Criador por ter ordenado por nós, e por causa de nós, pelos animais a nosso serviço, uma pátria tão grande: “Fazes brotar relva para o rebanho e plantas úteis ao homem, para que da terra ele tire o pão e o vinho, que alegra o coração do homem” (Sl 103,14-15). Será de espantar que ele tenha preparado também alimentos para os mais selvagens dos animais? Pois até estes animais, segundo outros filósofos, foram criados para exercerem as forças do animal racional. E um de nossos sábios diz alhures: “Não é preciso dizer: ‘O que é isto? Por que aquilo?’ Porque tudo foi criado para uma destinação. Não é preciso dizer: ‘O que é isto? Por que aquilo?’ Porque tudo deve ser estudado a seu tempo” (Eclo 39,21.17).

76. A seguir, Celso nega que os produtos do solo sejam destinados pela Providência mais para nós do que para os mais selvagens dos animais, e diz: *Nós outros, à custa de fadigas e sofrimentos contínuos, garantimos com grande sacrifício nosso alimento; para eles tudo cresce sem sementeira nem lavoura.* Não vê que Deus, querendo que a inteligência humana se exerça sob todos os aspectos para não ficar ociosa e ignorante das artes, criou o homem indigente: assim sua própria necessidade o obriga a inventar artes, umas para se alimentar, outras para se proteger. Para os que não estudam os mistérios divinos nem a filosofia, seria melhor ficar na necessidade para empregar sua inteligência na invenção das artes, pois a abundância faz esquecer inteiramente a inteligência. A necessidade do que é necessário à vida, portanto, produz a cultura dos campos, da vinha, as hortas, a técnica da madeira e a do ferro, que fabricam instrumentos para as artes que servem à aquisição do alimento. A necessidade de se proteger introduziu a tecelagem depois da cardação e da fiação, a arte de construir, e desta forma a inteligência se elevou até à arquitetura. A necessidade do que é necessário fez transportar, pela navegação e a pilotagem, os produtos de certas regiões para as que não as possuíam. Razões a mais para admirarmos a Providência que, para benefício do ser racional, criou-o desguarnecido em comparação com os animais sem razão. Os animais sem razão, por não terem aptidão para as artes, têm seu alimento já preparado; e têm uma proteção natural, pois são providos de pêlos, penas, escamas e conchas. Basta isto para respondermos às palavras de Celso: nós, à custa de fadigas e sofrimentos contínuos, garantimos com grande sacrifício nosso alimento; para eles tudo cresce sem sementeira nem lavoura.

77. Depois disso, esquecendo sua intenção de acusar os judeus e cristãos, ele objeta a si mesmo um jambo de Eurípides, contrário a seu pensamento, e investe contra a afirmação que ele acusa de mal fundada. Eis a passagem de Celso: *Citam este verso de Eurípides: “O sol e a noite estão a serviço dos mortais?” Mas então, por que a nosso serviço e não a serviço das formigas e das moscas? A noite também permite a elas repousarem, e o dia verem e trabalharem.* Está muito claro que certos judeus e cristãos não são os únicos a terem dito que o sol e os outros corpos celestes estão a nosso serviço. Quem foi ouvinte das lições de Anaxágoras sobre a natureza, considerado o filósofo do palco, diz a mesma coisa: é a serviço de todos os seres racionais, designados por sinédoque como um só ser racional, o homem, que as coisas que têm seu lugar no universo são designadas igualmente por sinédoque como “o sol e a noite”. Talvez por isso, o poeta trágico, falando do sol que faz o dia, para designar a luz do dia, quis ensinar que os seres que precisam especialmente do dia e da noite são seres sublunares, e os outros não estão na mesma situação que os da terra. Portanto, o dia e a noite estão a serviço dos mortais, porque são feitos para os seres racionais. O fato de as formigas e as moscas, de dia trabalhando e de noite repousando, aproveitarem daquilo que foi criado para os homens não autoriza a dizer que o dia e a noite foram criados também para as formigas e as moscas, ou para algum outro ser. Mas devemos crer que nos desígnios da Providência eles foram criados para os homens.

78. Mais adiante, ele objeta a si mesmo a razão dada da superioridade dos homens, a saber, que para eles foram criados os animais sem razão: *À afirmação que somos os reis dos seres sem razão porque capturamos os animais sem razão na caça e deles fazemos nossas refeições, responderemos: por que não é o contrário, nós é que somos feitos para eles, pois eles nos caçam e nos devoram? Além disto, nós precisamos de redes, de armas, do auxílio de muitos homens e cães contra os animais que caçamos. A natureza deu a eles armas que estão imediatamente à sua disposição para nos submeter sem dificuldade a seu domínio.* Também aí vemos como na inteligência nos foi dado um grande auxílio, superior a todas as armas de que os animais ferozes parecem munidos. De qualquer forma, embora mais frágeis corporalmente do que muitos animais, e bem menores do que alguns, dominamos pela inteligência as feras e prendemos em caça os enormes elefantes. Os que a natureza fez domesticáveis, nós os domesticamos com brandura. Contra aqueles que naturalmente não podem ser, ou que, uma vez domesticados, não pareceriam dever ser de alguma utilidade, cuidamos tão bem de nossa segurança que, quando queremos, mantemos presas estas enormes feras, e quando precisamos nos alimentar de seus corpos, nós as matamos tão facilmente quanto aos animais domésticos. O Criador, portanto, colocou-as todas a serviço do animal racional e de sua inteligência natural. Para certos fins utilizamos, por exemplo, os cães para guardar os rebanhos de ovelhas, de vacas, de cabras ou as casas; para outros os bois, para lavrar a terra; para outros as bestas de carga, para transportar fardos. E dizem que as raças de leão, de urso, de pantera, de javali e de animais deste gênero nos foram dadas igualmente para desenvolvermos o germe de coragem que possuímos.

79. Depois, ele se dirige à raça dos homens conscientes de sua superioridade sobre os animais sem razão: *À vossa pretensão que Deus nos deu o poder de prender as feras e utilizá-las à nossa vontade, responderemos que provavelmente, antes de existirem cidades, artes, os laços sociais de hoje, armas e redes, eram os homens que arrebatavam as feras e as devoravam, e não eram as feras que capturavam os homens.* Ainda que os homens capturem as feras e as feras arrebatem os homens, vê bem a diferença entre o triunfo da inteligência sobre a força da selvageria e da crueldade e a guarda contra a ferocidade das feras sem a utilização da inteligência. E quando ele diz: “Antes de existirem cidades, artes, os laços sociais de hoje”, parece esquecer o que afirma mais acima: *O mundo é incriado e incorruptível, e só as coisas terrestres estão sujeitas aos dilúvios e aos incêndios, e não caem todas ao mesmo tempo nestas calamidades.* Assim sendo, como não podemos, na suposição de o mundo ser incriado, falar de seu começo, tampouco podemos encontrar tempo em que não tenham existido cidades nem artes. Mas, suponhamos que ele concorde conosco neste ponto, embora não esteja mais de acordo consigo mesmo nem com o que diz acima. Em que isto contribui para provar que na sua origem os homens eram arrebatados e devorados pelas feras, mas as feras ainda não eram capturadas pelos homens? Pois se o mundo existe graças à Providência, e se Deus cuida do todo, seria necessário que as pequenas centelhas daquilo que é o gênero humano, tenham sido, no começo de sua existência, colocadas sob a guarda de seres superiores, de modo que houvesse desde a origem um laço social entre a natureza divina e os homens. É o que o poeta Askra compreendeu quando disse:

“Pois havia naquele tempo banquetes comuns e assembleias comuns entre deuses imortais e homens mortais.”

80. Além disso, a palavra de Deus, relatada por Moisés, apresentou os primeiros homens escutando a voz divina e seus oráculos e às vezes tendo visões de anjos de Deus que vinham visitá-los. Era de fato conveniente que no começo do mundo a natureza humana fosse mais auxiliada até o momento em que

pelos progressos dos homens no caminho da inteligência e das outras virtudes, na invenção das artes, estes pudessem viver por si mesmos, sem precisarem da ajuda e do governo contínuos, miraculosamente manifestados, dos servos do poder divino. Consequentemente, não é verdade que na origem, eram os homens que arrebatavam e devoravam as feras, e de modo algum as feras que capturavam os homens.

Assim sendo, fica bem claro que também estão erradas estas palavras de Celso: *Portanto, deste ponto de vista, Deus preferiu submeter os homens às feras*. Pois Deus não submeteu os homens às feras. Ao contrário, permitiu que as feras fossem apreendidas graças à inteligência dos homens e às artes inventadas contra elas pela inteligência. Pois não é sem alguma ajuda divina que os homens inventaram os meios de garantir sua proteção contra as feras e as dominar.

A vida em sociedade

81. Mas esse homem ilustre não vê quantos filósofos admitem a Providência e dizem que ela tudo faz pelos seres racionais. Ele procura com todas as suas forças derrubar doutrinas tão úteis para harmonizar o cristianismo com a filosofia. Não vê o prejuízo e empecilho para a piedade que resultam do fato de admitir que, diante de Deus, o homem em nada leva vantagem sobre as formigas e as abelhas. E declara: *Se os homens parecem se avantajarem sobre os seres sem razão porque construíram cidades, possuem um regime político com autoridades e governos, isto nada prova: as formigas e as abelhas fazem a mesma coisa. As abelhas, pelo menos, têm uma rainha com seu séquito e suas servas; elas combatem, alcançam vitórias, massacram as vencidas; possuem cidades e mesmo subúrbios, distribuem nelas os serviços, e nelas julgam as preguiçosas: em todo caso, expulsam e punem os zangãos*. Também neste particular ele não viu a superioridade das ações realizadas por razão e reflexão sobre as que provêm de uma natureza sem razão e de sua simples constituição natural. Estas ações não podem ser explicadas por uma razão presente naqueles que as praticam: eles não a possuem. Mas o ser supremo, Filho de Deus, rei de tudo o que existe, criou uma natureza sem razão que, mesmo sem raciocinar, assiste os seres que não mereceram ter a razão.

Entre os homens, cidades foram construídas com artes múltiplas e uma legislação. Mas regimes, autoridades, governos, entre os homens, são empregados ou em sentido estrito de maneiras de ser e agir virtuosas, ou num sentido mais lato, em razão da imitação tão fiel quanto possível das primeiras. Fixando os olhos sobre as primeiras, os que legislaram com sucesso estabeleceram os melhores regimes, autoridades e governos. É impossível encontrar sequer um entre os seres sem razão, ainda que Celso aplique às formigas e às abelhas os vocábulos racionais e usados para as organizações racionais, como cidade, regime, autoridades, governos. Quanto a isso, não precisamos elogiar as formigas nem as abelhas, pois elas não fazem isto com reflexão; mas devemos admirar a natureza divina que estende até aos animais sem razão uma espécie de imitação dos seres racionais, talvez para sua confusão: a fim de que à vista das formigas eles se tornem mais operosos e mais econômicos das coisas que lhes são úteis, e que, considerando as abelhas, obedeçam às autoridades e assumam sua parte respectiva nos trabalhos comuns úteis ao bem-estar das cidades.

82. Até mesmo estas espécies de guerras das abelhas talvez sejam um ensinamento para que as guerras entre os homens, se algum dia fosse necessário, sejam justas e ordenadas. Não há cidades nem subúrbios entre as abelhas; mas elas têm suas colmeias, seus alvéolos hexagonais, dedicam-se a seus trabalhos respectivos, porque os homens precisam de mel para muitas coisas, como remédio dos corpos doentes ou alimento sadio. E não é preciso comparar os procedimentos das abelhas contra os zangãos aos julgamentos feitos nas cidades contra os preguiçosos e maus, nem aos castigos que lhes

são aplicados. Mas, como disse, em tudo isto devemos admirar a natureza; e é preciso admitir que o homem, capaz de abarcar o universo e nele estabelecer a ordem, como cooperador da Providência, realiza os trabalhos não só da Providência de Deus, mas também de sua previdência humana.

A ajuda mútua

83. Depois de ter falado das abelhas para diminuir o mais possível, não só a nós, cristãos, mas também aos outros homens, as cidades, os regimes, as autoridades, os governos, as guerras pela defesa da pátria, Celso acrescenta palavras de elogio às formigas. A finalidade deste elogio é depreciar *os cuidados que os homens têm com sua alimentação* e, por comparação com as formigas, depreciar sua *previdência diante do inverno*, que nada tem de superior à *previdência* irracional que as formigas têm, a seu ver. Mas que homem, ainda o mais simples e incapaz de penetrar a natureza de todas as coisas, Celso não haveria de dissuadir, o quanto possível, de ajudar aqueles que estão carregados de fardos e compartilhar seus sofrimentos, dizendo: *As formigas carregam os fardos umas das outras quando veem alguma delas fatigada?* De fato, quem não tem formação de raciocínio e de nada entende poderá dizer: como não somos superiores às formigas em nada, mesmo quando ajudamos os que estão cansados de carregar os fardos por demais pesados, por que tornar inútil este sofrimento? As formigas, animais sem razão, não podem ser expostas ao orgulho pela comparação de seus trabalhos com os dos homens. Mas os homens aos quais a razão torna capazes de compreender a maneira como ele deprecia sua sociabilidade, correm o risco máximo de sofrer o prejuízo que as palavras de Celso podem causar-lhes. Em seu afã de afastar do cristianismo os leitores de seu tratado, não reparou que também impede os não cristãos de ajudar os que carregam os mais pesados fardos. Se fosse um filósofo sensível ao bem comum, teria evitado destruir ao mesmo tempo o cristianismo e as crenças úteis que são comuns aos homens, e na medida do possível defender as belas doutrinas comuns ao cristianismo e ao resto dos homens.

Ainda que *as formigas carreguem os brotos e os armazenem para que não germinem mas subsistam durante o ano para sua alimentação*, não devemos supor que a causa seja um raciocínio da parte das formigas, mas a natureza, mãe de todas as criaturas: ela dispôs tão bem mesmo os que estão privados de razão que não deixou o menor de todos inteiramente desprovido de um vestígio desta razão que vem da natureza. A não ser que assim Celso talvez queira dizer com palavras veladas — pois em muitos pontos ele gosta de platonizar — que todas as almas são da mesma espécie e que a do homem em nada é superior à das formigas e abelhas. É a lógica do sistema que faz a alma descer da abóbada do céu, não só num corpo humano, mas também nos outros corpos. Os cristãos não admitirão tal lógica, pois já aprenderam que a alma humana foi criada à imagem de Deus e veem claramente a impossibilidade de a sua natureza modelada à imagem de Deus perder absolutamente todas as suas características e recuperar outras, nos seres sem razão, à imagem de não sei quê.

84. Diz ainda: *Para as formigas que morrem as vivas escolhem um lugar especial, que seja para elas um túmulo de família.* Devemos responder: quanto mais ele exalta os animais sem razão, tanto mais ele exalta, queira ou não, a obra do Logos ordenador de todas as coisas, e ressalta a habilidade dos homens, capaz de ordenar pela razão até os dons superiores da natureza dos seres sem razão. Mas, por que dizer: dos seres sem razão? Celso não considera como sem razão os seres que, segundo as noções comuns, a todos são considerados sem razão. Pelo menos as formigas ele não as considera sem razão, ele que se gaba de falar da natureza universal e pretende, pelo título de seu livro, dizer a verdade! Eis com que termos ele fala das formigas, como se elas conversassem entre si: *E naturalmente, quando elas se encontram, também conversam entre si, e é por isso que não erram o caminho; existem,*

portanto, entre elas plenitude de razão, noções comuns de certas realidades universais, som significativa, acontecimentos, sentidos figurados. De fato, a conversa entre um homem e um outro se dá numa linguagem que exprime o que queremos significar, e muitas vezes também se conta o que se designa como acontecimentos, mas querer aplicar isto às formigas não seria o cúmulo do ridículo?

85. E destacando para a posteridade o inconveniente de seu sistema, não tem vergonha de afirmar: *Assim sendo, olhando do alto do céu para a terra, que diferença poderiam oferecer nossas atividades e as das formigas e das abelhas?* Em sua hipótese, olhar do alto do céu sobre a terra para as atividades dos homens e as obras das formigas será fixar o olhar sobre os corpos dos homens e das formigas sem considerar o princípio hegemônico racional e aplicado pelo raciocínio, e por outro lado o princípio hegemônico desprovido de razão, movido irracionalmente por tendência e representação, graças a uma espécie de disposição natural? Mas seria absurdo, olhando do alto do céu as coisas da terra, querer fixar os olhos a tão grande distância sobre os corpos dos homens e das formigas sem preferir olhar as naturezas dos princípios diretores, e a origem racional ou irracional das tendências. É claro que olhar apenas a origem de todas as tendências é ver também a diferença e a superioridade do homem não só sobre as formigas, mas também sobre os elefantes. Pois, dirigindo do alto do céu seu olhar para os seres sem razão, por maior que seja seu corpo, não veremos nele outro princípio, se assim posso dizer, senão a ausência de razão. Nos seres racionais, ao contrário, veremos o logos, comum aos homens, aos seres divinos e celestes, e talvez ao próprio Deus supremo. Daí a expressão da Escritura, de uma criação “à imagem” de Deus, pois a imagem do Deus supremo é seu Logos.

Os poderes mágicos

86. Prosseguindo, obstinado em rebaixar mais ainda a raça dos homens, equiparando-os aos seres sem razão, e sem querer omitir nada das características que manifestam a superioridade que existe nos seres sem razão, declara que mesmo os poderes da magia existem igualmente em alguns dos seres sem razão, de modo que, até nesta matéria, os homens não podem se gloriar especialmente, nem pretender manter a superioridade sobre os seres sem razão. Estas são suas palavras: *Mas se os homens encontram vaidade nos poderes da magia, mesmo nesta matéria, serpentes e águias revelam maior ciência: elas conhecem pelo menos muitos remédios contra os venenos e as doenças, bem como as virtudes de certas pedras que utilizam para salvar seus filhotes; os homens, quando as encontram, julgam-se na posse de um tesouro maravilhoso.* Em primeiro lugar, não sei por que ele dá o nome de magia ao conhecimento de contravenenos naturais de que os animais ora têm experiência, ora uma percepção natural; pois a palavra “magia” em geral tem outra acepção. Mas, como epicureu, talvez ele queira atacar qualquer emprego destas práticas que tenham por base a pretensão dos feiticeiros. Apesar disto, concedendo-lhe que os homens, feiticeiros ou não, encontram vaidade no conhecimento destes segredos, será uma razão dizer que as serpentes têm mais ciência do que os homens nesta matéria, pelo fato de empregarem o funcho para avivar a vista e mover-se mais rapidamente, quando para elas é dom natural que vem não do raciocínio, mas de sua constituição. Os homens não chegam a tanto apenas pela natureza, à maneira das serpentes, mas ora pela experiência, ora pela razão e às vezes pelo exercício do raciocínio científico. Da mesma forma, se as águias, para salvarem seus filhotes em seu ninho, levam para ele a pedra de águia que elas encontram, por que concluir que as águias têm uma ciência, e mesmo uma ciência superior à dos homens que, por experiência, descobriram graças ao seu raciocínio e empregaram com inteligência este socorro naturalmente dado às águias?

87. Mas digamos que outros contravenenos sejam conhecidos dos animais. Que prova haverá de que não é a natureza mas a razão que os faz descobrir? Pois se fosse a razão a descobri-los, ela não descobriria exclusivamente este remédio único entre as serpentes, digamos mesmo um segundo e um terceiro, e outro com a águia, e assim por diante entre os outros animais, mas tantos remédios quantos entre os homens. Mas de fato, como cada animal é por natureza inclinado ao emprego exclusivo de certos remédios, é claro que entre eles não há uma sabedoria ou razão, mas uma constituição natural, criada pelo Logos, que os leva a procurar estes remédios para o bem de sua espécie.

Sem dúvida, se eu quisesse continuar a discussão com Celso, poderia citar esta passagem de Salomão, tirada dos Provérbios: “No mundo há quatro coisas pequenas, mais sábias do que os sábios: as formigas, povo fraco, que no verão assegura o alimento; os arganazes, povo sem força, mas que moram nas rochas; os gafanhotos, que não têm rei e marcham todos em ordem; as lagartixas, que se deixam apanhar pela mão, mas entram nos palácios do rei” (Pr 30,24-28). Mas eu não me interesso pelo sentido óbvio das expressões, mas, de acordo com o título — pois o título do livro é Provérbios — eu os esquadrinho como enigmas. É costume destes autores dividir ora o que tem um sentido óbvio, ora o que tem uma passagem secreta, em diversas classes das quais uma é os provérbios. Eis por que em nossos evangelhos está escrito que nosso Salvador disse: “Disse-vos estas coisas em pro-vérbios. Chega a hora em que já não vos falarei em provérbios” (Jo 16,25). Não são, pois, as formigas sensíveis que têm uma ciência superior até mesmo à dos sábios, mas aquelas que são designadas sob a forma dos provérbios. Devemos dizer o mesmo do resto dos animais. Mas Celso julga os livros dos judeus e dos cristãos muito simplistas e vulgares, e acredita que uma interpretação alegórica forçaria o sentido que os autores nele colocaram. Seja isto, portanto, uma prova de que ele de fato nos caluniou, e uma refutação de seu argumento sobre as águias e as serpentes, que ele declara mais sábias do que os homens.

O poder divino de predizer

88. Mas ele quer ainda mostrar mais demoradamente que mesmo as noções da divindade no gênero humano não são superiores às de todos os seres mortais, e muito mais, que certos animais sem razão têm manifestamente noções sobre Deus, ao passo que existem tão graves desacordos sobre Deus entre os mais penetrantes dos homens de todos os países, gregos ou bárbaros, e diz: *Se pensamos que o homem, por ter noções divinas, é superior ao resto dos animais, que os defensores desta tese saibam: até este título, muitos outros animais poderiam reivindicá-lo. E não sem boas razões. De fato, que se pode declarar mais divino do que a previsão e a predição do futuro? Pois bem! É o que os homens aprendem dos outros animais e especialmente das aves: e todos os que entendem os sinais que eles dão são adivinhos. Portanto, se as aves e todos os outros animais adivinhadores preveem por dom de Deus o futuro e nos ensinam por meio de sinais, eles parecem estar por natureza mais próximos da união com Deus, mais sábios e mais queridos de Deus. Homens inteligentes dizem mesmo que entre as aves existem conversas, evidentemente mais santas do que as nossas; eles mesmos compreendem um pouco as suas palavras; a prova que eles dão na prática desta compreensão é que, quando avisam que as aves lhes anunciaram que iriam a certo lugar para aí fazer alguma coisa ou outra, elas mostram que para lá vão realmente e fazem o que de fato haviam predito. Além disso, ninguém parece mais fiel ao juramento, mais dócil à divindade do que os elefantes, sem dúvida alguma porque têm algum conhecimento de Deus. Aí está como ele resolve e dá como provados muitos pontos em questão entre os filósofos gregos e bárbaros, que descobriram ou aprenderam de certos demônios os segredos das aves e dos outros animais pelos quais, como dizem, certos poderes de adivinhação foram comunicados*

aos homens. De fato, o primeiro ponto é saber se há ou não uma arte de conhecer por vaticínios e, em geral, por adivinhação através dos animais. O segundo, que divide os partidários da adivinhação por meio das aves, é a razão da feição que assume esta adivinhação: uns dizem que certos demônios ou deuses adivinhadores dão aos animais seus impulsos, às aves seus diferentes voos e suas diferentes vozes, aos outros animais esta ou aquela espécie de movimentos; outros pensam que suas almas são mais divinas e próprias a este uso, o que é muito improvável.

89. Como ele queria, nesta passagem, provar que os animais sem razão são mais divinos e mais sábios que os homens, Celso devia estabelecer de maneira mais desenvolvida a existência desta arte divinatória, apresentar em seguida uma justificação mais clara dela: refutar apoditicamente as razões dos negadores da arte divinatória, destruir apoditicamente igualmente as razões dos que atribuem aos demônios ou aos deuses os movimentos fatídicos dos animais, aduzir enfim as provas que a alma dos animais sem razão é mais divina. Se ele tivesse assim manifestado sua competência filosófica nestas graves questões, eu teria me esforçado em me opor a seus argumentos plausíveis: eu teria refutado a asserção de que os animais sem razão são mais sábios do que os homens, teria desmascarado a mentira que existe em lhes atribuir noções da divindade mais santas que as nossas e conversas mútuas e santas. Mas de fato, ele incrimina nossa fé no Deus supremo e nos quer fazer acreditar que as almas das aves têm noções mais divinas e mais claras que as dos homens. Se isto é verdade, as aves têm de Deus noções bem mais claras do que as noções de Celso; e não admira que Celso rebaixe o homem a este ponto. E além disso, seguindo seu pensamento, as aves teriam noções mais nobres e mais divinas, não digo do que nós, cristãos, ou do que os judeus que se servem das mesmas Escrituras que nós, porém, até mais do que os teólogos gregos, pois eram homens! Portanto, segundo Celso, a raça das aves que ele julga divinatórias compreendeu melhor a natureza da divindade do que Ferecides, Pitágoras, Sócrates e Platão! E nós deveríamos frequentar sua escola para que, assim como nos ensinam o futuro por meio da adivinhação conforme a concepção de Celso, da mesma forma libertem os homens das dúvidas sobre a divindade, comunicando-lhes a clara noção que dela lhes foi transmitida.

90. Seria, portanto, lógico para Celso, já que ele pensa que as aves são superiores aos homens, que tomasse como mestres as aves, e não um destes filósofos gregos. Mas, entre muitas observações possíveis, devo dizer ainda algumas palavras sobre a questão, para concluir minha demonstração de que sua opinião falsa é uma ingratidão para com seu criador. Pois Celso, como homem que é e, portanto, “constituído em honra, não compreendeu” (cf. Sl 48,21); assim sendo, não contente com se colocar no nível das aves e dos outros animais sem razão que ele julga divinatórios, cedeu-lhes a primazia até mais que os egípcios que adoram como deuses os animais sem razão, sujeitou-se a eles, e enquanto pôde rebaixou todo o gênero humano, como se ele tivesse um sentido menos nobre e menos elevado da divindade do que os animais sem razão.

Portanto, em primeiro lugar, é preciso verificar se existe, sim ou não, uma arte divinatória por meio das aves e dos outros animais tidos como divinatórios. Pois os argumentos em favor de uma ou de outra hipótese têm o seu valor. De um lado, somos dissuadidos a aceitar a adivinhação, receando que o ser racional se afaste dos oráculos divinos para consultar as aves. No lado oposto, afirma-se, mediante o testemunho evidente de muitas pessoas, que muitos foram salvos de gravíssimos perigos porque tinham acreditado nesta adivinhação pelas aves. Vamos admitir, por um instante, que a ciência divinatória tenha um bom fundamento. Queremos assim demonstrar aos que são partidários desta ciência que, apesar desta concessão, o homem tem uma superioridade indubitável sobre os animais sem razão e até dos que são capazes de adivinhação, e não existe entre os dois mundos qualquer comparação possível. Devemos então dizer que se houvesse nestes animais uma natureza divina, capaz

de prever o futuro, tão rica que pudesse mostrar além disso a qualquer pessoa o que lhe há de acontecer, é claro que muito antes eles conheceriam o destino delas. Mas se eles conhecessem o destino delas, evitariam voar para os lugares onde os homens lhes estendem armadilhas e redes, onde os arqueiros os têm na mira dos arcos em seu voo e lhes lançam flechas. E sem dúvida alguma, se as águias previssem o ataque contra seus filhotes por parte quer das serpentes que sobem para eles e os destroem, quer por parte dos homens que se apoderam deles para se divertirem ou usá-los como remédio, elas não iriam fazer seus ninhos onde seriam expostas aos ataques. E, em geral, nunca nenhum destes animais seria apreendido por homens, pois seria mais sábio e mais divino do que os homens.

91. Além disso, suponhamos que as aves tenham entre si combates, e que, como diz Celso, as aves divinatórias e os outros animais sem razão tenham uma natureza divina e noções da divindade, e uma previsão do futuro: elas haveriam de predizer isto aos outros animais. Assim, o pardal de que fala Homero não faria seu ninho onde o dragão há de devorá-lo a ele e a seus filhotes, e a serpente do mesmo poeta teria evitado ser presa pela águia. Eis a passagem do admirável Homero sobre o primeiro:

“Então se nos apresentou um terrível presságio. Uma serpente de dorso fulgurante, terrível, chamada à luz pelo próprio Deus do Olimpo, expelindo da parte de baixo um altar, arremessou-se contra um plátano. Havia aí uma ninhada de filhotes empoleirados no mais alto galho, abrigados debaixo da folhagem — oito filhotes; nove, contando com a mãe de que tinham nascido. A serpente os devorou a todos, apesar de seus fracos gritos infelizes. Em volta dele a mãe esvoaçava, lamentando-se de sua ninhada. A serpente se enrosca e subitamente a agarra pela asa, enquanto a águia grita a mais não poder. Porém, mal acabara de comer os filhotes e sua mãe com eles, o deus que a tinha feito aparecer deixou um sinal memorável: o filho de Crono o Astuto a tinha de repente transformado em pedra. Ficamos imóveis, a admirar o acontecido, como monstros tão terríveis tinham vindo perturbar a hecatombe dos deuses.”

E sobre o segundo:

“Estando ansiosos por atravessá-lo (o fosso), sobrevém-lhes um presságio: uma águia aparece voando no alto deixando o exército à esquerda. Ela carrega em suas garras uma serpente vermelha, enorme, viva, que palpita ainda e não desistiu da luta. À ave que a prende ela golpeia o peito, perto do pescoço, dobrando-se subitamente para trás. A águia então a atira longe sobre o solo: transida de dor, ela deixa a serpente cair no meio do povo, e com um grito alça voo, no sopro do vento. Os troianos estremecem vendo na terra, no meio deles, a serpente que se contorce, presságio de Zeus porta-égide.”

Então a águia seria divinatória, ao passo que a serpente, animal utilizado pelos áugures, não seria? Mas, se é fácil provar que a distinção é arbitrária, por que não se pode provar também que nenhuma nem outra eram divinatórias? Pois se a serpente era divinatória, não teria ela evitado sofrer assim dos ataques da águia? Poderíamos encontrar ainda inúmeros exemplos desta espécie que provam que os animais não têm em si mesmos uma alma divinatória; mas, de acordo com o poeta e a maior parte dos homens, “ele foi chamado à luz pelo próprio deus do Olimpo”, e é num sentido figurado que Apolo igualmente emprega como mensageiro o gavião, pois, dizem que “o gavião é o rápido mensageiro de Apolo”.

92. Segundo o que afirmamos, alguns maus demônios, titãs ou gigantes, se posso assim dizer, que se

tornaram ímpios com a divindade verdadeira e os anjos do céu, caíram do céu e vagam pela terra em volta dos corpos espessos e impuros. Por não estarem revestidos de corpos terrestres, eles têm algum discernimento do futuro, e exercem esta atividade para desviar o gênero humano do Deus verdadeiro. Eles se insinuam nos mais rapinantes e mais cruéis animais, e em outros mais astutos, e os levam a praticar, quando querem, as ações que desejam. Ou então dirigem as representações destes animais aos voos e aos movimentos desta ou daquela espécie, para que os homens, seduzidos pelo poder divinatório inerente a estes animais sem razão, deixem de procurar o Deus que contém o universo e de aprofundar a verdadeira piedade, para caírem de novo pelo raciocínio ao nível da terra, das aves e das serpentes, e mesmo das raposas e lobos. De fato, as pessoas peritas neste campo observaram que as previsões mais claras vêm de animais deste gênero, pois os demônios não têm sobre os animais mais dóceis um poder tão grande quanto o que eles exercem para moverem estes animais, em virtude de uma afinidade de malícia que, naqueles animais, não é malícia, mas uma aparência de malícia.

93. Afinal, entre outras coisas que acho admiráveis em Moisés, ressalto como dignos de admiração seu conhecimento das diferentes naturezas dos animais e o fato de que, por terem aprendido de Deus a verdade sobre si mesmos e sobre os demônios aparentados com cada animal, ou por tê-lo encontrado por seus progressos na sabedoria, ele tenha, na sua lista dos animais, declarado impuros todos os que os egípcios e o resto dos homens consideram como aptos à adivinhação, e geralmente puros os que não são desta espécie. São impuros para Moisés o lobo, a raposa, o dragão, a águia, o falcão e seus semelhantes (cf. Lv 11). E em geral, não só na Lei, mas também nos profetas podemos ver que estes animais são apresentados como exemplo dos vícios mais odiosos, e que jamais o lobo e a raposa nela são mencionados como figuras do bem. Parece então que existe uma afinidade entre cada espécie de demônios e cada espécie de animais. E como, entre os homens, há os que podem ser mais fortes que outros, independentemente de qualquer característica moral, assim há demônios que podem ser mais fortes que outros em matérias diferentes. Alguns utilizam animais determinados para enganar os homens, conforme a intenção daquele que as Escrituras chamam “o príncipe deste mundo” (cf. Jo 12,31; 14,30), e outros predizem por meio de outra espécie. E vê até onde chega a perfídia dos demônios: alguns utilizam doninhas para mostrar o futuro. Mas julga por ti mesmo o que será melhor aceitar: que o Deus supremo e seu Filho incitem as aves e os outros animais à adivinhação, ou que aqueles que incitam estas categorias de animais — e não os homens, embora homens estejam presentes — são demônios, e, como os chamaram nossas santas Letras, “impuros”.

94. Se de fato a alma das aves é divina porque predizem o futuro, tanto maior razão teremos de dizer, quando os homens recebem presságios, quão divina é a alma daqueles que ouvem estes presságios! Portanto, conforme estes autores, era divina a alma desta escrava moleira, que em Homero disse a respeito dos pretendentes:

“Naquele dia não terão eles sua derradeira refeição entre nós!” (Od., IV, 685).

Ela era divina, ao passo que o grande Odisseu, o amigo de Atena de Homero, não era adivinho, mas se alegrou quando compreendeu o presságio anunciado pela divina moleira, nas palavras do poeta:

“E o divino Odisseu se encheu de alegria com este presságio” (Od., XX, 120).

Considera, pois, que se as aves têm alma divina e percebem Deus, ou, como diz Celso, os deuses, e naturalmente, também nós homens, quando espirramos assim fazemos porque uma divindade está presente em nós e concede à nossa alma um poder divinatório. É o que atestam muitas testemunhas. Por isso estas palavras do poeta:

“Mas ele espirrou fazendo um juramento”; e estas palavras de Penélope:

“Não vêes? Meu filho espirrou a todas as tuas palavras” (Od., XVII, 541).

95. A verdadeira Divindade não emprega, para o conhecimento do futuro, nem os animais sem razão, nem homens quaisquer, porém as mais santas e puras almas humanas que ela inspira e faz profetizar. Por isso, entre outras palavras admiráveis contidas na Lei de Moisés, devemos destacar estas: “Não praticareis adivinhações nem encantamentos” (Lv 19,26); e em outra parte: “Eis que as nações que vais conquistar ouvem oráculos e adivinhos. Quanto a ti, isto não te é permitido pelo Senhor teu Deus.” E acrescenta imediatamente: “O Senhor teu Deus suscitará um profeta como eu no meio de ti, dentre os teus irmãos” (Dt 18,14.12.15). E Deus, querendo um dia desviar por um adivinho da prática da adivinhação, fez seu espírito falar pela boca de um adivinho: “Pois não há presságio contra Jacó nem augúrio contra Israel. Mas, a seu tempo será dito a Jacó e a Israel o que Deus quiser” (Nm 23,23). Reconhecendo, pois, o valor de tais mandamentos e de outros semelhantes, observamos este mandamento que tem um sentido místico: “Guarda teu coração acima de tudo” (Pr 4,23), para que nenhum demônio penetre em nosso espírito e nenhum espírito hostil governe nossa imaginação a seu bel-prazer. Mas oramos para fazer brilhar “o conhecimento da glória de Deus” em nossos corações (2Cor 4,6), que é o Espírito de Deus que reside em nossa imaginação e nos sugere imagens de Deus: pois “todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8,14).

96. Importa saber que a previsão do futuro não é necessariamente divina: ela é por si mesma coisa indiferente, que sucede aos maus e aos bons. Os médicos, por exemplo, fazem previsões graças à sua habilidade médica, ainda que moralmente maus. Da mesma forma igualmente os pilotos, ainda que perversos, preveem os sintomas e a violência dos ventos, as mudanças das condições atmosféricas, baseando-se na experiência e na observação. E não imagino que haja uma razão de chamá-los divinos se são moralmente maus. É, portanto, mentira a asserção de Celso: que poderíamos declarar mais divino do que a previsão e a predição do futuro? Mentira também é dizer que muitos animais reivindicam noções divinas: nenhum animal sem razão tem qualquer noção de Deus. Mentira enfim afirmar que os animais sem razão estão mais próximos da união com Deus. Na verdade, entre os homens, os que ainda são maus, muito embora estejam na dianteira do progresso, permanecem longe da união com Deus. Portanto, somente os verdadeiros sábios que praticam sinceramente a piedade estão mais próximos da união com Deus. Tais eram nossos profetas, e Moisés de quem a Escritura deu testemunho por sua extrema pureza: “Só Moisés se aproximará do Senhor; os outros não se aproximarão, nem o povo subirá com ele” (Ex 24,2).

97. Mas que impiedade para quem nos acusa de impiedade ousar dizer, não apenas que os animais sem razão são mais sábios do que a natureza humana, mas também que são mais queridos de Deus! E quem não desviaria sua atenção de um homem para quem dragão, raposa, lobo, águia, gavião são mais queridos de Deus do que a natureza humana? Deveríamos concluir de suas palavras que, se de fato estes animais são mais queridos de Deus que os homens, evidentemente estes animais são mais queridos de Deus do que Sócrates, Platão, Pitágoras, Ferecides e os teólogos que ele festejou pouco antes. E de nossa parte caberia exprimir-lhe este desejo: se de fato estes animais são mais queridos de Deus do que os homens, oxalá te tornes querido de Deus na companhia deles e pareças com aqueles que, segundo dizes, são mais queridos de Deus do que os homens! E que ninguém entenda este voto como uma maldição! Quem não desejaria parecer inteiramente com aqueles a respeito dos quais se tem a convicção de que são mais queridos de Deus, e se tornar como eles também querido de Deus?

Para provar que as conversas dos animais sem razão são mais santas do que as nossas, Celso não atribui esta história a qualquer, mas aos inteligentes. Pois são os virtuosos na verdade os inteligentes, nenhum homem mau é inteligente. Eis a maneira como ele se exprime: “Homens inteligentes dizem

mesmo que as aves têm conversas entre si, evidentemente mais santas do que as nossas; eles mesmos compreendem alguma coisa de suas palavras; a prova que eles apresentam na prática desta compreensão é que, ao prevenirem que as aves lhes anunciaram que eles iriam a tal lugar para aí fazer uma coisa ou outra, eles mostram que vão de fato e fazem o que elas já tinham predito.” Mas na verdade, nenhum homem inteligente contou tais histórias e nenhum sábio disse que as conversas dos animais sem razão são mais santas do que as dos homens. E se para apreciar as opiniões de Celso examinássemos as consequências delas, é evidente que, segundo ele, as conversas dos animais sem razão seriam mais santas do que as conversas respeitáveis de Ferecides, Pitágoras, Sócrates, Platão e outros filósofos. O que naturalmente não só é inverossímil, mas completamente absurdo. Admitindo crer que alguns tenham aprendido do canto indistinto das aves que as aves declaram antecipadamente que eles iriam a tal lugar fazer uma coisa ou outra, eu diria que também isto os demônios indicam aos homens por meio de sinais: sua intenção é enganar o homem e rebaixar seu espírito do céu e de Deus, fazendo-o descer à terra e mais baixo ainda.

A fidelidade, a piedade filial

98. Não sei como Celso ouviu falar de um juramento dos elefantes e julgou saber que eles são mais dóceis à divindade do que nós e têm um conhecimento de Deus. De minha parte, conheço características numerosas e admiráveis que se contam da natureza deste animal e de sua brandura, mas não me lembro realmente que alguém tenha falado de juramentos de elefantes, a não ser talvez que alguém chame de brandura a sua fidelidade ao juramento e uma espécie de pacto que fazem com os homens quando ficam sob sua dependência; também isso é falso. Por mais raro que seja o fato, entretanto, dizem que os elefantes, uma vez adquirida esta brandura aparente, tornaram-se cruéis com os homens e cometeram crimes, e por causa disto, foram condenados à morte como seres inúteis desde então.

E depois disso, para deixar claro, como acredita, que as *cegonhas têm mais piedade filial do que os homens*, ele cita o que se conta deste animal: *ela dá testemunho de sua gratidão e traz alimento a seus pais*, devemos responder: também isso as cegonhas não fazem por consideração de um dever, nem por raciocínio, mas por instinto natural, pois a natureza, ao formar os animais sem razão, deseja que deixem um exemplo capaz de encher os homens de confusão a respeito da gratidão devida aos pais. Se ele tivesse sabido que imensa diferença existe entre fazer isto por razão e realizá-lo sem razão e por natureza, Celso não teria dito que as cegonhas têm mais piedade filial do que os homens.

E continuando a defender a piedade dos animais sem razão, Celso dá como exemplo: *A ave da Arábia chamada Fênix, que depois de longos anos emigra para o Egito, transporta o corpo de seu pai, encerrado numa bola de mirra como numa urna funerária e o coloca no lugar em que se encontra o templo do sol.* É verdade o que se conta; mas o fato, ainda que exato, pode ser proveniente da natureza. A generosidade da divina Providência aparece igualmente nas diferenças entre os animais, para mostrar aos homens a variedade na constituição dos seres deste mundo, e mesmo entre as aves. E ela criou um animal único para assim tornar admirado não o animal propriamente, mas Aquele que o criou.

Conclusão

99. De tudo isto, eis a conclusão que Celso apresenta: *Portanto, não foi para o homem que tudo foi criado, tampouco para o leão, para a águia ou o delfim, mas para que este mundo se realize como uma*

obra de Deus, completa e perfeita em todas as suas partes. Por isso todas as coisas se harmonizam não umas com as outras, a não ser secundariamente, mas com o todo. É do todo que Deus cuida; jamais sua Providência o abandona; ele não se deteriora; Deus não o chama de volta a si depois de um instante, não se irrita por causa dos homens, tampouco por causa dos macacos e ratos; não ameaça estes seres que receberam, cada um, seu destino em seu lugar. Seja-me permitida uma breve resposta. Creio realmente ter demonstrado, pelo que antecede, como todas as coisas foram feitas em benefício do homem e de todos os seres racionais. Pois é principalmente pelo animal racional que todas as coisas foram criadas. Celso tem a liberdade de dizer que não é nem pelo homem, nem pelo leão, nem pelos outros animais mencionados por ele. Nós diremos: não é nem pelo leão, nem pela águia, nem pelo delfim que o Criador os fez, mas ele criou todas as coisas pelo animal racional, e para que este mundo se realize como uma obra de Deus completa e perfeita em todas as suas partes. Este é um belo pensamento que devemos aprovar. Mas Deus, como acredita Celso, não cuida unicamente do todo, mas além do todo, ele cuida de cada ser racional em particular. Jamais a Providência abandonará o todo. No caso de uma parte do todo se deteriorar por falha do ser racional, Deus providencia a sua purificação e, depois de um instante, faz o todo retornar a si. Além disso, ele não se irrita nem contra os macacos, nem contra os ratos, mas faz os homens passarem por juízo e castigo pelas transgressões das tendências naturais. Dirige-lhes ameaças por meio de seus profetas e pelo Salvador, que veio ao gênero humano em sua totalidade, para que os que se mostram atentos à ameaça se convertam, e os que desprezam os apelos à conversão sofram as penas que merecem; e convém que Deus, em sua vontade de prover ao bem do universo, as inflija aos que precisam receber tal tratamento e correção tão severa.

Mas como este quarto livro já atingiu uma dimensão suficiente, encerro aqui o raciocínio. E que Deus, por seu Filho que é o Deus Logos, Sabedoria, Verdade, Justiça e tudo o que a teologia das santas Escrituras dele afirma, me conceda iniciar ainda o quinto livro para a utilidade dos leitores, e levá-lo a bom termo com o auxílio de seu Logos que habita em nossa alma.